



**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA**

MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)

AGOSTINHO KASINDULA

**A Peregrinação da Igreja Cristã:
Caminho de santidade**

**Dissertação Final
sob orientação de:
Prof. Doutor António Abel Rodrigues Canavarro**

**Porto
2022**

DEDICATÓRIA

A toda a Igreja Católica, quer no seu conjunto (Comunidade universal), quer em cada um dos seus membros, para que, por meio deste subsídio, se reanime cada vez mais na vivência autêntica da sua fé, cujo fruto é a santidade.

RESUMO

A peregrinação da Igreja é, mormente, uma caminhada espiritual de santificação gradual. A vida da Igreja brota do amor de Deus, n'Ele se move e para Ele se encaminha; é uma vida de amor. Assim, esta dissertação focar-se-á na espiritualidade da Igreja, como uma comunidade em peregrinação na terra para a Jerusalém Celeste. A Igreja vive, pois, aspirando a santidade, meta da sua peregrinação. A espiritualidade da Igreja é a vida vivida para esse fim: a glória de Deus e a santificação do homem.

A dissertação apresentará que: 1) o Senhor mostra os seus caminhos ao homem para o seu bem; 2) uma vez posto à caminho, o homem deve seguir o Senhor com fidelidade e perseverança, vigilância e luta, tradução daquilo que se entende por escuta, a qual é sempre exigida ao convocado; 3) toda a peregrinação da Igreja é, em suma, para engrandecer o Senhor e para ela mesma santificar-se.

Palavras-Chave: Igreja, Peregrinação, Caminho, Espiritualidade, Palavra, Liturgia, Sacramento, Santidade.

ABSTRACT

The pilgrimage of the Church is primarily a spiritual journey of gradual sanctification. The life of the Church flows from the love of God, is moved in Him and is directed towards Him; it is a life of love. Thus, this dissertation will focus on the spirituality of the Church as a community on pilgrimage on earth towards the heavenly Jerusalem. The Church lives, then, aspiring to holiness, the goal of her pilgrimage. The spirituality of the Church is a life guided to this end: the glory of God and the sanctification of man.

The dissertation will present that: 1) the Lord shows his ways to man for his good; 2) once set on the way, the man must follow the Lord with fidelity and perseverance, vigilance and struggle, a translation of what is meant by listening, which is always required of the one who is summoned; 3) the whole pilgrimage of the Church is, in short, to magnify the Lord and to sanctify herself.

Key-Words: Church, Pilgrimage, Way, Spirituality, Word, Liturgy, Sacrament, Holiness.

SIGLÁRIO

1. Livros da Bíblia (AT e NT – Antigo e Novo Testamento)

Gn Gênesis

Ex Livro do Êxodo

Lv Levítico

Nm Números

Dt Deuteronómio

Js Josué

Jz Juízes

Rt Rute

1 e 2 Sm Primeiro e Segundo Livro de Samuel

1 e 2 Rs Primeiro e Segundo Livro dos Reis

1 e 2 Cr Primeiro e Segundo Livro das Crónicas

Esd Esdras

Jb Job

Sl Salmos

Sb Sabedoria

Is Isaías

Jr Jeremias

Bar Baruc

Ez Ezequiel

Os Oseias

Mq Miqueias

Sf Sofonias

Ml Malaquias

Mt Evangelho segundo São Mateus

Mc Evangelho segundo São Marcos

Lc Evangelho segundo São Lucas

At Atos dos Apóstolos

Rm Carta aos Romanos

1 Cor Primeira Carta aos Coríntios

2 Cor Segunda Carta aos Coríntios

Gl Carta aos Gálatas

Ef Carta aos Efésios

Fl Carta aos Filipenses

Cl Carta aos Colossenses

1 e 2 Ts Primeira e Segunda Carta aos Tessalonicenses

1 e 2 Tm Primeira e Segunda Carta a Timóteo

Fm Carta a Filémon

Hb Carta aos Hebreus

Tg Carta de Tiago

1 e 2 Pd Primeira e Segunda Carta de Pedro

1, 2 e 3 Jo Primeira, Segunda e Terceira Carta de João

Ap Livro do Apocalipse

2. Magistério da Igreja

AA *Apostolicam Actuositatem*

AG *Ad Gentes*

AM *Africae Munus*
CA *Centesimus Annus*
CDSI *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*
CIC *Catecismo da Igreja Católica*
CL *Christifideles Laici*
CT *Catechesi Tradendae*
CV *Caritas in Veritate*
DCE *Deus Caritas Est*
DH *Dignitatis Humanae*
DM *Dives in Misericordia*
DV *Dominum et Vivificantem*
EAf *Ecclesia in Africa*
EAm *Ecclesia in America*
EAs *Ecclesia in Asia*
EE *Ecclesia de Eucharistia*
EEu *Ecclesia in Europa*
EG *Evangelii Gaudium*
EMO *Ecclesia in Medio Oriente*
EO *Ecclesia in Oceania*
EV *Evangelium Vitae*
FR *Fides et Ratio*
GE *Gaudete et Exsultate*
GEd *Gravissimum Educationis*
GS *Gaudium et Spes*

IGLH Instrução Geral da Liturgia das Horas

LF *Lumen Fidei*

LG *Lumen Gentium*

LS *Laudato Si'*

MM *Misericordia et Misera*

NA *Nostra Aetate*

PC Carta Apostólica do Papa Francisco às Pessoas Consagradas

PDV *Pastores Dabo Vobis*

PG *Pastores Gregis*

PO *Presbyterorum Ordinis*

RD *Redemptionis Donum*

RH *Redemptor Hominis*

RM *Redemptoris Missio*

RMa *Redemptoris Mater*

RP *Reconciliatio Et Paenitentia*

SA *Slavorum Apostoli*

SC *Sacrosanctum Concilium*

SCa *Sacramentum Caritatis*

SRS *Sollicitudo Rei Socialis*

SS *Spe Salvi*

UR *Unitatis Redintegratio*

UUS *Ut Unum Sint*

VC *Vita Consecrata*

VD *Verbum Domini*

VS *Veritatis Splendor*

3. Outros

1 QM rolo da regra da guerra (*milhamah*) da gruta 1

1 QSa (*Serek Hayahad*) Regra da Comunidade/Manual de disciplina da gruta 1

CD Códex (Documento) de Damasco (e da Geniza do Cairo)

Cf. Confrontar/Conferir

Coor. Coordenação/Coordenador

Dir. direção/diretor

Ed. ediction

Org. Organizador

Rev. Revisor

s. d. sem data

s. e. sem editora

s. l. sem local

ss seguintes

INTRODUÇÃO

Esta dissertação procura apresentar a vida da Igreja como uma peregrinação na terra para a Jerusalém Celeste. A Igreja não tem outra vida senão aquela descrita pelo Senhor como uma “viagem”, uma “peregrinação” para o lugar que Ele mesmo vai nos indicando, desde a convocação à consumação.

A presente dissertação contém três capítulos, a saber: “Chamados e conduzidos por Deus”, “Uma Igreja em peregrinação na terra”, e a “Espiritualidade litúrgica e sacramental”. Em todos eles o objetivo é o mesmo: a santidade da Igreja. Mas, se a santidade, que brota do Deus Santo, está ligada ao Senhor, então, o objetivo é duplo: em tudo buscar a glória do Senhor e a nossa santificação.

No primeiro capítulo, veremos que a Igreja é essencialmente peregrina, quer em comunidade particular ou universal, quer em cada um dos seus membros. Toda a sua vida é uma peregrinação para a Terra Prometida. Tudo parte da iniciativa divina: é o Senhor que, por amor, peregrina ao encontro do homem; chama-o pelo nome e indica-lhe o caminho em que deve andar, para um lugar preparado por Ele mesmo. Por seu lado, o homem é chamado a responder com total disponibilidade, obediência e fidelidade. Esta característica de “total aceitação ou disponibilidade, obediência e fidelidade”, é-lhe exigida desde o primeiro passo até ao último da sua caminhada. Pôr-se à caminho, andar nos caminhos do Senhor não abre outras alternativas, pois, somente os caminhos do Senhor são caminhos da vida, e vida eterna. E, a par disso, veremos, por um lado, a espiritualidade da Igreja dos três primeiros séculos e, por outro lado, a da Igreja desde o Concílio Vaticano II, em que, como manifestação deste carácter peregrino da Igreja ao longo da história. Nós somos uma Igreja peregrina, desde a origem até à consumação dos tempos.

No segundo capítulo, veremos que é o Pai que nos chama, é o Filho que nos conduz, e é o Espírito que nos santifica a cada passo da caminhada. Os caminhos do Senhor são, pois, caminhos de santidade. Assim, se a vida é descrita como uma caminhada, uma peregrinação, todo o viver cristão é chamado a ser sempre segundo os mandamentos do Senhor, resumidos em amar a Deus com todo o coração, com toda a alma e com todas as forças, e amar o próximo como a nós mesmos. Isto exige à toda comunidade e a cada um dos seus membros um “calar-se” e uma escuta constante da

sua Palavra, um fiel seguimento a Ele, um autêntico testemunho e espírito de fraternidade, uma luta constante que consiste na perfeição, um discernimento constante e uma vigilância incessante. Quem quer ser campeão, foca-se no troféu o tempo todo; assim é o cristão: a sua vida é chamada a estar sempre focada na santidade.

No terceiro e último capítulo, veremos que a peregrinação da Igreja é uma vida ativa, uma verdadeira liturgia terrena que, entretanto, antecipa, de certo modo, a Liturgia Celeste. O banquete eucarístico no qual somos alimentos, durante a nossa peregrinação, é antecipação do banquete eucarístico eterno, em que seremos saciados de eternidade em eternidade. Antes de mais, veremos que, na peregrinação, é absolutamente necessária a oração, o contacto íntimo com Deus que vem ao nosso encontro a cada momento da vida para nos dizer porquê devemos caminhar, como devemos caminhar, como estamos a caminhar e qual será a recompensa do nosso caminhar. Assim, o tempo em que nos movemos tornou-se, desde aquele momento da Encarnação, em tempo de graça, tempo de salvação para todos que o acolhem. Esta vida, que começa com o Batismo e plenificada na Confirmação, é chamada a uma constante conversão, isto é, a um constante voltar-se para o Senhor. De facto, quem vai ao encontro do Senhor não pode ir para outro caminho. E, se assim acontece, por fragilidade humana, a atitude de conversão é radical e absolutamente necessária. Para tudo isto, a Igreja tem os seus Pastores que, em representação de Cristo, Supremo Pastor, apascentam o rebanho até que este chegue à mesma estatura do Supremo Pastor. Mas, para que este fim seja alcançado, exige-se às ovelhas total obediência aos Pastores, cooperem com a graça recebida, quer aos cônjuges através do Matrimónio, quer aos Consagrados e Consagradas através da sua consagração e dos seus carismas, quer aos Leigos, em geral. É por isso que, neste capítulo, falaremos da Espiritualidade quer nos sete sacramentos da Igreja, quer na vida dos Leigos.

Portanto, ao falar da peregrinação da Igreja, o que pretendemos é apresentar qual a vida, não qualquer vida, mas aquela vida que recebemos de Deus como um dom a ser “cultivado”. Neste sentido, a dissertação fala da vida da Igreja, quer no seu conjunto como Comunidade Universal, quer em cada um dos seus membros como cristão individual. Procuraremos mostrar a única vida da Igreja. Sim, única, plenamente única. Veremos que ela não aceita reduções nem aumentos, pois nos foi dada plenamente, para a glória de Deus e para a nossa santificação.

CAPÍTULO 1

CHAMADOS E CONDUZIDOS POR DEUS

Neste capítulo tratar-se-á da Igreja como povo chamado e conduzido por Deus. O capítulo começa por apresentar a conceção bíblica de “Igreja” e prossegue descrevendo a peregrinação dos chamados. Efetivamente, a comunidade chamada pelo Senhor, realizará aquilo para o qual é chamada, se se deixar conduzir por Aquele que a chama. Esta finalidade é, entre outras denominações, a sua “santificação”. Depois, dar-se-á um olhar à espiritualidade da Igreja dos três primeiros séculos. E, finalmente, falar-se-á da eclesiologia magisterial desde o Concílio Vaticano II.

1.1. A Conceção bíblica de “Igreja”

Ekklēsia, palavra derivada de καλέω, *chamar*, através de εκ-καλέω, que se empregava para a mobilização do exército, designava na língua da antiguidade a *assembleia plenária* dos cidadãos em plenitude de direitos da πολις, cidade. Cabia a eles decidir sobre as propostas de mudanças nas leis, a eleição de funcionários e todas as questões importantes da política interna e externa (contratos, pactos, guerra e paz, finanças). A *ekklēsia* começou com orações e sacrifícios aos deuses da cidade; e estava sujeito às leis em vigor. Assim, séculos antes da tradução da Bíblia, a *ekklēsia* foi aquela assembleia plenária de cidadãos de pleno direito, na qual foram tomadas as decisões jurídicas e políticas. Ela é a reunião dos cidadãos chamados para deliberar e decidir sobre os assuntos políticos da comunidade. A palavra sempre se referia à polis, nunca se aplicou às sociedades ou grupos religiosos¹. A palavra grega *ekklēsia* entrou na tradução da LXX, exclusivamente em vez do hebraico *qāhāl*. Esta, relacionada com *qāl*, voz, designa a convocação para uma assembleia e o ato de reunir-se; traduz-se por *chamamento*². לְקָרָא quanto à sua etimologia, alguns estudiosos sugerem que ela deriva de *qāl*, “chamamento”; outros sugerem que vem da raiz Assíria *ku’ulu*, “assembleia”³.

¹ Cf. COENEN, L. e outros. *Diccionario Teologico del Nuevo Testamento, Vol. II*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1980, p.322.

² Cf. COENEN, L. et all. *Diccionario Teologico...*, p.323.

³ Cf. BOTTERWEEK, G. J. e outros. *Theological Dictionary of the Old Testament, Vol. XII*. Michigan, Cambridge: William B. Eerdmans Publishing Co, 2003, p.547.

O nome *qāhāl* refere-se basicamente a uma assembleia de pessoas, nunca a grupos de animais ou coisas. Com o significado básico “grupo reunido de povos”, *qāhāl* refere-se às pessoas convocadas e que se reúnem, formando uma assembleia⁴. Dt 5,22 usa *qāhāl* para se referir à assembleia de Israelitas que recebem o Decálogo e através dele torna-se o povo de Yahvé⁵. Na época de Dt, a *qāhāl* designa sobretudo a comunidade reunida antes do Sinai para selar a aliança (Dt 9,10; 10,4); com Yahvé (cf. Dt 23,2ss). Portanto, a palavra designa o grupo chamado por Yahvé, que é regido pelas leis (mandamentos) dadas por Ele, e cuja pertença à aliança de Yahvé só pode durar por meio da obediência. No período subsequente, a palavra perde novamente sua qualificação estritamente religiosa (por exemplo, 1 Rs 8,65; 12,3ss) e significa simplesmente a *assembleia geral do povo*. Em 1 e 2 Cr, *qāhāl* aparece 30 vezes, com um sentido representativo para designar a assembleia dos líderes de Israel chamada pelo rei para tomar decisões religiosas (transferência da arca: 1 Cr 13,2.4) e política (1 Cr 29, 1,10) para designar a multidão reunida para a festa e para os sacrifícios. Essa multidão (reunida no templo) também é chamada de *qāhāl* nos Salmos (22,23; 89,6; 26,5). Assim, em termos de significado, *qāhāl* abrange desde a convocação para o serviço de guerra, até a assembleia de culto, passando por reuniões políticas ou sessões de justiça⁶. A Igreja é, portanto, o povo convocado por Deus⁷. As 4 ocorrências em 1 Cr 29,1.10.20, e 28,8 são qualificadas como uma assembleia cültica na ocasião da sucessão de David. 2 Cr 24,6 usa o termo *qāhāl* para descrever retrospectivamente a assembleia histórica de Israel durante a peregrinação no deserto⁸. Mq 2,5 usa *qāhāl* para se referir ao povo de Deus num determinado local como uma assembleia principalmente cültica. Joel 2,16 analogicamente usa *qāhāl* para se referir ao povo reunido para adoração⁹.

Assim, *qāhāl* significa: assembleia, grupo, multidão, congregação, **1.a:** de Israelitas reunidos para um fim, exemplo, para a guerra (cf. Nm 22,4), um confronto (cf. 2 Cr 28,14), uma reunião (cf. Jb 30,28), especificamente a respeito de uma questão civil ou judicial (cf. 1 Rs 12,3), para dar conselho (cf. 2 Cr 30,2), para adorar ou celebrar uma festa (cf. 1 Rs 8,65), para receber instrução da lei (cf. Dt 9,1), ouvir no templo (cf. 1 Cr 29,1), chorar no templo com Esdras (cf. Esd 10,1) pedir auxílio de Yahvé (cf. 2 Cr

⁴ Cf. BOTTERWEEK, G. J. e outros. *Theological Dictionary of the OT, Vol. XII...*, pp.550-551.

⁵ Cf. BOTTERWEEK, G. J. e outros. *Theological Dictionary of the OT, Vol. XII...*, pp.553-554.

⁶ Cf. COENEN, L. e outros. *Diccionario Teologico...*, p.323.

⁷ Cf. KASPER, W. *Fe e Historia*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1974, p.253.

⁸ BOTTERWEEK, G. J. e outros. pp. *Theological Dictionary of the OT, Vol. XII...*, pp.555-557.

⁹ Cf. BOTTERWEEK, G. J. e outros. *Theological Dictionary of the OT, Vol. XII...*, p.555.

23,3), regresso do exílio (cf. Jr 31,8); **b**: de Israelitas como um corpo organizado de povos baseada na identidade (cf. Gn 28,3), particularmente no deserto (cf. Ex 16,3), no regresso do exílio (cf. Esd 10,1); **2**: de não-Israelitas reunidos para um fim específico, por exemplo, para a guerra ou a conquista (cf. Jr 50,9) para fazer o mal (cf. Ez 38,13), executar a punição (cf. Ez 16,40), viajar como comerciantes (cf. Ez 27,27); **3**: de santos ou anjos (cf. Sl 89,6); **4**: de espíritos dos mortos (cf. Pr 21,16)¹⁰.

Nos textos de *Qumran*, *qāhāl* aparece pouquíssimas vezes e designa a *assembleia da comunidade* convocada (cf. CD 11,22; 12,6; 1QM 14,5; 1QSa 2,4) ou, tem o sentido de *chamamento* feito por Deus (cf. 1QM 4,10)¹¹.

A palavra *ekklesia*, na Septuaginta, designa uma assembleia convocada para um ato religioso, frequentemente cultural (cf. Dt 23); é usada sobretudo pela escola deuteronomista para designar a assembleia do Horeb (cf. Dt 4,10) das estepes de Moab (cf. Dt 31,30) ou da Terra Prometida (cf. Js 8,35), e pelo Cronista (cf. 1 Cr 28,8), para designar a assembleia litúrgica de Israel no tempo dos reis ou após o exílio. Mas se *ekklesia* traduz sempre *qāhāl*, esta última palavra é às vezes traduzida por outros vocábulos, particularmente *synagogé* (cf. Nm 16,3), que traduz mais comumente a palavra sacerdotal ‘*ēdā*. Igreja e sinagoga são dois termos quase sinónimos (cf. Tg 2,2): só serão opostos quando os cristãos se aproximarem do primeiro, reservando o segundo aos judeus recalcitrantes. A escolha de *ekklesia* pela Septuaginta foi motivada pela assonância *qāhāl/ekklesia*, mas também pelas sugestões da etimologia: o termo em questão proveniente de *ekkaleo* (eu chamo), indicava, por si mesmo, que Israel, o povo de Deus, era a reunião dos homens convocados pela iniciativa divina, ele vinha a convergir com uma expressão sacerdotal em que se exprimia a ideia de chamamento: *klete hagia*, tradução literal de *miqra qodes*, “convocação santa” (cf. Ex 12,16)¹².

A ‘*ēdā* é a assembleia geral; a comunidade ou congregação popular, legal e cültica¹³. A ‘*ēdā* pode definir-se como a expressão acunhada pelo documento sacerdotal para denominar o povo (‘*am*) reunido diante do ‘*ōhel mō’ēd*, a tenda da reunião (cf. Ex 33,7ss); povo que é o da aliança e, portanto, da lei, representado pelos homens. Esta

¹⁰ Cf. CLINES, D. J.A. *The Dictionary of Classical Hebrew, Vol. VII*. Sheffield: Sheffield Phoenix Press Ltd, 2010, pp.205-208.

¹¹ Cf. COENEN, L. e outros. *Diccionario Teologico...*, p.325.

¹² Cf. LÉON-DUFOUR, X. *Vocabulário de Teologia Bíblica*. 12ª Ed., Metrópolis: Editora Vozes, 2016, p.431.

¹³ Cf. BOTTERWEEK, G. J. e outros. *Theological Dictionary of the Old Testament, Vol. X*. Michigan, Cambridge: William B. Eerdmans Publishing Co, 1999, pp.469-470.

'*ēdā* está dividida em tribos, linhagens e parentelas, e é dirigida pelos anciãos, chefes e príncipes. É esta '*ēdā*, a comunidade, que marcha pelo deserto, se revolta, experimenta a ajuda de Deus (cf. Ex 16,1); Ela também é testemunha da revelação e recetora de ordens divinas (cf. Ex 34,31); apresenta as ofertas (cf. Lv 4,13); pode se tornar culpada por causa das faltas de alguns (cf. Lv 10,6). A '*ēdā* exprime também, no sentido de '*am*, o agrupamento formado por todo o povo (cf. Nm 13,26). Enfim, a '*ēdā* tem um conceito unívoco e já consagrado, designa a comunidade da aliança como um todo¹⁴.

No NT, *ekklesia* se emprega mormente como termo cristão característico e deve traduzir-se por *comunidade*, *assembleia da comunidade* ou *Igreja*. Esta Igreja é o conjunto da totalidade do povo de Deus ou o conjunto universal dos cristãos¹⁵. Mas, nos evangelhos, chama a atenção, sobretudo, o conceito de μαθητής, discípulo, que, provindo das escolas filosóficas helénicas, onde designava os que se juntavam à volta dos ensinamentos de um mestre, se infiltrou no rabinismo. A palavra não aparece nos escritos joaninos, com exceção do Apocalipse. Mas a Igreja está lá presente; e designa aqueles homens que experimentam o nascimento que vem do alto (cf. Jo 3,3ss), e passam da morte para a vida, vivendo o mandamento do amor mútuo (cf. Jo 13,34. Em Hb, a palavra designa a comunidade celestial, a cidade do Deus vivo, a Jerusalém celeste, a assembleia festiva. Entretanto, ao falar da comunidade ainda terrena, sublinha o facto de esta Igreja pertencer a Cristo, e cuja meta é ser aquela comunidade celestial¹⁶.

Nas cartas paulinas, onde a palavra mais aparece, a *Ekklesia* não é apenas, em seu nascimento, obra de Deus, mas pode entender-se unicamente como *ekklesia tou Theou*, comunidade de Deus (cf. 1 Cor 1,2). Nos Atos, o termo *Ekklesia* designa os cristãos que vivem e se encontram num determinado lugar: em Jerusalém (cf. At 5,11), em Antioquia (cf. At 8,1) como nos outros lugares que Paulo visita, seja para estabelecer presbíteros ou para fortalecê-los pastoralmente (cf. At 14,23). Também em At, a *Ekklesia*, como o Israel da era do deserto no AT, é constituída por aqueles que seguem o chamamento de Deus e se congregam (cf. At 7,30) e que apesar tudo, mesmo depois de terminada a reunião, continuam a manter a qualificação de *Ekklesia*¹⁷.

¹⁴ Cf. COENEN, L. e outros. *Diccionario Teologico...*, p.324.

¹⁵ Cf. COENEN, L. e BROWN, C. *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento, Vol. 1*. São Paulo: Vida Nova, 2000, p.1252.

¹⁶ Cf. COENEN, L. e BROWN, C. *Dicionário Internacional...*, p.1269.

¹⁷ Cf. COENEN, L. e outros. *Diccionario Teologico...*, p.331.

1.2. A Peregrinação Bíblica

Toda a peregrinação da Igreja parte de Deus que, primeiro, peregrinou ao encontro da humanidade sob o jugo da escravidão ou do pecado. D’Ele parte, n’Ele se fundamenta e para Ele se encaminha. A Igreja não tem outra peregrinação senão aquela que o próprio Deus traçou para ela. Pelo que, procuraremos apresentar precisamente esta peregrinação: por um lado, veremos como Deus vai ao encontro dos homens, como os chama, como os conduz; por outro lado, veremos como os homens respondem, como andam. É uma peregrinação do povo somente segundo o que a Bíblia descreve, isto é, através da peregrinação bíblica feita na Bíblia. Pelo que, será destacado o cerne da vida escondita nas belas páginas da Bíblia. Depois de chegar ao fim desta peregrinação, perceberemos como Deus age e como o homem reage; o que Deus quer e o que o homem faz. Enfim, perceberemos o núcleo que está por detrás da história da salvação.

1.2.1. *Nos Caminhos do Senhor: Pentateuco*

Tudo começa quando o Senhor veio ao encontro de Abrão, dizendo-lhe: «Sai da tua terra, da tua parentela e da casa de teu pai e vai para a terra que hei de te mostrar; de ti farei uma grande nação, e te abençoarei, e te engrandecerei o nome. Sê uma bênção!» Tendo chegado a Canaã, apareceu-lhe o Senhor e disse-lhe: «Darei à tua descendência esta terra: a do queneu, quenezu, cadmoneu, heteu, ferezeu, refains, amorreu, cananeu, gírgaseu e jebuseu» (Gn 12,1-2.5.6-7; 15,7.13-21).

Quando atingiu a idade de noventa e nove anos, apareceu-lhe o Senhor e disse-lhe: «Eu sou o Deus Todo-Poderoso; anda na minha presença¹⁸ e sê perfeito¹⁹. Farei

¹⁸ O acádico *Alaku*, cognata com hebraico *Halakh*, tem um significado concreto e metafórico de “viver, comportar-se, agir”. A vida humana é uma viagem ou um caminho. Quando alguém “caminha”, quando empreende algo, quando age, segue certos critérios (cf. Botterweck J. Vol. III, p.388ss). Andar na presença do/seguir o Senhor significa fazer a sua vontade, expressa sobretudo na atitude de adoração a Ele, único Senhor. Porém, andar contrariamente significa rejeitá-l’O. Andar nos caminhos do Senhor (Dt 22,5) significa, pois, observar os seus mandamentos. Por isso, andar na presença do Senhor (Gn 17,1) é um imperativo divino cujo significado traduz-se por “viver segundo os seus mandamentos”. Quando o Senhor anda diante do Homem, significa, antes de mais, que é Ele o protagonista do caminho, é Ele que conduz e se faz companheiro de viagem.

¹⁹ A raiz *tmm* com o significado básico de “chegar ou levar até ao fim” é encontrado em várias línguas semíticas. Em árabe *tamma*; aramaico/siriaco *tm, tmym, tom*, etc., “ser completo, inteiro”. A forma verbal denota o facto observável de que alguma coisa foi levada até ao fim ou foi terminada, enquanto o substantivo e o adjetivo pertencem ao domínio psicológico e moral e se referem ao atributo positivo da

uma aliança entre mim e ti e te multiplicarei extraordinariamente. Quanto a mim, será contigo a minha aliança; serás pai de numerosas nações. Abrão já não será o teu nome, e sim Abraão; porque te constituí pai de numerosas nações. Dar-te-ei a ti e à tua descendência a terra das tuas peregrinações, toda a terra de Canaã, em possessão perpétua, e serei o seu Deus. Guardarás esta minha aliança, tu e a tua descendência no decurso das gerações. Pois, eu te escolhi a fim de que os teus filhos guardem o meu caminho e pratiquem a justiça e o juízo (cf. Gn 17,1-2.4-5.8-10a; 18,17-19).

Tempo depois, apareceu o Senhor a Isaque, em Gerar, e disse-lhe: «Na tua descendência serão abençoadas todas as nações da terra; porque Abraão obedeceu à minha palavra e guardou os meus preceitos²⁰, mandamentos²¹, estatutos²² e leis²³» (Gn

“retidão” (Botterweck J. Vol. XV, p.700). Perfeito é, pois, aquele que vive retamente em todos os momentos ou situações da sua vida.

²⁰ מְשַׁרְתָּהּ é paralelo com o acádico *massartu*, cujo significado básico em combinação com o verbo *masaru* é “*ver, atender a, observar*”. Refere-se à observação dos preceitos, regulamentos ou leis de Yahvé (cf. Botterweck J. Vol. IX, pp.72-73). Os preceitos tornam-se aquilo que clarifica a identidade do homem, isto é, são como um espelho onde o homem que os observa vê-se quem realmente ele é. Assim, quando um homem observa os preceitos do Senhor, a sua vida torna-se clarificada, isto é, torna-se conforme àquele desígnio do Senhor. A vida do homem só se vê, só compreende em profundidade, só se torna aquilo que ela deve ser, quando atende e observa preceitos do Autor da vida. Portanto, se «os mandamentos do Senhor iluminam os olhos do homem» (cf. Sl 19,8b), os preceitos fazem refletir sobre ele aquela sua própria vida iluminada pelos mandamentos, de modo que a sua vida se torne «reta, e esta retidão dê imensa alegria ao seu coração» (cf. Sl 19,8a).

²¹ O verbo מְצַוָּה literalmente significa *mandar, ordenar*. No seu sentido nominal, significa *mandamento, ordem*, que, portanto, implica *dever, obrigação, algo que necessariamente deve ser feito*. Esta é uma das palavras para designar a vontade e autoridade de Deus e, portanto, refere-se à sua “*ordem*” ou ao seu “*mandamento*”. O Deus de Israel é ao mesmo tempo Pai, Juiz, e Rei, no sentido tradicional destes termos, sendo assim possível dizer que Ele emite ordens (cf. Botterweck J. Vol. VIII, p.505).

²² A raiz *hqq* aparece em hebraico médio e aramaico judeu com o significado de “*fazer um buraco no interior de algo, removendo o conteúdo que nele se encontra*”, “*esculpir palavras ou desenhos numa madeira, pedra ou metal*”. Em mandaico significa “*estar em ordem*” (cf. Botterweck J. Vol. IX, p.140). Para que o homem ande com firmeza inabalável no caminho do Senhor, ele tem os estatutos. Estes fazem com que o homem faça um caminho no Caminho. Por isso, Deus põe-lhe à prova, permite que lhe surjam obstáculos no caminho. O homem deve, então, provar a sua fidelidade ao Senhor, na atitude de “*fazer um buraco*”, isto é, purificar o Caminho, removendo os obstáculos que constantemente tentam se intrometer no caminho, a fim de andar com firmeza. Se o homem não faz isso, torna-se fraco e cansa-se rapidamente e cai no caminho. Por isso, é imprescindível “*esculpir*”, isto é, gravar os preceitos do Senhor no coração. Como substantivo, *hoq* ou *huqqah* [mas. ou fem.], aparece com o sentido de “*ordem ou preceito legal*”. Pode significar *limite* ou *fronteira*, como quando, na criação, Deus impõe ao mar um limite (Jb 38,10; Sl 148,6; Pr 8,29). Em Jb 28,26, Deus faz o seu *hoq* para a chuva, ou seja, ele guia-a no seu curso adequado ou fá-la cair no momento adequado. O substantivo *hoq* pode também referir-se a uma quantidade medida, a uma porção, ou a um período limitado do tempo (cf. Botterweck J. Vol. IX, p.141). Enfim, o que se quer dizer com esta palavra é que o caminho do Senhor tem fronteiras ou limites, os quais o homem não deve negligenciar. O homem é como um motorista da sua vida, chamado a conduzi-la, sem se desviar nem para a direita nem para a esquerda. Todo o caminho ou estrada tem fronteiras, negligenciá-las provoca acidentes fatais ou letais.

Mas, se a *hoq* envolve sempre um superior e um inferior, se é o resultado de uma ação levada a cabo pelo superior e que afeta o inferior (cf. Botterweck J. Vol. IX, p.142), significa que o homem deve estar sempre atento à voz do Senhor que lhe aponta os limites a cada passo da sua caminhada. Neste sentido, os estatutos são como “os alarmes” do caminho, que alertam o homem sempre que este tender a desviar-se, para que permaneça no caminho.

26,4-6). Estando Isaque em Berseba, apareceu o Senhor e disse-lhe: «Abençoar-te-ei e multiplicarei a tua descendência por amor de Abraão, meu servo» (Gn 26,23-24).

Estando Jacob em Harã, teve um sonho no qual o Senhor lhe disse: «Eu sou o Senhor, Deus de Abraão, teu pai, e Deus de Isaque. A terra em que agora estás deitado, eu ta darei, a ti e à tua descendência» (Gn 28,10.12-13). Tempo depois, estava Jacob em Berseba, e os filhos de Israel tomaram Jacob, seu pai, e seus filhinhos, e as suas mulheres e foram para o Egito (cf. Gn 46,1-27).

Mas, os filhos de Israel, que entraram com Jacob no Egito, foram fecundos e se multiplicaram, e grandemente se fortaleceram, e se espalharam. Então, os egípcios, com tirania, oprimiram os filhos de Israel e lhes fizeram amargar a vida com dura servidão, em barro, e em tijolos, e com todo o trabalho no campo; e em todos os outros serviços. Os filhos de Israel gemiam sob a servidão e por causa dela clamaram, e o seu clamor subiu a Deus. Ouvindo Deus o seu gemido, lembrou-se da sua aliança com Abraão, com Isaque e com Jacob. Viu-lhes e compadeceu-se deles (cf. Ex 1,1-7; 2,23-25).

Estando Moisés junto a Horeb, apareceu-lhe o Anjo do Senhor numa chama de fogo (cf. Ex 3,1-2). Chamou-lhe o Senhor e disse: «Eu sou o Deus de teu pai, Abraão, Isaque e Jacob. Vi a aflição do meu povo, que está no Egito, e ouvi o seu clamor por causa dos seus exatores. Conheço-lhe o sofrimento; por isso, desci a fim de livrá-lo da mão dos egípcios e fazê-lo subir de lá para uma terra boa e ampla: o lugar do cananeu, do heteu, do amorreu, do ferezeu, do heveu e do jebuseu. Pois, o clamor dos filhos de Israel chegou até mim, e também vejo a opressão com que os egípcios os estão oprimindo. Agora, eu te envio a Faraó, para que tires o meu povo, os filhos de Israel, do Egito» (Ex 3,3-10). «Vai, pois, agora. E dirás a Faraó: Assim fala o Senhor: Israel é meu filho, meu primogênito. Digo-te, pois: deixa ir meu filho, para que me sirva». E o Senhor designou Arão para apoiar Moisés nesta missão (cf. Ex 4,12.22-23a.27).

Várias vezes foi Moisés ter com o Faraó, mas este não lhe deu ouvidos (cf. Ex 5,1-2b.3-5; 7,15a.16.20a.22b; 8,1.20; 9,1.13; 10,3). Somente em Ex 12,29-36 é dada ao povo a permissão de deixar o Egito. Foi a noite, numa altura em que havia tantos

²³ A תורה reflete a mediação [direção, instrução] da autoridade. Frequentemente designa a direção ou instrução dada por um sacerdote. Representa o correto procedimento a ser seguido. Deriva do verbo *yrh*, “lançar, arremessar”. O desenvolvimento semântico parte deste “lançar” para “esticar um dedo ou mão, apontar numa direção”, e finalmente para “mostrar o caminho” (cf. Botterweck J. Vol. XV, p.506). A torah do Senhor é a instrução sobre como é que o homem deve andar, isto é, como é que deve viver. É, provavelmente por esta razão que «a maioria dos exegetas atuais traduzem *torah* por “instrução, educação, ensino”» (Botterweck J. Vol. XV, p.611).

mortos no Egípcio, pois o Senhor ferira, à meia-noite, todos os primogénitos dos egípcios. «Assim, partiram os filhos de Israel de Ramessés para Sucot, cerca de seiscentos mil a pé, somente homens, sem contar mulheres e crianças. Subiu também com eles um misto de gente e gado» (Ex 12,37-38).

O Senhor ia adiante deles, durante o dia, numa coluna de nuvem, para os guiar pelo caminho; durante a noite, numa coluna de fogo, para os alumiar, a fim de que caminhassem de dia e de noite (cf. Ex 13,21). Porém, tempo depois, perseguiram-nos os egípcios e os alcançaram acampados junto ao mar, defronte de Baal-Zefom. Ali, o Senhor livrou os filhos de Israel, fazendo-os atravessar o mar a pé enxuto. E derrubou aos egípcios no meio do mar (cf. Ex 14,9-31).

Então, partiram; e no deserto de Sur o povo murmurou. E Deus ali os provou, saciou-lhes e deu-lhes estatutos e uma ordenação, dizendo: «Ouvi atentamente a minha voz, fazei o que é reto diante dos meus olhos, dai ouvido aos seus mandamentos, e guardai todos os meus estatutos» (Ex 15,22-27). Depois, partiram e no deserto de Sim murmuraram (cf. Ex 16,1-3.11-12), como também em Refidim (cf. Ex 17,1-7).

Tendo partido de Refidim, vieram ao deserto do Sinai, e acamparam-se ali, em frente do monte. Então, disse-lhes o Senhor: «Vistes o que fiz aos egípcios, como vos levei sobre asas de águia e vos cheguei a mim. Agora, pois, se diligentemente ouvirdes a minha voz e guardardes a minha aliança²⁴, então, sereis a minha propriedade peculiar dentre todos os povos; porque toda a terra é minha; vós me sereis reino de sacerdotes e nação santa» (Ex 19,1-6). Depois, falou Deus todas estas palavras: «Eu sou o Senhor, teu Deus, que te tirei da terra do Egípcio, da casa da servidão. Não terás outros deuses além de mim. Não farás para ti imagem de escultura, nem semelhança alguma do que há em cima nos céus, nem em baixo na terra, nem nas águas debaixo da terra. Não as adorarás, nem lhes darás culto; porque eu sou o teu único o Senhor... Não tomarás o nome do Senhor, teu Deus, em vão, porque o Senhor não terá por inocente o que tomar o seu nome em vão. Lembra-te do dia do sábado para o santificar. Honra teu pai e tua mãe, para que se prolonguem os teus dias na terra que o Senhor, teu Deus, te dá. Não matarás. Não adulterarás. Não furtarás. Não dirás falso testemunho contra o teu próximo. Não cobiçarás a casa do teu próximo [...], nem coisa alguma que pertença ao teu próximo» (Ex 20,1-8.12-17; cf. Dt 5,1-21). «Eu envio um Anjo adiante de ti, para

²⁴ A aliança no Sinai é principalmente o instrumento através do qual um conjunto de ordenanças legais foi imposto ao povo (cf. Botterweck J. Vol. II, p.265).

que te guarde pelo caminho e te leve ao lugar que preparei. Guarda-te diante dele, e ouça a sua voz, e não te rebeles contra ele; farás tudo o que ele te disser» (Ex 23,20-22). Mas, logo, ali mesmo em Horeb, junto do monte Sinai, o povo corrompeu-se e depressa se desviou do caminho que o Senhor lhe ordenara (cf. Ex 32,1-10).

Então, em Levítico, disse disse-lhes o Senhor: «Vós vos consagrareis e sereis santos, porque eu sou santo. Não fareis segundo as obras da terra do Egípto, em que habitastes, nem fareis segundo as obras da terra de Canaã, para a qual eu vos levo. Porém, fareis segundo os meus juízos; guardareis e andareis nos meus estatutos e juízos. Cumprindo-os, vivereis por eles. Santos sereis, porque eu, o Senhor, vosso Deus, sou santo. Santificai-vos, pois, e sede santos» (Lv 11,44a.45; 18,1-5; 19,24; 20,7). Sim, ser-me-eis santos, porque eu, o Senhor, sou santo e separei-vos dos povos, para serdes meus. Pois, Eu, o Senhor que vos santifico, sou santo (cf. Lv 20,26; 21,23b). Não profanareis o meu santo nome, mas serei santificado no meio de vós. Porque, vos tirei da terra do Egípto, para serdes santos (cf. Lv 22,32-33).

Observai os meus estatutos, guardai os meus juízos²⁵ e cumpri-os; assim, habitareis seguros na terra, porque a terra é minha; pois vós sois para mim estrangeiros²⁶

²⁵ שִׁפְטֵי (shapat) deriva de *shapat*. O seu sentido repousa claramente na esfera da “justiça, do julgamento, e da lei”. Mas, em vários contextos, o sentido de “decisão” é suficiente, independentemente de ser correta ou negativa. Noutros casos, tende para a direção de “reivindicação, demanda, enfatizando o esforço positivo de um comportamento orientado para uma particular direção. Pode, com frequência, aparecer em associação com a justiça e a lei, com o significado de “julgamento, sentença ou aquilo que é determinado pelos juizes e legisladores, e que é reto, justo”, isto é, uma “lei costumeira” que conduz o “hábito” e a “maneira de ser” de uma pessoa para que viva de maneira justa, neste caso, segundo a vontade de Yahvé (cf. Botterweck J. Vol. IX, p.265). Enfim, com a expressão “juízos do Senhor” se quer dizer as ações salvíficas de Deus para com o homem. No caminho do Senhor, os juízos atuam como “balanças” através das quais o homem mede cada passo da sua caminhada. De facto, na experiência do caminho, nota-se que há muitos outros caminhos que surgem e que aparentam ser verdadeiros. Os juízos do Senhor têm esta particularidade de – através da balança da vida – capacitar o homem a saber escolher, a cada passo, permanecer no caminho do Senhor. O discernimento faz-se sentir aqui: O homem que anda nos caminhos do Senhor discerne, a cada passo, que os únicos caminhos a percorrer são os do seu Senhor, e não os dos outros senhores. A ação salvífica de Deus acontece, assim, na medida em que o homem, ajustado ao plano salvífico de Deus, sente-se declarado justo no seu caminhar diário. Andar nos juízos do Senhor é viver a retidão e a justiça.

²⁶ A lexicografia hebraica conta com várias raízes, cujo significado etimológico remete para “viver como um peregrino,” “atacar, lutar”, “ter medo”. No aramaico judaico, aramaico palestiniiano cristão, e especialmente no siríaco, a raiz *gwr* assume o significado especial de “cometer adultério”. Por exemplo, os substantivos *gywr* e *mgyr* ainda fornecem provas do significado “prosélito, vizinho” no aramaico palestiniiano cristão, e assim supõe-se que se tem de assumir que o significado original era “ir ter com um vizinho (feminino)”. Isto pressupõe um tempo em que o indivíduo não era apenas um *ger* para todos os outros clãs, mas também para todas as outras famílias (cf. Botterweck J. Vol. II, p.439).

No AT, o *ger* ocupa uma posição intermédia entre um nativo (*ezrach*) e um estrangeiro (*nokhri*). Ele vive entre pessoas que não são seus parentes de sangue, e por isso carece da proteção e dos privilégios que normalmente provêm da relação de sangue e do local de nascimento. As razões pelas quais alguém se torna um *ger* são várias, sendo que, alguém se separa do seu clã e do seu lar, para se colocar sob a

e peregrinos (Lv 25,18.23b)²⁷. Se andardes nos meus estatutos, eu andarei no meio de vós e serei o vosso Deus, e vós sereis o meu povo. Pois, Eu vos tirei da terra do Egípto, para que não fósseis seus escravos; quebrei os timões do vosso jugo e vos fiz andar eretos²⁸. Mas, se andardes contrariamente comigo, castigar-vos-ei. Se ainda com isto não me ouvirdes e andardes contrariamente comigo, eu também serei contrário a vós e vos castigarei sete vezes mais. São estes os meus mandamentos, estatutos, juízos e leis (cf. Lv 26,3.12-13.21.23.27-28.46).

Nesta peregrinação, em caminhadas ou em paragens, o Senhor está sempre presente no meio dos filhos de Israel. A sua peregrinação é por Deus e em Deus. Ele os chamou, Ele os conduz. De facto, «quando a nuvem se erguia de sobre a tenda, os filhos de Israel se punham em marcha; e, no lugar onde a nuvem parava, aí os filhos de Israel se acampavam. Segundo o mandado do Senhor, os filhos de Israel partiam e, segundo o mandado do Senhor, se acampavam; por todo o tempo em que a nuvem pairava sobre o tabernáculo, permaneciam acampados. Segundo o mandado do Senhor, se acampavam e, segundo o mandado do Senhor, se punham em marcha; cumpriam o seu dever para com o Senhor, por intermédio de Moisés» (Nm 9,17-18.23).

Tendo partido do Sinai, o povo acampou-se em Parã, e ali queixou-se e murmurou (cf. Nm 10,12; 11,1; 14,2). Chegando ao deserto de Zim, o povo ficou em

proteção legal de outro homem ou grupo de homens. A razão mais frequente dada no AT é a fome (Rt 1,1; 1 Rs 17,20; 2 Rs 8,1; Gn 26,3; 47,4; 12,10) (cf. Botterweck J. Vol. II, p.443).

A ideia de que o homem vive simplesmente a vida de um *ger* aqui na terra tem um significado especial. Assim, o salmista sabe que ele é apenas um *ger*, “hóspede”, e um *toshab*, “peregrino”, perante Yahvé, como todos os seus pais (Sl 39,13). A mesma ideia é expressa no Sl 119,19: “Eu sou um *ger* na terra”. Em qualquer caso, Lv 25,23 mostra que os israelitas sabiam que Yahvé era o único proprietário da terra, e por isso só podem ser inquilinos hereditários da sua posse. David diz que todas as riquezas vêm de Deus, “pois somos estrangeiros perante Ti, e peregrinos, como todos os nossos pais foram” (1 Sm 29,15). A angústia da existência terrena leva ao reconhecimento de que Deus deve apoiar e ajudar o homem como um patrono, caso contrário, o homem perder-se-á (cf. Botterweck J. Vol. II, p.449).

O AT define um *nokrî* como alguém que “*não é do teu povo, Israel; e vem de uma terra distante*” (1 Rs 8,41); e é “*alguém que não é teu irmão*” (Dt 17,15) – por outras palavras, um “*estrangeiro*” (cf. Botterweck J. Vol. IX, p.423).

²⁷ No singular *toshab*, do verbo *yashab*, significa “*um habitante*”, estrangeiro (*nokrî*), especialmente distinto dos cidadãos nativos, e que é um habitante temporário (*ger*) ou um mero inquilino (*luwn*) (cf. Botterweck J. Vol. II, p.448).

²⁸ Os filhos de Israel estavam numa situação semelhante à dos “bois” sob um jugo. Quando os bois estão sob um jugo, são como que “presos” em seus timões e não conseguem erguer a cabeça como quando se encontram livres do jugo; permanecem com a cabeça cabisbaixa e não conseguem virar a cabeça nem para a direita nem para a esquerda. Ora, é deste modo que, no dizer de Yahvé em Lv 23,13, os filhos de Israel se encontravam quando estavam no Egípto. A opressão (cf. Ex 1,1-7.12-14.23-25) era-lhes como um jugo em que, por si só, não conseguiam sair. Yahvé, misericordioso e compassivo, desceu para livrá-los da opressão e fê-los subir para a terra da liberdade (cf. Ex 3,8). É esta ação libertadora de Yahvé que Ele mesmo descreve aqui (Lv 23,13) com as palavras «quebrei os timões do vosso jugo e vos fiz andar eretos».

Cades. E ali murmurou (cf. Nm 20,1a.2-3). Depois, partiram do monte Hor, pelo caminho do mar Vermelho, a rodear a terra de Edom; mas, o povo se tornou impaciente no caminho, e falou contra Deus e contra Moisés (cf. Nm 21,4-5). E, habitando Israel em Sitim, começou o povo a prostituir-se com as filhas dos moabitas (cf. Nm 25,1).

São estas as caminhadas dos filhos de Israel que saíram da terra do Egípto, caminhada após caminhada. Peregrinaram pelo deserto até ao Jordão, nas campinas de Moab (cf. Nm 33,1-49). Ali, disse-lhes o Senhor: «Quando tiverdes passado o Jordão para a terra de Canaã, desapossareis de diante de vós todos os moradores da terra, destruireis todas as pedras com figura e também todas as suas imagens fundidas e deitareis abaixo todos os seus ídolos; tomareis a terra em posse e nela habitareis, porque esta terra, eu vo-la dei para a possuídes» (Nm 33,50-53).

Então, Moisés começou a exortar o povo, dizendo: «Fareis como vos mandou o Senhor, vosso Deus; e não vos desviareis, nem para a direita, nem para a esquerda. Andareis em todo o caminho que vos manda o Senhor, vosso Deus, para que vivais, bem vos suceda, e prolongueis os dias na terra que haveis de possuir» (Dt 5,32-33;). E prosseguiu: «Diligentemente guardarás os seus mandamentos, testemunhos²⁹ e estatutos. Farás o que é reto e bom aos olhos do Senhor, para que o bem te suceda. E não farás alianças com as nações daquela terra, porque tu és povo santo do Senhor» (Dt 6,17-18; 7,2.6).

Saiba, pois, que não é por causa da tua justiça que o Senhor te dá esta boa terra para possuí-la, pois tu és povo de dura cerviz. Vós fostes rebeldes contra o Senhor desde o dia em que saístes do Egípto até que chegastes a este lugar. Rebeldes fostes contra o Senhor, desde o dia em que vos conheci (cf. Dt 9,6.23-24). «No entanto, amarás o

²⁹ הָאֵלֹהִים, é a forma feminina de 'ed "testemunho, prova" (cf. Botterweck J. Vol.X, p.497). É uma das palavras para se referir aos caminhos do Senhor. Porém, o curioso é que esta não aparece logo no princípio, como as demais (mandamentos, preceitos, leis, estatutos e juízos). Isto porque a palavra está associada às ações salvíficas realizadas por Yahvé ao longo dos 40 anos da peregrinação de Israel no deserto. Os testemunhos são as provas de que Yahvé é fiel à sua aliança, cumpre a sua promessa; são as manifestações do amor do Senhor, da sua graça, das maravilhas que Ele operou em favor do seu povo. Guardar os testemunhos é nunca se esquecer de que tudo o que Deus fez por nós, fê-lo porque nos ama, porque é fiel. Este reconhecimento implica a fidelidade do povo ao Senhor, seu Deus; impele-o a continuar a caminhar firme no Senhor. Porém, quando o povo se esquece dos testemunhos do Senhor, cai na infidelidade, na transgressão; desvia-se para o caminho da "condenação", porque, diante das tentações e contrariedades da vida, não tem o testemunho, o escudo, a prova, a razão da sua peregrinação, não é capaz de dizer: "não aos caminhos dos Baalim, porque nós só andamos nos caminhos do Senhor, nosso Deus, que fez isto e aquilo como prova de que nos ama". Como é que na minha peregrinação diária vou me declarar justo, como Job (cf. Jb 23,10-12; 31,4-8), se deitei fora a prova da minha fidelidade e justiça? Não há justificação possível senão aquela que se funda na prova da justiça de Deus, isto é, «nas maravilhas que Ele fez por mim» (cf. Sl 126[125]).

Senhor e todos os dias guardarás os seus preceitos, estatutos, juízos e mandamentos, amando o Senhor, vosso Deus, e servindo-lhe com todo o vosso coração e com toda a vossa alma. Andareis, pois, em todos os caminhos do Senhor» (Dt 10,1.13.19).

Portanto, eis que, hoje, ponho diante de vós a bênção e a maldição: a bênção, quando cumprirdes os mandamentos do Senhor; a maldição, quando não cumprirdes os mandamentos do Senhor (cf. Dt 11,26-28.32). Não procedereis em nada segundo o que estamos a fazer aqui, cada qual tudo o que bem parece aos seus olhos (cf. Dt 12,8.10a.12). Mas, fareis o que é bom e reto aos olhos do Senhor. Tudo o que eu te ordeno observarás; nada lhe acrescentarás, nem diminuirás (cf. Dt 12,28.30a.32).

Andareis nos caminhos³⁰ do Senhor (cf. Dt 13,4), fazendo o que é reto perante os seus olhos (cf. Dt 13,18), porque sois povo santo ao Senhor, vosso Deus (cf. Dt 14,2). Portanto, para que vivas, seguirás a justiça, somente a justiça (cf. Dt 16,20). Assim, andarás nos caminhos do Senhor; e não te desviarás das suas palavras, nem para a direita nem para a esquerda (cf. Dt 26,17; 27,14). Aplicai, pois, o vosso coração a todas estas palavras, e ordenai-as a vossos filhos, porque esta palavra não é para vós coisa vã; antes, é a vossa vida (cf. Dt 32,46-47).

1.2.2. Nos caminhos do Senhor: Livros históricos

Depois, tendo partido o povo das suas tendas, passou a pé enxuto, atravessando o Jordão (cf. Js 3, 1.5a.9.14.17). Porém, depois de toda esta geração ter-se assentado, vivido e descansado, levantou-se outra geração, que não conhecia o Senhor, nem tampouco as obras que fizera a Israel. Então, fizeram os filhos de Israel o que era mau perante o Senhor; pois serviram aos baalim. Deixaram o Senhor (cf. Jz 2,10-14), depressa se desviaram do seu caminho e andaram contrariamente (cf. Jz 2,17). Quando o Senhor lhes suscitava juízes, o Senhor era com o juiz e os livrava da mão dos seus inimigos, todos os dias daquele juiz. Sucedia, porém, que, falecendo o juiz, reincidiam e se tornavam piores do que seus pais, seguindo outros deuses, servindo-os e adorando-os; nada deixavam das suas obras, nem da obstinação dos seus caminhos (cf. Jz 2,18-19).

³⁰ Em hebraico bíblico, a palavra **דרכו** que aqui está subentendida ao verbo **הלך**, é sobretudo usada em sentido figurado para indicar a “atividade humana em geral”, isto é, a “conduta, o comportamento, o curso da vida ou o modo de viver”. Denota, pois, “os factos fundamentais na vida de um homem”. Assim, **הלך** significa guiar, conduzir, orientar a viver, em suma, viver segundo os mandamentos do Senhor.

No período dos Reis de Israel, desde Saul (1030-1012) a Zedequias (598-587), Judá e Israel não andaram nos caminhos do Senhor, exceto durante o reinado de David (Sameul 2), Josafát (cf. 1 Rs 22,41-51; 2 Cr 17,1-21,1), Ezequias (cf. 2 Rs 18,1-20-21; 2 Cr 29- 32) e Josias (cf. 2 Rs 22,1-23,30; 2 Cr 34-35). Persistiram em não andar nos caminhos do Senhor. «Por causa disso, nos dias de Zedequias, o Senhor rejeitou-os de sua presença» (2 Rs 24,20a; cf. Jr 39,1-7; 52,3). E foram exilados para Babilônia (cf. 2 Rs 25,21b, 1 Cr 9,1b; Jr 52,28a). Mas, o livro de Esdras já fala do regresso do Exílio.

1.2.3. Nos Caminhos do Senhor: Livros sapienciais

O Salmista define-se, antes de mais, como peregrino: «Sou peregrino na terra» (Sl 118,19). Está ciente de que «o caminho de Deus é perfeito. Deus aperfeiçoa os passos de quem anda no seu caminho, torna ágeis os seus pés e o faz andar seguro até sobre as montanhas. Alarga o caminho sob seus passos» (Sl 18,30a.32b-33.36). Coloca os seus pés sobre o caminho rochoso (cf. Sl 40,2b). Como pastor, apascenta-o com fartura. Condu-lo para as águas tranquilas; guia-o pelos caminhos retos, por amor do seu nome. Certamente, a bondade e a misericórdia lhe seguirão todos os dias da sua vida; e habitará na Casa do Senhor para todo o sempre (cf. Sl 23,1-4.6).

O salmista é também ciente de que «todas as veredas do Senhor são misericórdia e verdade para os que guardam a sua aliança e os seus preceitos. A quem o teme, o Senhor instruirá o caminho em que deve andar» (Sl 25,10.12). Na verdade, o Senhor guarda o peregrino (cf. Sl 146,9). Por isso, o salmista diz: «andarei na presença do Senhor, na terra dos vivos» (Sl 116,9). «Desvio os meus pés de todo mau caminho, para observar a tua palavra» (Sl 119,101). É que «a tua palavra é lâmpada para os meus pés e luz para os meus caminhos» (Sl 119,105).

Enfim, o salmista reza: «O teu caminho, ó Deus, é de santidade» (Sl 77,13a). «Ensina-me, pois, o teu caminho e guia-me por vereda plana» (Sl 27,11). «Mostra-me o caminho por onde devo andar³¹. Ensina-me a fazer a tua vontade» (Sl 143,8b.10a).

³¹ A oração é fundamental na vida do peregrino. Ela exprime e cria proximidade entre o homem e Deus. Orar é, assim, no meu entender, a súplica para que o Senhor não me abandone no seu caminho, porque, se a sua presença é a minha “rocha” “*tsur*” (cf. Sl 19,14), a sua ausência faz-me “perecer” “*abad*” (cf. Sl 1,6). Aliás, em hebraico, o verbo em questão “*yadã*” é existencial e não intelectual, isto é, refere-se ao conhecimento prático e vivencial, e não ao conhecimento teórico e intelectual. «Quem conhece os caminhos do Senhor, anda neles» (cf. Pr 23,19), ao passo que quem não os conhece, “desvia-se” (cf. Sl 95,10). Portanto, biblicamente, sábio é aquele que anda nos caminhos do Senhor (cf. Sl 1,1; Pr 2,6-8).

1.2.4. Nos Caminhos do Senhor: Livros Proféticos

A peregrinação dos filhos de Israel é marcada por uma constante infidelidade, ao contrário de Deus que sempre se manifestou fiel aos seus projetos de libertação, salvação e santificação do povo. O Senhor não cessou de enviar profetas ao povo, a fim de denunciar a sua infidelidade e convidá-lo à conversão. Porém, o povo, cujo coração é endurecido, sempre recusou andar nos caminhos do Senhor. A abordagem a seguir, contém uma primeira parte dedicada às transgressões e pecado do povo, e uma segunda parte dedicada à profecia do nascimento do Messias.

a) Das transgressões e pecado do povo (Isaias e Jeremias)

Por Isaias é dito a respeito de Judá e Jerusalém: «Toda a cabeça está doente, e todo o coração, enfermo. Desde a planta do pé até a cabeça não há nele coisa sã, senão feridas, contusões e chagas inflamadas, não curadas, nem atadas, nem amolecidas com óleo» (Is 1,5b-6).

E por meio de Jeremias disse Deus: «Desde o dia em que vossos pais saíram da terra do Egito até hoje, enviei-vos todos os meus servos, os profetas, todos os dias; começando de madrugada, eu vo-los enviei. Mas não me destes ouvidos, nem me atendestes; endureceste a cerviz e fizestes pior do que vossos pais» (Jr 7,25-28). E mais: «O meu povo não conhece o juízo do Senhor. Desde o menor deles até ao maior, cada um se dá a ganância, e tanto o profeta como o sacerdote usam de falsidade. Curam superficialmente a ferida do meu povo, dizendo: “Paz! Paz!” Quando não há paz. Praticam abominação sem sentir vergonha por isso; nem sabem que coisa é envergonhar-se» (Jr 8,7c.10b-13a). «Todos eles são adúlteros, são um bando de traidores; curvam a língua, como se fosse o seu arco, para a mentira; fortalecem-se na terra, mas não para a verdade, porque avançam de malícia em malícia e não me conhecem» – diz o Senhor. «Cada um zomba do seu próximo, e não falam a verdade; ensinam a sua língua a proferir mentiras; cansam-se de praticar a iniquidade. Vivem no meio da falsidade; pela falsidade recusam conhecer-me» – diz o Senhor. «Flecha mortífera é a língua deles; falam engano; com a boca fala cada um de paz com o seu companheiro, mas no seu interior lhe arma ciladas. Acaso, por estas coisas não os castigaria?» – diz o Senhor; «Farei de Jerusalém montões de ruínas, morada de chacais; e das cidades de Judá farei uma assolação, de modo que fiquem desabitadas. Porque

deixaram a minha lei, que pus perante eles, e não deram ouvidos ao que eu disse, nem andaram nela. Antes, andaram na dureza do seu coração e seguiram os baalim, como lhes ensinaram os seus pais» (Jr 9,2c-3.5-6.8-9a.11.13-14).

Portanto – diz o Senhor – deste modo farei também apodrecer a soberba de Judá e a muita soberba de Jerusalém. Este povo maligno, que se recusa a ouvir as minhas palavras, que caminha segundo a dureza do seu coração e anda após outros deuses para os servir e adorar, será tal como este cinto, que para nada presta» (Jr 13,8-10). Trarei sobre esta cidade e sobre todas as suas vilas todo o mal que pronunciei contra ela, porque endureceram a cerviz, não ouviram as minhas palavras (cf. Jr 19,15).

b) Da Profecia do Messias

Até no exílio os filhos de Israel profanaram o santo nome do Senhor. Então, fica evidente que só através da purificação e regeneração, pela Palavra, na água e no Espírito, é que andariam nos caminhos do Senhor (cf. Ez 36,20-23). Por isso, disse-lhes o Senhor: «Tomar-vos-ei de entre as nações, e vos congregarei de todos os países, e vos trarei para a vossa terra. Então, derramarei água pura sobre vós, e ficareis purificados de todas as vossas imundícias e de todos os vossos ídolos vos purificarei. Dar-vos-ei coração novo e porei dentro de vós espírito novo; arrancarei do vosso peito o coração de pedra e vos darei coração de carne. Porei dentro de vós o meu Espírito e farei que andeis nos meus estatutos, guardeis os meus juízos e os observeis. Habitareis na terra que eu dei a vossos pais; vós sereis o meu povo, e eu serei o vosso Deus. Lavar-vos-ei de todas as vossas imundícias. Então, vos lembrareis dos vossos maus caminhos e dos vossos feitos que não foram bons; tereis nojo de vós mesmos por causa das vossas iniquidades e das vossas abominações. Envergonhai-vos e confundi-vos por causa dos vossos caminhos, ó casa de Israel» (Ez 36,24-32).

E acrescentou Deus a respeito dos filhos de Israel, dizendo: «Dar-lhes-ei coração novo para que me conheçam que eu sou o Senhor; eles serão o meu povo, e eu serei o seu Deus; porque se voltarão para mim de todo o seu coração» (Jr 24,6b-7). «Eles serão o meu povo, e eu serei o seu Deus. Dar-lhes-ei um só coração e um só caminho, para que me temam todos os dias, para seu bem e bem de seus filhos. Farei com eles aliança eterna, segundo a qual não deixarei de lhes fazer o bem; e porei o meu temor no seu coração, para que nunca se apartem de mim. Alegrar-me-ei por causa deles e lhes farei

bem; plantá-los-ei firmemente nesta terra» (Jr 32,38-41). Portanto, Eis a voz do que clama no deserto: «Preparai o caminho do Senhor; endireitai no deserto vereda a nosso Deus. Eis que o Senhor Deus virá com poder» (Is 40,3.10a). Naquele dia – diz o Senhor – Israel me chamará: «Meu marido» e já não me chamará: «Meu Baal». Da sua boca tirarei os nomes dos Baalim, e não mais se lembrará desses nomes. Desposar-te-ei comigo para sempre; desposar-te-ei comigo em justiça, juízo, benignidade e misericórdia; desposar-te-ei comigo em fidelidade, e conhecerás ao Senhor. Semearei Israel para mim na terra e compadecer-me-ei da Desfavorecida; e a Não-Meu-Povo direi: «Tu és o meu povo!» Ele dirá: «Tu és o meu Deus!» (Os 2,16-17.19-20.23).

Portanto, um menino nascerá, um filho lhes será dado; ele reinará; e o seu nome será: Maravilhoso Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz. Ele trará paz sem fim; estabelecerá e firmará, mediante o juízo e a justiça, o reino que durará para sempre (Is 9,6-7). Ele será mediador da nova aliança com o povo e luz para as nações; abrirá os olhos aos cegos, libertará os presos, iluminará os que descansam nas trevas. Guiará os cegos por um caminho que não conhecem, converterá as trevas em luz e aplanará os caminhos escabrosos (cf. Is 42,1-6.17). Como pastor, apascentará o seu rebanho; entre os seus braços recolherá os cordeirinhos e os levará no seio; as que amamentam ele guiará mansamente (cf. Is 40,11). Conservará em perfeita paz aquele cujo propósito é firme; aplanará a vereda do justo (cf. Is 26,3.7); conduzirá os povos na alegria (cf. Bar 5,9); revogará a sentença que condena Israel; anunciará a conversão e reunirá todas as nações num só povo (cf. Sof 3,15.20). E, portanto, a glória do Senhor se manifestará, e toda a pessoa humana verá a salvação de Deus (cf. Is 24,14-16; 40,5).

1.2.5. Nos passos de Jesus: Evangelhos e Atos

Jesus começa o seu ministério na Galileia, proclamando o evangelho de Deus e dizendo: «Cumpriu-se o tempo e aproximou-se o reino de Deus; arrependei-vos e crede no evangelho» (Mt 4,17; Mc 1,14-15; Lc 4,14-15). E passando junto ao mar da Galileia, Jesus viu e chamou quatro pescadores, para o seguirem. E estes seguiram-no (cf. Mt 4,18-22; Mc 1,16-20; Lc 5,1-11). Estamos diante de uma realidade em que tudo começa com o chamamento. O que, de facto, caracteriza o discipulado é, em primeiro lugar, o chamamento-resposta. O discípulo é convocado pelo Mestre para ir atrás dele, isto é, para andar no seu caminho, para seguir os seus passos. É nisto que consiste a identidade

do discípulo: na escuta contínua da voz daquele que o chamou. E esta escuta consiste na fiel obediência da palavra do Mestre. Na verdade, não é possível ouvir alguém senão estado perto dele. E, se este está em contínuo peregrinar, o discípulo tem de caminhar também, indo atrás do dele. A profundidade deste chamamento-seguimento encontra-se precisamente no facto de o chamado tornar-se semelhante àquele que o chama, isto é, o discípulo identifica-se com Mestre. Este é um processo existencial que confere uma nova identidade ao chamado, abandonando, assim, a anterior.

E, em Mateus, esta nova identidade do discípulo encontra-se resumida em 5,1-12: «os pobres no espírito, os que choram, os mansos, os que têm fome e sede de justiça, os misericordiosos, os puros de coração, os pacificadores, os perseguidos por causa da justiça, os que são insultados e perseguidos e caluniados por causa de Jesus. Aqueles que peregrinarem nesta terra, revestidos destas características, entrarão no Reino dos Céus, serão consolados, herdarão a terra, serão saciados, alcançarão misericórdia, verão a Deus, serão chamados filhos de Deus, deles é o Reino dos Céus, terão grande recompensa nos céus». Como se pode ver, esta é uma vida que aponta para o alto. Portanto, a finalidade deste “seguir o Senhor que me chamou” é – no final na minha peregrinação sobre a terra – tomar parte no Reino dos Céus, é ver a Deus, é ser recompensado. Esta é a verdadeira felicidade: viver eternamente junto de Deus. Pois, é para Ele que fomos criados; nós fomos criados para estar com Ele por toda a eternidade.

A peregrinação dos chamados terá sentido, isto é, terá sabor – como o sal na comida – se vivida deste modo das bem-aventuranças; será uma peregrinação luzente – como uma lâmpada que brilha na escuridão – se vivida deste modo das bem-aventuranças (cf. Mt 5,1-16; cf. Lc 6,20-23). Sim, os discípulos serão sal da terra e luz do mundo se manifestarem diante dos homens aquela maneira de ser própria do Mestre. Na verdade, as «obras dos discípulos» (Mt 5,16) não são outras senão o reflexo das bem-aventuranças. E, sendo uma peregrinação de discípulos não perfeitos, exige uma «vida de contínua reconciliação com o irmão, sempre que houver ofensas entre eles» (Mt 5,21-26). Exige, também, a circuncisão do coração no que toca a todas as tendências que conduzem às más ações, pois dum coração bom vêm boas ações, e dum coração mau vêm más ações. Pelo que, elimine-se do coração todas as más inclinações. E, em lugar destas, se conservem as boas (cf. Mt 5,27-30). Exige também uma vida de generosidade e sem vinganças (cf. Mt 5,38-42). Exige sobretudo um amor magnânimo e sem limites, que se estende até aos inimigos (cf. Mt 5,43-48; Lc 6,27-36). Na verdade,

aqui está a particularidade do amor cristão: não consiste em amar somente os que nos amam, nem amar somente os nossos irmãos, mas amar a todos, até os que nos odeiam, até os que não são nossos familiares. Pois é um amor chamado a perfeição, a se estender a todos. Aliás, o próprio Jesus no-lo diz: «Sede, pois, perfeitos como o vosso Pai celeste é perfeito» (Mt 5,48; cf. Lc 6,36).

A advertência «acumulai³² tesouros no céu» (Mt 6,20), que Jesus faz aos seus discípulos, deve ser a preferência destes. Por isso, «buscar primeiro o Reino de Deus e a sua justiça» (Mt 6,33a; Lc 12,31), é a prioridade dos discípulos. Neste caminhar fraterno dos discípulos, fundamental é o que Jesus diz: «Tudo o que quereis que os outros vos façam, assim também fazei vós a eles» (Mt 7,12;). É por estes frutos que se conhecem os discípulos de Jesus: chamados a serem bons, devem produzir atos de bondade (cf. Mt 7,15-20; Lc 6,43-44). Somente quem deste modo andar, isto é, somente quem fizer a vontade do Pai entrará no Reino dos Céus (cf. Mt 7,21-23; Lc 13,25-27). Se o Pai fala o filho ouve e põe em prática a palavra do Pai. Este é o fundamento da peregrinação do discípulo do Senhor: ouvir e pôr em prática a Sua Palavra (cf. Mt 7,24-29; Lc 6,47-49). Neste seguimento, uma vez tomada a sua cruz, o discípulo tem somente Jesus como seu oriente, isto é, como seu guia. Não pode, portanto, olhar nem voltar para atrás (cf. Mt 8,22; 10,38; Lc 9,62), mas deve preferi-lo acima de todos e de tudo (cf. Mt 10,37-38; Lc 14,25-33). E, como Ele, deve também doar-se totalmente (cf. Mc 12,41-44; Lc 21,1-4. Mt 26,8; Mc 14,3; Jo 12,3. Mt 26,26-30; Mc 14,22-26; Lc 22,15-20; 1 Cor 11,23-25. Mt 27,51; Mc 15,38; Lc 23,45; Jo 13,3-5; 19,28). E, embora esta vida de seguimento enfrente ventos contrários a ela, o discípulo é chamado a ter fé inabalável (cf. Mt 8,23-27; Mc 4,35-41; Lc 8,22-25), a temer somente o Senhor (cf. Mt 10,26-31; Lc 12,4-7) e a confessar Jesus diante dos Homens (cf. Mt 10,32-33; Lc 12,8-9). Com efeito, é somente Ele quem dá descanso aos discípulos que, na sua peregrinação, se encontram cansados e sobrecarregados. Assim, aprenderão d'Ele a humildade e mansidão de coração (cf. Mt 11,28-30). Quem assim proceder será justificado, e quem se desviar deste caminho será condenado (cf. Mt 12,33-37; Lc 6,43-45).

³² Θησαυρίζετε, é a 2ª pes. sing. do presente do imperativo do verbo Θησαυρίζω, que significa «guardar bens num tesouro, juntar tesouros, entesourar, acumular» (cf. Garcia S. p.403). Partindo deste significado, somos levados a crer que o céu é o lugar (tesouro) de onde vêm os tesouros do Reino do céu. Acumular tesouros no céu é, então, viver em conformidade com o Reino, isto é, deixar que Jesus, o inestimável Tesouro descido do céu, reine em mim, transforme-me num verdadeiro obreiro do Reino, a fim de que, na glória, possa eu merecer entrar no Reino do céu, aonde, na minha peregrinação sobre a terra, fui acumulando os deliciosos tesouros, que durarão por toda a eternidade. O céu é, enfim, o grande Baú dos tesouros do Reino. Nós já o temos em Cristo Jesus; mas, tê-lo-emos plena e definitivamente, no final da nossa peregrinação, quando o Senhor de novo vier em sua glória, poder e realza.

Quem é, então, o verdadeiro discípulo de Jesus? Não é outro senão aquele que faz a vontade do Pai que está nos céus (cf. Mt 13,46-50; Mc 3,35; Lc 8,21), aquele que ouve a Sua palavra e fá-la produzir frutos abundantes (cf. Mt 13,23; Mc 4,20; Lc 8,15). Com efeito, os frutos da palavra de Deus são bons e tão doces que atraem outas pessoas a se abeirarem dela (cf. Mt 13,31-32; Mc 4,30-32; Lc 13,18-19). Sim, aqueles que produzem bons frutos resplandecerão como o sol no reino do seu Pai (cf. Mt 13,38.43). E, se viverem com humildade como de uma criança, serão os maiores no Reino dos Céus (cf. Mt 18,1-5; Mc 9,33-37; 10,13-16; Lc 9,46-48). E, se não perdoarem a quem os ofende não alcançarão misericórdia do Pai que está nos céus (cf. Mt 18,21-35). Estes, os que seguem Jesus, receberão como herança a vida eterna (cf. Mt 19,27-30; Mc 10,28-30; Lc 18,28-30). Sim, entrarão nas bodas das núpcias eternas, porque se revestiram de Cristo durante a sua peregrinação na terra (cf. Mt 22,1-14; Lc 14,15-24), amando o Senhor, seu Deus, com todo o coração e com toda a alma, e amando o próximo como a si mesmos (cf. Mt 22,34-40; Mc 12,28-34; Lc 10,25-28), viveram em paz uns aos outros (Mc 9,50), e continuaram vigilantes em toda a sua peregrinação na terra, com ardente esperança e fé sempre acesa, até ao dia do Senhor (cf. Mt 24,36-44; Mc 13,32-37), o das bodas nupciais (cf. Mt 25,1-13). É a estes que, após a ressurreição, Jesus dá autoridade de fazer discípulos todas as nações, batizando-as em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-as a guardar tudo o que lhes ordenou (cf. Mt 28,1-9.16-20; Mc 16,1-8.14-18; Lc 24,1-12.36-49).

Os discípulos são, pois, aqueles no meio dos quais habita Jesus, Palavra encarnada (cf. Jo 1,14a), e que lhe obedecem (cf. Jo 2,1-6). Antes de mais, devem «nascer de novo, para entrarem no Reino de Deus» (Jo 3,1-6). Ou seja, aqueles no meio dos quais habita Jesus (Jo 1,14a) como um noivo habita com sua noiva, e que, portanto, «permanecem com Jesus» (Jo 1,39), e que foram aconselhados pela mãe de Jesus a fazer o que Este lhes disser (cf. Jo 2,5), são chamados, antes de mais, a «nascerem de novo»³³. Este nascer de novo confere nova identidade «vida segundo o Espírito», diferente da anterior «vida segundo a carne» (Jo 3,6-7). Assim, onde quer que estejam, serão conduzidos pelo Espírito daquele que habita no meio deles (cf. Jo 3,8). Na verdade, Jesus veio para que todo aquele que crê n'Ele tenha a vida eterna. É que, Deus amou tanto o mundo que deu o seu único Filho, a fim de que todo aquele que crê nele não

³³ De novo, isto é, da água; e do alto, isto é, do Espírito. Da água da purificação e regeneração, e do Espírito da transformação e santificação. A passagem de Ez 36,25 faz referência à purificação e regeneração pela água, enquanto Jr 36,26-27 faz referência à transformação e santificação pelo Espírito.

pereça, mas tenha vida eterna (cf. Jo 3,14-17). Portanto, «aquele que crê no Filho tem a vida eterna, mas quem desobedece ao Filho, não verá a vida, mas a ira de Deus permanece sobre ele» (Jo 3,36).

O alimento dos discípulos é fazer a vontade do Pai (cf. Jo 4,34), que passa por crer naquele que Ele enviou (cf. Jo 6,26-29), guardando a sua palavra (cf. Jo 8,51), conhecendo-o (cf. Jo 17,3), cuja finalidade é alcançar a vida eterna (cf. Jo 11,25-26). A única identidade destes discípulos é o amor mútuo, dado por Jesus (cf. Jo 13,34-35), e que passa por guardar os seus mandamentos (cf. Jo 14,15). Os discípulos são, pois, aqueles que acolhem e guardam o mandamento do Senhor: «Que vos ameis uns aos outros como eu vos amei³⁴. Eu vos escolhi e vos designei para que vades e produzais fruto e o vosso fruto permaneça» (Jo 15,12.16-17).

Com efeito, os discípulos são santificados pelo Pai na Verdade; e a Palavra do Pai é esta Verdade. Pelo que, a Palavra propôs aos discípulos o caminho da santificação, para que eles sejam santificados na Verdade (cf. Jo 17,19). E os discípulos conheceram e creram nesta Palavra (cf. Jo 16,27; 17,6-8). Este caminho de santificação é o mesmo proposto àqueles que não de crer, para que também venham a ser santificados na Verdade (cf. Jo 17,20-21). Este caminho de perfeição realiza-se através da participação na mesma unidade do Pai com o Filho, na qual, o mesmo amor com que o Pai amou o Filho, é derramado incessantemente nos discípulos (cf. Jo 17,22-26).

Com o acontecimento do Pentecostes (cf. At 2,1-4), começa a Igreja uma peregrinação que se estenderá pelos séculos dos séculos, até à consumação dos tempos. «E todos os que acreditavam tinham tudo em comum. Diariamente perseveravam unânimes no templo; partiam pão de casa em casa, e recebiam alimento com alegria e simplicidade de coração» (At 2,44.46). E, nesta nova vida renascida da água e do Espírito, todos são chamados a ser testemunhas do Ressuscitado, diante dos povos (cf. At 3,15). E, a multidão dos que tinham acreditado tinha um só coração e uma só alma, e ninguém dizia que as coisas que possuía eram somente suas, mas partilhavam tudo uns com os outros. Assim, não havia nenhum necessitado entre eles (cf. At 4,32.34a).

³⁴ Jesus, Palavra do Pai, é o único modelo do amor dos discípulos. A vida destes é uma vida de amor que provém de Cristo. Os discípulos não têm outra vida senão aquela que vem de Jesus (cf. Jo 15,1-17).

1.2.6. A vida em Cristo: Cartas paulinas

O evangelho é poder de Deus para a salvação a todo aquele que crê. Pois, a justiça de Deus se revela no evangelho, da fé para a fé, como está escrito: O justo viverá pela fé (cf. Rm 1,16b.17). Nós vivemos segundo o Espírito, pelo qual alcançaremos a vida eterna (cf. Rm 8, 4-5b.11). E, nesta peregrinação árdua e exigente, «o Espírito de Deus, que examina os nossos corações, nos ajuda na nossa fraqueza; e, com gemidos inexprimíveis, intercede por nós, que somos chamados a ser santos» (Rm 8,26-28).

O que acontecerá, pois, ao cristão no final da sua peregrinação na terra? «Se confessar com a sua boca que Jesus é Senhor, e no seu coração crer que Deus o ressuscitou dos mortos, será salvo» (Rm 10,9). Qual é, então, a vida destes peregrinos? A estes cristãos peregrinos, Paulo exorta a que «apresentem os seus corpos como sacrifício vivo, santo, agradável a Deus, como culto espiritual, transformando-se pela renovação da mente para poderem provar qual é a vontade de Deus, que é boa, agradável e perfeita» (Rm 12,1-3). Exorta-se que vivam um amor sincero, aborreçam o mal, apeguem-se ao bem, amem-se uns aos outros com amor de irmãos, alegrem-se com os que se alegram, chorem com os que choram, procurem fazer coisas boas diante de todas as pessoas, esforcem-se por viver em paz com toda a gente, não se vinguem de ninguém, não se deixem vencer pelo mal, mas vençam o mal com o bem (cf. Rm 12,9-10a.15.17b-19a.21). Amem-se uns aos outros, considerando este mandamento como uma dívida para com os outros (cf. Rm 13,8). Pelo que, amem o próximo como a si mesmos, lembrando-se sempre de que o amor ao próximo não faz o mal (cf. Rm 13,9-10). Caminhem com vigilância para o dia da salvação, deixando para trás as obras trevas, e andando apropriadamente como convém em pleno dia, revistando-se do Senhor Jesus Cristo (cf. Rm 13,11-14). E estendam a mão a quem estiver fraco na fé, para que este não fique para trás, mas continue a caminhar com eles; e não julguem nem desprezem ninguém, mas deem graças a Deus que os conduz a todos (cf. Rm 14,1-12). Portanto, não se julguem uns aos outros, nem ponham tropeço contra o irmão para o fazer cair (cf. Rm 14,13). Busquem todas as coisas que trazem paz, que possam edificar-lhes (cf. Rm 14,17.19). Felizes serão se caminharem, não em condenação e para a condenação, mas perante Deus e para Deus (cf. Rm 14,20-23). E os fortes devem suportar a debilidade dos fracos e não procurar apenas agradar-se a si (cf. Rm 15,1).

Que todos corram para poderem obter a sua recompensa, a coroa incorruptível (cf. 1 Cor 9,24-25). Sigamos o amor e busquemos os dons espirituais, enquanto

peregrinamos nesta terra para a ressurreição dos mortos; pois, como Cristo ressuscitou, também ressuscitaremos. Esta é a razão da nossa fé (cf. 1 Cor 14,1; 15,12-19).

Somos também convidados a não desanimarmos; mas, a renunciarmos às coisas vergonhosas, não andando com astúcia nem falsificando a palavra de Deus, mas andando em verdade diante dos homens e na presença de Deus (cf. 2 Cor 4,1-2). Na verdade, temos edifício de Deus, casa não feita por mãos humanas, eterna, que está nos céus. Por isso, gememos nesta [casa terrena], desejando ser revestidos da nossa morada que está no céu. Estando nesta casa terrena, gememos, sobrecarregados, porque não queremos ser despidos, mas revestidos, para que seja absorvido o mortal pela vida (cf. 2 Cor 5,1-4). Procuramos fazer o que é reto, não só diante do Senhor, mas também diante das pessoas. Somos convidados a nos alegrarmos e sermos perfeitos, a encorajarmos-nos, a termos os mesmos pensamentos, a vivermos em paz (cf. 2 Cor 8,21; 13,11).

Devemos levar as cargas uns dos outros. Mas, é importante ter presente que cada um levará o seu próprio fardo; pois aquilo que a pessoa semeia, isso também colherá. Quem semeia para a sua própria carne, da carne colherá corrupção; mas quem semeia para o Espírito, do Espírito colherá vida eterna (cf. Gl 6,2a.5.7b-8).

Pois, Deus Pai escolheu-nos para sermos santos e inculpáveis diante d'Ele no amor. Por isso, estando nós mortos em nossas transgressões, deu-nos vida em união com Cristo. Pois, somos feitura d'Ele, criados em Cristo Jesus para boas obras, que Deus de antemão preparou para que andássemos nelas (cf. Ef 1,3-4; 2,5.10). Assim, somos concidadãos dos santos e membros da família de Deus, edificados sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, sendo pedra angular o próprio Cristo Jesus, no qual toda construção, bem ajustada, cresce para ser um santuário dedicado ao Senhor, no qual também nós somos coedificados para sermos morada de Deus no Espírito. E assim, pela fé, Cristo habita no nosso coração, estando nós enraizados e alicerçados no amor, para sermos capazes de compreender e conhecer qual é a largura e o comprimento, a altura e a profundidade do amor de Cristo, que excede todo o entendimento, para que estejamos cheios de toda a plenitude de Deus (cf. Ef 2,19-21; 3,17-19). Por isso, vivamos de maneira digna da vocação a que fomos chamados, com toda a humildade, mansidão e paciência, suportando-nos uns aos outros no amor, esforçando-nos por guardar a unidade do Espírito no vínculo da paz. Pois, há um só corpo e um só Espírito, como também fomos chamados a andarmos numa só esperança

da nossa vocação. Há um só Senhor, uma só fé, um só batismo, um só Deus e Pai de todos, que está acima de todos, atua por meio de todos e está em todos (cf. Ef 4,1-6).

E a cada um de nós foi dado dons, para o nosso aperfeiçoamento em santidade, para a edificação do corpo de Cristo, até que cheguemos todos a unidade da fé e do conhecimento do Filho de Deus, ao homem perfeito, a medida da estatura da plenitude de Cristo; pelo que, não sejamos mais como crianças arrastadas pelas ondas e levadas de um lado ao outro por doutrinas enganadoras, pela artimanha dos homens, pela astúcia que leva ao erro; mas, sigamos a verdade no amor e crescamos em tudo (cf. Ef 4,7-15).

Deixemo-nos renovar constantemente pelo Espírito, revestindo-nos sempre da nova criatura, criada segundo Deus, em justiça e retidão que procedem da verdade. E não entristecemos o Espírito Santo de Deus, com o qual fomos selados para o dia da redenção. E que seja removida do meio de nós toda a amargura, raiva, ira, gritaria e blasfêmia, bem como toda a maldade. Que sejamos bondosos e compassivos uns para com os outros, perdoando-nos uns aos outros, como também Deus nos perdoou em Cristo (cf. Ef 4,23-24.30-32). Portanto, sejamos imitadores de Deus, como filhos amados; e andemos no amor, como também Cristo nos amou e se entregou por nós (cf. Ef 5,1-2). Sabendo que «viver é Cristo, morrer é lucro» (Fl 1,21), vivamos de modo digno do evangelho de Cristo (cf. Fl 1,27). Façamos tudo sem murmurar nem discutir, para nos tornarmos irrepreensíveis e puros, filhos de Deus, sem culpa, no meio da geração torta e perversa, onde nós brilhamos como luz (cf. Fl 2,14-15).

Alegremo-nos sempre no Senhor (cf. Fl 3,1; 4,4). E, como Paulo, esqueçamos as coisas passadas, e procuremos alcançar as coisas adiante de nós; corramos para o alvo, para o prémio do alto, o da vocação de Deus em Cristo (cf. Fl 3,13b-14). Para isso, a nossa bondade seja conhecida por todos; e não andemos ansiosos, mas em tudo, pela oração e súplica, com ações de graças, apresentemos a Deus os nossos pedidos (cf. Fl 4,5-6). E tudo o que é verdadeiro, tudo o que é respeitável, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama, e também se há algo de virtude e de louvor, estas coisas é que devem ocupar o nosso pensamento, estas coisas é que devemos praticar e, então, o Deus da paz estará sempre connosco (cf. Fl 4,8-9).

Vivamos, pois, em Cristo Jesus, enraizando-nos e edificando-nos n'Ele, e confirmando-nos na fé como fomos instruídos (cf. Col 2,6). Busquemos as coisas do alto (cf. Fl 3,1); revistamo-nos de profundo sentimento de misericórdia, bondade,

humildade, mansidão, longanimidade, suportando-nos uns aos outros e perdoados uns aos outros, como também o Senhor nos perdoou a nós. E, sobretudo, revistamo-nos do amor, que é o vínculo da perfeição (cf. Fl 3,12).

É que, efetivamente, a vida que agrada a Deus é a que persevera naquilo para o qual Ele nos chamou. Devemos, pois, andar sempre nela, para progredirmos cada vez mais. Pois, esta é a vontade de Deus: a nossa santificação. Pelo que, procure cada um de nós santificar-se. Pois, Deus não nos chamou para a impureza, mas para a santificação (cf. 1 Ts 4,1-7). Portanto, não andemos na escuridão para que o dia do Senhor não nos surpreenda como um ladrão; não durmamos como os demais, mas vigiemos. Sendo filhos do dia, sejamos sóbrios e revistamo-nos da couraça da fé e do amor, e tomemos como capacete a esperança da salvação (cf. 1 Ts 5,4.6.8).

Procuremos reconhecer e tratar com grande estima os que trabalham incansavelmente no meio de nós e que presidem à nossa caminhada de fé e que nos admoestam. Repreendamos os indisciplinados, encorajemos os desanimados, amparemos os fracos, sejamos pacientes com todos. E que ninguém pague o mal com o mal. Alegremo-nos sempre, oremos sem cessar, demos graças em tudo. Examinemos tudo e retenhamos o bem, mas afastemo-nos de todo o mal, a fim de nos tornarmos irrepreensíveis para a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo (cf. 1 Ts 5,12.14-22).

Nós, homens e mulheres de Deus, somos convidados a seguir a justiça, piedade, fé, amor, perseverança e mansidão, combatendo o bom combate da fé, para alcançar a vida eterna, para a qual fomos chamados. Guardemos o mandamento imaculado e irrepreensível até a manifestação de nosso Senhor Jesus Cristo (cf. 1 Tm 6,11-13). Enfim, cada cristão é exortado a fortalecer-se na graça de Cristo Jesus e a confiar no evangelho, aceitando o sofrimento como bom soldado de Cristo, suportando tudo por Cristo e por todos os seus irmãos eleitos como ele (cf. 2 Tm 2,1-3.10).

1.2.7. Nos passos de Jesus: Cartas Católicas e Apocalipse

Nós somos uma comunidade peregrina para o Santuário Celeste. É para este santuário que caminhamos a fim de tomarmos parte na eucaristia eterna, como Cristo Jesus, eterno Sumo-Sacerdote, nos prometeu (cf. Hb 8-10,18). Para isso, é conveniente que «nos aproximemos com verdadeiro coração em plena firmeza da fé, purificando os

nossos corações da má consciência, lavando o corpo com água pura. E aguardemos com esperança, sem vacilar; pois, fiel é o que fez a promessa; e cuidemos também de nos encorajarmos uns aos outros em amor e em boas obras» (Hb 10,22-24). Entretanto, é necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que Ele existe e que recompensa aqueles que o procuram (cf. Hb 11,6). Portanto, deixemos de lado tudo o que nos atrapalha e todo o pecado que nos envolve; e corramos com perseverança a carreira que nos foi proposta, olhando firmemente para o Autor e Consumador da nossa fé, Jesus, que, suportou a cruz, sem se importar com a vergonha, e agora está sentado à direita do trono de Deus (cf. Hb 12,1b-2). Façamos caminhos retos para os nossos pés, para que o manco não caia, mas ande conosco. Vivamos em paz com todos e busquemos a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor. Cuidemos para que ninguém fique afastado da graça de Deus e que nenhuma raiz de amargura, brotando, cause perturbação, e, por meio dela, muitos sejam contaminados. E cuidemos para que não haja nenhum impuro entre nós (cf. Hb 12,13-16a). Seja constante o nosso amor fraternal. Que a nossa vida seja isenta de avareza. Inabaláveis na caminhada, não nos deixemos desviar por doutrinas incertas e estranhas; pois, não temos aqui morada permanente, mas buscamos a que há de vir (cf. Hb 13,1-2.5.9.14).

E sejamos praticantes da palavra e não apenas ouvintes, pois quem a ouve, mas não a pratica, engana-se a si mesmo (cf. Tg 1,22). Assim também é a fé, se não tiver obras, por si só está morta. Pois a fé opera juntamente com as obras e estas consomem aquela. Assim fica claro que somos justificados pelas obras e não apenas pela fé (cf. Tg 2,17.22.24). Aproximemo-nos de Deus, e Ele aproximar-se-á de nós. Humilhemo-nos diante de Deus e Ele nos exaltará (cf. Tg 4,8.10). Não falemos mal uns dos outros. E lembremo-nos: Se alguém sabe que deve fazer o bem e não o faz, nisso está a pecar (cf. Tg 4,11.17). Portanto, sejamos pacientes até a vinda do Senhor (cf. Tg 5,7).

Assim como é santo Aquele que nos chamou, sejamos santos nós também em tudo o que fizermos. Amemo-nos intensamente uns aos outros de coração puro (cf. 1 Pd 1,15.22). Abandonemos todo o tipo de maldade e de engano, de hipocrisias e de inveja, bem como todo o tipo de difamações. Como crianças recém-nascidas, desejemos o genuíno leite espiritual, para que, por ele, crescamos para a salvação. Aproximemo-nos do Senhor, pedra viva, rejeitada pelos homens, mas eleita e preciosa para com Deus. Nós somos geração eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva

de Deus, a fim de proclamar as virtudes daquele que nos chamou das trevas para a sua luz maravilhosa (cf. 1 Pd 2,1-4.9).

Como peregrinos e estrangeiros que somos, abstenhamo-nos das paixões carnis, que guerreiam contra a nossa alma. Tenhamos boa conduta diante da geração de hoje, porque assim é a vontade de Deus que, pela prática do bem, silenciemos a ignorância dos insensatos (cf. 1 Pd 2,11-12.15).

Não paguemos o mal com o mal, nem ofensa com ofensa. Pelo contrário, respondamos com palavras de bênção, pois é para isto mesmo que fomos chamados, a fim de recebermos bênção por herança. Pois: Aquele que ama a vida e quer ter dias felizes, guarde a sua língua do mal e evite que os seus lábios falem palavras enganosas; afaste-se do mal e pratique o bem, busque a paz e empenhe-se por alcançá-la (cf. 1 Pd 3,9-14). Acima de tudo, tenhamos muito amor uns para os outros porque o amor cobre a multidão de pecados. Se alguém fala, fale de acordo com Deus; se alguém serve, faça-o na força que Deus lhe dá (cf. 1 Pd 4,8-11).

Deus é luz. Portanto, se dissermos que temos comunhão com Ele, mas andarmos da escuridão, mentimos e não praticamos a verdade; se andamos na luz, temos comunhão uns dos outros (cf. 1 Jo 1,5b-7). Nisto sabemos que O conhecemos: se guardarmos os seus mandamentos (cf. 1 Jo 2,3).

Portanto, permaneçamos em Cristo, para que, quando Ele se manifestar, tenhamos confiança e não sejamos envergonhados e, assim, não nos afastaremos d'Ele no dia da sua vinda (cf. 1 Jo 2,28). Se nos amarmos uns aos outros, Deus permanece em nós, e o seu amor em nós é aperfeiçoado (cf. 1 Jo 4,12b). E o mandamento que d'Ele temos é este: quem ama a Deus, que ame também o seu irmão (cf. 1 Jo 4,21). E este amor quer dizer isto: que vivamos segundo os mandamentos de Deus (cf. 2 Jo 1,6a).

No Apocalipse, «as comunidades viviam a experiência forte da presença do Ressuscitado no meio delas» (cf. Ap 1,13.20). Ao mesmo tempo, viviam a expectativa intensa de sua manifestação plena no fim dos tempos³⁵, para Ele realizar o Juízo Final, encerrar a história injusta do mundo cá de baixo e inaugurar a nova fase da história, a fase definitiva do Novo Céu e da Nova Terra³⁶.

³⁵ Cf. MESTERS, C. e OROFINO, F. *Apocalipse de São João: A teimosia dos pequenos*. Metrópolis: Editora Vozes; 2003, p.153.

³⁶ Cf. MESTERS, C. e OROFINO, F. *Apocalipse de São João...*, p.151.

Aquilo que, aparentemente, é derrota, fraqueza e morte, é, na realidade, expressão da vitória de Jesus, é pedra na construção do Reino, etapa na realização do Plano de Deus (cf. Ap 5,6-10). Assim, a perseguição perde a sua virulência e invencibilidade e assume a dimensão de testemunho³⁷. A vitória já está certa, garantida pelo poder de Deus (cf. Ap 11,17-18; 21,6-8.27; 22,3-5). Resistindo a todo o custo e não se deixando desviar nem manipular, elas serão o exército do Cordeiro que enfrenta o dragão do Império (cf. Ap 14,1-5) e o vencerá (cf. Ap 17,14). Assim, a perseguição já não aparece como uma fatalidade, mas é vista como um tijolo que contribui para a construção do Projeto de Deus. É necessária para se chegar ao fim, como a dor de parto é caminho necessário para o nascimento da vida nova. Aliás, na escuridão da própria perseguição, Deus reaparece e nos conduz³⁸. O que se pede no Apocalipse, é que as comunidades sejam uma semente do novo céu e da nova terra que Deus quer criar³⁹.

As Igrejas do Apocalipse são uma comunidade de testemunhas. Devem suportar tudo em nome de Jesus sem desfalecer. Devem vigiar e não dormir! (cf. Ap 16,14); aperfeiçoar suas obras para progredirem e avançarem no caminho cristão, tornando-se sempre perfeito aos olhos de Deus; e guardar a palavra de Jesus, isto é, ser fiel a Jesus, sem manchar as suas vestiduras. Devem também transformar sua tristeza em esperança⁴⁰, sem medo, observando os mandamentos de Deus (Ap 12,17)⁴¹.

³⁷ Cf. MESTERS, C. e OROFINO, F. *Apocalipse de São João...*, p. 256.

³⁸ Cf. MESTERS, C. e OROFINO, F. *Apocalipse de São João...*, pp.59-63.

³⁹ Cf. MESTERS, C. e OROFINO, F. *Apocalipse de São João...*, p. 357.

⁴⁰ Cf. NOGUEZ, A. *Biblia, ética y apocalíptica: aportes para la resistencia cristiana. México: Ediciones Dabar, 1999*, pp.222-227.

⁴¹ Cf. MESTERS, C. e OROFINO, F. *Apocalipse de São João...*, pp.273-274.

1.3. Espiritualidade da Igreja dos três primeiros séculos

A comunidade que, no evento do Pentecostes em Jerusalém, recebeu o Espírito Santo nela derramado (cf. At 2,1-13), começou a sua peregrinação ao longo da história, desde Jerusalém e toda a Judeia e Samaria, indo para os confins da terra, testemunhando e anunciando Cristo morto e ressuscitado, até que ele venha (cf. At 1,6-11). Portanto, a sua peregrinação, que começou neste dia de Pentecostes, chegará ao fim quando aquele que foi elevado para os céus, do mesmo modo vier, com grande poder e glória, para fazer entrar no Reino de Deus os seus irmãos que, entretanto, caminham em direção ao céu (cf. At 1,11). Neste âmbito, segue-se a apresentação sucinta da espiritualidade desta comunidade nascente e crescente, ao longo dos seus três primeiros séculos.

A consciência de Israel como povo nasce da experiência de uma peregrinação, do Egito à Palestina. A partir dessa imagem do êxodo judeu, o cristianismo transforma a estrada em um símbolo de vida. A tensão escatológica vivida pelos primeiros cristãos, levou-os a se sentirem peregrinos numa terra estranha em busca da cidade futura e esperar mais pela Jerusalém celeste do que dar atenção à Jerusalém terrestre⁴².

A comunidade cristã era um caminho dentro do Judaísmo (cf. At 9,2; 16,17; 18,25-26; 19,9.23-24), foi chamada a seita dos Nazarenos (cf. At 24,5.14; 28,22) e, por fim, foi constituída como uma igreja separada e os seus seguidores foram chamados cristãos (cf. At 11,26). A comunidade fazia, pois, parte de Israel e após a morte de Jesus continuou a ser integrada nela, frequentando o templo e participando na vida judaica, embora com medidas hostis ocasionais por parte das autoridades contra os cristãos⁴³.

Num segundo momento, o cristianismo começou a espalhar-se para as fronteiras de Israel através das regiões da Judeia, Cesareia e Samaria (cf. At 8,1-40; 9,31-38), devido à perseguição dos helenistas (cf. At 8,1.4), o ramo Judeo-Cristão mais aberto. Do capítulo 11 dos Atos dos Apóstolos, começa o relato da expansão definitiva fora de Israel, com o pano de fundo da conversão de Paulo de Tarso em Damasco (cf. At 9,2-30) e o de um etíope batizado pelo helenista Filipe (cf. At 8,26-39). O cristianismo espalhou-se pelo Império através da pregação nas sinagogas judaicas, e começou a ser

⁴² Cf. FRONTELA, L. J. F. “*Las peregrinaciones en la Edad Media*” em Revista de Espiritualidad 232-233, 58 (1999). *Horizontes abiertos, caminos de libertad*. Madrid: Carmelitas Descalzos, 1999, pp.389-390.

⁴³ Cf. ESTRADA, J. A. “*Las Primeras Comunidades Cristianas*” em SOTOMAYOR, M. y UBIÑA, J. F. (Coor). *Historia del cristianismo: I. El mundo antiguo*. 3a ed.; Granada: Editorial Trotta, 2006, p.129.

pregado aos gregos em Chipre e Antioquia (cf. At 11,19-26)⁴⁴. Houve uma superação do templo em favor da comunidade. Cristo e a sua Igreja eram o novo lugar da presença divina no mundo. Deus estava presente no novo templo comunitário (cf. Mt 18,20; 28,20; 1Cor 3,16-17). Os primeiros cristãos venceram o seu esforço e traçaram-nos um caminho: a sua fidelidade a Cristo era mais forte do que a atmosfera inimiga que os rodeava. Eles se conheciam como o fermento de Deus⁴⁵.

É uma Igreja peregrina, chamada por Deus Pai e santificada por Cristo: «A Igreja de Deus peregrina em Roma, à Igreja de Deus peregrina em Corinto, aos chamados e santificados na vontade de Deus, por Nosso Senhor Jesus Cristo»⁴⁶. A Igreja de Deus, peregrina em Esmirna, à Igreja de Deus, peregrina em Filomélio, e a todas as comunidades peregrinas da Igreja Santa e Católica que estão por toda a parte⁴⁷. Esta Igreja permanece em terra estrangeira, pois tem cidadania plena apenas no céu⁴⁸.

Seus membros, isto é, os cristãos não se distinguem dos demais homens, nem pela pátria, nem pela língua, nem pelos costumes. Cada qual habita a sua pátria, mas vivem todos como de passagem; tudo suportam como se não tivessem pátria. Toda a terra estrangeira é sua pátria, e toda a pátria lhes é estrangeira. São de carne, mas não vivem segundo a carne. Habitam na terra, mas a sua cidade é o Céu. Obedecem às leis estabelecidas, mas pelo seu modo de vida superam as leis. Amam toda a gente e toda a gente os persegue. São pobres e enriquecem os outros; tudo lhes falta e tudo lhes sobra. São desprezados, mas no desprezo encontram a sua glória; são caluniados, mas transparece o testemunho da sua justiça. Amaldiçoam-nos e eles abençoam. Praticam o bem e são castigados como malfeitores; e, ao serem executados, alegram-se como se lhes dessem a vida⁴⁹. São exortados a velar pela sua vida; e não devem deixar que se apaguem as suas lâmpadas nem desatar a cintura dos seus rins, mas devem estar preparados, pois não sabem a que horas o Senhor vai chegar. São exortados a reunirem-

⁴⁴ Cf. ESTRADA, J. A. “*Las Primeras Comunidades...*”, p.134.

⁴⁵ Cf. ORLANDIS, J. *La vocación cristiana del hombre de hoy*. Patmos-Libros de Espiritualidad 91. Madrid: Ediciones Rialp, S. A., 1959, p.46.

⁴⁶ CLEMENTE DE ROMA. “*Carta aos Coríntios*” em LAMELAS, I. P. *As Origens do Cristianismo: Padres Apostólicos*. Lisboa: Paulus, 2016, p.28.

⁴⁷ Cf. POLICARPO DE ESMIRNA. “*Martírio de Policarpo*” em LAMELAS, I. P. *As Origens...*, p.170.

⁴⁸ Cf. BERARDINO, A. (dir). *Diccionario Patristico y de la Antigüedad Cristiana I, A-I*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1991, p.652.

⁴⁹ Cf. “*Carta a Diogneto 1-16*” em CORDEIRO, J. L. (Org.). *Antologia Litúrgica: Textos litúrgicos, patrísticos e canónicos do primeiro milénio*. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2003, p.156.

se com frequência, para buscar o que interessa às suas almas, pois de nada lhes servirá todo o tempo da sua fé, se no último momento não se tiverem tornado perfeitos⁵⁰.

Por isso, a Igreja é convidada a se aproximar Deus em santidade de alma, elevando para Ele as mãos puras e imaculadas e amando o Pai bondoso e compassivo que a escolheu. Sendo, portanto, uma porção santa, esforça-se por praticar tudo o que concerne à santidade, fugindo da maledicência, ligações manchadas de sangue e impuras, embriaguez, seduções, paixões abomináveis, do adultério infame e do abominável orgulho⁵¹. Enfim, os cristãos estavam plenamente convencidos de que, embora fizessem parte da sociedade civil envolvente, não tinham cidade permanente neste mundo, mas estavam a caminho da cidade definitiva⁵².

a) *Espiritualidade cristológica*

A comunidade primitiva de Jerusalém foi a primeira expressão concreta da comunidade de Jesus com os Doze após a sua ascensão ao céu⁵³. Os primeiros cristãos estavam bem conscientes de que as suas comunidades tinham a sua origem nas alturas do mistério trinitário⁵⁴; sentiam-se, acima de tudo, seguidores de Jesus⁵⁵. Não adoravam nenhum outro Deus, nem faziam aos outros o que não queriam que lhes fizessem a eles. Estavam dispostos a dar a vida por Cristo, pois guardavam com firmeza os seus mandamentos, vivendo em santidade e justiça, conforme ordenou o Senhor Deus. Todas as manhãs e a todas as horas, louvavam e glorificavam a Deus pelos benefícios que lhes fazia e davam graças pela comida e pela bebida⁵⁶. Esforçavam-se por detestar toda a impiedade e tudo o que é desagradável ao Senhor, e nunca abandonar os mandamentos do Senhor⁵⁷. Pois, os mandamentos e preceitos do Senhor estavam inscritos no seu coração⁵⁸. E procuraram pô-los em prática. Foi este o caminho por onde encontraram o Salvador Jesus Cristo⁵⁹.

⁵⁰ Cf. “*Didaqué ou Doutrina dos Doze Apóstolos 16,1-2*” em CORDEIRO, J. L. (Org.)..., p.99.

⁵¹ Cf. CLEMENTE DE ROMA. “*Carta aos Coríntios 29,1; 30,1*” em LAMELAS, I. P...., p.48.

⁵² Cf. GÓMEZ, J. Á. *Historia de la Iglesia I. Edad Antiga*. Madrid: BAC, 2001, p.156.

⁵³ Cf. GÓMEZ, J. Á. *Historia de la Iglesia I...*, pp.36-37.

⁵⁴ Cf. GÓMEZ, J. Á. *Historia de la Iglesia I...*, pp.115-116.

⁵⁵ Cf. PAGOLA, J. A. *O Caminho aberto por Jesus: Mateus*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2010, p.5.

⁵⁶ Cf. ARISTIDES DE ATENAS. “*Apologia 1 e 3 e 8*” em CORDEIRO, J. L. (Org.)..., p.124.

⁵⁷ Cf. *Didaqué ou Doutrina dos Doze Apóstolos*, 4,12-13” em CORDEIRO, J. L. (Org.)..., p.94.

⁵⁸ Cf. CLEMENTE ROMANO. “*Carta aos Coríntios 2.8*”. em CORDEIRO, J. L. (Org.)..., p.84.

⁵⁹ Cf. CLEMENTE ROMANO. “*Carta aos Coríntios 36,1*” em CORDEIRO, J. L. (Org.)..., p.88.

Portanto, o caminho primário é Cristo, e o projeto cristão será seguir o modelo traçado por Ele. “Andar” era equivalente a “viver de maneira cristã”, a “viver no Espírito”, a viver de acordo com a lei evangélica porque acredita-se que “Jesus é o Senhor”. Pelo que, o “caminho” moldou as comunidades pós-pascais primitivas, lembrando Jesus Ressuscitado⁶⁰. A comunidade sentiu que era governada pelo Espírito, que tinha sido derramado nos últimos dias (cf. Ac 2,17)⁶¹. Olhava fundamentalmente para o futuro, para o cumprimento da vinda do Messias⁶².

b) Espiritualidade litúrgica

Cada comunidade cristã local tem dentro de si a marca da Trindade. A Igreja, reunida por um convite do alto, cresce e desenvolve-se também pelos dons do alto: a Palavra de convocação gera comunhão na fé. Cada Igreja local tinha dentro de si todos os elementos essenciais para viver a salvação trazida por Cristo, nomeadamente: a fé, o batismo, a comunhão eucarística, os carismas concedidos pelo Espírito Santo, os serviços dos fiéis na comunidade e os ministérios dos que dirigiam as comunidades⁶³.

O cristianismo surgiu inicialmente como uma religião sem templos, sendo as casas os locais de reunião e adoração (cf. At 10,22-23) até ao século II. As igrejas domésticas eram a alternativa cristã às sinagogas do judaísmo, enfatizando as relações interpessoais comunitárias em vez do espaço geográfico⁶⁴. A partir do séc. II, há cristãos que oferecem casas cujo uso fica reservado ao culto. Só a partir da segunda metade do séc. II começam a ser construídas verdadeiras igrejas⁶⁵. O Batismo e a Eucaristia foram as novas marcas da identidade cristã, ambas referentes à cruz de Cristo (cf. Mc 10,39; Mt 20,22-23). Nisto, a liturgia da palavra assumiu especial importância, reunindo textos do Antigo Testamento, a vida de Jesus e os comentários dos grandes apóstolos⁶⁶.

A Igreja primitiva estabeleceu, desde a idade apostólica, o dia do culto cristão no primeiro dia da semana (cf. At 20,6-12; 1 Cor 16,2), domingo, ou Dia do Senhor, em

⁶⁰ Cf. PABLO MAROTO, D. “Los «camino» de Teresa de Jesús” em Revista de Espiritualidad 232-233, 58 (1999). *Horizontes abiertos, caminos de libertad*. Madrid: Carmelitas Descalzos, 1999” p.493.

⁶¹ Cf. PIÑERO, A. (Ed.). *Orígenes del Cristianismo: Antecedentes y primeros pasos*. 2ªed.; Córdoba: Ediciones el Almendro, 1995, p.443.

⁶² Cf. PIÑERO, A. (Ed.). *Orígenes del Cristianismo...*, p.445.

⁶³ Cf. GÓMEZ, J. Á. *Historia de la Iglesia I...*, p.116.

⁶⁴ Cf. ESTRADA, J. A. “*Las Primeras Comunidades...*”, p.140.

⁶⁵ Cf. COMBY, J. *Para ler a História da Igreja - Vol. I, das origens ao século XI (1054)*. Porto: Editorial Perpétuo Socorro, s.d., p.52.

⁶⁶ Cf. ESTRADA, J. A. “*Las Primeras Comunidades...*”, p.141.

memória da ressurreição de Jesus; por outro lado, as comunidades palestinianas continuaram, durante algum tempo, a celebrar o culto cristão no sábado, o dia da festa judaica. A partir do final do século I, o domingo tornou-se um dia santo e um sinal de identidade cristã⁶⁷. A par disso, o culto cristão do tempo da comunidade primitiva tem dois elementos fundamentais: a Palavra e o Sacramento. No Templo, os cristãos participaram na oração tradicional do judaísmo; nas casas particulares celebrou-se o culto próprio do cristianismo⁶⁸. A Eucaristia foi o maior tesouro dos cristãos. E será agora para sempre o fundamento último da sua Igreja. Jesus ordenou que fosse feito como um memorial d'Ele; e a comunidade primitiva aceitou alegremente esta ordem⁶⁹.

c) Espiritualidade evangélica

A construção da identidade cristã que se dá ao longo do I século é o resultado de um confronto, muitas vezes conflituoso, quer com o judaísmo e com o mundo pagão; quer entre os vários grupos e comunidades cristãs que aspiram a ser os verdadeiros e únicos herdeiros da mensagem de Jesus e dos seus apóstolos. Nisto, importantes para a construção da sua identidade foram as práticas de vida inspiradas no Evangelho que as comunidades cristãs souberam dinamizar, as formas litúrgicas e culturais que as ligavam internamente e entre si, os comportamentos que promoviam entre os seus membros com o objetivo de se manterem fiéis à palavra e ao modo de vida de seu Mestre⁷⁰.

O cristianismo, desde os seus primórdios, não teve relações fáceis com as autoridades do Império Romano⁷¹. Os cristãos da época dos três primeiros séculos viveram a sua fé de acordo com os ideais evangélicos, no meio de perseguições constantes por parte dos imperadores romanos e assédio por parte dos seus semelhantes pagãos⁷². O Cristianismo conseguiu propagar-se, em primeiro lugar, graças à própria força da verdade da sua fé; ele apresentava-se como revelação divina perante os mitos e as fábulas absurdas do paganismo. A elevação e beleza das soluções, que apresentava para as grandes questões que agitavam a Humanidade, comunicava ao Cristianismo um

⁶⁷ Cf. GÓMEZ, J. Á. *Historia de la Iglesia I...*, p.149.

⁶⁸ Cf. GÓMEZ, J. Á. *Historia de la Iglesia I...*, p.38-39.

⁶⁹ Cf. GÓMEZ, J. Á. *Historia de la Iglesia I...*, p.40.

⁷⁰ Cf. FILORAMO, G. *Storia della Chiesa: I.L'età antica*. Bologna: Centro editoriale dehoniano, 2019, p.50.

⁷¹ Cf. TEJA, R. "El Cristianismo y el Imperio Romano" em SOTOMAYOR, M. y UBIÑA, J. F. (Coor). *Historia del cristianismo: I. El mundo antiguo*. 3a ed.; Granada: Editorial Trotta, 2006, p.293.

⁷² Cf. LLORCA, B. *Manual de História Eclesiástica, Vol. I, Idade Antiga – Idade Média*. Porto: Edições Asa, 1960, p.47.

atrativo especial. Em segundo lugar, conseguiu propagar-se graças à elevada moralidade dos cristãos, a sua excelente conduta na vida privada e pública e, sobretudo, aquela qualidade, tão desusada entre os pagãos, do amor entranhado ao próximo que os impelia a sacrificarem-se por eles. Também se inclui aqui o reconhecimento da dignidade humana, particularmente o respeito e elevação do pobre e mesmo do escravo, da mulher e de todos os fracos ou oprimidos e a doutrina moral sobre o perdão dos pecados. A isto se juntava, como auxiliar de primeira ordem, a intervenção da Providência. Em último lugar, não se pode esquecer a força irresistível do exemplo heroico dos mártires⁷³.

Mas, esta caminhada de crescimento ou propagação enfrentou grandes obstáculos. Da parte dos Judeus, trata-se da tenacidade com que se opuseram ao avanço do Cristianismo por o suporem contrário à ideia tradicional do Messias e à lei de Moisés. Entre os pagãos, conjuraram-se desde logo, contra o Cristianismo, todos os fanáticos adoradores dos deuses, os sacerdotes e sacerdotisas das falsas divindades que viam ameaçado o seu prestígio e prosperidade pessoal. Quase desde o seu princípio, o Cristianismo chocou com os poderes romanos, pelo que se chegou às perseguições que preencheram os três primeiros séculos. Além disso, influiu nas perseguições a própria natureza do Cristianismo, que cortava pela raiz os deuses e o culto romano⁷⁴.

d) *Espiritualidade fraterna*

Os cristãos se entendiam como irmãos, ou seja, não apenas como amigos próximos e parentes, mas como membros de uma mesma família, como filhos do mesmo Pai, como participantes da mesma vida⁷⁵. Chamavam-se irmãos porque eram filhos de um só Deus Criador, estavam unidos pela mesma fé e eram, em comum, herdeiros das esperanças futuras. Agiam e viviam sob o olhar de Deus⁷⁶. Amavam-se uns aos outros com amor fraterno, conservando-se unidos, sem desprezar ninguém⁷⁷, nem as viúvas, defendem o órfão⁷⁸. Os que possuíam bens socorriam os que tinha necessidades, e perseveravam sempre unidos uns com os outros⁷⁹.

⁷³ Cf. LLORCA, B. *Manual de História Eclesiástica, Vol. I ...*, p.50.

⁷⁴ Cf. LLORCA, B. *Manual de História Eclesiástica, Vol. I ...*, p.51.

⁷⁵ Cf. CASTOLLO, J. M. *Espiritualidad para Comunidades*. 2ª ed; Madrid: San Pablo, 1995, p.35.

⁷⁶ Cf. MINÚNCIO FÉLIX. “*Octávio, 32*” em CORDEIRO, J. L. (Org.)..., p.155.

⁷⁷ Cf. POLICARPO DE ESMIRNA. “*Carta Aos Filipenses, 10,1*” em CORDEIRO, J. L. (Org.)..., p.130.

⁷⁸ Cf. “*ARISTIDES DE ATENAS 15,5*” em CORDEIRO, J. L. (Org.)..., p.124.

⁷⁹ Cf. JUSTINO. “*Apologia I, 67*” em CORDEIRO, J. L. (Org.)..., p.141.

e) *Espiritualidade martirial*

A Igreja dos primeiros séculos foi cognominada a “Igreja dos mártires”. E, de facto, o tempo que vai de Tibério (35) a Constantino (312) foi marcado por uma sequência intermitente de perseguições que farão inúmeros mártires⁸⁰. Pelo que, a primeira comunidade nasce de “martírios”, no sentido original do termo, de testemunhos convictos de Cristo⁸¹. De facto, o tempo do martírio na igreja antiga cobre os primeiros três séculos de nossa era, quando o Cristianismo no Império Romano ainda era uma religião ilícita e frequentemente perseguida⁸².

O mártir cristão [...] é um crente, uma testemunha do poder do Espírito⁸³. Dá testemunho da sua fé em Jesus até ao fim, seguindo os seus passos até a sua paixão e morte⁸⁴. Jedin, citando Cipriano, diz que este concebe tal tipo de morte como o “batismo” que, ao deixarmos o mundo, nos une imediatamente a Cristo; e que, como batismo de sangue, substitui totalmente o outro e até o ultrapassa em eficácia porque, uma vez recebido, não há mais perigo de recaída⁸⁵. Jedin cita também Clemente de Alexandria, dizendo que este vê o mártir como aquele que, morrendo pela sua fé, realiza a obra do amor-perfeito⁸⁶. Pelo que, os mártires são os «cristãos que durante os primeiros três séculos deram as suas vidas para o testemunho da sua fé em Cristo»⁸⁷.

As perseguições contra a Igreja foram um notável impedimento à conversão dos gentios, à consolidação da Igreja, e à uma melhor organização interna e externa das comunidades. Especialmente negativo foi o facto dos cristãos que, não conseguindo manter-se firmes perante os tormentos e a própria morte, apostatavam da fé⁸⁸.

Enfim, a Igreja dos três primeiros séculos, tendo se posto em marcha, não recuou nem se desviou do caminho, mas perseverou nos passos do Senhor. Enfrentou diversos ventos contrários à sua fé, mas não cedeu, nem caiu, nem se deixou afundar, pelo contrário, permaneceu firme, resistiu a todos os obstáculos que surgiram no início e

⁸⁰ Cf. LAMELAS, I. P. *As Origens do Cristianismo: Padres Apostólicos*. Paulus:2016, p.166.

⁸¹ Cf. LIMA, J. S. *Teologia Prática Fundamental: Fazei vós, também*; UCE, 2009, p.143.

⁸² Cf. BERARDINO, A. (dir). *Diccionario Patristico...*, p.1376.

⁸³ Cf. FERLAY, P. *Manual de Vida Espiritual*. Lisboa: Edições Paulistas, 1990, P.193.

⁸⁴ Cf. COMBY, J. *Para ler a História da Igreja - Vol. I, das origens ao século XI (1054)*. Porto: Editorial Perpétuo Socorro, s.d., p.43.

⁸⁵ CIPRIANO DE CARTAGO. Citado por JEDIN, H. *Manual de Historia de la Iglesia I*. Barcelona: Editorial Herder, 1966. p.430.

⁸⁶ CLEMENTE DE ALEXANDRIA. Citado por JEDIN, H. *Manual de...*, pp.431-432.

⁸⁷ GÓMEZ, J. Á. *Historia de la Iglesia I...*, p.104.

⁸⁸ Cf. GÓMEZ, J. Á. *Historia de la Iglesia I...*, p.110.

durante a caminhada. Confiou na força do Ressuscitado, no poder do Espírito e na coroa prometida pelo Pai. Pelo que, todo o sucesso da sua peregrinação deve-se a Deus. Neste sentido, os cristãos dos três primeiros traçaram aquela espiritualidade que deverá ser modelo para todos os seus irmãos peregrinos ao longo da história.

1.4. A Eclesiologia magisterial desde o Concílio Vaticano II

O Concílio Vaticano II define a Igreja como “luz da Luz, sacramento do Sacramento”; ou seja, «a Igreja, em Cristo, é como que o sacramento, ou sinal, e o instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o género humano» (LG 1). Aos que creem em Cristo, o Pai chamou-os à santa Igreja, peregrina até ao fim dos séculos. Então, desde o justo Abel até ao último eleito, se reunirão em Igreja universal junto do Pai (cf. LG 2). A Igreja é o redil, cuja única porta e necessário pastor é Cristo. E também o rebanho do qual o próprio Deus predisse que seria o pastor, e cujas ovelhas, ainda que governadas por pastores humanos, são, contudo, guiadas e alimentadas, sem cessar, pelo próprio Cristo. A Igreja é a agricultura ou o campo de Deus; é também muitas vezes chamada construção de Deus. Esta construção recebe vários nomes: casa de Deus, na qual habita a Sua família; habitação de Deus no Espírito; tabernáculo de Deus com os homens; e sobretudo templo santo, comparado à cidade santa, a nova Jerusalém. Nela, com efeito, somos edificados cá na terra como pedras vivas (cf. LG 6).

O Concílio Vaticano II fala da Igreja que ainda está a caminho, estabelecendo uma analogia com o Israel da Antiga Aliança em peregrinação através do deserto. Porém, o carácter essencial desta peregrinação da Igreja é interior: trata-se de uma peregrinação mediante a fé, pela virtude do Senhor ressuscitado, de uma peregrinação no Espírito Santo, que foi dado à Igreja como Consolador invisível: Por entre as tentações e tribulações que vai encontrando no seu peregrinar, a Igreja é confortada pela força da graça de Deus, que lhe foi prometida pelo Senhor, para que... não cesse nunca de renovar-se, com o auxílio do Espírito Santo, até que, pela Cruz, chegue àquela luz que não conhece ocaso (cf. RMa 25).

Pelo que, a Igreja, «Povo de Deus que está a caminho sobre a terra» (RMa 28), é lugar de comunhão, de testemunho e de missão e como fermento de redenção e de

transformação das relações sociais. A pregação do Evangelho de Jesus induz os discípulos a antecipar o futuro renovando as relações recíprocas (cf. CDSI 52).

A Igreja, sinal na história do amor de Deus para com os homens e da vocação de todo o género humano à unidade na filiação do único Pai (cf. CDSI 19), é formada por homens que, reunidos em Cristo, são guiados pelo Espírito Santo na sua peregrinação em demanda do reino do Pai (cf. GS 1). Ela prossegue a sua peregrinação no meio das perseguições do mundo e das consolações de Deus, anunciando a paixão e a morte do Senhor até que Ele venha (cf. RMa 25). Peregrinando neste mundo, só na glória celeste alcançará a sua realização acabada, quando vier o tempo da restauração de todas as coisas (cf. LG 48). Assim, esta Igreja dos que ainda peregrinam (cf. LG 50), seguindo a Cristo, procura (cf. DM 1) atingir a santidade, «sob a guia do Espírito» (cf. EAs 16).

O tempo da Igreja teve início com a «vinda», isto é, com a descida do Espírito Santo sobre os Apóstolos, reunidos no Cenáculo de Jerusalém juntamente com Maria, a Mãe do Senhor. O Espírito Santo vem depois dele, para continuar no mundo, mediante a Igreja, a obra da Boa Nova da salvação (cf. DVi 25). Ele é aquele que indica os caminhos que levam à união dos cristãos (cf. DVi 2). Ele está no coração da fé cristã (cf. DVi 2). O Espírito Santo deve ser em tudo isso o guia supremo do homem, a luz do espírito humano (cf. DV 6). Ele é também força que transforma o coração da comunidade eclesial para ser, no mundo, testemunha do amor do Pai, que quer fazer da humanidade uma única família, em seu Filho. Toda a atividade da Igreja é manifestação dum amor que procura o bem integral do homem (cf. DCE 19).

Neste caminho – no caminho de um amadurecimento interior assim, que inclui a descoberta plena do sentido da humanidade – Deus torna-se íntimo ao homem e penetra, cada vez mais profundamente, em todo o mundo humano. Trata-se, pois, de fazer com que, sob a ação do Espírito-Paráclito, se realize, no nosso mundo, um processo de verdadeiro amadurecimento na humanidade, na vida individual e na vida comunitária (cf. DVi 59). O caminho da Igreja passa através do coração do homem porque nele está o lugar recôndito do encontro salvífico com o Espírito Santo e porque aí o Espírito Santo se torna nascente de água que jorra para a vida eterna (cf. DVi 67).

A Igreja deseja servir esta única finalidade: que cada homem possa encontrar Cristo, a fim de que Cristo possa percorrer juntamente com cada homem o caminho da vida. Jesus Cristo é a via principal da Igreja para a casa do Pai (cf. RH 13). Ele conduz

sempre ao encontro do Pai (cf. DM 1). A Igreja, pois, caminha juntamente com toda a humanidade, participa da mesma sorte terrena do mundo e é como que o fermento e a alma da sociedade humana, que deve ser transformada em família de Deus (cf. GS 40).

A Igreja é a comunidade daqueles que são convocados por Jesus e se põem no seu seguimento. Ela é em Cristo como que sacramento ou sinal e também instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o género humano. A missão da Igreja é a de anunciar e comunicar a salvação realizada em Jesus Cristo, isto é, a comunhão com Deus e entre os homens. O Reino de Deus, abraça todos os homens e se realizará plenamente além da história, em Deus (cf. CDSI 49). A Igreja é, na humanidade e no mundo, o sacramento do amor de Deus e, por isso mesmo, da esperança maior, que ativa e sustém o autêntico projeto e empenho de libertação e promoção humana (cf. CDSI 60).

A Igreja vê em cada homem a imagem do próprio Deus vivo; imagem que encontra e é chamada a encontrar sempre mais profundamente plena explicação de si no mistério de Cristo, Imagem perfeita de Deus, revelador de Deus ao homem e do homem a si mesmo. A este homem, a Igreja se volta e lhe rende o serviço mais alto e singular, chamando-o constantemente à sua altíssima vocação (cf. CDSI 105).

A Igreja, no curso da história (cf. CDSI 160), proclama que Cristo, vencedor da morte, reina sobre o universo que Ele mesmo resgatou (cf. CDSI 383). Em Jesus, verdadeira imagem de Deus, o homem, criado por Deus a Sua imagem e a Sua semelhança, encontra a sua realização. No testemunho definitivo de amor que Deus manifestou na cruz de Cristo, todas as barreiras de inimizade já foram derrubadas e para quantos vivem a vida nova em Cristo, as diferenças raciais e culturais não são mais motivo de divisão (cf. CDSI 431). Esta comunhão deve crescer sempre (cf. EAm 36).

No seguimento de Cristo Bom Pastor (cf. AM 104), a Igreja é chamada a fazer ouvir a voz de Cristo (cf. AM 30). Tal vocação consiste em difundir, num mundo muitas vezes tenebroso, o Evangelho de Jesus Cristo, verdadeira luz que a todo o homem ilumina (cf. AM 176). Este Evangelho é o caminho seguro (cf. AM 161) em que a Igreja deve trilhar, «para viver a vida plena para a qual foi convocada» (EOc 5).

Por sua parte, a Igreja, que nasce do mistério da redenção na Cruz de Cristo, deve procurar encontrar-se com o homem, de modo especial, na estrada do seu sofrimento. Nesse encontro, o homem torna-se o caminho da Igreja, sendo este um dos

caminhos mais importantes. Ora, o homem que sofre é caminho da Igreja por ser, antes de mais, caminho do próprio Cristo, o bom Samaritano que não passa adiante, mas se compadece, aproxima-se... liga-lhe as feridas... e cuida dele (cf. CL 53).

A tarefa fundamental para a qual Cristo envia os seus discípulos é o anúncio da Boa Nova... Segue-se daí que evangelizar constitui, de facto, a graça e a vocação própria da Igreja, a sua mais profunda identidade (cf. EAm 66). O povo de Deus deve corresponder ao dever de anunciar e testemunhar o Evangelho, ciente de que a missão compete a todos os cristãos (cf. CDSI 538). Seguir Jesus implica, pois, viver como ele viveu, aceitar a sua mensagem, assumir como próprios os seus critérios, abraçar o seu destino, partilhar o seu projeto que é o desígnio do Pai (cf. EAm 68). Dar testemunho dele é, assim, o maior serviço que a Igreja pode oferecer aos povos de toda a terra (cf. Eas 20), enquanto peregrina, «com indefetível esperança» (SA 31), para o Céu.

Guiada pelo Espírito Santo, a Igreja (cf. AM 162), prossegue a sua peregrinação no meio das perseguições do mundo e das consolações de Deus, enquanto se esforça por chegar à sua perfeição na glória dos céus (cf. EAs 24).

A Igreja “em saída” é uma Igreja com as portas abertas. Sai em direção aos outros (cf. EG 46) para oferecer a todos a vida de Jesus Cristo (cf. EG 49).

Cada cristão e cada comunidade são chamados a ser instrumentos de Deus (cf. EG 187). Todos os cristãos são chamados a preocupar-se com a construção dum mundo melhor (cf. EG 183), de acordo com o Evangelho. Guiada pelo Espírito na sua missão de serviço e de amor, a Igreja (cf. EAs 18) anuncia o Evangelho da salvação.

A Igreja, guiada pelo Evangelho da Misericórdia e pelo amor ao homem (cf. EG 188), olha para todos, sobretudo os mais pobres. Na verdade, «todo o caminho da nossa redenção está assinalado pelos pobres» (EG 197). Jesus, o evangelizador por excelência e o Evangelho em pessoa, identificou-Se especialmente com os mais pequeninos. Isto recorda-nos, a todos os cristãos, que somos chamados a cuidar dos mais frágeis da Terra (cf. EG 209). O verdadeiro missionário, que não deixa jamais de ser discípulo, sabe que Jesus caminha com ele, fala com ele, respira com ele, trabalha com ele. Sente Jesus vivo com ele, no meio da tarefa missionária (cf. EG 266). Unidos a Jesus, procuramos o que Ele procura, amamos o que Ele ama (cf. EG 267).

Na realidade, a vida fraterna apresenta-se como um espaço humano habitado por Deus (cf. VC 41). Esta realidade é motivo de grande alegria para a Igreja missionária. Assim, «a alegria de viver» (EG 52) brilha no rosto da Igreja. A alegria do Evangelho é tal que nada e ninguém no-la poderá tirar (cf. EG 84). É que «todos os homens são chamados ao novo povo de Deus. É por isso que este povo, permanecendo uno e único, deve estender-se até aos confins do mundo e a todos os séculos, para se dar cumprimento ao desígnio da vontade de Deus que, no princípio, criou a natureza humana una e quis, finalmente, congregar na unidade todos os seus filhos que andavam dispersos» (SA 16). Deus benigno, misericordioso e justo espera que todos os homens, todas as nações se arrependam para que se salvem e cheguem ao conhecimento da verdade. Ele não aceita que o género humano sucumba à fragilidade e pereça, caindo na tentação do inimigo; mas, em toda a parte e em todos os tempos, não cessa de nos dar a graça (cf. SA 19) de irmos ao seu encontro libertador.

Movidos pelo Espírito Santo (cf. LG 14), os cristãos são chamados a viver como Cristo» (cf. CDSI 29). A Igreja, Povo de Deus no meio das nações (cf. VS 2), será sempre o sinal de esperança. Ela é, de facto, «a família de Deus no mundo» (DCE 25) e convida todos a despertarem para o chamamento de Deus porque «ao novo Povo de Deus todos os homens são chamados (cf. LG 13). Assim, «enquanto, na terra, a Igreja peregrina longe do Senhor» (LG 6), não cessa de fazer ouvir a todos o chamamento do Pai. O certo também, é que «o Espírito de Deus, que dirige o curso dos tempos e renova a face da terra com admirável providência, está presente» (GS 29) na Igreja peregrina; «guia-a com uma iluminação sobrenatural» (Eaf 61); santifica e condu-la (cf. LG 12). Assim, esta «Igreja que está a caminho» (RM 34), não se sente desamparada.

Enfim, os cristãos, onde quer que estejam, «possuem uma fé viva, estão cheios de esperança e vitalidade que só o amor pode originar» (Eas 50). Jesus não nos abandona na nossa peregrinação. «Ele caminha vitorioso na história e, com Ele, estarão os chamados, os escolhidos, os fiéis» (EG 278). Confiando no Senhor que não abandonará os que chamou, a Igreja encaminha-se alegremente para (cf. EAs 50) a Jerusalém Celeste. A santidade é o rosto mais belo da Igreja (cf. GE 9). É esta santidade que, no dia a dia, resplandece no rosto daqueles que a buscam.

CAPÍTULO 2

UMA IGREJA EM PEREGRINAÇÃO NA TERRA

Neste capítulo, tratar-se-á da peregrinação da Igreja, evidenciando os diferentes aspetos referentes à sua vida, que a caracterizam como uma comunidade peregrina na terra. A grande vocação da Igreja é a santidade: «Sede santos, porque Eu sou santo» (Lv 11,45) – diz-nos o Pai. É para isso que o Senhor nos chama, é para aí que nós caminhamos. E, Jesus veio ao mundo para nos mostrar o único caminho que leva à santidade. Ele convida-nos a «ser perfeitos como é perfeito o nosso Pai que está nos céus» (Mt 5,48). Neste caminho de santidade, é o Espírito que nos vivifica e nos santifica. É, enfim, para o Pai que nós caminhamos. Não somos nada sem Deus; inútil é a nossa peregrinação se não for guiada por Ele e para Ele orientada. Não há outro caminho, Jesus é o único caminho para o Pai; não é possível passar por este caminho, ou seja, não é possível seguir Jesus, estar com Ele e testemunhá-lo, amando como Ele amou, senão movidos pelo Espírito. É Ele que nos santifica, «que nos ensina e nos faz lembrar de tudo o que o que Jesus nos disse» (Jo 14,26). Toda a peregrinação da Igreja tem por autor Deus: Ele nos chama, nos liberta, nos conduz e nos faz participar na sua santidade. Todavia, é necessário o nosso “Sim” diário (o nosso/o meu: Faça-se em nós/em mim a Tua vontade, Senhor), a nossa colaboração, professando a nossa fé em Deus, lutando para não deixar que os obstáculos da caminhada nos desviem do único caminho verdadeiro e salvífico, da única vida verdadeira, a vida em plenitude com Deus. Portanto, não temos outro caminho senão Jesus, não temos outra vida senão a vida segundo o mesmo Espírito, não temos outra meta senão chegar ao Pai.

2.1. Imersos na vida trinitária

A realidade eclesial brota do amor originário ou da caridade de Deus Pai, da graça de Cristo Redentor e da ação santificadora e unificadora do Espírito Santo. A Igreja é, pois, fruto dos planos salvíficos do Pai, do dom (ou lado aberto) de Cristo e do

envio do Espírito Santo no Pentecostes⁸⁹. Imersos nesta vida trinitária, Deus chamou-nos «para santificar seu nome e cumprir sua vontade»⁹⁰.

A característica do cristão é, como foi de Cristo, estar totalmente orientado para o Pai. Como Cristo vive, age e fala da parte do Pai, o cristão age e fala para o Pai. E tudo isso deve ser vivido em Cristo: amar como Ele amou; viver em comunhão com Ele. É a nova situação de ser e viver cristãos. É muito fácil retroceder, o que consistiria em dispensar o nosso estar em Cristo para viver a relação com o Pai a partir de nós mesmos. O perigo deve ser evitado; e, por sua vez, deve-se mostrar que a relação com Cristo é real e que só a partir dela é possível a vida filial⁹¹. Imerso na vida trinitária, que é vida de amor magnânimo e infinito, o cristão só tem uma única vida: a vida do amor, amor a Deus e ao próximo. «Amar a Deus é antes de tudo cumprir a sua vontade»⁹², que é acolher e viver o seu amor na minha vida. Amar o próximo é antes de tudo estender, partilhar com ele o amor de Deus em mim derramado. E, este amor só quer o bem, só faz o bem. Assim, torna-se evidente que «Deus é aquele que explica tudo e a chave para tudo o mais. Trata-se de levar a sério a vontade de Deus, o que Deus deseja e o que Lhe agrada»⁹³. O centro da nossa vida deve ser Deus⁹⁴.

A espiritualidade dos cristãos é vivida pela graça de Deus e contando com essa graça. Portanto, o dinamismo da vida cristã é o dinamismo próprio da graça. Em outras palavras, não se pode imaginar uma vida cristã autêntica que não siga fielmente a orientação própria da graça de Deus⁹⁵. Neste âmbito, «somos chamados a viver em atitude de “oferta permanente” a Deus Pai. Fazer da nossa vida uma oferta permanente a Deus é cumprir em tudo a vontade do Pai, em Cristo, com a força do Espírito Santo; é lutar contra todas as más inclinações e buscar apenas a glória de Deus em tudo»⁹⁶.

Ser cristão é ser um “sacrário”, ser um “céu”, para os irmãos, um lugar onde os outros se sintam acolhidos em paz e amor; é ser uma presença de Cristo no meio dos irmãos. Na verdade, o cristão, em que Deus vive, é um outro Cristo pela recepção de sua doutrina e pela profissão exterior e visível do seu Evangelho. De facto, a nossa fé não deve ser só para nós: mas deve irradiar, construir a nota, o distintivo pelo qual sejamos

⁸⁹ Cf. BIFET, J. E. *Teología de la Evangelización - Curso de Misionología*, BAC, 1995, p.95.

⁹⁰ BIFET, J. E. *Teología de la Evangelización...*, p.97.

⁹¹ Cf. GAMARRA, S. *Teología Espiritual*. Madrid: BAC, 1994, p.79.

⁹² YANES, E. *En el Espíritu y la Verdad: Espiritualidad trinitaria*. Madrid: BAC, 2000, p.144.

⁹³ CASTOLLO, J. M. *Espiritualidad para Comunidades*. 2ed; Madrid: San Pablo, 1995, p.61.

⁹⁴ Cf. YANES, E. *En el Espíritu y la Verdad...*, p.187.

⁹⁵ Cf. CASTOLLO, J. M. *Espiritualidad para Comunidades*. 2ed; Madrid: San Pablo, 1995, p.181.

⁹⁶ YANES, E. *En el Espíritu y la Verdad...*, p.119.

conhecidos. Portanto, como cristão, devo me assemelhar a Cristo, isto é, tomar seus distintivos e sentimentos; configurando-me a Ele, e fazendo de mim outro “Ele”⁹⁷.

O cristão não se limita a acreditar em Jesus Cristo, à distância; acolhe-O, também, como educador da própria fé, e faz-se seu discípulo. Discípulo é todo aquele que quer ser ensinado ou educado, se deixa ensinar ou educar e, por isso, se põe à escuta do mestre⁹⁸. O cristão é aquele que toma Cristo como modelo referencial, exemplo e protótipo daquilo que deve ser sem deixar de ser ele mesmo. Em Cristo se conhece o que Deus espera de cada homem e, ao mesmo tempo, abre-se para todos um horizonte de esperança⁹⁹. Ser cristão é, pois, identificar e assumir o caminho de Jesus¹⁰⁰.

A vida divina corre de Cristo para nós; a mesma vida, a cada instante, circula em nós, enquanto permanecermos em estado de graça. Ficamos deificados por Cristo, e nada recebemos relativamente à vida espiritual senão por Jesus Cristo. Sem Cristo o homem é como um ramo seco, vazio de seiva; lenha para inferno!¹⁰¹. Cristo é, pois, a vida do cristão. Mas, como o “ser cristão” está aberto a todos os homens, estes «são chamados a esta união com Cristo, luz do mundo, do qual viemos, por quem vivemos, e para o qual caminhamos» (cf. LG 3).

Deus vive em nós¹⁰². Jesus dá a vida a todos os homens e mulheres, a todas as famílias e comunidades, a todas as nações e a todas as gerações (cf. EO 5). É Jesus que nos mostra o que é ser verdadeiramente Humano, (re)criado para Deus. Ele é a palavra de Deus para cada Homem. E toda a palavra que vem d’Ele é portadora de um “amo-te” sem medida e sem condições¹⁰³. Jesus é o “amo-te” sem medida, dito por Deus de uma vez para sempre a todo o ser humano.

A Igreja vive e anuncia este “amo-te” sem medida a todo o Homem. A Igreja é, pois, «o lugar onde habita Cristo; nela devemos nos encontrar com Ele. O centro da Igreja é Cristo Jesus»¹⁰⁴. Nós, cristãos, vivemos a vida de Cristo; é por isso que somos e

⁹⁷ Cf. PLUS, R. *Deus em nós*. 5ªed.; Porto: Livraria Apostolado da Imprensa, 1952, pp.60-61.

⁹⁸ Cf. ROCHA E MELO, L. *Se tu soubesses o dom de Deus: Ensaio sobre Oração*. 2ªEd.; Braga: Editorial A.O. 1999, p.14.

⁹⁹ Cf. DÍAZ, J. A. E. *A espiritualidade dos leigos: em uma eclesiologia de comunhão*. 2ed; Madrid: San Pablo, 1992, p.24.

¹⁰⁰ Cf. DÍAZ, J. A. E. *A espiritualidade dos leigos...*, p.39.

¹⁰¹ Cf. PLUS, R. *Deus em nós*. pp.63-64.

¹⁰² Cf. PLUS, R. *Deus em nós*. p.78.

¹⁰³ Cf. ROCHA E MELO, L. *Se tu soubesses o dom de Deus...*, p.63.

¹⁰⁴ ROCHA E MELO, L. *Se tu soubesses o dom de Deus...*, p.108.

nos chamamos cristãos. Isto exige de nós um compromisso sério, responsável e fiel. Não podemos viver de qualquer maneira; devemos ser cristãos a vida inteira.

A espiritualidade cristã é a vida segundo o Espírito. E, portanto, é uma vida que o cristão deseja viver em toda a sua realidade humana, com autenticidade e profundidade. A vida espiritual é, pois, um caminho ou processo de santidade ou perfeição¹⁰⁵. A vida “espiritual”, vida de “perfeição” ou de santidade é a vida segundo o amor¹⁰⁶. Na verdade, «o Espírito Santo derramado nos corações é o eterno abraço entre o Pai e o Filho, que se estende aos homens e os torna participantes da vida de Deus»¹⁰⁷. Ele santifica; Ele é a chama viva do amor que habita no mais profundo centro da alma de quem busca Deus, para transformá-lo progressivamente, como o fogo que lentamente se consome, embelezando-o com santidade¹⁰⁸.

O Espírito Santo está, sem cessar, lá de dentro a chamar-nos, a estimular-nos. Onde estamos, quando nos fala? O espírito Santo está em nós vivo; e, portanto, agindo; mas, se alguém põe limites à sua ação, somos nós. Ele é o “hóspede”, mas nós somos os “donos”, e de nós depende que ele possa agir em nossa alma pouco ou muito¹⁰⁹. É preciso que em mim transpareça o hóspede adorado da minha alma. É preciso que em mim tudo fale dele¹¹⁰. Nós, cristãos, devemos tomar a sério está presença atuante do Espírito em nós. Não somos como uma caixa vazia, somos de Deus.

Vida interior é, antes de tudo, vida de intimidade com Deus, que vive em nós. É uma presença amorosa. A presença de Cristo em mim, é uma presença toda embebida de amor¹¹¹. É a vida em Deus segundo os desígnios salvíficos do Pai. É a vida nova no Espírito que, com o Pai e o Filho, habita no coração do homem¹¹².

O Espírito Santo, derramado nos corações, manifesta, anuncia e revela hoje, aqui e agora, tudo o que Jesus disse. Em Jesus Cristo, Deus disse tudo o que tinha a dizer à humanidade. Mas o Espírito Santo é que vai revelando, à Igreja e a cada um, o sentido

¹⁰⁵ Cf. BIFET, J. E. *Teologia de la Evangelizacion...*, p.366.

¹⁰⁶ Cf. BIFET, J. E. *Teologia de la Evangelizacion...*, p.368.

¹⁰⁷ ROCHA E MELO, L. *Se tu soubesses o dom de Deus...*, p.139.

¹⁰⁸ Cf. GALILEA, S. *Fascinados por su fulgor: Para una espiritualidad de la belleza*. Narcea, S.A. de Ediciones, 1998, p.76.

¹⁰⁹ Cf. PLUS, R. *Deus em nós...*, pp.142-143.

¹¹⁰ Cf. PLUS, R. *Deus em nós...*, pp.178-179.

¹¹¹ Cf. COURTOIS, G. *Aos Pés do Senhor*. 2ªed.; Rio de Janeiro: Livraria AGIR Editora, 1956, pp.38-39.

¹¹² Cf. BIFET, J. E. *Teologia de la Evangelizacion...*, p.377.

profundo e escondido de tudo o que Jesus disse e de tudo o que Jesus fez¹¹³. É espiritual aquele que entra no seu Sopro¹¹⁴, no seu dinamismo de vida, que é dinamismo de amor.

O Espírito Santo foi dado à Igreja e, nela, a cada cristão, como o início de uma nova vida. A presença do Espírito Santo no homem transforma o ser humano a ponto de convertê-lo em templo de Deus. O cristão não pode desprezar esta sagrada propriedade de Deus. Deve tomar a santidade como decoração da sua casa. O fundamento do viver cristão é, portanto, o facto de a dignidade do seu ser se tornar morada do Espírito Santo. O Espírito Santo é o início de uma nova vida no cristão. Os cristãos devem viver segundo as exigências desta nova condição de vida filial. Andar no Espírito é ser guiado pelo Espírito. Assim, o fundamento íntimo, a força íntima desta vida é o Espírito, que nos faz viver como filhos do Pai, em Cristo¹¹⁵.

Certamente, esta ação do Espírito exige a cooperação humana e, portanto, livre, do homem. Porque os cristãos, nascidos segundo o Espírito, têm o Espírito como fonte motriz que os impele e os move a viver filialmente. Neste sentido, a vida dos cristãos cumpre-se através de um caminho ajustado ao Espírito e governado pelo Espírito. Para viver esta vida deiforme, o mesmo Espírito capacita o homem com meios adequados, também divinos por meio dos quais o homem pode agir de acordo com sua condição de filho de Deus. O Espírito é, pois, o princípio de vida da Igreja, na medida em que infunde nela o anseio da união íntima com Deus; anima na Igreja e em cada um dos seus membros com a alegre esperança de um dia entrar no colo do Pai; Santificados no Espírito, os filhos de Deus devem adaptar todas as suas ações às exigências da nova condição, de modo que onde quer que estejam, sejam obrigados a manifestar o “homem-novo” com o exemplo de sua vida e o testemunho da palavra. Assim, o cristão e toda a Igreja percorre os mesmos caminhos de Cristo, que passou fazendo o bem¹¹⁶.

É preciso criar intimidade com Deus¹¹⁷. Deus vive em nós. Ele não nos abandona. Devemos, portanto, andar divinamente em sua presença e viver uma vida digna de tal Hóspede, que nos acompanha por toda a parte e em toda a parte nos vê. Sucede, porém, que tão poucos de nós pensamos neste mistério, vivemos dele, nele e

¹¹³ Cf. ROCHA E MELO, L. *Se tu soubesses o dom de Deus...*, p. 12.

¹¹⁴ Cf. ALVIM, M. “*Adorar Deus na vida quotidiana*” em COUTINHO, V. (Coor). *Adorar Deus em Espírito e Verdade*. Fátima: Santuário de Fátima, 2011, p.145.

¹¹⁵ Cf. PIKAZA, X. e SILANES, N. (dir). *Dicionário Teológico: El Dios cristiano*. Salamanca: Secretariado Trinitário, 1992, pp.1454-1455.

¹¹⁶ Cf. PIKAZA, X. e SILANES, N. (dir). *Dicionário Teológico...*, p.1456.

¹¹⁷ Cf. PLUS, R. *Deus em nós...*, p.15.

cremos praticamente¹¹⁸. Os cristãos esclarecidos e de fé viva não ignoram esta presença de Deus em seus corações; vivem de Deus, «deixam-se guiar pelo Espírito de Cristo»¹¹⁹.

A vida cristã consiste absolutamente na fidelidade a esta máxima: viver a cada instante a vida de Jesus Cristo. Sentir a Deus, o amigo, o confidente, o Mestre sempre presente ao nosso lado e em nós¹²⁰. Assim, pois, viver é comunicar com Deus de manhã até à noite, e da noite até pela manhã. Trazemo-lo em nós, e nossa vida é um céu antecipado¹²¹. O Espírito Santo é a força que anima e move cristão¹²² desde dentro, «para uma vida verdadeiramente cristã, tanto para Deus como para os homens»¹²³.

O Espírito Santo é o criador da Igreja, na qual somos todos um só, pela dedicação recíproca de cada um. O Espírito é o vínculo de união e criador do “nós” cristão, fazendo desaparecer qualquer divisão ou barreira de classe. Um “nós” no qual, sem perder a individualidade, tudo se compartilha no Amor, tudo de bom circula entre todos¹²⁴. O Espírito está na Comunidade e em cada um de seus membros como fonte de vida e santidade¹²⁵. Em última análise, é o Espírito Santo que torna realidade concreta ao longo dos séculos, em todos os homens, a salvação operada por Jesus¹²⁶. O Espírito é o princípio da vida e da santidade do crente e de toda a Igreja¹²⁷.

Para terminar, «Deus é Aquele em que todos nós vivemos, nos movemos e existimos» (DV 63). Deus é o nosso Princípio, o nosso Fim, “n'Ele nos movemos e existimos”. Em Deus estamos em Casa. Afastamo-nos de Deus, afastamo-nos de Casa. Viemos de Deus e só em Deus nos encontramos, nos integramos e todas as coisas são meio para chegar a este fim. Radicalmente abertos para Deus¹²⁸, para Ele caminhamos. «Somos a família de Deus que caminha na terra em nome da Santíssima Trindade. Somos o sacramento de Deus na terra»¹²⁹.

¹¹⁸ Cf. PLUS, R. *Deus em nós...*, pp.19-20.

¹¹⁹ Cf. DÍAZ, J. A. E. *A espiritualidade dos leigos...*, p.14.

¹²⁰ Cf. PLUS, R. *Deus em nós...*, p.52.

¹²¹ Cf. PLUS, R. *Deus em nós...*, p.55.

¹²² Cf. SILANES, N. *El Don de Dios: La Trinidad en nuestra vida*. Salamanca. Secretariado Trinitario, 1999, p.205.

¹²³ SILANES, N. *El Don de Dios...*, p.201.

¹²⁴ Cf. SILANES, N. *El Don de Dios...*, p.211.

¹²⁵ Cf. SILANES, N. *El Don de Dios...*, p.218.

¹²⁶ Cf. SILANES, N. *El Don de Dios...*, p.222.

¹²⁷ Cf. RAMOS, F. F. *Espiritualidad Bíblica en «consideraciones» de Pedro Poveda*. Madrid: Narcea, S. A. de Ediciones, 1989, p. 324.

¹²⁸ Cf. ALVIM, M. *Adorar Deus...*, p.137.

¹²⁹ Cf. SILANES, N. *El Don de Dios...*, p.100.

2.2. A vocação cristã: Santidade/perfeição

O Homem é, antes de mais, um vocacionado, um chamado. A sua vida está sempre marcada pelo caráter de chamamento. «A vocação é um dom de Deus»¹³⁰; é um apelo que exige resposta livre e responsável (cf. CV 17). O homem é chamado a uma plenitude de vida que se estende muito para além das dimensões da sua existência terrena porque consiste na participação da própria vida de Deus. A sublimidade desta vocação sobrenatural revela a grandeza e o valor precioso da vida humana (cf. EV 2). Esta eleição significa que Deus não o salvará sem ele, sem sua aceitação e colaboração livre e responsável¹³¹. Para poder caminhar na direção justa, o homem necessita de estar orientado para a meta final (cf. SCa 30). O efeito desta graça de eleição do homem, por parte de Deus, é como que um gérmen de santidade, ou como que uma nascente a jorrar na alma do homem, qual dom do próprio Deus que, mediante a graça, vivifica e santifica os eleitos (cf. RM 8), os quais constituem todos uma só comunidade; todos têm a mesma origem e o mesmo fim último, que se reúnam na Cidade Santa (cf. NA 1).

Deus chama todos os homens a um único e mesmo destino, que é divino (cf. EAf 27). O Senhor oferece a vida verdadeira, a felicidade para a qual fomos criados. Quer-nos santos e espera que não nos resignemos com uma vida medíocre, superficial e indecisa (cf. GE 1). Esta vida exige compromisso muito sério e permanente; exige sujar as mãos na doação aos outros. «Portanto, o chamamento à perfeição pertence à própria essência da vocação cristã» (RD 4); recebe a sua configuração em Cristo e por Ele no Espírito Santo (cf. RD 6). «O que o Espírito Santo toca é santificado e transformado totalmente» (SCa 13). Assim é a vida do cristão.

A vida espiritual é um processo de configuração com Cristo, na marcha de plenitude em direção ao Pai¹³². De facto, a Igreja por sua natureza peregrina, deve alcançar a perfeição¹³³, a qual vai se fazendo no dia a dia, sem desfalecimento nem desânimo, mas com fervor e prontidão constantes, e com os olhos sempre fixos na meta. A perfeição é, pois, a nossa meta. Ao proceder assim, caminhamos na perfeição para a perfeição. «E, com efeito, esta perfeição cristã consiste no amor, no cumprimento da

¹³⁰ ESQUERDA BIFET, J. *Teologia de la Espiritualidad Sacerdotal*. 2ªed.; Madrid: BAC, 1991, p.332.

¹³¹ Cf. COUTO, A. *Pentateuco: Caminho da Vida Agraciada*. 2ed.; Lisboa: Universidade Católica Editora, 2005. pp.276-277.

¹³² Cf. ESQUERDA BIFET, J. *Teologia de la Espiritualidad Sacerdotal ...*, p.338.

¹³³ Cf. KAROTEMPREL, S (dir). *Seguir a Cristo en mision: Manual de misionologia*. Estella: Editorial Verbo Divino, 2000, p.68.

vontade de Deus. Todos são chamados à mesma santidade e à santidade suprema ou perfeição. Cada um alcançará a santidade cristã na própria obra ou profissão e no próprio estado»¹³⁴.

A vocação cristã é, por natureza, vocação à fé-esperança-amor, na configuração com Cristo e no testemunho deste ao mundo¹³⁵. Todos na Igreja recebem e partilham a comum vocação à santidade. Todos os fiéis são convidados e têm por obrigação tender à santidade e à perfeição do próprio estado (cf. CL 16), durante toda a sua vida (cf. CL 16). Somos uma só família de irmãos chamados a um só e mesmo fim, que é o próprio Deus (cf. GS 24). Este é o único caminho de salvação e de santidade (cf. DH 1).

Na verdade, somos «chamados a ser conformes à imagem de Cristo, de tal modo que a glória de Deus resplandeça no rosto de todos e de cada cristão» (EV 33). A todos aqueles que aceitam seguir Cristo, é-lhes dada a plenitude da vida: neles, a imagem divina é restaurada, renovada e levada à perfeição. Este é o desígnio de Deus para os seres humanos: liberto da escravidão da idolatria, o homem pode reconstruir a fraternidade perdida e reencontrar a sua identidade (cf. EV 36).

A espiritualidade é o processo da busca de comunhão com Deus, através de Jesus Cristo, na força do Espírito Santo¹³⁶. Este processo é uma tarefa séria, muito séria; e que não pode ser negligenciada a nenhum momento da vida. Deve ser levada até ao fim. Portanto, o cristão só será verdadeiramente santo quando perfizer o caminho da sua vida na fiel e total obediência ao Pai, por Cristo, no Espírito Santo. Pois, «Deus atrai-nos» (EG 113), chama-nos constantemente a ir ao seu encontro, aponta-nos qual é o verdadeiro caminho que devemos percorrer, como percorrê-lo e para quê percorrê-lo. É para a nossa felicidade plena, aquela felicidade que nunca mais terá fim. Caminhamos nesta terra à procura de Deus (cf. LS 244), que nos chama (cf. LS 245). No fim, encontrar-nos-emos face a face com Ele. Caminhamos para a nova Jerusalém, para a casa comum do Céu (cf. LS 243), para habitar eternamente com Deus.

¹³⁴ ESQUERDA BIFET, J. *Teologia de la Espiritualidad Sacerdotal...*, p.225.

¹³⁵ Cf. ESQUERDA BIFET, J. *Teologia de la Espiritualidad Sacerdotal...*, pp.320-321.

¹³⁶ Cf. BECKHÄUSER, A. *Os Fundamentos da Sagrada Liturgia*. Petrópolis: Editora Vozes, 2004, p.294.

2.3. A Palavra de Deus da vida da Igreja

Desde o princípio, a Igreja vive da Palavra de Deus, pois esta é Palavra, que provém do próprio Deus, fonte da vida. A sua Palavra dirige-se ao homem, obra das suas mãos. Manifestou-se de diversos modos, atingindo o ápice no mistério da Encarnação. Ela veio ao mundo para iluminar a vida do homem, apontando-lhe o caminho a seguir, inclinando-lhe para o bem e purificando-os do que é pecaminoso, exortando-lhe a mudar o mau comportamento, lembrando-lhe o seu chamado à santidade. Ela, a Palavra de Deus, é o motor inesgotável do ser cristão; Ela permanece eternamente, ilumina o caminho do homem na Igreja e na sociedade durante o percurso, não poucas vezes tortuoso, da história, enquanto com confiança se esperam novos céus e uma nova terra, onde habitará a justiça. A Palavra de Deus, pois, acompanha o homem desde a criação até ao fim da sua peregrinação sobre a terra¹³⁷.

Deus continua a nos dirigir a palavra que falou de uma vez por todas. Porque a Igreja, nascida da palavra de Cristo, a conserva, a medita constantemente, a relê, a explica aos homens de todos os tempos. A Igreja depende da palavra¹³⁸. Na verdade, desde o início, a Igreja depende da palavra que a engendra e a nutre. A palavra de Deus dá fruto; tende à edificação do corpo de Cristo, que é a Igreja, à constituição do homem perfeito, do Cristo total, cabeça e membros. A palavra convoca e gera a Igreja. Esta cresce sem cessar até a consumação dos tempos¹³⁹. Portanto, a Igreja nasce e cresce por causa da Palavra acolhida¹⁴⁰. A Igreja é, no tempo, o templo no qual ressoa incessantemente a palavra de Deus. É o paraíso onde nasce, como fonte límpida e inesgotável, a palavra que fecunda toda a terra. Ela é a noiva de Cristo que recebeu dele, seu esposo, a palavra e nela medita sem cessar, relendo-a aos homens, viva e fiel¹⁴¹.

A palavra de Deus destina-se a todo o homem, de qualquer época e lugar da terra (cf. FR 64), fala-lhe¹⁴² e revela-lhe o seu fim último (cf. FR 81). De facto, a Igreja funda-se sobre a Palavra de Deus, nasce e vive dela (cf. VD 3); é reunida por Ela (cf.

¹³⁷ Cf. Prefácio de *A Palavra de Deus na Vida e na Missão da Igreja, Instrumentum Laboris – Sínodo dos Bispos. XII Assembleia Geral Ordinária*. Cidade do Vaticano, 2008.

¹³⁸ Cf. RENÉ, L. *Teologia de la Revelacion*. 9ªed.; Salamanca: Ediciones Sígueme, 1995, p.505.

¹³⁹ Cf. RENÉ, L. *Teologia de la Revelacion...*, pp.506-507.

¹⁴⁰ Cf. ALMEIDA, J. M. P. “*Como pode a celebração da fé ter uma dimensão profética?*” em BORGES DE PINHO, J. E. (Coor). *Santificados em Cristo: Dom de Deus, resposta humana, transformação do mundo*. Fátima: Santuário de Fátima, 2016, p217.

¹⁴¹ Cf. RENÉ, L. *Teologia de la Revelacion...*, p.508.

¹⁴² Cf. SCHÖKEL, L. A. *Hermeneutica de la Palabra: I Hermeneutica Biblica*. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1986, p.97.

PO 4). Dá-lhe força para prosseguir a sua peregrinação; pois, Ela «é a primeira fonte de toda a vida espiritual cristã. Ela sustenta um relacionamento pessoal com o Deus vivo e com a sua vontade salvífica e santificadora» (VC 94). É o Senhor que não cessa de nos comunicar hoje a sua Palavra (cf. VD 18), introduz cada um de nós no diálogo com Ele (cf. VD 24), recorda-nos que cada momento da nossa existência é importante e deve ser vivido intensamente, sabendo que cada um deverá prestar contas da própria vida (cf. VD 99). Assim, pois, a Palavra de Deus impele o homem para relações animadas pela retidão e pela justiça, a fim de tornar o mundo mais justo e mais habitável, denunciando as injustiças e promovendo a solidariedade e a igualdade (cf. VD 100).

Por isso, o cristão deve ser um Homem da palavra. E, ser Homem da palavra é, antes de mais, ser ouvinte da mesma e pôr em prática aquilo que ela diz, não nesta ou naquela circunstância da vida, mas em toda a existência cristã. Ser Homem da palavra significa, portanto, andar nela, isto é, vivê-la. Na verdade, «nunca devemos esquecer que, na base de toda a espiritualidade cristã autêntica e viva, está a Palavra de Deus anunciada, acolhida, celebrada e meditada na Igreja» (VD 121). É que «a Palavra de Deus cura e redime todo o homem» (VD 121), renova-o radicalmente¹⁴³.

Enfim, a Palavra de Deus é eficaz e realiza o que afirma. A Igreja nasce e vive da Palavra de Deus. A Palavra de Deus ampara a Igreja ao longo de toda a sua história, move o crente para o cumprimento da vontade de Deus, preenche e anima toda a vida da Igreja, ilumina, guia e conforta toda a vida dos crentes em todas as circunstâncias, no trabalho, no tempo livre, no sofrimento, nos deveres familiares e sociais e em todas as vicissitudes alegres ou tristes, de modo que todos possam chegar à perfeição de Vida. Por isso, na Igreja a Palavra é a norma suprema da fé, é a potência da vida dos crentes. Portanto, a comunidade cristã, na sua peregrinante caminhada para o Senhor, constrói-se todos os dias, deixando-se conduzir pela Palavra de Deus, primeira fonte de toda a vida espiritual cristã, sustento um relacionamento pessoal com o Deus vivo e com a sua vontade salvífica e santificadora¹⁴⁴.

¹⁴³ Cf. VAZ, A. S. “O Discernimento Espiritual e a Bíblia” em Revista de Espiritualidade, 97-98. Congresso ou Discernimento Espiritual: acompanhe e seja acompanhado Actas do Congresso (21-23 / 10/2026), Número 97-98, Janeiro-Junho 2017, p.28.

¹⁴⁴ Cf. *A Palavra de Deus na Vida e na Missão da Igreja...*, 6.13.18.19.20.25.27.33.

2.4. O Silêncio interior: motor do caminho

Deus, que sempre se dirigiu ao encontro do Homem, «continua a falar, na balbúrdia do mundo de hoje. Atordoados pelo barulho, não é fácil discernir a sua voz, no meio de tantas outras que solicitam a nossa atenção, apesar de continuar verdadeira»¹⁴⁵. Deus habita em nós. Com que acolhimento recebemos um tal hóspede? A verdade é que poucos cristãos, no meio do ruído geral das coisas que passam, procuram o silêncio necessário para escutar o grande ruído misterioso, que produz em nós as coisas divinas. Deus é um Deus escondido. Ele só se revela no silêncio. No ruído, nunca. Por desgraça o que mais falta à nossa geração atual é o recolhimento¹⁴⁶.

Deus é o grande amigo do silêncio. Precisamos do silêncio para encontrar a Deus, encontrar a nossa alma e encontrar os outros. É que, em nossas vidas precipitadas e dispersas, há momentos em que precisamos de nos recolher no íntimo de nós mesmos, voltar por assim dizer à fonte, e de lá melhor examinar para onde vamos, para onde devemos ir e ratificar o nosso caminho. Recolher-se no seu íntimo, voltar à fonte por outras palavras, volver a Deus, Pois Deus não está no barulho nem na agitação¹⁴⁷.

A Deus encontra-se no silêncio. Não podemos encontrá-lo na agitação interior provocada por inquietações ou derrapagens da vida¹⁴⁸. Deus espera-te no silêncio, Deus fala-te no silêncio. É no silêncio que ouvirás sua voz. É que o silêncio é conquista. Urge merecê-lo. O silêncio requer esforço; é preciso querê-lo. É tão mais fácil deixar-se levar, exteriorizar-se, viver na superfície da alma; mas seria isto construir na areia. Quem não ajunta com o Senhor, dissipa. É então mister fazer corajosamente este esforço. No silêncio Deus preenche-te. O silêncio não engana. O silêncio compensa. Escuta o silêncio. É neste silêncio cheio de desejos veementes que renovarás as tuas energias, que sorverás a serenidade e, principalmente, que atingirás a unidade¹⁴⁹.

É no coração que se dá o grande encontro. Aí, o coração fala ao coração, porque aí estamos diante da face do Senhor, dentro de nós. Assim, viver a vida espiritual é deixar que a presença de Deus nos preencha; e isto exige oração constante; passar das nossas ilusões e do nosso isolamento ao lugar do coração onde Deus continua a formar-

¹⁴⁵ ROCHA E MELO, L. *Se tu soubesses o dom de Deus...*, p.9.

¹⁴⁶ Cf. PLUS, R. *Deus em nós...*, pp.164-165.

¹⁴⁷ Cf. COURTOIS, G. *Aos Pés do Senhor*. 2ªed.; Rio de Janeiro: Livraria AGIR Editora, 1956, pp.21-22.

¹⁴⁸ Cf. ROCHA E MELO, L. *Se tu soubesses o dom de Deus...*, pp.41-42.

¹⁴⁹ Cf. COURTOIS, G. *Aos Pés do Senhor...*, pp.24-25.

nos à imagem de Cristo requer tempo e atenção¹⁵⁰. Nada leva a discernir melhor Deus do que o seu silêncio inscrito no âmago do moço ser. Não há lugar no mundo onde Deus Se encontre mais presente do que no coração humano. Ele é verdadeiramente a morada de Deus, o templo do silêncio¹⁵¹.

No silêncio, nas profundezas do ser, há uma verdadeira e real identificação com Cristo. O silêncio permite que o homem se ligue à Palavra que está no fundo do seu coração. Assim, no deserto, não falamos. Escutamos em silêncio; o homem entra num silêncio que é Deus. O silêncio não é uma ausência. Pelo contrário, é a manifestação de uma presença, a mais intensa de todas as presenças. As verdadeiras questões da vida colocam-se no silêncio. O nosso sangue corre nas veias sem fazer barulho, e só conseguimos escutar os batimentos do coração no silêncio¹⁵².

O silêncio da vida quotidiana é uma condição indispensável para viver com os outros. Sem a capacidade de fazer silêncio, o homem não é capaz de ouvir o que o rodeia, amá-lo e compreendê-lo. O amor nasce do silêncio. Procede de um coração silencioso, capaz de escutar, de ouvir e de acolher. O silêncio é uma condição da alteridade e uma necessidade para se compreender a si próprio. Sem silêncio, não há repouso, nem serenidade, nem vida interior. O silêncio é amizade e amor, harmonia interior e paz. De facto, as coisas mais belas da vida têm lugar no silêncio¹⁵³.

Precisamos do silêncio para encontrar o sentido do invisível. O silêncio nos comunica uma frescura de olhar que nos faz ver as coisas sob aspetos novos, empresta-nos algo de olhar com que Deus atinge as profundezas dos seres¹⁵⁴.

As coisas grandes realizam-se no silêncio. Não no barulho e na encenação dos acontecimentos exteriores, mas na claridade do olhar interior, no movimento discreto da decisão, em sacrifícios e vitórias escondidas. A voz de Deus é silenciosa. Para o homem espiritual que saboreou Deus, silêncio e Deus parecem ser uma e a mesma coisa. Porque Deus fala no silêncio e só o silêncio parece poder exprimir Deus. Por outro lado, para encontrar Deus aonde poderia o homem ir senão às profundezas mais silenciosas de si próprio, nessas regiões tão escondidas que já nada as pode perturbar? Deus é silêncio, e

¹⁵⁰ Cf. NOUWEN, H. e outros. *Formação Espiritual: Seguindo os movimentos do Espíritos*. Braga: Editorial A.O., 2017, pp.16-17.

¹⁵¹ Cf. SARAH, R. e DIAT, N. *A Força do Silêncio - contra a ditadura do barulho*. 2ed.; Lucerna: Príncipia Editora, 2018, p.27.

¹⁵² SARAH, R. e DIAT, N. *A Força do Silêncio...*, pp.31-32.

¹⁵³ Cf. SARAH, R. e DIAT, N. *A Força do Silêncio...*, pp.38-39.

¹⁵⁴ Cf. COURTOIS, G. *Aos Pés do Senhor...*, pp.22-23.

esse silêncio divino habita o homem. Em Deus, estamos indissociavelmente ligados no silêncio¹⁵⁵. Deus fala no silêncio¹⁵⁶. Devemos, pois, «prestar constantemente atenção ao estado do nosso coração, onde escutamos a voz de Deus e respondemos dando graça»¹⁵⁷.

Não basta tão pouco calar-se, é preciso tornar-se silêncio. Porque, antes mesmo do deserto, da solidão e do silêncio, Deus já se encontra no homem. O verdadeiro deserto está dentro de nós, na nossa alma. Fortalecidos por este conhecimento, podemos compreender que o silêncio é indispensável para encontrar Deus. Ele está em nós como um pensamento, uma palavra e uma presença cujas fontes secretas se escondem n'Ele, inacessíveis aos olhares humanos. A solidão é o melhor estado para escutar o silêncio de Deus. Para quem quer encontrar o silêncio, a solidão é a montanha que é preciso subir. A palavra não é apenas um som; é uma pessoa e uma presença. É no silêncio e não no tumulto e no barulho, que Deus entra nas profundezas mais íntimas do nosso ser¹⁵⁸.

Do silêncio nasce o silêncio. Por Deus, o silencioso, podemos aceder ao silêncio. Neste sentido, o silêncio exprime Deus. Assim, a verdadeira mudança vem do silêncio; conduz-nos para Deus e para os outros, servindo-lhes humilde e generosamente¹⁵⁹.

Ninguém se esvazia para ficar no vazio, mas para estar noutra, ser por Outra e para Outra, na comunhão do Amor. Por isso, esvaziar-se é encher-se. O espaço vazio é preenchido pela presença de Deus e pela vida em abundância, dada por Ele. Não há vazio nenhum quando dois são um só. A vida de Um é a vida do outro¹⁶⁰.

Fundamental, a quem parte de viagem, é saber para onde vai. No início de toda a oração, e ao longo dela, também é importante determinar o rumo para onde se caminha: a união com Deus e o seu serviço. É importante marcá-lo desde o começo e continuá-lo durante a oração, de tal forma que ele se mantenha ao longo de todo o dia e de toda a vida¹⁶¹. Quando se volta ao seu coração, isto é, quando reflete sobre o próprio destino, o homem se descobre superior ao mundo material, pela sua dignidade única de interlocutor de Deus, sob cujo olhar decide a sua própria sorte (CDSI 128).

¹⁵⁵ Cf. SARAH, R. e DIAT, N. *A Força do Silêncio...*, pp.25-26.

¹⁵⁶ Cf. SARAH, R. e DIAT, N. *A Força do Silêncio...*, p.49.

¹⁵⁷ NOUWEN, H. e outros. *Formação Espiritual...*, p.107.

¹⁵⁸ Cf. SARAH, R. e DIAT, N. *A Força do Silêncio...*, pp.28-29.

¹⁵⁹ Cf. SARAH, R. e DIAT, N. *A Força do Silêncio...*, pp.21-22.

¹⁶⁰ Cf. ROCHA E MELO, L. *Se tu soubesses o dom de Deus...*, pp.43-44.

¹⁶¹ Cf. ROCHA E MELO, L. *Se tu soubesses o dom de Deus...*, p.49.

Vivemos num mundo onde reina o espírito do prazer e estamos arriscados a ser por ele intoxicados. Mortificar é fazer morrer alguma coisa. É fazer morrer, dentro de nós, o que impede nossa alma de viver segundo a ordem¹⁶². Quando encontramos a nossa verdadeira morada em Deus, podemos viver no mundo sem nos tornarmos vítimas das suas obsessões, constrangimentos e vícios. Ser do mundo e estar nele, com as suas inúmeras solicitações, mas mantendo o coração e a mente solidamente ancorados em Deus, requer um imenso esforço humano¹⁶³. Esta viagem para a nossa morada interior «oferece-nos a oportunidade de entrarmos no centro do nosso coração e familiarizarmos com a complexidade da nossa vida interior»¹⁶⁴.

A vida espiritual passa por alternâncias em que Deus sucessivamente se mostra e se esconde, Se faz ouvir e se cala. A oração ensina-nos as subtilezas da palavra divina. É Deus que é silencioso, ou somos nós que não O ouvimos, porque o nosso ouvido interior e a nossa inteligência não estão habituados à sua linguagem? O fruto do silêncio é aprender a discernir a sua voz, ainda que ela encerre sempre o seu mistério¹⁶⁵.

Ardo em desejos de fazer o bem. Há em mim qualquer coisa que me consome e quer comunicar-se. Desejo fazer o bem em todo o meu dizer ou agir. Preciso, porém, convencer-me de que não são só as palavras que fazem algum bem; é preciso ocultar, debaixo delas, qualquer coisa que lhes dê fecundidade, as torne convincentes e as faça conquistadoras e sedutoras. Onde virá esta qualquer coisa? – Do silêncio. Antes de falar, preciso de me calar. Para encontrar a Deus, preciso de me calar¹⁶⁶.

Sem o silêncio que a precede, a palavra arrisca-se muito a não passar de um palavreado inútil¹⁶⁷. O caminho para o silêncio do coração também se percorre em silêncio. Eis o grande mistério: o silêncio atinge-se em silêncio e cresce em silêncio. O silêncio do coração consiste em fazer calar a pouco e pouco os nossos sentimentos humanos para nos tornarmos capazes dos mesmos sentimentos que teve Jesus. O silêncio do coração é o silêncio das paixões¹⁶⁸. O verdadeiro som do silêncio está nisto: nós não poderemos ouvir o Verbo se não fizermos o silêncio querido por Deus¹⁶⁹.

¹⁶² Cf. COURTOIS, G. *Aos Pés do Senhor...*, p.85.

¹⁶³ Cf. NOUWEN, H. e outros. *Formação Espiritual...*, p.52.

¹⁶⁴ NOUWEN, H. e outros. *Formação Espiritual...*, p.7.

¹⁶⁵ Cf. SARAH, R. e DIAT, N. *A Força do Silêncio...*, p.222.

¹⁶⁶ Cf. PLUS, R. *Deus em nós...*, pp.89-90.

¹⁶⁷ Cf. SARAH, R. e DIAT, N. *A Força do Silêncio...*, p.47.

¹⁶⁸ Cf. SARAH, R. e DIAT, N. *A Força do Silêncio...*, p.52.

¹⁶⁹ Cf. SARAH, R. e DIAT, N. *A Força do Silêncio...*, p.66.

A vida cristã requer que se faça uma viagem interior até ao coração. Nesta viagem, o primeiro passo é olhar para dentro, refletir sobre a nossa vida diária e procurar Deus e a sua atividade aí mesmo¹⁷⁰. Os momentos ou os dias de silêncio permitem ao homem orientar a sua vida para o essencial¹⁷¹. A amizade com Jesus «nasce no silêncio, cresce no silêncio, e continua a existir no silêncio. O silêncio permite elevar qualquer sentimento ao seu estado mais perfeito»¹⁷². O silêncio não é o exílio da palavra. É o amor da única Palavra¹⁷³. Sem silêncio, a Palavra de Deus não pode dar frutos. Enquanto o coração e a mente estiverem cheios das nossas palavras, não há espaço para a Palavra entrar profundamente no nosso coração e aí dar frutos¹⁷⁴.

Trata-se de clarificar e purificar os sentimentos, pensamentos e emoções, de modo que se tornem “sentimentos, pensamentos e emoções de Cristo”. Assim, ao regressar desta viagem, isto é, ao sair do interior, o cristão manifestará diante dos outros aquela maneira de ser idêntica a de Cristo. Portanto, as suas ações e reações, serão fruto daquilo que habita no seu interior. Assim, se o seu interior estiver são, puro e bom, boas serão as suas palavras e os seus atos. «Por isso, temos de começar prestando cuidadosamente atenção a forma como pensamos, falamos, sentimos e agimos em cada hora, em cada dia, em cada semana e em cada ano, para»¹⁷⁵ vivermos a vida de Cristo.

O silêncio representa para nós uma ascese e um desejo. Uma ascese porque é preciso compreender que o silêncio exige um esforço, mas, mais do que isso, atrai-nos e nós precisamos dele. Ele permite-nos perceber melhor e ouvir melhor, abre o nosso espaço interior¹⁷⁶. O silêncio que nos aproxima de Deus é sempre um silêncio respeitoso, um silêncio de adoração, um silêncio de amor filial. Nunca é um silêncio banal¹⁷⁷. A recusa do silêncio é uma recusa do Amor e da vida que nos vêm de Jesus¹⁷⁸.

Enfim, «a caminhada para o Céu consiste em reencontrar a nossa interioridade silenciosa, onde Deus habita e nos espera, perscrutando o horizonte»¹⁷⁹. A vida cristã é, pois, «viver a vida a partir do centro. É precisamente no centro, nessa comunhão com

¹⁷⁰ Cf. NOUWEN, H. e outros. *Formação Espiritual...*, pp.19-20.

¹⁷¹ Cf. SARAH, R. e DIAT, N. *A Força do Silêncio...*, pp.9-10.

¹⁷² Cf. SARAH, R. e DIAT, N. *A Força do Silêncio...*, p.15.

¹⁷³ SARAH, R. e DIAT, N. *A Força do Silêncio...*, p.91.

¹⁷⁴ Cf. NOUWEN, H. e outros. *Formação Espiritual...*, pp.26-27.

¹⁷⁵ NOUWEN, H. e outros. *Formação Espiritual...*, p.23.

¹⁷⁶ Cf. SARAH, R. e DIAT, N. *A Força do Silêncio...*, p.224.

¹⁷⁷ Cf. SARAH, R. e DIAT, N. *A Força do Silêncio...*, p.229.

¹⁷⁸ Cf. SARAH, R. e DIAT, N. *A Força do Silêncio...*, p.122.

¹⁷⁹ SARAH, R. e DIAT, N. *A Força do Silêncio...*, p.97.

Deus, que descobrimos o chamamento para a vida em comunidade. Quanto mais me aproximo de Deus, mais perto estou de todos os meus irmãos e irmãs da família humana»¹⁸⁰. Deve-se, pois, estar sempre em Deus; é preciso recolher-se para juntar o que está disperso. Como as espigas, espalhadas no campo, depois da ceifa, se recolhem no celeiro, os interesses do coração, espalhados pela vida, recolhem-se no interior da pessoa¹⁸¹. É daí que se (re)vive a vida. O cristão está, pois, com, em e por Deus. O silêncio é a garantia do encontro com Deus. Os filhos de Deus, chamados a viver eternamente com o Pai, devem habituar-se a estar com Deus, pelo silêncio¹⁸².

2.5. O Simbolismo do Caminho/peregrinação

O caminho e o caminhar pertencem à experiência humana mais primordial. A condição humana define-se como itinerância: o homem é itinerante, é homem caminhante; não é ser já completo, já realizado, mas em devir, em realização, em caminho. A condição humana é a condição de peregrino. O “caminho” a que o peregrino se lança é símbolo da existência humana e do seu carácter transitório, que se expressa numa multiplicidade de ações como a partida e o regresso, a entrada e a saída, a subida e a descida, o caminho e a paragem. A palavra latina *peregrinus* vem do verbo *peragrar*, que significa andar pelos campos (fora da cidade), percorrer, ir longe. Assim, peregrino é aquele que faz uma viagem a um lugar distante, a um país estrangeiro; o termo “peregrino” pode também ser usado como sinónimo de estrangeiro, de forasteiro, de hóspede, de pessoa sem direitos de cidadania. O peregrino é, pois, alguém que passa, que está em movimento, em caminho. O termo *peregrinatio* designa uma viagem ao campo, onde não se vive¹⁸³.

Cada homem é existência, salto permanente em direção ao ser que se mendiga; cada um está em êxodo permanente. O existir é sempre um sair de si, ultrapassar-se, entrar em êxodo, peregrinar. Portanto, a peregrinação está para o ser humano como o sangue para a vida. Peregrinar pertence ao âmago do ser. A existência é uma experiência dinâmica de um ser peregrinante. Estar em êxodo, sair de si para ser,

¹⁸⁰ NOUWEN, H. e outros. *Formação Espiritual...*, p.148.

¹⁸¹ Cf. ROCHA E MELO, L. *Se tu soubesses o dom de Deus...*, pp.55-56.

¹⁸² Cf. SARAH, R. e DIAT, N. *A Força do Silêncio...*, p.255.

¹⁸³ Cf. CABECINHAS, C. “«A Quem Iremos?»». *A Peregrinação e a experiência da fé* em BORGES DE PINHO, J. E. (Coor). *Santificados em Cristo...*, pp.183-184.

caminhar em busca daquilo que ainda se não é, é instituinte de cada homem. Há, pois, no ser humano uma insatisfação que conduz à ultrapassagem de si, e, por outro, uma indigência que assinala limites dos quais o mais radical é a finitude. A peregrinação, como realidade, fundamenta-se no ser de cada existente em demanda de plenitude¹⁸⁴.

O ato de peregrinar não é um acessório da vida nem um anexo pedido emprestado. O essencial passa por aqui, já que a vida, como bem inestimável e inigualável, se constitui em narrativa de um caminho, pelo qual se sabe onde é a nascente e na senda do qual o fim se vislumbra¹⁸⁵.

Peregrinar significa estar em caminho, a busca da verdadeira morada, que está no Céu. Peregrinar é caminhar para progredir interiormente. A peregrinação como “estar a/em caminho” significa não cessar de progredir, não se acomodar, não se estabelecer em parte alguma, mas continuar a avançar. Significa caminhar interiormente, não se contentar com o que já se conseguiu, comprometer-se com um caminho que nos transforma constantemente. Caminho e transformação vão a par: aquele que caminha, transforma-se a cada passo, não permanece igual. Na caminhada verifica-se a mudança ou a transformação interior. O caminho, na peregrinação, significa também renúncia a si mesmo e assunção da própria cruz para seguir Jesus¹⁸⁶.

O caminho é o de cada ser humano, que nunca repete o de outrem. Cada um vai desenhando o seu, numa história sem duplicações. Pode imitar, comparar-se, avaliar o percurso. Não pode demitir-se, sob pena de não prosseguir. As suas peregrinações são o toque de memória de um caminho aberto, sempre a fazer-se. Se não se caminha, logo se fecha. Sempre que se avança, é mais aberto, parece mais longínquo, como que perdido no horizonte¹⁸⁷. O essencial é “peregrino” enquanto se anda no tempo. Ser peregrino, no fundamental, é aprofundar a expectativa e esperar o gozo depois da travessia que o caminho marcará. É por isso que, desde o primeiro século, a Igreja considera a peregrinação como a ação de todos quantos vivem no exílio longe do Senhor e, por isso, atravessam a agrura dos caminhos do mundo, o espaço do exílio, em tenda provisória, ansiando pela “casa do Senhor”. Trata-se, agora, de conceber a vida “longe do Senhor”

¹⁸⁴ Cf. LIMA, J. S. *A Peregrinação: Percursos e Palavra*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2007, pp.19-20.

¹⁸⁵ Cf. AZEVEDO, C. A. M. e CRISTINO, L. (Cor). *Enciclopédia de Fátima*. Estoril: Princípia, 2007, p.402.

¹⁸⁶ Cf. CABECINHAS, C. “«A Quem Iremos?» ...”, pp.194-195.

¹⁸⁷ Cf. LIMA, J. S. *A Peregrinação...*, p.43.

como a peregrinação terrestre, na sombra e no véu, ritmada pela voz que chama e promete, até participar no banquete da “cidade santa”¹⁸⁸.

Os semitas, que costumavam expressar as realidades espirituais com termos concretos, recorrem às palavras caminho, vereda, via para indicar o modo de viver, a conduta moral e o comportamento religioso do homem. Assim, a vida espiritual é como um caminho a ser percorrido¹⁸⁹. Na Bíblia, a categoria peregrinação que se aplica à experiência do homem é a réplica temporal e metafórica do êxodo permanente do Deus que se dá, que sai de si, que é novo sem cessar¹⁹⁰. A peregrinação aparece como síntese de uma procura, a dos homens, que só encontrará resposta adequada no coração de Deus, o Santuário definitivo¹⁹¹. O santuário é, pois, a meta do peregrino. O peregrino caminha sempre para Deus; ele espera, mas não espera parado¹⁹². O homem acontece no caminho. O peregrino procura e caminha¹⁹³ para Deus.

Peregrinar é caminhar para um destino, com uma meta definida. Na peregrinação, o mais importante é tomar Deus como meta, como destino a alcançar. É, pois, para a casa do Senhor que nós vamos. Caminhando, em peregrinação, é-nos revelada a verdadeira meta da nossa vida: Deus¹⁹⁴.

O Novo Testamento identifica Jesus com o caminho que importa percorrer. É o próprio Jesus que faz essa identificação: «Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida» (Jo 14,6). De facto, Cristo inaugurou um caminho novo e vivente de acesso a Deus. É toda a vida de Jesus Cristo que é apresentada como uma caminhada, uma viagem, uma peregrinação. Nele, Deus sai ao encontro do homem, caminha com ele¹⁹⁵. Cristo se converte em caminho do crente, porque sua mesma vida tem o carácter de caminho¹⁹⁶.

O próprio cristianismo é definido como «o Caminho», «a Via» (cf. At 9,2; 18,25; 19,9.23). A adesão a Jesus Cristo é apresentada como “seguimento”, também

¹⁸⁸ Cf. AZEVEDO, C. A. M. e CRISTINO, L. (Cor). *Enciclopédia de Fátima...*, pp.402-403.

¹⁸⁹ Cf. FLORES, S. “*Itinerário Espiritual*” em *Dicionário de Espiritualidade*. São Paulo: Edições Paulinas, 1989, p.605.

¹⁹⁰ Cf. LIMA, J. S. *A Peregrinação...*, p.21.

¹⁹¹ Cf. LIMA, J. S. *A Peregrinação...*, p.39.

¹⁹² Cf. TEIXEIRA, J. R. “*A Criação como paradigma da Peregrinação*” em DUARTE, M. D. (Coor). *Fátima, hoje: que caminhos?* Actas do Simpósio Teológico-Pastoral do Santuário de Fátima de 2019. Fátima: Santuário de Fátima, 2020, p.46.

¹⁹³ Cf. AZEVEDO, C. A. M. e CRISTINO, L. (Cor). *Enciclopédia de Fátima...*, p.408.

¹⁹⁴ Cf. CABECINHAS, C. “*«A Quem Iremos?» ...*”, pp.195-196.

¹⁹⁵ Cf. CABECINHAS, C. “*«A Quem Iremos?» ...*”, pp.191-192.

¹⁹⁶ Cf. FEINER, J. y LOHRER, M (dir.). *Misterium Salutis: Manual de Teologia como História de la Salvación, Tomo V, El cristiano en el tiempo y la consumación escatológica*. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1975, p.755.

aqui uma atitude ativa ligada ao caminho, à caminhada. Esse seguimento é exigente, com as condições que Cristo impõe¹⁹⁷. A peregrinação cristã tem, pois, uma especificidade própria, que nunca deve ser esquecida: é instrumento e metáfora da santa viagem que o cristão, intrinsecamente estrangeiro e peregrino sobre a terra, faz em direção a Deus, a caminho da pátria celeste, no seguimento de Jesus Cristo¹⁹⁸.

A peregrinação faz-nos tomar consciência da nossa condição de peregrinos que sabem que não têm aqui morada permanente, mas caminhamos através do deserto da vida em direção ao Céu, a verdadeira Terra Prometida¹⁹⁹. Portanto, a peregrinação, no mundo católico, desenvolve-se como “percurso de fé”, já que, no dizer da Carta aos Hebreus, «não temos cidade permanente, mas procuramos a futura» (Hb 13,14), saindo ao seu encontro para atingir a Jerusalém Celeste²⁰⁰. A tensão para o futuro se converte em imperativo para os cristãos: «corramos com perseverança para o certame que nos é proposto, com os olhos fixos no autor e realizador da fé» (Hb 12,1-2)²⁰¹.

O povo de Deus é, aliás, um povo de peregrinos e de refugiados (cf. Hb 11,13; 13,9; 6,18), que não possui cidade permanente (cf. Hb 13,14); sua vida presente não pode ser considerada mais que uma peregrinação (cf. 1 Pd 1,1; 2,11). Com efeito, os cristãos, embora estejam no mundo, «não são do mundo» (Jo 17,16) e sua «pátria está nos céus» (Fl 3,20). Os cristãos não perambulam sem meta; são antes peregrinos que trilham «o caminho do santuário» (Hb 9,8). É este o percurso da vida cristã, um avançar pelo caminho traçado e trilhado por Cristo (cf. Hb 10,19-20)²⁰².

Este é o caminho que nós somos convidados a percorrer nesta terra para a cidade futura e eterna. Portanto, «o caminho, mediação e ponte entre dois pontos geográficos, tem uma imensa carga simbólica. Com o significado de um processo de vida, de experiência que progride gradativamente, tornou-se um símbolo básico e universal. E sugere incorporação pessoal a um projeto, que tem um início, um crescimento em meio às dificuldades, a ascense necessária para percorrê-la e, sobretudo, a meta como plena realização e cumprimento do desejo inicial. Na esfera cristã, todo “caminho” começa

¹⁹⁷ Cf. CABECINHAS, C. “«A Quem Iremos?» ...”, p.191.

¹⁹⁸ Cf. CABECINHAS, C. “«A Quem Iremos?» ...”, p.197.

¹⁹⁹ Cf. CABECINHAS, C. “«A Quem Iremos?» ...”, p.200.

²⁰⁰ Cf. AZEVEDO, C. A. M. e CRISTINO, L. (Cor). *Enciclopédia de Fátima...*, p.405.

²⁰¹ Cf. FLORES, S. “*Itinerário Espiritual...*”, pp.606-607.

²⁰² Cf. FLORES, S. “*Itinerário Espiritual...*”, p.607.

com o chamado vocacional como escolha divina, continua e culmina com a graça até que se alcance a meta de união transformadora em Deus»²⁰³.

O termo “o caminho de Deus” significa de modo especial a atividade salvadora de Deus. Deus ordena aos homens que andem nos seus caminhos. Este “andar nos caminhos de Senhor”, significa agir de acordo com a vontade de Deus revelada em mandamentos, estatutos e preceitos (cf. 1 Rs 2,3, 8,58). A lei de Deus é chamada «o caminho do Senhor» (cf. Jr 5,4). A vida humana como um todo, ou nos seus aspetos individuais, pode ser chamada um caminho (cf. Is 53,6). O verdadeiro ponto de referência para avaliar o caminho que o homem segue é a vontade de Deus. Na verdade, o caminho pelo qual Deus leva o seu povo tem como meta a salvação deste. Os caminhos do Senhor, são, pois, caminhos de vida. Desviar-se deles leva à destruição²⁰⁴.

“Andar” equivale a “viver de maneira cristã”, a “viver no Espírito”, a viver de acordo com a lei evangélica. Trata-se do caminho de vida em conformidade com Cristo²⁰⁵. A vida é, portanto, uma caminhada²⁰⁶. O caminho desta perfeição consiste no seguir Jesus. Por isso, seguir Cristo é o fundamento essencial e original da moral cristã: Trata-se de aderir à própria pessoa de Cristo, de compartilhar a sua vida e o seu destino, de participar da sua obediência livre e amorosa à vontade do Pai (cf. VS 19).

O Filho, caminho que conduz ao Pai (cf. Jo 14,6), chama todos aqueles que o Pai Lhe deu (cf. Jo 17,9) a um seguimento que dá orientação à sua existência (VC 18). Jesus pede para o seguir e imitar pelo caminho do amor, de um amor que se dá totalmente aos irmãos por amor de Deus (cf. VS 20). Com estas palavras, Jesus mostra-se como o único caminho que conduz à santidade (cf. EAm 31). A vida cristã consiste em seguir a Cristo (cf. CT 5). Para isto, convém que vibre «em nós o fervor para com Cristo, o Mestre [...] que caminha todos os dias connosco pelos caminhos da história» (CT 5).

A chave, o centro e o fim de toda a história humana se encontram no seu Senhor e mestre (GS 10). Por isso, a Igreja peregrina na terra, «fazendo-se ela própria, dia a dia, discípula do Senhor» (CT 12), até ao final dos tempos. Assim, a «caminhada da Igreja ao longo das diversas épocas da história» (CT 12) deve sempre refletir ao mundo a

²⁰³ PABLO MAROTO, D. *Los «caminos» de Teresa de Jesús*. in “Revista de Espiritualidad 232-233, 58 (1999). *Horizontes abiertos, caminos de libertad*. Madrid: Carmelitas Descalzos, 1999, p.491.

²⁰⁴ Cf. PIKAZA, X. e SILANES, N. *Dicionário Teológico...*, p.129-130.

²⁰⁵ Cf. COENEN, L. e BROWN, C. *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento I*. São Paulo: Vida Nova, 2000, p.131.

²⁰⁶ Cf. DROLET, G. *Compreender o Antigo Testamento: Um projeto que se tornou promessa*. São Paulo: Paulus, 2008, p.253.

imagem de Cristo, brilhando diante da humanidade. O cristão põe-se a seguir Cristo e, na Igreja, aprende cada vez melhor a pensar como Ele, a julgar como Ele, a agir em conformidade com os seus mandamentos e a esperar por Ele (cf. CT 20).

Enfim, vê-se, pois, que a dimensão de peregrinação, isto é, a vida como um caminho, está «intimamente ligada a toda a vida da Igreja» (CT 13), como peregrinação para a Jerusalém Celeste. A vida cristã como peregrinação, «como caminho, como êxodo permanente» (DCE 6), aspira a santidade. Por isso, o cristão «segue o caminho de Cristo» (DH 12). Pois, «na plenitude da vida cristã» (CT 18) está Cristo, «a resposta definitiva à pergunta acerca do sentido da vida» (EAm 10). A peregrinação da vida cristã confere um sentido de identidade e pertença (cf. EO 44) aos discípulos de Cristo, chamados a segui-lo (cf. EO 43) com humildade e mansidão. Este caminho de Cristo não se pode percorrer sem um ardente sentido da missão (cf. EO 8). A Igreja, movida pelo Espírito Santo, deve caminhar pela mesma via de Cristo, um caminho que é sempre a estrada da missão (cf. EO 10). Deixando-se guiar pelo Espírito num caminho ininterrupto de purificação, os cristãos tornam-se, dia após dia, pessoas *cristiformes* (cf. VC 19), prosseguindo a sua peregrinação terrena até à Luz eterna (cf. VC 19).

2.6. Espiritualidade do Seguimento de Jesus

Os homens dependem uns dos outros, e suas vidas, de muitas maneiras, se moldam umas pelas outras. As vezes é através de um relacionamento casual, um companheiro interessado, ou um dependente. Pode se tratar, porém, do relacionamento mais duradouro de um aluno ou discípulo para com seu mestre ou professor²⁰⁷. Na Igreja, a vida do Cristão depende de Cristo; esta vida é – como diz o NT – uma vida de seguimento de Jesus, isto é, uma vida de alguém que, tendo respondido ao chamamento de Jesus, se propõe a caminhar atrás dele, de tal modo que a vida do cristão (discípulo) se torne vida de Cristo (Mestre). Esta vida de seguimento «consiste na fidelidade a está máxima: Viver a cada instante da vida com Jesus Cristo²⁰⁸.

Mas, de onde parte esta vida de seguimento? Se Jesus de Nazaré apareceu entre os homens com a pretensão de anunciar qual é a última realidade da história e como

²⁰⁷ Cf. COENEN, L. e BROWN, C. *Dicionário Internacional*, Vol. I..., p.578.

²⁰⁸ Cf. PLUS, R. *Deus em nós...*, p.175.

deve ser vivida com radicalidade o que é o dom e o que é pedido de Deus, a exigência mais específica de tudo isto é o seguimento, isto é, a condição de o discípulo ignorar ou romper com todas as formas de viver anteriores, e preferir Cristo a família e a tudo o resto»²⁰⁹, a partir de uma opção pessoal e livre que determina a sua existência²¹⁰.

Jesus não esperou por seguidores voluntários. Chamou os homens com autoridade divina, para acolherem e andarem no/para o Reino de Deus. Ser discípulo de Jesus é, pois, viver uma vida nova²¹¹, em conformidade com o Reino de Deus, ou seja, é deixar que Deus me transforme, reine em mim, me governe, para que, efetivamente, eu testemunhe Jesus diante dos Homens. Para isso, é condição fundamental do discípulo «renunciar a si próprio, isto é, afastar-se de tudo aquilo que lhe impede de aceitar o modo de ser e de agir do Mestre, para, então, aceitar o modo de pensar do Mestre, que segue e propõe o desígnio de Deus²¹². O seguimento é, pois, um permanecer em Jesus, não por alguns instantes, algumas horas que têm de passar, mas “morai” num modo permanente²¹³.

Quem segue Jesus desta forma já participa da sua ressurreição e espera com fundamento o cumprimento final. Vivendo como ressuscitado na história, o seguidor tem uma esperança fundada no cumprimento final em que “Deus será tudo em todos” (1 Cor 15,28). Essa esperança é real porque se baseia na continuidade da vida de Jesus. Quem vive assim percebe os aspetos mais fundamentais e específicos da vida cristã²¹⁴. Pois, seguir Cristo, é sair de si, perder-se de vista, abandonar-se para entrar mais profundamente n’Ele a cada minuto que passa, enraizando-se, assim, profundamente n’Ele²¹⁵, de tal modo que a vida do cristão seja a mesma de Jesus²¹⁶.

Seguir Jesus Cristo significa, fundamentalmente, identificação do crente com o Cristo. Essa identificação vem de uma relação de amizade vivida com ele, que dará ao discípulo o seu modo de ser e de agir proposto por Jesus (Mt 5-7)²¹⁷. O seguimento é caminho a ser percorrido por todos os cristãos. Seguir Cristo implica viver com fé

²⁰⁹ PIKAZA, X. e SILANES, N. *Dicionário Teológico...*, p.1291.

²¹⁰ Cf. CARVALHO, J. O. *Caminho de morte e destino de vida: O projecto do Filho do Homem e dos seus discípulos à luz de Mc 8,27-9,1*. Lisboa: Edições Didaskalia, 1998, p. 406.

²¹¹ Cf. COENEN, L. e BROWN, C. *Dicionário Internacional, Vol. I...*, p.580.

²¹² Cf. CARVALHO, J. O. *Caminho de morte...*, p.309.

²¹³ Cf. TRINDADE, I. *Escritos Espirituais*. Oeiras: Edições Carmelo, 1989, p.21.

²¹⁴ Cf. PIKAZA, X. e SILANES, N. *Dicionário Teológico...*, p.1295.

²¹⁵ Cf. TRINDADE, I. *Escritos Espirituais...*, p.121.

²¹⁶ Cf. YANES, E. *En el Espiritu...*, p.23.

²¹⁷ Cf. MELO, L. R. *O Vento sopra onde quer*. Braga: Editorial A.O., s.d., p.173.

inabalável em Jesus, que revelou o amor ao homem como única via de realização existencial. Ao seguir o caminho de Jesus, o cristão tem a esperança fundada na superação de todas as contradições que surgem ao longo da sua peregrinação neste mundo. O seguimento de Jesus, por outro lado, apenas se explica na fidelidade ao seu Espírito, que é a “luz” do caminho e intérprete das dificuldades que interferem na dureza do seguimento, para que não se obscureça o sentido da felicidade²¹⁸. O que identifica os discípulos diante do mundo é o facto de se amarem uns aos outros²¹⁹. É, pois, um caminho de vida²²⁰, cuja meta é ganhar a vida²²¹, através da abertura aos outros, do dom de si mesmo, do serviço de vida²²². Pois, ganha-se a vida, perdendo-a. Este é o dado mais sublime da vida.

Portanto, o facto sublime e mais exigente do cristão é, no seu dia a dia, aceitar e enfrentar o desafio de colocar-se próximo de Deus e próximo dos homens e mulheres, através de uma vida de amor que se doa para a santificação do nome do Senhor e para o seu bem e bem de todos quantos o rodeiam. Assim, «a participação no caminho de vida e destino de Jesus é a obediência absoluta à vontade de Deus. Este seguimento, que passa pelo processo de proximidade a Deus, por sua vez, impele-o a se aproximar dos outros. Porque, efetivamente, quem se aproxima de Deus é transformado por Ele, a ponto de amar como Ele. O seguimento é um processo de identificação contínua com Jesus, de tal modo que os cristãos sejam, hoje, imagem de Jesus no mundo»²²³.

Enfim, este novo estilo de vida dos cristãos tem como referência a santidade de Deus, que passa por fazer o bem e pela renúncia a toda a espécie de maldade²²⁴. Inspira-se no próprio ser de Deus: a sua santidade. Aliás, brota da santidade de Deus e é determinado pela santidade de Deus, através de fazer a sua vontade²²⁵, tendo Cristo como único modelo²²⁶, rumo à coroa da santidade.

²¹⁸ Cf. PIKAZA, X. e SILANES, N. *Dicionário Teológico...*, pp.1453-1454.

²¹⁹ Cf. COENEN, L. e BROWN, C. *Dicionário Internacional I...*, p.588.

²²⁰ CARVALHO, J. O. *Caminho de morte...*, p.404.

²²¹ Cf. CARVALHO, J. O. *Caminho de morte...*, p.328.

²²² Cf. CARVALHO, J. O. *Caminho de morte...*, p.405.

²²³ Cf. PIKAZA, X. e SILANES, N., pp.1292-1293.

²²⁴ Cf. GUIJARRO, S. *El Cristianismo como forma de vida: Los primeros seguidores de Jesús en Ponto y Bitinia*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2018, p.161.

²²⁵ Cf. GUIJARRO, S. *El Cristianismo como...*, p.169.

²²⁶ Cf. GUIJARRO, S. *El Cristianismo como...*, p.173.

2.7. Espiritualidade Missionária

A Igreja é uma comunidade cuja identidade é radicalmente missionária; é uma comunidade de missionários, que peregrinam na terra, anunciando o Evangelho até ao encontro definitivo com Cristo, missionário do Pai. É uma vida que exige de seus membros um testemunho autêntico daquilo que ela é.

O maior mandamento de Jesus (o amor mútuo), tem um caráter fortemente missionário. Os seus seguidores devem viver juntos no amor e unidos, para que o mundo creia. A comunidade é enviada por Jesus para testemunhá-lo com comunhão, como Jesus Cristo viveu em comunhão com o Pai e com o Espírito. A evangelização é a vocação e a identidade da Igreja. A Igreja, para ser plena e autenticamente ela mesma, deve ser sempre missionária. Manifesta sua fecundidade espiritual fazendo nascer novas igrejas. Cristo confiou à Igreja a missão de evangelizar. O reino que proclama é um sinal da nova presença de Jesus Cristo e da sua missão²²⁷.

A Igreja peregrina é missionária por natureza, porque nasce da missão do Filho e do Espírito Santo, segundo o desígnio de Deus Pai. A Igreja nasce da ação evangelizadora de Jesus, é enviada por Ele a evangelizar, continua a evangelizar-se e envia evangelizadores continuamente²²⁸. Na Igreja encontramos a manifestação visível do projeto que Deus realiza silenciosamente no mundo. Está ao seu serviço. Com sua atividade missionária serve ao reino. Ele anuncia o reino a todos e convida a todos a recebê-lo. Contribua para o reino trabalhando incansavelmente, intercedendo e aguardando o dia em que o reino terá alcançado sua plenitude²²⁹.

A espiritualidade cristã, como experiência dessas realidades, é essencialmente missionária²³⁰. A Igreja reza e trabalha para que o mundo inteiro se integre no povo de Deus. O caminho da Igreja peregrina é, portanto, eminentemente missionário. A Igreja, inserida no mundo, aprende e vive o sentido desta inserção, tendendo ao encontro definitivo de toda a humanidade com Deus²³¹.

²²⁷ Cf. KAROTEMPREL, S (dir). *Seguir a Cristo...*, pp.70-71.

²²⁸ Cf. BIFET, J. E. *Teologia de la Evangelizacion...*, p.181.

²²⁹ Cf. KAROTEMPREL, S (dir). *Seguir a Cristo...*, p.68.

²³⁰ Cf. BIFET, J. E. *Teologia de la Evangelizacion...*, p.387.

²³¹ Cf. BIFET, J. E. *Teologia de la Evangelizacion...*, p.191.

O anúncio missionário quer conduzir a esta comunhão entre Deus e o homem²³². A comunidade está, pois, ao serviço da missão. Portanto, a fidelidade à missão leva a comunidade a crescer como Igreja de Cristo²³³.

A espiritualidade missionária é a manifestação de uma experiência de Deus por meio de Jesus Cristo e do Espírito. É uma forma específica de chegar a Deus, à maturidade humana e à santidade cristã²³⁴. Esta vida «supõe o dom de si na vida diária de comunhão com os homens na justiça e no amor. O cristão tem que testemunhar no mundo o sentido da justiça, do compromisso responsável em seu trabalho e em família, do amor e do perdão ativo, da pobreza, da sinceridade e da amizade»²³⁵.

Quando se fala em espiritualidade missionária, o ponto de referência é Jesus Cristo, missionário do Pai, que veio realizar o desígnio de salvação para toda a humanidade. A espiritualidade missionária consiste, pois, em viver o mistério de Cristo “enviado” a evangelizar²³⁶; consiste no crescimento contínuo em seguir Jesus e ajudar os outros a se tornarem e crescerem como verdadeiros discípulos de Jesus²³⁷. Por nossas palavras, atos, gestos, por toda nossa vida, temos que ser testemunhas de Cristo²³⁸.

Jesus vê os seus discípulos como homens e mulheres chamados a ser “sal da terra”. Pessoas que põem sal na vida. O sal é imagem do que purifica, dá sabor, conserva e dá vida aos alimentos²³⁹; sendo, pois, símbolo de purificação²⁴⁰. Os cristãos são, pois, enviados ao mundo para que este encontre, sinta e saboreie o verdadeiro sentido da vida. Pois, a experiência do contato com Deus transforma e dá sabor à vida.

A razão desta atividade missionária vem da vontade de Deus, que quer que todos os homens sejam salvos (cf. AG 7). A atividade missionária não é outra coisa, nem mais nem menos, que a manifestação dos desígnios de Deus (cf. AM 30). A Igreja anuncia e começa a atuar o Reino de Deus seguindo os passos de Jesus, uma vez que a natureza do Reino é a comunhão de todos os seres humanos entre si e com Deus. Deste modo, o Reino é fonte de libertação plena e de salvação total para os homens (cf. EAF 68).

²³² Cf. KAROTEMPREL, S (dir). *Seguir a Cristo...*, p.63.

²³³ Cf. KAROTEMPREL, S (dir). *Seguir a Cristo...*, p.67.

²³⁴ Cf. KAROTEMPREL, S (dir). *Seguir a Cristo...*, p.121.

²³⁵ FLORES, S. “*Itinerário Espiritual...*”, p.614”.

²³⁶ Cf. KAROTEMPREL, S (dir). *Seguir a Cristo...*, p.122.

²³⁷ Cf. KAROTEMPREL, S (dir). *Seguir a Cristo...*, p.128.

²³⁸ Cf. COURTOIS, G. *Aos Pés do Senhor...*, p.117.

²³⁹ Cf. PAGOLA, J. A. *O Caminho aberto por Jesus: Mateus*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2010, p.58.

²⁴⁰ Cf. ALDAZÁBAL, J. *Vocabulario básico de liturgia*. Barcelona: Centre de Pastoral Litúrgica, 1994, p.356.

Se “espiritualidade” cristã significa “vida segundo o Espírito”, espiritualidade missionária equivale a viver a missão com fidelidade generosa ao mesmo Espírito²⁴¹. A docilidade ao Espírito Santo é a primeira característica da espiritualidade missionária, porque a missão é fruto do impulso dinâmico do mesmo Espírito. Se o Espírito Santo é o protagonista da missão cristã, o missionário é dócil ao Espírito que sempre nos convida a estar atentos aos vários carismas e preserva a unidade fundamental da missão de anunciar Jesus Cristo²⁴².

Para a Igreja ser é estar em missão. O Espírito Santo precede, acompanha e segue a Igreja na sua missão. O Espírito é o verdadeiro protagonista da missão da Igreja²⁴³. Ele está na base e em todo o desenvolvimento da ação missionária da Igreja. Esta sente sobre ela o Espírito do Senhor que a move a anunciar a Boa Nova²⁴⁴. Toda a atividade missionária da Igreja nasce, pois, do Espírito que impele todos os seus membros a anunciar ao mundo a obra da salvação e a incorporar todos os homens na comunidade de salvação que é a própria Igreja²⁴⁵. A missão da Igreja é fazer discípulos, ajudar as pessoas a responder ao chamamento à santidade, ao se tornarem parte de uma comunidade cheia de fé, que tenta ser fiel ao Evangelho²⁴⁶.

A nossa vida atrai-nos para formas de viver o Evangelho cada vez mais profundas que, como verdadeiras estrelas no céu luminoso das nossas almas, marcam o nosso caminho para a união com Deus, pressentida pelos momentos intensos da vida que, como um farol, nos encaminham para a realização suprema da nossa vocação²⁴⁷. A luz de Jesus brilha no rosto dos cristãos como num espelho, para que também nós possamos refletir para outros a sua luz (cf. LF 37).

A Igreja procura incansavelmente anunciar o Evangelho a todos os homens (cf. AG 1). Caminha, pois, com toda a humanidade ao longo das estradas da história. Vive no mundo e, mesmo sem ser do mundo, é chamada a servi-lo seguindo a própria íntima vocação (cf. CDSI 18). De facto, quando a Igreja cumpre a sua missão de anunciar o

²⁴¹ Cf. BIFET, J. E. *Teologia de la Evangelizacion...*, p.378.

²⁴² Cf. KAROTEMPREL, S (dir). *Seguir a Cristo...*, p.123.

²⁴³ Cf. KAROTEMPREL, S (dir). *Seguir a Cristo...*, pp.60-61.

²⁴⁴ Cf. SILANES, N. *El Don de Dios...*, p.222.

²⁴⁵ Cf. SILANES, N. *El Don de Dios...*, p.236.

²⁴⁶ Cf. O'MALLEY, S. “*A Igreja ao serviço da plenitude da vida*” em BORGES DE PINHO, J. E. (Coor). *Eu vim para que tenham vida, a vida que brota de Deus no acontecer da História*. Torres Novas: Gráfica Almondina, p.301.

²⁴⁷ Cf. PORTUGAL, A. A. “*«Itinerários espirituais»*” em Revista de Espiritualidade. *Itinerários Espirituais. V Congresso de Espiritualidade*. Actas do Congresso (27-29/10/2017), Número 106-107. Marco de Canaveses: Edições Carmelo, Abril-Setembro 2019, pp.83-84.

Evangelho, testemunha ao homem a sua dignidade própria e sua vocação à comunhão de pessoas, ensina-lhes as exigências da justiça e da paz (cf. CDSI 3).

A Igreja peregrina é, por sua natureza, missionária (cf. AG 2). Tal espiritualidade exprime-se, antes de mais, no viver em plena docilidade ao Espírito, e em deixar-se plasmar interiormente por Ele. Não se pode testemunhar Cristo sem espelhar a Sua imagem, que é gravada em nós por obra e graça do Espírito (cf. RM 87). Esta espiritualidade é comunhão íntima com Cristo: não é possível compreender e viver a missão, senão na referência a Cristo, como Aquele que foi enviado para evangelizar (cf. RM 88). Enquanto vai crescendo, suspira pela consumação do Reino, espera e deseja juntar-se ao seu Rei na glória (cf. LG 5).

Toda a Igreja é missionária (cf. EO 13), a fim de «reunir sob um só Espírito todos os homens, de qualquer nação, raça ou cultura, a Igreja» (GS 92). Ela, a Igreja «cresce por atração» (EG 14). E atrai na medida em que partilha com os outros o amor de Deus. Este, pelo seu poder transformador, congrega os Homens em uma só família. É por isso que, «a comunidade evangelizadora mantém-se atenta aos frutos, porque o Senhor a quer fecunda» (EG 24). Enfim, a espiritualidade missionária da Igreja é um caminho orientado para a santidade (cf. RM 90). Este caminho «nasce da escuta constante da palavra de Deus» (cf. EO 38). É um caminho de santidade, porque é para isso que fomos chamados. Cada santo é uma missão (cf. GE 19).

2.8. Espiritualidade Comunitária

A peregrinação simboliza a situação terrena do homem que cumpre no seu tempo de provas, em direção a terra prometida ou o paraíso perdido. O termo “peregrino” designa o homem que se sente estrangeiro no meio em que vive, donde não está senão de passagem, em busca da cidade ideal²⁴⁸. É esta a situação do cristão: uma peregrinação para a Terra prometida; é isto o ser cristão: um peregrino que caminha para a Cidade celeste. Mas, nessa peregrinação, o cristão não caminha sozinho, caminha com os seus irmãos da mesma fé; não tem adversários concorrentes como se tratasse de uma competição em que um tem de ganhar e outro perder, tem companheiros com quem

²⁴⁸ Cf. CHEVALIER, J. (Dir). *Diccionario de los Símbolos*. Barcelona: Editorial Herder, 1988, p.812.

caminha de mãos dadas a fim de partilhar a mesma vitória, a mesma coroa, o mesmo trofeu. É uma caminhada de irmãos e irmãs que se amam mutuamente.

Na verdade, não se compreende o cristão sem a Comunidade eclesial, nem esta sem o cristão. Este nasce da/na Comunidade, e a Comunidade é constituída por cada um dos seus membros. Nenhuma, portanto, existe sem a outra. O cristão vive na Comunidade, e esta só é Comunidade por ser a reunião de cada um dos cristãos, formando um todo. Desde a sua fundação, a Igreja foi convocada para ser Comunidade de irmãos e irmãs por Cristo, no Espírito Santo. Não foi convocada para ser individualista, onde cada um faz o que quer, onde quer e como quer, sem se importar com os outros; foi convocada por um só Senhor, para que nela e por ela todos recebam a mesma dádiva do Pai (a filiação divina), e vivam a mesma vida do Espírito, buscando dia a dia o bem de todos e de cada um, até que todos alcancem a unidade perfeita.

A Igreja, que é peregrina sobre a terra, e que ao mesmo tempo é participação da condição humana, deve²⁴⁹, pois, dentro dela viver como irmãos, e fora dela chamar todos os homens a formar uma única família: a Família humana segundo o plano divino. Pois, o projeto de Deus, que a Igreja acolheu e vive, é que todos se tornem uma só Família, com Deus, em Deus, por Deus e para Deus. Esse espírito comunitário é, pois, fonte e fundamento da vida cristã; «é fonte de força e de fecundidade. Toda equipe, seja qual for, onde haja desentendimento, se enfraquece e tende a perder-se. O espírito de comunidade cresce quando há unidade no ser, querer e agir»²⁵⁰.

Deus quer que toda a humanidade seja unida como uma família. A Igreja é o sinal desta comunhão²⁵¹. O peregrino que se dirige para a casa do Senhor está, pois, em comunhão da fé e do amor não só com os companheiros com quem realiza a santa viagem, mas também com o próprio Senhor que caminha com ele²⁵². A Igreja é, na verdade, a comunidade de irmãos que juntos peregrinam na terra para um dia se reunirem diante de Deus. Na sua peregrinação familiar, «o amor constitui a sua identidade» (cf. Jo 13,35), a sua roupa e seu vínculo de perfeição (cf. Col 3,14), de

²⁴⁹ Cf. CAPPELLINI, E. (Org.). *Problemas e Perspectivas de Direito Canónico*. São Paulo: Edições Loyola, 1995, p.63.

²⁵⁰ COURTOIS, G. *Aos Pés do Senhor...*, pp.106-107.

²⁵¹ Cf. KAROTEMPREL, S (dir). *Seguir a Cristo...*, p.73.

²⁵² Cf. CABECINHAS, C. “«A Quem Iremos?»...”, p.202.

modo que todos se tornam um só Corpo (cf. Rm 12,5). «Esse é o desejo mais profundo do amor: não só estar com o outro, lado a lado, mas ser o outro»²⁵³.

A Igreja peregrina em comunidade, em vista a alcançar a salvação eterna, vivendo da Palavra de Deus, inspirando-se e guiando-se pela vida e pela prática de Jesus Cristo²⁵⁴. De facto, o que cria verdadeira união é a vontade comum de fazerem o mesmo percurso. Não basta a presença de uma à outra; é na vida em comum que se expressa a união. Sendo a vida um caminho a fazer-se, o que une duas pessoas é a vontade que elas têm de percorrer o mesmo caminho²⁵⁵. A vida cristã é comunhão com os homens. Portanto, é somente na Igreja onde nasce e cresce a vida de cada cristão²⁵⁶.

A vida em comunidade só pode ser bem vivida se vier da comunhão com Deus. E, nesta comunidade de fé, todos estão incluídos, mesmo aqueles que achamos que não lhe pertencem. Alargar as noções exclusivas de comunidade cristã para uma visão mais universal e inclusiva da família humana de Deus é um percurso difícil e requer uma fé madura e confiante. O Deus de todas as nações não é o nosso Deus privado. O Deus que habita o nosso santuário interior é também o Deus que habita o santuário interior de cada ser humano. A intimidade com Deus e a solidariedade com todas as pessoas são dois aspetos da presença de Deus²⁵⁷.

A comunidade cresce pela força do Espírito Santo que está nela²⁵⁸. Efetivamente, compete a cada membro da comunidade cristã procurar dia após dia fazer acontecer a santidade na Igreja. Assim, o cristão realiza a sua vocação à santidade como membro da Igreja santa, à qual todos são chamados, sem distinção²⁵⁹. Cabe a cada um dos cristãos colaborar para manter a Igreja em comunhão, superando as tensões e possibilidades de divisão²⁶⁰, rumo ao crescimento (cf. UR 4).

Na sua caminhada, a Igreja procura reconstituir aquela unidade querida por Deus. A unidade dos discípulos de Cristo, portanto, é um sinal influente para suscitar a fé do mundo; ao passo que a sua divisão constitui um escândalo (cf. RMa 29). Os cristãos sejam todos um só, sem perder a sua individualidade (cf. LF 22). Ao longo do

²⁵³ ROCHA E MELO, L. *Se tu soubesses o dom de Deus...*, p.46.

²⁵⁴ Cf. HACKMANN, G. L. B. *A Amada Igreja de Jesus Cristo: Manual de Eclesiologia como Comunhão Orgânica*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003, p.21.

²⁵⁵ Cf. ROCHA E MELO, L. *Se tu soubesses o dom de Deus...*, p.50.

²⁵⁶ Cf. PIKAZA, X. e SILANES, N. *Dicionário Teológico...*, p.1356.

²⁵⁷ Cf. NOUWEN, H. et all. *Formação Espiritual...*, p.145.

²⁵⁸ Cf. KAROTEMPREL, S (dir). *Seguir a Cristo...*, p.109.

²⁵⁹ Cf. HACKMANN, G. L. B. *A Amada Igreja...*, p.79.

²⁶⁰ Cf. HACKMANN, G. L. B. *A Amada Igreja...*, p.111.

caminho que percorremos (cf. UUS 53), em comunhão (cf. UUS 87), procuramos chegar «à união perfeita com Cristo, a qual consiste na santidade» (LG 50); pois, «aprouve a Deus salvar e santificar os homens, não individualmente, excluída qualquer ligação entre eles, mas constituindo-os em povo que O conhecesse na verdade e O servisse santamente» (LG 9). É por isso que, como peregrinos, caminhamos juntos.

Não há, portanto, nenhum membro que não tenha parte na missão de todo o corpo, mas cada um deve santificar Jesus no seu coração e dar testemunho de Jesus com espírito de profecia (cf. PO 2). A Igreja peregrina é chamada por Cristo a essa (cf. UR 6) unidade, fomentando entre si a amizade cristã, e prestando-se mutuamente ajuda em todas as necessidades (cf. AA 4). A santificação é um caminho comunitário que deve se fazer dois a dois (cf. GE 141). Levados pelo desejo de união com Cristo, são mais e mais compelidos a buscarem a unidade bem como a darem em toda a parte e diante de todos o testemunho da sua fé (cf. UR 20). Assim se abre o caminho pelo qual (cf. UR 11) todas as tribos, línguas e povos, se reúnam numa única Igreja (cf. LG 50).

2.9. Caminhando na fé, esperança e amor

A Igreja, peregrina na terra, é descrita, antes de mais, como uma comunidade de fé, esperança e amor. «Fé, pela qual cremos em Deus e em tudo o que Ele nos disse e revelou e que a santa Igreja nos propõe para acreditarmos; e pela qual, o Homem se entrega total e livremente a Deus» (CIC 1814). Esperança, «pela qual desejamos o Reino dos céus e a vida eterna como nossa felicidade» (CIC 1817). E amor, pelo qual «amamos a Deus sobre todas as coisas, e ao próximo como a nós mesmos» (cf. Mt 22,37-39). Nesta feliz caminhada, «Jesus é o modelo único de toda a existência»²⁶¹.

A fé é o primeiro passo para que uma pessoa se torne cristã²⁶²; é a imersão do homem no mundo da graça e da saúde no evento salvador²⁶³; é a segurança e a

²⁶¹ AMATO, A. *María y la Trinidad: Espiritualidad mariana y existencia cristiana*. Salamanca: Secretariado Trinitario, 1999, p.134.

²⁶² Cf. MONDONI, D. *Teologia da Espiritualidade Cristã*. São Paulo: Edições Loyola, 2000, p.29.

²⁶³ Cf. RAMOS, F. F. *Espiritualidad Biblica en «consideraciones» de Pedro Poveda*. Madrid: Narcea, S. A. de Ediciones, 1989, p.228.

confiança de quem se apoia em Deus. Pela fé, o Homem «acolhe as palavras, promessas e mandamentos de Deus²⁶⁴. A fé é um contacto com Deus²⁶⁵.

A fé, ao orientar a vida em uma determinada direção, nos obriga a falar, a explicar o modo de vida escolhido²⁶⁶. A existência cristã é vida e, como tal, deve ser vivida; é força e, como tal, deve ser aplicada à ação; é um apelo de Deus e, como tal, espera e exige uma resposta digna do homem²⁶⁷. Uma espiritualidade autêntica é a que promove a abertura dos cristãos aos demais²⁶⁸. A alma com fé age, faz bem, estende os braços; e não há nada que possa travar a marcha, diminuir o andamento²⁶⁹.

A vida cristã não é apenas o dizer “eu creio”, mas também o mostrar pelas obras este “eu creio”. É por aí que se demonstra a vontade de Deus, por fazer o bem enquanto viver nesta terra de peregrinos. A fé cristã ensina o homem a aceitar as dificuldades e os sofrimentos como normais na vida²⁷⁰, perseverando no «caminho do amor rumo à plenitude» (LF 32), confiando no Senhor que nos indica as sendas a percorrer (cf. MM 7) para o «acesso a Deus»²⁷¹. Assim, «uma autêntica peregrinação da fé» (RMa 31), em Deus uno e trino (cf. UR 12), conduz à santidade.

Mas, nesta peregrinação, «o amor constitui a identidade dos filhos de Deus» (Jo 13,35), o seu maior tesouro (cf. 1 Cor 13), a sua roupa e seu vínculo de perfeição (cf. Col 3,14); e o que faz de todos um só Corpo (cf. Rm 12,5). O amor «é a arte de viver com Deus. Deste modo, somos “artistas da vida”. E cada um faz de sua vida uma obra de arte que expressa algo da beleza do amor divino»²⁷². O cristão deve, pois, viver o seu amor ao Pai, entregando-se inteiramente à salvação integral dos homens, seguindo o caminho de Jesus. Portanto, o amor aos homens é a concretização, a manifestação e a

²⁶⁴ Cf. LANGEVIN, G. *Fe*. em LATOURELLE, R. e outros (dir). *Diccionario de Teologia Fundamental*. Madrid: Ediciones Paulinas, 1992, 472.

²⁶⁵ Cf. MONDONI, D. *Teologia da Espiritualidade Cristã*. São Paulo: Edições Loyola, 2000, p.167.

²⁶⁶ Cf. RAMOS, F. F. *Espiritualidad Biblica...*, p.222.

²⁶⁷ Cf. RAMOS, F. F. *Espiritualidad Biblica...*, p.241.

²⁶⁸ Cf. MONDONI, D. *Teologia da Espiritualidade...*, p.169.

²⁶⁹ Cf. PLUS, R. *Deus em nós...*, p.103.

²⁷⁰ Cf. RAMOS, F. F. *Espiritualidad Biblica...*, p.422.

²⁷¹ VAZ, A. S. “O Discernimento Espiritual e a Bíblia” em Revista de Espiritualidade, *Congresso ou Discernimento Espiritual: acompanhe e seja acompanhado* Actas do Congresso (21-23 / 10/2026), Número 97-98, Janeiro-Junho 2017, pp.26-27.

²⁷² MOLTSMANN, J. *Un nuovo estilo de vida sobre la libertad, la alegria y el juego*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1981, pp.30-31.

verificação do amor do Pai. Assim, o cristão, nascido de Deus e filho do Pai, seja em seu ser e em suas ações uma imagem viva de seu Deus Pai, que é Deus-Amor²⁷³.

A espiritualidade cristã não é uma espiritualidade de poder, mas de amor, de fraqueza compartilhada²⁷⁴. Na verdade, o que Deus nos revela é resumido na afirmação de que Deus é amor. A fidelidade a esta verdade do amor de Deus manifestado em Cristo, especialmente em Cristo crucificado, exige de nós a santidade de vida. O amor cristão, tanto para com Deus e como para com o próximo, reside na união da fé com Jesus Cristo, é uma imitação do amor com que Jesus ama a Deus Pai e nos ama; um amor que é dom e graça do Espírito Santo que derrama o amor de Deus em nossos corações²⁷⁵. O amor cristão é um amor benevolente que deseja o bem do outro; não é amor possessivo, mas oblativo; dirige-se conjuntamente a Deus e ao próximo; é um amor sem limites como aquele que Jesus nos mostrou quando se entregou por nós²⁷⁶.

O ser humano é feito para amar e sem amor não pode viver (cf. CDSI 223). Por isso, quem se põe a caminho para praticar o bem, alcança a plenitude do amor (cf. LF 35); pois, «o amor cresce através do amor» (DCE 18). No nosso caminho, guia-nos e anima-nos a lei do amor (EV 79). A verdade que buscamos e que dá significado aos nossos passos, ilumina-nos quando somos tocados pelo amor (cf. LF 28). Cada dia da nossa caminhada é marcado pela presença de Deus, que guia os nossos passos (cf. MM 21). O amor de Deus impele-nos a agir para o bem de todos (cf. UUS 78).

O amor cristão faz parte da própria natureza comunitária do homem que não pode alcançar a sua realização pessoal a não ser no dom sincero de si mesmo aos outros. Ao chamar todos os homens à salvação, como uma participação de todos na comunhão de vida com ele, Cristo criou um novo laço de unidade entre os homens. Toda a humanidade está destinada a formar um só povo de Deus, a Igreja, que na solidariedade da esperança e do amor caminha para a salvação prometida. A esperança cristã aparece assim como um vínculo comunal e eclesial, enraizado no amor mútuo. O cristão só pode esperar pela sua própria salvação na esperança da salvação dos outros²⁷⁷.

²⁷³ Cf. PIKAZA, X. e SILANES, N. *Diccionario Teológico...*, p.1451.

²⁷⁴ Cf. DÍAZ, J. A. Estrada. *A espiritualidade dos leigos...*, p.50.

²⁷⁵ Cf. YANES, E. *En el Espíritu y la Verdad...*, pp.64-65.

²⁷⁶ Cf. YANES, E. *En el Espíritu y la Verdad...*, p.72.

²⁷⁷ Cf. ALFARO, J. *Esperanza Cristiana y Liberación del Hombre*. 2a ed.; Barcelona: Editorial Herder, 1975, p.120.

A Igreja não pode (não deve) ser pensada sem escatologia, isto é, sem esperança, sem futuro, sem significado, sem o Reino de Deus. O Reino de Deus é o significado da Igreja. A Igreja não tem significado se não estiver em referência absoluta ao Reino. O Reino é o significado, a orientação e o futuro da Igreja. O Reino de Deus é o propósito e o fim da Igreja. O fim da nossa fé e da nossa esperança não é a Igreja, mas o Reino. A Igreja é o lugar de esperança, da confiança e abandono em Deus²⁷⁸. A espera é a postura do cristão. Somos cidadãos do céu²⁷⁹.

A esperança cristã, fundada no imenso amor de Deus realizado em Cristo, surge da presença dinâmica do Espírito Santo no coração do crente. Só o Espírito sustenta a sua esperança em Cristo. Esta esperança em Cristo não pode enganar. Através do Espírito o crente recebe a comunhão da vida com Cristo ressuscitado, como antecipação da participação escatológica na sua glória. A esperança cristã é já o início e a antecipação da plenitude da vida que o crente receberá na ressurreição²⁸⁰. É Deus que fundamenta a esperança humana, quando lhe abre uma possibilidade de futuro. Deus é Deus da esperança²⁸¹. A morte e ressurreição de Cristo, o fundamento da esperança cristã, deram um novo significado à morte humana²⁸².

A esperança cristã é a aceitação antecipada da morte na entrega confiante de nós próprios ao Deus que ressuscita os mortos. É assim que o cristão, através de Cristo e com Cristo, supera a morte. Pois a entrega de si próprio a Deus na esperança é já a partir de agora comunhão de vida com o Cristo vivo, antecipação da vida definitiva com Ele. A morte vivida e realizada nesta entrega radical da esperança torna-se verdadeiramente um encontro com Deus em Cristo. Como Cristo recebeu o dom da sua glorificação na sua entrega de submissão e confiança ao amor do Pai, o cristão recebe a graça da ressurreição na sua entrega de esperança a Deus através de Cristo²⁸³.

O ser humano é um ser de esperança. A esperança é uma dimensão essencial da condição humana. Viver é ter esperança. A esperança construiu bem, serenamente e com sensatez a vida dos homens e dos povos. Viver na esperança não é o mesmo que viver em desespero ou desespero. A esperança é como a água que está sempre à procura

²⁷⁸ Cf. UGALDE, T. M. *Escatología Cristiana: Esperanza en tempos de desesperanza*. Donostia: Elizbarrukito Argitaldaria, 2009, pp.36-37.

²⁷⁹ Cf. UGALDE, T. M. *Escatología Cristiana...*, p.443.

²⁸⁰ Cf. ALFARO, J. *Esperanza Cristiana...*, p.39.

²⁸¹ Cf. CARVALHO, M. M. *A Consumação do Homem e do Mundo*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2002, p.98.

²⁸² Cf. ALFARO, J. *Esperanza Cristiana...*, p.47.

²⁸³ Cf. ALFARO, J. *Esperanza Cristiana...*, p.55.

de uma saída e, se os canais e rios não forem abertos, acaba por rebentar onde se encontra²⁸⁴. A desesperança desmorona a existência humana. A esperança é uma reconstrução humana. Trata-se de reconstruir a vida e a realidade. Acreditar em algo e não no nada: esperar em algo e não desesperar tem pretensões de totalidade: de globalidade. Ter esperança é esperar com confiança o cumprimento da Palavra de Deus. A esperança será um caminho de fé, bem como uma força para resistir à escuridão do destino. A existência, a história, a nossa vida só têm valor na medida em que está orientada para uma realidade que nos transcende. O sentido da vida é a relação que estabelecemos com o meu e o nosso futuro. O homem não pode não acreditar em algo e não pode deixar de ter esperança em algo cheio de significado; ou, como diz o ditado: enquanto há vida, há esperança. A esperança encoraja a vida humana²⁸⁵.

A nossa esperança baseia-se na sua existência total, na Sua vinda ao mundo, na sua morte e ressurreição, ou seja, em Deus que nos deu o Seu próprio Filho, o entregou à morte e o ressuscitou por nós. Deus é para nós o Deus da esperança²⁸⁶. A esperança cristã vive da salvação já iniciada, mas ainda não consumada. O Deus da esperança é o Deus da promessa²⁸⁷. O crente espera agora o que verá na realidade futura. Cristo é o fundamento da esperança porque com a sua morte e ressurreição antecipou o itinerário do homem para a esperança. Ele é o caminho para a esperança no caminho da Igreja peregrina²⁸⁸. A esperança contra toda a esperança aguarda o futuro de Deus na luta contra o pecado. Na atitude de esperança cristã, o homem vive a confiança na promessa do Deus que está para vir²⁸⁹.

A esperança é uma não aceitação positiva da finitude. O que se espera orienta a esperança do crente como caminho da Igreja peregrina. Por essa razão, a esperança é um modo de vida cristã²⁹⁰. A esperança cristã une todos os homens no mesmo destino de salvação, iniciada já agora no mundo para alcançar a sua plenitude na participação comum na glória de Cristo. O laço da mesma esperança, da esperança de todos para todos, alcança a sua perfeição no amor mútuo²⁹¹. A esperança é a felicidade do presente; é o que torna a vida boa e valiosa, pois na esperança os seres humanos encontram

²⁸⁴ Cf. UGALDE, T. M. *Escatología Cristiana...*, pp.106-107.

²⁸⁵ Cf. UGALDE, T. M. *Escatología Cristiana...*, p.126.

²⁸⁶ Cf. ALFARO, J. *Esperanza Cristiana...*, p.137.

²⁸⁷ Cf. CARVALHO, M. M. *A Consumação do Homem...*, pp.85-86.

²⁸⁸ Cf. CARVALHO, M. M. *A Consumação do Homem...*, pp.96-97.

²⁸⁹ Cf. ALFARO, J. *Esperanza Cristiana...*, p.168.

²⁹⁰ Cf. CARVALHO, M. M. *A Consumação do Homem...*, pp.94-95.

²⁹¹ Cf. ALFARO, J. *Esperanza Cristiana...*, p.204.

sentido em toda a sua viagem, nas suas alegrias e nas suas áreas escuras do mal, angústia e morte. A esperança atravessa a felicidade e a tristeza e vive com os olhos fixos na promessa de Deus, na qual encontra um fundamento para a fraqueza, miséria ou morte humana. O Senhor é a rocha sobre a qual se funda a existência de quem espera²⁹².

Estamos unidos na solidariedade da mesma esperança de todos para todos, porque esperamos no mesmo Cristo. A esperança cristã, no seu próprio aspeto de relação pessoal com Cristo, inclui a dimensão comunitária. A Igreja não pode confiar em si mesma, mas apenas na promessa infalível de Deus. Esta esperança é, acima de tudo, um fermento de renovação para a própria Igreja. A Igreja apresenta-se como uma comunidade em êxodo para o futuro de Deus. Assim, ao relativizar radicalmente todo o futuro concreto do homem no mundo, ele avisa-o da ilusão da sua autossuficiência e abre-o à esperança do futuro absoluto como a graça de Deus em Cristo²⁹³.

A esperança é a abertura “de” e “para” o possível. A esperança refere-se aos novos céus e à nova terra. A esperança é ativa porque nela caminhamos em direção à nossa realização²⁹⁴. A esperança é, pois, uma «peregrinação e missão»²⁹⁵.

A esperança tende sempre a ir para além daquilo que estamos a viver. O ser humano não permanece no que foi adquirido, mas vai sempre um passo mais além. A esperança encoraja-nos a continuar o nosso caminho porque somos peregrinos em busca da verdade, da felicidade e do ser. A esperança é uma humilde aceitação do nosso passado, especialmente dos nossos fracassos e das nossas áreas mais sombrias. O homem está por natureza aberto ao futuro, ele é esperança. Um ser que não tem esperança na vida, “não é um ser humano”. O ser humano está constitutivamente inclinado para o futuro. Esperar implica acreditar que existe uma resposta significativa para as grandes questões. A resposta não será uma ideia clara e distinta, mas uma confiança infinita que nos é dada de cima, uma confiança que nos faz perceber a luz no imenso oceano e na noite fechada da existência²⁹⁶.

A esperança cristã visa a futura salvação integral do homem, tal como iniciada antecipadamente na sua salvação integralmente humana no mundo²⁹⁷. Ter esperança é

²⁹² Cf. UGALDE, T. M. *Escatología Cristiana...*, p.112.

²⁹³ Cf. ALFARO, J. *Esperanza Cristiana...*, pp.121-122.

²⁹⁴ Cf. UGALDE, T. M. *Escatología Cristiana...*, pp.118-119.

²⁹⁵ CARVALHO, M. M. *A Consumo do Homem...*, p.118.

²⁹⁶ Cf. UGALDE, T. M. *Escatología Cristiana...*, p.124.

²⁹⁷ Cf. ALFARO, J. *Esperanza Cristiana...*, p.215.

pensar que nenhum momento de existência está fora do espaço de respiração de Deus. O tempo também é habitado por Deus: juventude ou velhice, saúde ou doença, alegria ou problemas e tristeza, tudo é graça, tudo encontra o seu “lugar” e o seu significado em Deus, numa viagem em direção a Deus, a plena realização da existência humana²⁹⁸.

Perseveramos «no nosso caminho rumo àquela cidade, cujo arquiteto e construtor é o próprio Deus, porque a esperança não engana» (LF 57). A esperança, uma esperança fidedigna, graças à qual podemos enfrentar o nosso tempo presente e vivê-lo com coragem e alegria, aponta-nos para uma meta da qual podemos estar seguros de que a cansaça do caminho terá uma recompensa: a nossa justificação (cf. SS 1). Assim a Igreja peregrina em esperança, rumo à meta da pátria celeste (cf. UR 3), onde o Senhor enxugará as lágrimas dos nossos olhos; não haverá mais morte, nem pranto, nem gritos, nem dor, porque as primeiras coisas passaram (cf. VC 27).

Deus é o fundamento da esperança (cf. SS 31). O seu amor sempre nos precede, acompanha e permanece conosco, não obstante o nosso pecado (cf. MM 5). Igreja, peregrina na história rumo à perfeição (cf. LF 22), espera um dia se encontrar com Deus. Por isso, permanece vigilante; pois, sabe que «aquele que espera, vigilante, o cumprimento das promessas de Cristo, é capaz de infundir também esperança nos seus irmãos e irmãs, frequentemente desanimados e pessimistas relativamente ao futuro. A sua esperança está fundada na promessa de Deus, contida na Palavra revelada: a história dos homens caminha para o novo céu e a nova terra. O Amor, que nos mantém unidos como irmãos, é o guia do nosso caminho na fé (cf. LF 38).

Contudo, «a vida cristã é essencialmente uma vida»²⁹⁹ de fé, esperança e amor. A cada passo da caminhada, procuramos «crescer na fé, esperança e amor, descobrindo o caminho da vida, no seguimento de Cristo, que conduz ao Pai e aos irmãos»³⁰⁰.

2.10. Os desafios da Igreja peregrina: ascese, vigilância e discernimento

O caminho na santidade vai-se vivendo através das vicissitudes, dificuldades, sofrimentos e perseguições que a Igreja enfrenta. Por isso, a Igreja é chamada a manter

²⁹⁸ Cf. UGALDE, T. M. *Escatología Cristiana...*, p.125.

²⁹⁹ MONDONI, D. *Teologia da Espiritualidade...*, p.81.

³⁰⁰ MONDONI, D. *Teologia da Espiritualidade...*, p.160.

firme a fidelidade ao seu Senhor³⁰¹. Neste caminho, muitas vezes, turbulento e cheio de obstáculos, precisamos aprender a escutar a voz do Senhor que diz: «Não temais!»³⁰² A peregrinação da Igreja é como uma viagem no mar tempestuoso, cujo barco está constantemente a ser agitado quer pelas ondas quer pelo vento fruto da tempestade. Não é uma viagem fácil; está sempre exposta aos riscos, como está escrito: «Sede sóbrios e estai vigilantes: o vosso inimigo, o Demónio, anda a vossa volta, como leão que ruge, procurando a quem devorar. Resisti-lhe firmes na fé» (1 Pd 5,8-9a).

Há em nós correntes que contrariam as que nos conduzem a Deus; quer venham de nós mesmos ou de alhures, seus efeitos nos fazem desviar da busca de Deus para nossas satisfações pessoais. Quer queiramos ou não, estamos divididos, havendo em nós dois espíritos: uma parte busca a Deus, e nisso encontra sua alegria; a outra é sempre desejosa de voltar-lhe as costas. Forças de santidade e de pecado são as duas correntes que continuamente nos envolvem e nos solicitam. Toda a submissão ao Espírito implica também combate contra a presença ativa do mal. A luta espiritual não termina simplesmente porque tomamos uma decisão. Sempre divididos por diferentes atrativos, jamais conseguimos fixar-nos num ato de adesão total. Nossa vida cristã envolve um combate permanente que é, ao mesmo tempo, a ação purificadora do amor de Deus e nossa recusa voluntária ao egoísmo³⁰³.

A vida é um combate. Sem luta não é possível viver. Lutar é condição de vida. Estas palavras verdadeiras para toda a gente, são-no dum modo especial para um cristão. Cristão que não luta, não vive. Sendo assim, a vida destes ou é luta de todo o instante ou não é nada, para não dizer que é rótulo somente. É dura, pesada e difícil; implica vigilância e resistência para vencer e dominar tudo o que poderia levar ao mal ou ao menos bom. Antes de vencer os outros, preciso de me vencer, bem convencido da certeza de ser eu o maior inimigo de mim mesmo. Nesta luta não há tréguas e ai daquele que depõe as armas. Custa, custa muito, mas nada de desânimos. Porém, Deus não faltará. Com a sua ajuda posso eu sempre contar. Quanto mais fraco me sentir – e mais temer o esforço – mais compreenderei a necessidade que tenho do socorro do Alto³⁰⁴.

³⁰¹ Cf. BATTAGLIA, V. “*A pedagogia da santidade na mensagem e na experiência de Fátima*” em BORGES DE PINHO, J. E. (Coor). *Santificados em Cristo...*, p.284.

³⁰² NOUWEN, H. et all. *Formação Espiritual...*, p.120.

³⁰³ Cf. MONDONI, D. *Teologia da Espiritualidade...*, p.91.

³⁰⁴ Cf. PLUS, R. *Deus em nós...*, p.48-49.

O termo “ascese” designa o exercício ou esforço que os cristãos devem fazer na luta contra tudo aquilo que, neles e fora deles, se opõe à realização do ideal da santidade³⁰⁵. A ascese cristã torna-se o que sempre deve ser: um esforço que nos faz assumir a cruz de Cristo³⁰⁶. A ascese é o esforço para dispor a nossa vida em conformidade com a fé; é um meio de serviço de domínio dos desejos desregulados do coração, a fim de sermos capazes de orientar a vida no amor³⁰⁷. A ascese é um meio que nos ajuda a retirar da nossa vida tudo o que a sobrecarrega, isto é, o que entrava a nossa vida espiritual e que constitui um obstáculo à santidade³⁰⁸. Sendo perfeição, é sempre perfeição cristã e supõe luta de aperfeiçoamento³⁰⁹.

Viver não é deixar-se levar; viver é vencer, e antes de mais nada vencer-se para triunfar com Cristo e reinar com Ele. A minha vida é vivida por dois. Por isso eu posso vencer e vencer-me e posso dizer: já não vivo, para viver Cristo em mim. Isto de Cristo viver comigo a minha vida, sendo uma verdade transformadora, nem sempre tem produzido o bem que era de esperar. São assim todas as verdades da fé: vividas a fundo dão muito bom fruto; vividas em superfície não dão nada e, o que é pior, cansam e enervam. Eu vivo por vontade de Deus. Resta que eu viva como Deus quer, para o que Deus quer se realize em mim e por mim³¹⁰.

Obstáculo ao crescimento da santidade é o pecado³¹¹, é a procura de nós mesmos. Ora, é à medida que nos desprendemos de nós que nos prendemos a Deus. «A prova de que amamos a Deus não é sonharmos, falarmos, emocionarmo-nos mesmo até às lágrimas; é, diariamente, na obediência, na resignação, na generosidade ativa, darmos-nos de maneira tal que represente o dom da vida, feito aos poucos ou aos pedaços»³¹². Sendo perfeição, é sempre perfeição cristã e supõe luta de aperfeiçoamento³¹³. Não resta dúvida de que este projeto de vida não é de fácil realização; tropeça em resistências e em obstáculos, em dificuldades individuais e comunitárias. Para superar esta tendência é necessário deixar-se encontrar por Deus e aceitar seu desígnio de salvação, obedecer-

³⁰⁵ Cf. MONDONI, D. *Teologia da Espiritualidade...*, p.147.

³⁰⁶ Cf. MONDONI, D. *Teologia da Espiritualidade...*, p.149

³⁰⁷ Cf. MONDONI, D. *Teologia da Espiritualidade...*, p.150.

³⁰⁸ Cf. SARAH, R. e DIAT, N. *A Força do silêncio...*, p.158.

³⁰⁹ Cf. SILVA, E. M. “«Vamos para o céu» – A santidade e a comunhão dos Santos” em BORGES DE PINHO, J. E. (Coor)... *Santificados em Cristo...*, p.302.

³¹⁰ Cf. PLUS, R. *Deus em nós...*, pp.62-63.

³¹¹ Cf. VAZ, A. S. “«O Senhor, nosso Deus, é Santo» (Sl 99,9): Um itinerário bíblico” em BORGES DE PINHO, J. E. (Coor)... *Santificados em Cristo...*, p.28.

³¹² COURTOIS, Gaston. *Aos Pés do Senhor...*, p.127.

³¹³ Cf. SILVA, E. M. “«Vamos para o céu..., p.302.

Lhe, bem como a influência estimulante da comunidade e o animador espiritual; a experiência de amor e construtivo³¹⁴.

A experiência cristã ensina a «distinguir qual é a vontade de Deus: o bom, o que é agradável a Ele, o perfeito» (Rm 12,2)³¹⁵. O discernimento é dom de Deus que nos faz agir segundo a sua vontade; é a sabedoria interior que dá a entender a ação de Deus no crente que ora³¹⁶. Os cristãos encontram este discernimento espiritual no Cristo ressuscitado que vem ao nosso encontro, por vezes como um estranho, no caminho da nossa vida. O nosso coração aquece quando somos capazes de discernir uma “presença” maior do que nós mesmos a agir na nossa vida³¹⁷. O discernimento é colocar tudo na balança do coração; é medir tudo para, de tudo, escolher o que agrada ao Senhor e excluir o resto. É peneirar tudo, para, de tudo, extrair o tesouro que conduz à santidade.

A vida humana é um caminho [...], uma viagem no mar da história, com frequência enevoadada e tempestuosa, uma viagem na qual perscrutamos (SS 49) incessantemente os desígnios de Deus para superarmos as forças do mal que continuam a nos tentar na caminhada. «É um caminho longo e complexo, e, para mais, encontra-se sob constante ameaça. Todavia, é preciso ter a coragem de enveredar por ele e, uma vez começada esta caminhada, é necessário ir até ao fim» (SRS 38), é necessário peregrinar «ao longo dos caminhos escarpados da vida» (DV 67).

A vida cristã é uma luta permanente. Requer-se força e coragem para resistir às tentações do demónio. Esta luta é magnífica porque nos permite cantar vitória todas as vezes que o Senhor triunfa na nossa vida (cf. GE 158). Peregrinando no meio das vicissitudes da história humana (cf. DH 12), esforçamo-nos por discernir nos acontecimentos, quais são os verdadeiros sinais da presença ou da vontade de Deus (cf. GS 11). Nesta constância de continuar a caminhar dia após dia, está a santidade da Igreja militante (cf. GE 7). O discernimento é um instrumento de luta para seguir melhor o Senhor (cf. GE 169). Condição essencial para avançar no discernimento é educar-se para a paciência de Deus e os seus tempos, que nunca são os nossos. Faz-se discernimento para reconhecer como podemos cumprir melhor a missão que nos foi confiada no Batismo (cf. GE 174), sendo, pois, «fiéis no nosso caminho» (SCa 97).

³¹⁴ Cf. FLORES, S. “*Itinerário Espiritual...*”, p.614.

³¹⁵ FLORES, S. de. “*Itinerário Espiritual...*”, p.615.

³¹⁶ Cf. ROCHA e MELO, L. *Se tu soubesses do dom de Deus...*, p.92.94.

³¹⁷ Cf. NOUWEN, H. et all. *Formação Espiritual...*, pp.91-92.

CAPÍTULO 3

ESPIRITUALIDADE LITÚRGICA

Neste capítulo, focar-se-á na espiritualidade litúrgica e sacramental da Igreja em peregrinação. De facto, a Igreja é a comunidade que peregrina na terra, louvando, bendizendo, adorando, glorificando e dando graças ao Senhor pelas maravilhas que operou em favor do seu povo. É, pois, eminentemente uma comunidade litúrgica que glorifica o Senhor ao mesmo tempo que caminha para a sua santificação. Nesta peregrinação, a Igreja vai celebrando os sacramentos e vivendo a espiritualidade dos mesmos, que não só é uma espiritualidade celebrada, como também vivida, isto é, testemunhada, colocada em prática, no dia-a-dia dos cristãos. Efetivamente, «toda a vida litúrgica gira à volta dos sacramentos» (SC 6). Na verdade, «a espiritualidade cristã alimenta-se, sobretudo, por uma constante vida sacramental, pois os Sacramentos são fonte e raiz inexaurível da graça de Deus necessária para amparar o fiel na sua peregrinação terrena» (EAm 29).

Os sacramentos estão ordenados à santificação dos homens, à edificação do Corpo de Cristo e, enfim, a prestar culto a Deus; como sinais, têm também a função de instruir. Não só supõem a fé, mas também a alimentam, fortificam e exprimem por meio de palavras e coisas, razão pela qual se chamam sacramentos da fé. Conferem a graça, cuja frutuosa recepção a celebração dos mesmos otimamente dispõe os fiéis, bem como a honrar a Deus do modo devido e a praticar a caridade (cf. SC 59). Veremos, pois, que toda a vida cristã é sacramental, isto é, brota dos Sacramentos (Eucaristia), fundamenta-se neles e orienta-se para os mesmos. Aqui, ninguém fica de fora: são todos os membros da comunidade eclesial chamados a percorrer o mesmo caminho, a viver a mesma fé, liturgia e sacramentos, por Cristo, com Cristo e em Cristo, segundo o mesmo Espírito, para a glorificação de Deus e para a santificação de toda a comunidade.

3.1. A Oração

Aquilo que Jesus fez, ordenou que também nós o fizéssemos. «Orai» - diz repetidas vezes - «rogai», «pedi», «em meu nome» (IGLH 3). E é nisto que assenta a dignidade da oração cristã: em participar da piedade mesma do Filho Unigénito para com o Pai e daquela oração que Ele, durante a sua vida na terra, expressou por palavras

e continua agora, sem interrupção, em toda a Igreja e em cada um dos seus membros, em nome e para salvação de todo o género humano (cf. IGLH 7). O exemplo e o preceito do Senhor e dos Apóstolos, de orar incessantemente, hão de considerar-se como um elemento que faz parte da mais íntima essência da própria Igreja (cf. IGLH 9). Por isso, a Igreja, seguindo fielmente esta recomendação, não cessa nunca de orar. Este preceito é cumprido, não apenas com a celebração da Eucaristia, mas também por outras formas (cf. IGLH 10). A liturgia é participação na oração de Cristo, dirigida ao Pai no Espírito Santo. Nela, toda a oração cristã encontra sua fonte e seu termo (cf. CIC 1073).

Mas, então, o que a oração? É a elevação da alma para Deus; é um grito da alma para Deus. Grito que é o resultado duma convicção profunda e íntima do poder de Deus e da nossa grande miséria e pobreza. Pode e deve se rezar, de facto, a toda a hora, em todo o lugar e em todas as idades. A oração é a grande válvula de segurança do coração humano feito para a grandeza, para a glória e para a felicidade. Reza-se a falar, a pensar, a amar, a sofrer, a trabalhar, a viver. Viver a vida tal como se nos apresenta é fazer a melhor das orações. Rezar é pôr a nossa alma em ligação com Deus, é conversar com Ele, é escutar o seu amor, é tentar conformar a nossa vontade com a vontade de Deus, é arranjar disposição para em tudo cumprir o que Deus manda³¹⁸.

De facto, a própria comunidade é a casa da oração e do culto, e a assembleia dos eleitos, é o templo mais do que nenhum outro adequado para acolher a grandeza e a dignidade de Deus, e nele o altar revela-se ser a reunião dos santos unidos na voz e na alma³¹⁹. É precisamente no centro, nessa comunhão com Deus, que descobrimos o chamamento para a vida em comunidade. Quanto mais me aproximo de Deus, mais perto estou de todos os meus irmãos e irmãs da família humana³²⁰. Assim, a peregrinação torna-se uma caminhada de oração. Em cada uma das suas etapas, a oração deverá animar a peregrinação e a Palavra de Deus será sua luz e guia, alimento e apoio. Para o peregrino, rezar e caminhar vão a par. Caminha-se rezando e reza-se caminhando. A peregrinação é uma caminhada orante, uma caminhada que sustém e intensifica o movimento da oração em direção a Deus³²¹. A vida de oração deve levar à transformação da pessoa. A oração deve ser fonte de amor e unidade para a comunidade cristã. A oração autêntica está enraizada no amor e faz crescer o amor. Se a oração é um

³¹⁸ Cf. PLUS, R. *Meditações para a Ação Católica*. 2ª Ed.; Lisboa: União Gráfica, 1952, pp.80-81.

³¹⁹ Cf. NEUNHEUSER, B. e outros. *A Liturgia: momento histórico da salvação*. São Paulo: Edições Paulinas, 1986, p.60.

³²⁰ Cf. NOUWEN, H. et all. *Formação Espiritual...*, p.148.

³²¹ Cf. CABECINHAS, C. «*A quem iremos?*» ..., p.194-195.

exercício de amizade com Deus, ela atinge a pessoa em todo o seu ser e em todas as manifestações da sua vida³²². Aliás, pelo próprio caminho de oração, o fiel alcança a força da graça indispensável para perseverar no bem (cf. EAm 29).

3.2. Notas de Espiritualidade litúrgica

A ação salvadora de Jesus Cristo foi uma ação no tempo, realizou-se na história. A Liturgia celebrada constitui o momento atual desta História da Salvação. Em Cristo, o tempo das gerações, da vida, dos anos, dos meses, das semanas e dos dias, transforma-se em tempo de graça, em tempo cairológico, em oportunidade de produzir frutos que permanecem para a eternidade. Será oportunidade de crescimento do bem, nas várias etapas da vida, dos anos, das semanas e dos dias. A celebração litúrgica, no entanto, é realizada no tempo por pessoas condicionadas pelo tempo. Nada se realiza a não ser no tempo³²³. É no tempo e no espaço que o Homem consegue direcionar a sua vida³²⁴.

A peregrinação é essencialmente um ato de culto: o peregrino caminha para o santuário para ir ao encontro de Deus, para estar na sua presença, prestando-lhe a homenagem da sua adoração e abrindo-lhe o seu coração³²⁵. A Igreja, portanto, se apresenta como o Povo em marcha, através do espaço e do tempo, em direção à glória. O Povo novo de Deus busca a nova pátria, a Jerusalém celeste, inserido, no entanto, na história presente. Ele se encontra no tempo intermediário entre a ascensão de Cristo e a sua segunda vinda na glória. Entretanto, o Povo caminha guiado pelo Espírito Santo: é um Povo peregrino, o Povo de Deus em marcha³²⁶. O tempo da Igreja é, pois, continuação do tempo de Cristo, não em razão de mera sucessão temporal³²⁷.

A liturgia coloca o homem em contato com a força do Espírito de Deus que enche a terra e age onde quer e como quer, de modo que aquele que se deixa conduzir por ele se faz instrumento da ação criadora, regeneradora e vivificante do mesmo Espírito. Nas celebrações litúrgicas o Espírito torna presente aquele que quis fazer-se

³²² Cf. YANES, E. *En el Espíritu y la Verdad...*, p.204.

³²³ Cf. BECKHÄUSER, A. *Os Fundamentos da Sagrada Liturgia*. Editora Vozes, 2004, pp.224-225.

³²⁴ Cf. BRÄNDLE, F. “*Los caminos del inmenso desierto y de la mar*” em *Revista de Espiritualidad*, 58. *Horizontes abiertos, caminos de libertad*. Madrid: Carmelitas Descalzos, 1999, pp.523.

³²⁵ Cf. CABECINHAS, C. «*A quem iremos?*» ..., p.201.

³²⁶ Cf. HACKMANN, G. L. B. *A Amada Igreja...* p.164.

³²⁷ Cf. NEUNHEUSER, B. e outros. *A Liturgia...*, p.110.

servo de todos para salvar a todos³²⁸. Este significado está presente em todo o tempo sagrado. O ano é um dos símbolos mais expressivos da vida humana. Por isso cada novo ano traz consigo um tempo novo e um novo cosmos³²⁹.

O ano litúrgico é, antes de tudo, uma epifania da bondade de Deus que irrompeu no tempo e no espaço da vida concreta dos homens, um sinal de salvação para aqueles que querem aceitar essa bondade divina e responder a ela com a conversão e a fé³³⁰. Portanto, os tempos litúrgicos são o marco da presença atual da salvação no aqui e agora da vida humana. Não são mera circunstância da apresentação dos acontecimentos da vida de Jesus aos olhos dos crentes, como exemplos morais a imitar ou convite a identificar-se com eles na vida³³¹. A santa Igreja celebra a memória sagrada da obra de salvação de Cristo, em dias determinados, ao longo do ano. Distribui todo o mistério de Cristo pelo correr do ano, da Incarnação e Nascimento à Ascensão, ao Pentecostes, à expectativa da feliz esperança e da vinda do Senhor. Com esta recordação dos mistérios da Redenção, a Igreja oferece aos fiéis as riquezas das obras e merecimentos do seu Senhor, a ponto de os tornar como que presentes a todo o tempo, para que os fiéis, em contacto com eles, se encham de graça (cf. SC 102).

A espiritualidade litúrgica dá-se de diversos modos e em diferentes níveis, já que celebramos o mistério de Cristo em ações sagradas diferentes, como são, por exemplo, a Liturgia das Horas, a Eucaristia, as celebrações da Palavra ou os sacramentos. Por outro lado, as celebrações se desenvolvem seguindo alguns ritmos cronológicos que abarcam o dia e o ano, a semana ou um período litúrgico mais longo. As horas do dia, o domingo, as solenidades e as festas, os tempos litúrgicos, que compreendem a sagrada lembrança que a Igreja faz do mistério de Cristo, são o marco simbólico necessário para a atualização do citado mistério³³².

O domingo recorda, no ritmo semanal do tempo, o dia da Ressurreição de Cristo. É a Páscoa da semana, na qual se celebra a vitória de Cristo sobre o pecado e a morte, o cumprimento n'Ele da primeira criação e o início da nova criação. É o dia da evocação adorante e grata do primeiro dia do mundo e, ao mesmo tempo, da prefiguração, vivida na esperança, do último dia, quando Cristo vier na glória e renovar todas as coisas (cf.

³²⁸ Cf. LÓPEZ MARTIN, J. *No Espírito e na Verdade I: Introdução antropológica à Liturgia*. Petrópolis: Editora Vozes, 1997, p.78.

³²⁹ Cf. LÓPEZ MARTIN, J. *No Espírito e na Verdade I...*, p.209.

³³⁰ Cf. LÓPEZ MARTIN, J. *No Espírito e na Verdade I...*, p.338.

³³¹ Cf. LÓPEZ MARTIN, J. *No Espírito e na Verdade I...*, p.225.

³³² Cf. LÓPEZ MARTIN, J. *No Espírito e na Verdade I...*, p.342.

DD 1). Nascendo da Ressurreição, ele sulca os tempos do homem, os meses, os anos, os séculos como uma seta lançada que os atravessa, orientando-os para a meta da segunda vinda de Cristo. O domingo prefigura o dia final, o da Parusia (cf. DD 75).

Assim, fica claro que «o dia do Senhor é também o dia da Igreja» (DD 35). E, com efeito – Povo peregrino que caminha para a casa do Pai – «domingo a domingo, a Igreja vai avançando para o último “dia do Senhor”, o domingo sem fim» (DD 37). E assim, dia do Senhor e dia da Igreja, o domingo torna-se também dia da fé e dia da esperança; pois, com fé viva, a comunidade cristã, ao celebrar o memorial de Cristo, ressuscitado e elevado ao céu, revigora a sua esperança na «vinda gloriosa de Jesus Cristo nosso Salvador» (DD 38).

O domingo é, assim, a alma dos outros dias, pois o cristão perfeito vive sempre no dia do Senhor, celebra sempre o domingo (cf. DD 83). O domingo é dia de oração, de comunhão, de alegria; é o anúncio de que o tempo, habitado por Aquele que é o Ressuscitado e o Senhor da história, não é o túmulo das nossas ilusões, mas o berço dum futuro sempre novo, a oportunidade que nos é dada de transformar os momentos fugazes desta vida em sementes de eternidade. E domingo a domingo, iluminada por Cristo, caminha para o domingo sem fim da Jerusalém celeste (cf. DD 84).

Com efeito, a Liturgia, pela qual, especialmente no sacrifício eucarístico, se opera o fruto da nossa Redenção, contribui, em sumo grau, para que os fiéis expressem na vida e manifestem aos outros o mistério de Cristo e a autêntica natureza da verdadeira Igreja que é, simultaneamente, humana e divina, visível e dotada de elementos invisíveis, empenhada na ação e dada à contemplação, presente no mundo e, todavia, peregrina, mas de forma que o que nela é humano se deve ordenar e subordinar ao divino, o visível ao invisível, a ação à contemplação, e o presente à cidade futura que buscamos. A Liturgia, ao mesmo tempo que edifica os que estão na Igreja em templo santo no Senhor, em morada de Deus no Espírito, até à medida da idade da plenitude de Cristo, robustece de modo admirável as suas energias para pregar Cristo e mostra a Igreja aos que estão fora, como sinal erguido entre as nações, para reunir à sua sombra os filhos de Deus dispersos, até que haja um só rebanho e um só pastor (cf. SC 2).

Pela Liturgia da terra participamos, saboreando-a já, na Liturgia celeste celebrada na cidade santa de Jerusalém, para a qual, como peregrinos nos dirigimos e onde Cristo está sentado à direita de Deus, ministro do santuário e do verdadeiro

tabernáculo (cf. SC 8). Contudo, a Liturgia é simultaneamente a meta para a qual se encaminha a ação da Igreja e a fonte de onde promana toda a sua força (cf. SC 10).

É, portanto, inegável que a liturgia sempre foi o fundamento de qualquer espiritualidade cristã porque a espiritualidade cristã baseia-se na vida sacramental, que impregna toda a vida da Igreja. Sem o sacramento (Cristo, Igreja, cristão) não há cristianismo. O cristão, que quer basear a sua vida espiritual na participação litúrgica, sente a necessidade de se apropriar daquilo que celebra na liturgia, para traduzi-lo depois em sua vida quotidiana. O cristão toma como mestra de espiritualidade a liturgia, ou melhor, a Igreja, que nas ações litúrgicas nos conduz a Cristo e ao seu mistério de salvação. Assim, a espiritualidade litúrgica evoca constantemente os diversos momentos da vida histórica de Jesus, único meio de penetrar no mistério do Cristo glorioso, que fez de sua Igreja o sacramento que comunica a salvação. Neste sentido, a espiritualidade litúrgica é bíblica, pois, Cristo se faz presente pela sua palavra; Ele mesmo é que fala quando se leem as Sagradas Escrituras na igreja. A Palavra de Deus anunciada, proclamada, ouvida, explicada, celebrada e vivida na liturgia, ecoa dentro de nós e suscita a resposta através dos cantos, da oração, das fórmulas de louvor, de ação de graças, de súplica e de intercessão³³³.

A espiritualidade litúrgica consiste, pois, numa atitude ou disponibilidade para celebrar de modo vivo e frutífero os grandes momentos sacramentais da vida cristã, em/por e com Cristo que, para nos redimir, compartilhou passo a passo, momento a momento, com a nossa vida terrena. Portanto, a espiritualidade litúrgica está centrada na pessoa e na obra de Cristo. A liturgia tem a função de revelar, anunciar e tornar presentes as ações salvíficas de Cristo. É, portanto, uma espiritualidade pascal, a qual constitui a base primária de toda espiritualidade cristã³³⁴.

A espiritualidade litúrgica assume toda a história humana, a vida dos indivíduos e das comunidades, interpreta-a religiosamente e a submete à dinâmica salvífica da Páscoa do Senhor. A espiritualidade litúrgica abarca na lembrança e na atualização, com a esperança do futuro toda a história da salvação que tem o seu centro na vida histórica de Jesus, sobretudo no mistério pascal de sua morte e ressurreição. O dinamismo pascal projeta nossas vidas para a perfeita consumação da obra redentora³³⁵.

³³³ Cf. LÓPEZ MARTIN, J. *No Espírito e na Verdade I...*, pp.340-342.

³³⁴ Cf. LÓPEZ MARTIN, J. *No Espírito e na Verdade I...*, pp.344-345.

³³⁵ Cf. LÓPEZ MARTIN, J. *No Espírito e na Verdade I...*, p.347.

Na verdade, a Comunidade cristã tem a sua origem no Mistério Pascal de Cristo morto, ressuscitado, elevado ao céu, e no dom do Espírito que sobre ela desce no Pentecostes³³⁶. A Igreja, convocada na alegria da Páscoa, anuncia o Reino de forma concreta e experiencial, visto que foi realizado e antecipado no Jesus glorificado quem se faz presente nela. Com e no Espírito, recebemos o depósito da nossa herança, o sabor e a alegria da vida e da glória próprios da era vindoura. A alegria da fé é vivida na esperança e na expectativa³³⁷. Assim, embora sejamos ainda estrangeiros e peregrinos neste mundo, pela fé participamos já da plenitude da vida ressuscitada (cf. SCa 30).

No Advento, a Igreja peregrina espera com fé a vinda do Salvador; no Natal, vive com alegria a vinda do Jesus, que veio para nos redimir; na Quaresma, acolhe e vive o convite do perdão e da fé no Evangelho, isto é, de como, onde e para onde é que devemos andar; na Páscoa a Igreja encontra a fonte, o centro e o fim da sua peregrinação, que não é outra senão a realização da verdadeira passagem da condição de pecado para a liberdade e salvação eternas, onde, gratos e jubilosos, cantamos e cantaremos eternamente as misericórdias do Senhor que nos salvou; e, por fim, no Tempo Comum, a Igreja, fermento do Reino, germina, cresce e frutifica, isto é, peregrina ao encontro do Senhor, Rei do Universo, transformando o mundo num verdadeiro “jardim” através da assimilação de tudo quanto Deus fez por ela, a fim de merecer tomar parte no seu Reino eterno.

Ele abriu-nos o caminho da salvação³³⁸, deu-nos a esperança de irmos um dia ao seu encontro³³⁹ e chama-nos para tomar parte na sua vida gloriosa³⁴⁰, vivendo na esperança da Páscoa eterna³⁴¹, na esperança do domingo que não tem ocaso, para vermos o rosto do Pai³⁴². Por isso, peregrinos dessa cidade santa, para ela caminhamos na fé e na alegria, com o exemplo e auxílio dos Santos³⁴³ e, sobretudo, com a intercessão da Virgem Maria, sinal de consolação e de esperança para nós peregrinos³⁴⁴,

³³⁶ Cf. GANHÃO, J. “*Felizes os convidados para a Ceia do Senhor: A Eucaristia como fonte de comunhão*” em BORGES DE PINHO, J. E. (Coor). *Santificados em Cristo...*, p.211.

³³⁷ Cf. FUENTE, E. B. *Eclesiología*. Madrid: BAC, 1998, p.316.

³³⁸ Cf. *Prefácio III dos Domingos do Tempo Comum*.

³³⁹ Cf. *Prefácio da Ascensão I*.

³⁴⁰ Cf. *Prefácio dos Defuntos V*.

³⁴¹ Cf. *Prefácio dos Domingos do Tempo Comum VI*.

³⁴² Cf. *Prefácio dos Domingos do Tempo Comum X*.

³⁴³ Cf. *Prefácio de Todos dos Santos*.

³⁴⁴ Cf. *Prefácio da Assunção da Virgem Santa Maria*.

a fim de glorificarmos eternamente o nome do Senhor³⁴⁵. Assim, na nossa peregrinação, tudo é «para a glória de Deus e para a nossa santificação» (SC 10).

3.2.1. Espiritualidade mariana

A plenitude dos tempos assinala o início arcano da peregrinação da Igreja (cf. RMa 1), que caminha no tempo para o encontro com o Senhor que vem. Mas, nesta caminhada, a Igreja procede seguindo as pegadas do itinerário percorrido pela Virgem Maria, a qual avançou na peregrinação da fé, mantendo fielmente a união com o seu Filho até à Cruz (cf. RMa 2). Tudo isto se realiza numa caminhada, numa peregrinação da fé a exemplo da Virgem Maria. Pois, a sua excepcional peregrinação da fé representa um ponto de referência constante para a Igreja (cf. RMa 6). Ela brilha como modelo de virtudes sobre toda a comunidade dos eleitos. A peregrinação da fé é algo no qual Maria resplandece como modelo (cf. RMa 6).

É ao longo desta caminhada-peregrinação eclesial, através do espaço e do tempo, que Maria está presente, como aquela que é “feliz porque acreditou”, como aquela que avançava na peregrinação da fé, participando como nenhuma outra criatura no mistério de Cristo (RMa 25). Por isso, a peregrinação da Igreja através da história dos homens e dos povos (RMa 26), está permeada de virtudes, atitudes e influências marianas. Toda a vida é exemplificada em Maria e dela recebe apoio, assistência e iluminação³⁴⁶.

Na sua caminhada de fé, abandonando-se totalmente nas mãos de Deus, os cristãos têm por modelo a caminhada de fé de Maria (cf. RMa 26), que realizou a peregrinação da fé seguindo o seu Filho (LF 58). Por isso, como povo peregrino, povo da vida e pela vida, enquanto caminhamos confiantes para um novo céu e uma nova terra, voltamos o olhar para aquela que é para nós sinal de esperança segura e consolação (cf. EV 105). Ela cuida, com amor materno, dos irmãos de seu Filho que, entre perigos e angústias, caminham ainda na terra, até chegarem à Pátria bem-aventurada (LG 62). Portanto, ela brilha como sinal de esperança segura e de consolação para o Povo de Deus ainda peregrinante, até que chegue o dia do Senhor (cf. LG 68). Nos aponta a nós, peregrinos no tempo, aquela meta escatológica que o sacramento da Eucaristia desde já nos faz saborear (cf. SCa 33).

³⁴⁵ Cf. *Prefácio de Todos os Santos*.

³⁴⁶ Cf. AMATO, A. *María y la Trinidad: Espiritualidad mariana y existencia cristiana*. Salamanca: Secretariado Trinitario, 1999, p.145.

A espiritualidade mariana é, portanto, seguindo os passos de Maria, fazemos em nós o que Jesus nos diz³⁴⁷; ela é, antes de tudo, viver, como Maria e com a ajuda de Maria, esta realidade de amor filial em Deus, nosso Pai³⁴⁸.

3.2.2. O exemplo dos Santos na vida da Igreja

Dentro desta abordagem, queremos terminar com o nosso olhar para os santos, «espelhos da graça divina no mundo»³⁴⁹. Tendo seguido fielmente a Cristo, são motivo de entusiasmo para nós, na busca da cidade futura (cf. LG 50). Eles são «o testemunho mais esplêndido da dignidade conferida ao discípulo de Cristo» (CL 16), são modelos de santidade e testemunhos de virtudes heroicas vividos nas condições comuns e ordinárias da existência humana (cf. CL 17); são os que continuaram a caminhar e agradaram ao Senhor. E, por isso, incitam a não nos deter no caminho, nos estimulam a continuar a correr para a meta (cf. GE 3).

Enfim, os Santos são as grandes testemunhas dos gloriosos frutos de salvação. Pelo seu testemunho, Deus Santíssimo aumenta e fortalece sempre a Igreja e nos dá provas evidentes do Seu amor. Na sua assembleia, a Santíssima Trindade é glorificada. Na sua vida nós temos um exemplo e na sua intercessão um auxílio, e na comunhão com eles formamos uma família. O exemplo dos Santos nos estimula e a sua intercessão nos ajuda. Assim, confirmados por tão grandes testemunhas, esperamos ansiosamente vencer o bom combate da fé e receber com eles a eterna coroa de glória³⁵⁰.

Portanto, quando a Igreja, no ciclo anual, faz memória dos santos, «proclama o mistério pascal» realizado naqueles homens e mulheres que «sofreram com Cristo e com Ele foram glorificados, propõe aos fiéis os seus exemplos, que a todos atraem ao Pai por Cristo, e implora, pelos seus méritos, os benefícios de Deus» (CIC 1173), cujo fruto é tomar parte na assembleia dos Santos, eternamente configurados com Cristo, para cantar eternamente os louvores do Pai, numa só voz, segundo o Espírito Santo.

³⁴⁷ Cf. AMATO, A. *María y la Trinidad...*, pp.156-157.

³⁴⁸ Cf. AMATO, A. *María y la Trinidad...*, p.150.

³⁴⁹ BINGEMER, M. C. L. “Santidade e transformação humanizadora do mundo” em BORGES DE PINHO, J. E. (Coord.). *Santificados em Cristo...* p.166.

³⁵⁰ Cf. *Prefácio dos Santos I, II*.

3.3. Espiritualidade batismal

A vida de fé, que começa com o Batismo, é desenvolvida, reforçada e aperfeiçoada na Igreja por meio da celebração e da participação nos sacramentos³⁵¹. A espiritualidade batismal constitui a base e o ponto de partida de toda espiritualidade cristã, pois significa e realiza o nascimento espiritual do cristão para a vida da graça. O Batismo é o sacramento da iniciação cristã, porque nele se inicia o processo de nossa vida cristã, que deve desenvolver-se progressivamente até atingir a idade perfeita de acordo com a medida de nossa predestinação particular em Cristo³⁵². Por isso, a missão da Igreja não se limita a batizar todos os homens, mas também fazer com que as exigências do Batismo permeiem toda a existência. É que a própria vocação cristã é universal e conduz-se progressivamente a uma vida perfeita³⁵³.

O cristão nasce no Batismo que o insere em Cristo crucificado e o torna filho de Deus e membro da Igreja. O Batismo, essencialmente obra de Deus, não age de maneira mágica; pressupõe a fé e a conversão e exige um caminho de vida nova. Realmente, a condição do batizado é paradoxal: coincidem nele a posse dos bens messiânicos, sobretudo o grande dom do Espírito, e, ao mesmo tempo, a figura fugaz deste mundo com suas limitações, seus condicionamentos, suas fraquezas e pecados. O cristão tem que seguir Cristo, autor da vida, em correspondência com a união com Ele realizada pelo Batismo. Pois, com este, certamente nos foram dadas garantias de que algum dia possuiremos os bens futuros; porém não os temos ainda. Falta-nos o corpo da ressurreição, isto é, ainda não fomos conformados com a imagem do Cristo celestial. Assim, pois, somente quando Cristo de novo vier é que o batizado terá a redenção completa, a posse de facto e sem restrições dos bens da salvação. Por muito grande e profunda que seja, a salvação presente permanece pálida diante do esplendor da glória futura; mas, embora seja no sofrimento, o cristão anseia a perfeita filiação divina³⁵⁴.

Toda a vida do cristão é uma união de vida com Cristo, visto que todo aquele que foi batizado foi revestido de Cristo, está crucificado e morto com Cristo, sepultado e ressuscitado com ele para uma nova vida. Assim, não é mais ele que vive, é Cristo que vive nele. Esta vida de Cristo deve continuar a crescer por meio de uma conduta moral

³⁵¹ Cf. AMATO, A. *María y la Trinidad...* p.152.

³⁵² Cf. MARIN, A. R. *Espiritualidad de los Seglares*. BAC; 1967, p.162.

³⁵³ Cf. ORLANDIS, J. *La vocación cristiana del hombre de hoy*. Patmos-Libros de Espiritualidad 91. Madrid: Ediciones Rialp, S. A., 1959, p.78.

³⁵⁴ Cf. FLORES, S. "*Itinerário Espiritual...*", pp.607-608.

digna da vocação para a qual o cristão foi chamado³⁵⁵; pois ela exige crescimento contínuo até alcançar a perfeição, à medida da plenitude de Cristo, Imagem perfeita do Pai³⁵⁶.

Pelo Batismo, o homem adquire a condição de cristão fiel, membro da Igreja e torna-se participante na função sacerdotal, profética e régia de Cristo. No Batismo funda-se a igualdade radical de todos os fiéis, a dignidade comum, o apelo comum à santidade e a corresponsabilidade na edificação do Corpo de Cristo, segundo a sua própria condição e ofício. O Batismo é a porta para os outros sacramentos, em virtude dos quais o batizado está habilitado para o culto da religião cristã. O Batismo, em suma, é a origem e o fundamento de todos os direitos e deveres fundamentais dos fiéis³⁵⁷.

O cristão conforme o plano divino, tem que tender a reproduzir em si mesmo a imagem de Cristo mediante a participação progressiva em sua vida ressuscitada. Na verdade, o cristão jamais é alguém que já atingiu a meta, mas, em sua corrida para a frente, em sua caminhada para a perfeição, aspira alcançar, pela virtude do Espírito Santo, a estatura perfeita de Cristo. Ele não pode fossilizar-se porque em sua etapa intermediária se vê pressionado, tanto pelo passado quanto pelo futuro, a caminhar e a crescer. Sobre seus ombros está o germe da vida recebido no Batismo de regeneração, que deve desenrolar-se em autêntica existência filial até alcançar a meta da glória³⁵⁸.

Viver em Cristo implica um novo modo de existir que é obra do Espírito (cf. EO 36). Cada um dos batizados é um sujeito ativo (cf. EG 120) que caminha numa vida nova (cf. RD 7). Morto para o pecado, o batizado recebe a vida nova: vivendo para Deus em Jesus Cristo, é chamado a caminhar segundo o Espírito e a manifestar na vida os seus frutos (cf. VS 21). No Batismo, todos os cristãos receberam o chamamento à santidade (cf. EO 43). Uma só coisa, pois, nos é mister: permanecer sempre enraizados em Cristo. Desta maneira, a vida que n'Ele circula, penetra em nós³⁵⁹.

O Batismo é o sacramento de identidade cristã, é o primeiro de todos os sacramentos³⁶⁰. Para a fé cristã, o batizado é um sujeito radicalmente novo: só tem de

³⁵⁵ Cf. DIZ, J. A. *A graça de Cristo*. Madrid: BAC, 1993, p.275.

³⁵⁶ Cf. MARIN, A. R. *Jesus Cristo e a vida cristã*. Madrid: BAC, 1961, p.455.

³⁵⁷ Cf. RINCÓN-PÉREZ. *A liturgia e os sacramentos na lei da igreja*. Pamplona: Editions University of Navarra, 1998, p.111.

³⁵⁸ Cf. FLORES, S. de. *Itinerário Espiritual...*, p.609.

³⁵⁹ Cf. PLUS, R. *Deus em nós...*, p.65.

³⁶⁰ Cf. SESBOUÉ, B. *Pensar e viver a fé no Terceiro Milênio: Tratar aos homens e mulheres do nosso tempo*. Coimbra: Gráfico de Coimbra, 1999, p.579.

abrir-se a essa plenitude e facultar o crescimento, colaborando com a ação do Espírito dentro dele. A consciência da nossa elevada dignidade e da nossa santidade real tem de ter consequências no relacionamento com as pessoas batizadas: lidamos com santos, que são santuário do Espírito de Deus. Para nós, não há gente sem importância. Os cristãos com quem lidamos são ungidos de Deus. E os não-cristãos são imagem de Deus criador³⁶¹. O Espírito, que foi dado como penhor nos corações dos cristãos, continua a agir neles. É o Espírito que ora nos fiéis com gemidos inefáveis³⁶². A vida animada pelo Espírito abre-se para o desejo de estabelecer-se definitivamente com o Senhor. O objetivo é permanecer puro e irrepreensível até ao dia de Cristo³⁶³.

Ainda peregrinos na terra, seguindo as Suas pegadas na tribulação e na perseguição, associamo-nos aos seus sofrimentos como o corpo à cabeça, sofrendo com Ele, para com Ele sermos glorificados (cf. LG 7). Regenerada pelo Batismo para a vida dos filhos de Deus (cf. CL 10), a Igreja é esta comunhão fraterna dos batizados entre si, em Cristo Jesus e com o Pai, sob a ação permanente do Espírito Santo³⁶⁴. Peregrinos na terra, caminhamos para a plena glorificação com Cristo, por um lado, renunciando sempre à Satanás e a todo o mal e, por outro lado, professando a nossa fé, desde àquele dia em que fomos batizados até ao dia da plena consumação do nosso Batismo.

3.4. Espiritualidade da Confirmação ou Crisma

Os batizados prosseguem o itinerário da iniciação cristã pelo sacramento da Confirmação. Por ele recebem a efusão do Espírito Santo que, no dia do Pentecostes, o Senhor enviou sobre os Apóstolos. Pelo Espírito Santo que lhes é dado, os fiéis são mais perfeitamente configurados com Cristo, e são fortalecidos pela sua virtude para darem testemunho de Cristo em ordem à edificação do seu corpo na fé e no amor³⁶⁵.

A Confirmação proporciona crescimento e aprofundamento da graça batismal: Unidos mais perfeitamente a Cristo pela Confirmação, os fiéis devem, em tudo, viver

³⁶¹ Cf. VAZ, A. S. “«O Senhor, nosso Deus, é Santo» (Sl 99,9): *Um itinerário bíblico*” em BORGES DE PINHO, J. E. (Coor). *Santificados em...*, pp.27-28.

³⁶² Cf. TREVIJANO, R. *Estudios Paulinos*. Salamanca: Universidad Pontificia de Salamanca, 2002, p.311.

³⁶³ Cf. TREVIJANO, R. *Estudios Paulinos...*, p.479.

³⁶⁴ Cf. YANES, E. *En el Espiritu y la Verdad...*, p.25.

³⁶⁵ Cf. “*Preliminares Gerais da Iniciação Cristã, nº 1-2*” em Conferência Episcopal Portuguesa para os textos litúrgicos. *Missal Popular Dominical*. 7ªed.; Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2002, p.1426.

como Cristo, sendo esta a única e verdadeira vida da filiação divina; devem velar para que nunca se apartem de Cristo, de quem provém a sua vida; sempre e em toda a parte, devem frutificar os dons do Espírito Santo neles infusos; devem caminhar sempre na perfeição em comunhão com a Igreja; enfim, devem propagar e defender a sua fé, pela palavra e pela ação, como verdadeiras testemunhas de Cristo, confessando com valentia o nome de Cristo, sem nunca se envergonharem da cruz (cf. CIC 1303).

O Crismado é um cristão adulto na fé. Tem, portanto, a missão e a responsabilidade de santificar-se e santificar sempre, na Igreja e fora dela. Ele é testemunha de Cristo, portador do Espírito Santo e membro ativo da/na Igreja.

O caminho na santidade vai-se vivendo através das vicissitudes, dificuldades, sofrimentos e perseguições que a Igreja deve enfrentar no decurso da história, chamada a manter firme a fidelidade ao seu Senhor e Esposo Jesus Cristo, testemunhada de modo radical na experiência dos mártires que ainda hoje manifestam a missão da Igreja no mundo³⁶⁶. É na Igreja «onde são gerados aqueles que vivem do alto»³⁶⁷.

A Igreja prossegue a sua peregrinação no meio das perseguições do mundo e das consolações de Deus, anunciando a cruz e a morte do Senhor até que Ele venha. Mas é robustecida pela força do Senhor ressuscitado, de modo a vencer, pela paciência e pela caridade, as suas aflições e dificuldades tanto internas como externas (cf. LG 8). Ora, o crismado tem a consciência de que isto lhe diz respeito e exige-lhe responsabilidade. Ele é o soldado de Cristo que se lança no combate contra as forças do mal que agitam a humanidade, é o mensageiro de Cristo nos diversos espaços da sociedade humana.

A Igreja não cessa de lembrar aos seus filhos, homens e mulheres peregrinos nesta terra: «No vosso caminho, surgem dificuldades de todo o género (cf. AM 140), porém, tende coragem e confiai sempre no Senhor, pois é d'Ele que vem todo o vosso auxílio, toda a força de que precisais para continuardes a caminhar até à meta. Deixai ao cuidado d'Ele tudo o que vos pesa» (EO 3). Contudo, a santidade que Deus dá à sua Igreja, vem através do seu Filho, que se humilha para caminhar com o seu povo (cf. GE 118), dirigindo os seus passos no caminho da paz (cf. GE 121).

³⁶⁶ Cf. BATTAGLIA, V. “*A pedagogia da santidade na mensagem e na experiência de Fátima*”. em BORGES DE PINHO, J. E. (Coor). *Santificados em Cristo...*, p.284.

³⁶⁷ ALMEIDA, B. C. “*A Vida em abundância à luz do acontecimento de Jesus*” em BORGES DE PINHO, J. E. (Coor). *Eu vim para que tenham vida...* p.35.

Por conseguinte, é preciso perseverar no compromisso assumido no dia da Confirmação, o de construir, com Jesus, o Reino de amor, justiça e paz para todos; pois é este compromisso que leva à santidade (cf. GE 24). Para poder ser perfeito, o cristão necessita de andar em união com Cristo (cf. GE 51). A santificação do, então, crismado realiza-se, pois, no exercício responsável e generoso desta sua missão (cf. GE 26). Pelo que, se andamos à procura da santidade (cf. GE 95), convém não nos desviarmos deste «caminho de santificação» (GE 27), e muito menos insistir em seguir outro caminho (cf. GE 57). Pois, cada cristão, quanto mais se santifica, tanto mais fecundo se torna para o mundo (GE 33), deixando nele uma marca indelével (cf. GE 129).

Nós, crismados, «somos chamados a viver o caminho de iluminação espiritual» (GE 103), isto é, um caminho que fique iluminado pelos frutos do Espírito Santo que produzimos ao longo da nossa vida, transformando este mundo em verdadeiro pomar onde todos os homens e mulheres possam sentir o verdadeiro sabor da vida. É este «o estilo de vida a que o Senhor nos chama» (GE 110), um estilo que não é outro senão o que passar por este mundo fazendo o bem diante de Deus e de todos os Homens.

Entretanto, é indispensável permanecer centrado e firme em Deus que nos ama e sustenta, para podermos aguentar ou suportar as contrariedades e vicissitudes da vida e também as agressões dos outros, as suas infidelidades e defeitos (cf. GE 112). É preciso lutarmos e estarmos atentos às nossas inclinações agressivas e egocêntricas, para não deixar que ganhem raízes (cf. GE 114), ao longo do nosso caminho (cf. SCa 40).

Deste modo os cristãos são – uns aos outros – «um auxílio poderoso para um autêntico caminho de santidade. Ajudando a dominar e a corrigir as tendências da natureza humana ferida pelo pecado» (VC 38), o cristão torna-se mais seguro «no caminho que conduz à santidade» (VC 38).

3.5. A Eucaristia na vida da Igreja: notas de espiritualidade

A Igreja, isto é, todos os que fomos batizados e confirmados para constituir a santa convocação, forma com Cristo um só corpo em virtude do Batismo e da Confirmação. Lavada, ungida e adornada para o Esposo, foi associada ao culto verdadeiro como povo sacerdotal³⁶⁸. Assim, o coração da Igreja é o sacramento da

³⁶⁸ Cf. LÓPEZ MARTIN, J. *No Espírito e na Verdade I...*, p.364.

Eucaristia. A Eucaristia faz a Igreja, esta deixa-se santificar por aquela. Na Igreja, a Eucaristia é fonte e ponto culminante de toda a vida cristã porque é o sacramento que faz crescer e viver constantemente a Igreja. Portanto, a celebração eucarística revela o verdadeiro rosto da Igreja, a unidade do corpo místico de Cristo e do Povo de Deus. Na Igreja, a celebração eucarística é a plenitude da presença de Cristo no meio da humanidade³⁶⁹. É, pois, essencial para a espiritualidade cristã tirar a sua força vital da ação salvífica de Deus em Jesus Cristo, presente na Igreja e transmitida pela sua palavra e pelos sacramentos³⁷⁰.

Ao entregar à Igreja o seu sacrifício, Cristo quis também assumir o sacrifício espiritual da Igreja, chamada por sua vez a oferecer-se a si própria juntamente com o sacrifício de Cristo. Assim, pela participação no sacrifício eucarístico de Cristo, fonte e centro de toda a vida cristã, os fiéis oferecem a Deus a vítima divina e a si mesmos juntamente com ela (cf. EE 13). Com efeito, o sacrifício eucarístico torna presente não só o mistério da paixão e morte do Salvador, mas também o mistério da ressurreição, que dá ao sacrifício a sua coroação. Por estar vivo e ressuscitado é que Cristo pode tornar-Se pão da vida, pão vivo, na Eucaristia (cf. EE 14). O sacrifício eucarístico está particularmente orientado para a união íntima dos fiéis com Cristo através da comunhão (cf. EE 16). Ao participar no sacrifício da cruz, o cristão comunga do amor de doação de Cristo, ficando habilitado e comprometido a viver este mesmo amor em todas as suas atitudes e comportamentos de vida (cf. SCa 83). Anunciar a morte do Senhor até que Ele venha inclui, para os que participam na Eucaristia, o compromisso de transformarem a vida, de tal forma que esta se torne, de certo modo, toda eucarística (cf. EE 20). Aliás, o mistério eucarístico – sacrifício, presença, banquete – não permite reduções nem instrumentalizações; há de ser vivido na sua integridade (cf. EE 61).

Do mistério pascal nasce a Igreja. Por isso mesmo a Eucaristia, que é o sacramento por excelência do mistério pascal, está colocada no centro da vida eclesial (cf. EE 3). A Igreja vive de Jesus eucarístico, por Ele é nutrida, por Ele é iluminada (cf. EE 6). A Igreja vive da Eucaristia. Desde o Pentecostes, quando a Igreja, povo da nova aliança, iniciou a sua peregrinação para a Pátria celeste, este sacramento divino foi ritmando os seus dias, enchendo-os de consoladora esperança (cf. EE 1). A Igreja vive continuamente do sacrifício redentor e tem acesso a ele não só através duma lembrança

³⁶⁹ Cf. AMATO, A. *María y la Trinidad...* p.100.

³⁷⁰ Cf. GAMARRA, S. *Teología Espiritual*. Madrid: BAC, 1994, p.79.

cheia de fé, mas também com um contacto atual, porque este sacrifício volta a estar presente, perpetuando-se, sacramentalmente, em cada comunidade que o oferece pela mão do ministro consagrado (cf. EE 12).

A Igreja recebeu a Eucaristia de Cristo seu Senhor, não como um dom, embora precioso, entre muitos outros, mas como o dom por excelência porque dom d'Ele mesmo, da sua Pessoa na humanidade sagrada, e também da sua obra de salvação (cf. EE 11). A Eucaristia, presença salvífica de Jesus na comunidade dos fiéis e seu alimento espiritual, é o que de mais precioso pode ter a Igreja no seu caminho ao longo da história (cf. EE 9).

A celebração eucarística, na qual anunciamos a morte do Senhor e proclamamos a sua ressurreição enquanto aguardamos a sua vinda gloriosa, é penhor da glória futura, quando mesmo os nossos corpos serão glorificados. Sempre que descobrimos de novo a dimensão escatológica presente na Eucaristia, celebrada e adorada, somos apoiados no nosso caminho e confortados na esperança da glória (cf. SCa 32). A Eucaristia é tensão para a meta, antegozo da alegria plena prometida por Cristo; de certa forma, é antecipação do Paraíso, penhor da futura glória. A Eucaristia é celebrada na ardente expectativa de Alguém, ou seja, enquanto esperamos a vinda gloriosa de Jesus Cristo nosso Salvador (cf. EE 18). A Eucaristia é verdadeiramente um pedaço de céu que se abre sobre a terra; é um raio de glória da Jerusalém celeste, que atravessa as nuvens da nossa história e vem iluminar o nosso caminho (cf. EE 19).

Consequência significativa da tensão escatológica presente na Eucaristia é o estímulo que dá à nossa caminhada na história, lançando uma semente de ativa esperança na dedicação diária de cada um aos seus próprios deveres (cf. EE 20).

Enquanto durar a sua peregrinação aqui na terra, a Igreja é chamada a conservar e promover tanto a comunhão com a Trindade divina como a comunhão entre os fiéis. Para isso, possui a Palavra e os sacramentos, sobretudo a Eucaristia; desta vive e cresce, e ao mesmo tempo exprime-se nela. Daí que a Eucaristia se apresente como o sacramento culminante para levar à perfeição a comunhão com Deus Pai através da identificação com o seu Filho Unigénito por obra do Espírito Santo. Na Eucaristia, mais do que em qualquer outro sacramento, o mistério da comunhão é tão perfeito que conduz ao apogeu de todos os bens porque nela alcançamos Deus e Deus une-Se conosco pela união mais perfeita (cf. EE 34).

O caminho que a Igreja percorre é um caminho longo, cheio de obstáculos que superam a capacidade humana; mas temos a Eucaristia e, na sua presença, podemos ouvir no fundo do coração, como que dirigidas a nós, as mesmas palavras que ouviu o profeta Elias: «Levanta-te e come, porque ainda tens um caminho longo a percorrer» (1 Rs 19, 7). O tesouro eucarístico que o Senhor pôs à nossa disposição, incita-nos para a meta que é a sua plena partilha com todos os irmãos, aos quais estamos unidos pelo mesmo Batismo (cf. EE 61). Nela vemos o mundo renovado no amor. Nos sinais humildes do pão e do vinho transubstanciados no seu corpo e sangue, Cristo caminha connosco, como nossa força e nosso viático, e torna-nos testemunhas de esperança para todos. Nesta nossa peregrinação, é fundamental que «deixemos que o nosso espírito se abra também na esperança à contemplação da meta pela qual suspira o coração, sedento como é de alegria e de paz» (cf. EE 62).

Da Eucaristia corre sobre nós, como de sua fonte, a graça, e por meio dela conseguem os homens com total eficácia a santificação em Cristo e a glorificação de Deus, a que se ordenam, como a seu fim, todas as outras obras da Igreja (cf. SC 10). Para assegurar esta eficácia plena é necessário, porém, que os fiéis celebrem a Liturgia com retidão de espírito, unam a sua mente às palavras que pronunciam, cooperem com a graça de Deus, não aconteça de a receberem em vão (cf. SC 11).

A santificação do cristão realiza-se na regeneração batismal, é corroborada pelos sacramentos da Confirmação e da Reconciliação e alimentada pela Eucaristia, o bem mais precioso da Igreja, o sacramento pelo qual a Igreja é constantemente edificada como Povo de Deus, corpo de Cristo e templo do Espírito Santo (cf. PG 32).

No sacramento do altar, o Senhor vem ao encontro do homem, criado à imagem e semelhança de Deus, fazendo-Se seu companheiro de viagem. O Senhor Jesus, caminho, verdade e vida, dirige-Se ao coração anelante do homem que se sente peregrino e sedento, ao coração que suspira pela fonte da vida, ao coração mendigo da Verdade (cf. SCa 2). Se é certo que os sacramentos são uma realidade que pertence à Igreja peregrina no tempo rumo à plena manifestação da vitória de Cristo ressuscitado, é igualmente verdade que, sobretudo na liturgia eucarística, nos é dado saborear antecipadamente a consumação escatológica para a qual todo o homem e a criação inteira estão a caminho (cf. SCa 30).

A espiritualidade eucarística abraça a vida inteira (cf. SCa 77). Portanto, em cada ato da sua vida, o cristão é chamado a manifestar o verdadeiro culto a Deus; daqui toma forma a natureza intrinsecamente eucarística da vida cristã. Uma vez que abraça a realidade humana do crente em seu concretismo quotidiano, a Eucaristia torna possível dia após dia a progressiva transfiguração do homem, por graça chamado a ser conforme à imagem do Filho de Deus (cf. SCa 71). Guiada pelo Espírito Santo, a Igreja vive da Palavra e da Eucaristia, constrói-se como fraternidade e orienta-se, com ousadia, para a evangelização³⁷¹. A Eucaristia tem uma dimensão futura, enquanto alimento que prepara e conduz o cristão para a glória vindoura³⁷².

3.6. A Penitência na vida da Igreja: notas de espiritualidade

Enquanto o cristão aguarda pelo cumprimento da promessa e alimentado pela Eucaristia, Jesus Cristo deixou o sacramento da Penitência como meio de conseguir o perdão dos pecados e purificar-se, preparando-se para gozar as alegrias sem fim na futura casa do Pai³⁷³. Com humildade e contrição e, sobretudo, tocado e movido pelo Espírito que o chama à conversão, o cristão volta-se para o caminho da vida e prossegue a sua peregrinação. Por isso, a peregrinação só é possível neste caminho de Penitência.

É, pois, evidente que a peregrinação é nos apresentada como um caminho de conversão: caminhando para o Santuário, o peregrino faz um percurso que vai da tomada de consciência do seu pecado e dos laços que o prendem a coisas efêmeras e inúteis à libertação interior e à compreensão do significado profundo da vida³⁷⁴.

A vida humana é sagrada porque, desde a sua origem, supõe ação criadora de Deus (cf. EV 53). O crente sabe que a sua vida está nas mãos de Deus (cf. EV 46). Mas, a vida humana atravessa situações de grande fragilidade (cf. EV 44). No sacramento do Perdão, Deus mostra o caminho da conversão a Ele e convida a experimentar de novo a sua proximidade (MM 8). É por isso que os cristãos são convidados à purificação e renovação constantes para que o sinal de Cristo brilhe mais claramente no rosto da Igreja (cf. GS 43). Este Povo, durante a peregrinação terrena, ainda que sujeito ao pecado nos seus membros, cresce incessantemente em Cristo. É conduzido suavemente

³⁷¹ Cf. ESQUERDA BIFET, J. (Col.). *Teologia de la Evangelizacion...*, p.473.

³⁷² Cf. HACKMANN, G. L. B. *A Amada Igreja...*, p.79.

³⁷³ Cf. HACKMANN, G. L. B. *A Amada Igreja...*, p.81.

³⁷⁴ Cf. CABECINHAS, C. *«A quem iremos...»*, p.200.

por Deus, segundo os Seus misteriosos desígnios, até que chegue, alegre, à total plenitude da glória eterna na celeste Jerusalém (cf. UR 3).

A conversão neste mundo é uma meta nunca plenamente alcançada: no caminho que o discípulo é chamado a percorrer seguindo as pegadas de Cristo, aquela é um compromisso de toda a vida (cf. EAm 28). De facto, por espiritualidade entende-se um estilo e forma de vida conforme as exigências cristãs. Espiritualidade é vida em Cristo e no Espírito que se aceita na fé, se exprime no amor e, repleta de esperança, se traduz na vida quotidiana da comunidade eclesial. Neste sentido, por espiritualidade, que é a meta à qual conduz a conversão, entende-se, não uma parte da vida, mas a vida inteira guiada pelo Espírito Santo (cf. EAm 29).

A santidade é a meta do caminho de conversão, visto que esta não é fim por si própria, mas itinerário para Deus, que é santo (cf. EAm 30). Todos os católicos devem tender à perfeição cristã (cf. UR 4). Peregrinos no mundo, os cristãos empenham-se a viver a conversão, após cada queda (cf. RP 12). Neste caminho de conversão e busca da santidade, só quem se reconciliou com Deus, é protagonista de autêntica reconciliação com e entre os irmãos (cf. EAm 32). A Igreja é tanto mais ela mesma quanto mais realiza a obra de mediação e de reconciliação, no amor e no poder de Jesus Cristo, mediante o sacramento da penitência (cf. EO 41).

A conversão pessoal é o caminho necessário para a concórdia entre as pessoas (cf. RP 4). A Igreja é chamada a dar o exemplo da reconciliação, antes de mais no seu interior; e para isto, todos devemos esforçar-nos por apaziguar os ânimos, moderar as tensões, superar as divisões, sanar as feridas eventualmente infligidas entre irmãos, quando se agudiza o contraste entre opções no campo do opinável, e procurar de preferência estar unidos naquilo que é essencial para a fé e a vida cristã (cf. RP 9).

Todos os filhos da Igreja, chamados pelo Pai a escutar Cristo, não podem deixar de sentir uma profunda exigência de conversão e de santidade (cf. VC 35). É necessário, por conseguinte, suscitar em cada fiel um verdadeiro anseio de santidade, um forte desejo de conversão e renascimento pessoal num clima de oração cada vez mais intensa e de solidário acolhimento do próximo, especialmente do mais necessitado (cf. VC 38).

Comunidade reconciliada e reconciliadora, a Igreja não pode esquecer que na origem do seu dom e da sua missão de reconciliação se encontra a iniciativa, cheia de amor compassivo e de misericórdia, daquele Deus que é amor e que por amor criou os

homens (cf. RP 10). A missão reconciliadora é própria de toda a Igreja. Todos os cristãos estão unidos nesta cooperação para reconciliar o mundo com Deus (cf. RP 12).

A graça da reconciliação cristã, que flui do lado de Cristo, impele o cristão a estender e expandir as exigências do amor fraterno a todos os homens e mulheres. Assim, no sacramento da Penitência, a reconciliação torna-se sinal específico e determinado de uma graça que deve traduzir-se em exemplo e testemunho de vida, em manifestação eficaz da caridade que o Espírito derrama sobre a comunidade santa³⁷⁵.

Somos enviados a este mundo para sermos pessoas de reconciliação. Somos enviados para ensinar e curar, para derrubar os muros que dividem as pessoas por categorias de valor: Jovens, velhos, pretos, brancos; muçulmanos, judeus, católicos, protestantes; hindus, budistas... Para lá destas categorias que nos separam, há uma unidade maior, que é a humanidade. Fomos criados pelo mesmo Deus; do pó da terra Ele nos formou e, pelo seu sopro divino, Ele nos deu a vida. Da terra todos viemos, na terra todos vivemos e para a terra todos voltamos. Se nos amarmos uns aos outros, a nossa vida como homens e mulheres desta mãe terra, terá um sentido que rompe todas as barreiras e uma felicidade duradoura³⁷⁶. Por isso, nesta terra de peregrinação, a atitude do cristão não deve ser como a do fariseu, mas como a do publicano que “à distância nem sequer queria levantar os olhos para o céu, mas batia no seu peito, dizendo: «Deus, tenha misericórdia de mim, que sou pecador» (Lc 18,9-14).

3.7. Espiritualidade sacerdotal

As comunidades, desde o primeiro momento, tinham os seus responsáveis orientadores³⁷⁷. São os servos fiéis e prudentes, que o Senhor colocou a frente da sua família para lhe dar de comer enquanto durar o tempo da sua peregrinação (cf. Mt 24,45). Na verdade, desde a sua fundação, a Igreja não caminha sem quem a conduza. Cristo, Pastor eterno, nunca abandona o seu rebanho; sempre o conduz. Antes de subir ao céu, Ele confiou aos sacerdotes a missão de apascentar o seu rebanho nesta terra de pastagem verdejante até que o rebanho se sacie, isto é, até que Ele volte, a fim de aquele merecer entrar na Nova Terra, eternamente verdejante, cumulada de delícias eternas.

³⁷⁵ Cf. FLÓREZ, G. *Penitência y Unción de enfermos*. Madrid: BAC, 2005 p.281.

³⁷⁶ Cf. NOUWEN, H. e outros. *Formação Espiritual...* pp.160-161.

³⁷⁷ Cf. CARREIRA DAS NEVES, J. “*Testemunhos neotestamentários sobre os ministérios na Igreja*” em *Igreja e ministérios. Semana de Estudos Teológicos da UCP*. Lisboa: Rei dos Livros, 1995, p.47.

Enquanto aos sacerdotes cabe a missão de apascentar o rebanho de Cristo, ao rebanho cabe o dever de obediência à sua voz. Não pode nunca ser rebelde, nem surdo, mudo, cego, teimoso e nem transviado. Deve ser fiel, obediente, dócil, manso e humilde. «Se aos ministros ordenados se exige que sejam adultos no exercício fiel do seu serviço»³⁷⁸, aos demais cristãos se exige que sejam adultos na obediência aos ministros ordenados.

Antes de mais, importa referir que esta abordagem refere-se à espiritualidade sacerdotal (Papa, Bispos e Presbíteros). Não pretendo fazer uma abordagem hierárquica (pois não é esta a minha preocupação), mas pastoral, feita no seu conjunto, sem distinções, como pastores do rebanho de Deus em ordem à santificação de si e da Igreja.

Os sacerdotes representam a autoridade dentro da comunidade, são os responsáveis pelas comunidades. Como administradores da casa de Deus, devem estar particularmente vigilantes no seu ensino, para que a vida dessas comunidades esteja em conformidade com o Evangelho³⁷⁹. Aliás, segundo Ef 4,11-13, os sacerdotes foram constituídos «para o aperfeiçoamento dos cristãos, em ordem ao trabalho do ministério, para a edificação do Corpo de Cristo, até que cheguemos todos à unidade da fé e do conhecimento do Filho de Deus, ao estado de homem perfeito, à medida da estatura de Cristo na sua plenitude». Por seu lado, 1 Pd 5,2-4 diz:

«Apascentai o rebanho de Deus que vos foi confiado, velando por ele, não constringidos mas de boa vontade, segundo Deus, não por ganância mas por dedicação, nem como dominadores sobre aqueles que vos foram confiados mas tornando-vos modelos do rebanho. E quando aparecer o supremo Pastor, recebereis a coroa eterna de glória».

O sacerdote é ministro para «ensinar ao povo o mandamento do amor de Deus e a fazer-lhe saber o caminho em que deve andar e a obra que deve fazer» (cf. Ex 18,20). Se deixar o povo fazer o que bem entender (cf. Ex 32,25), este perde-se. Na verdade, o povo é como uma criança que nunca sabe em que caminho deve andar nem para onde deve ir. Ele precisa de ser segurado na mão, ser-lhe indicado o caminho e ser guiado, pois, por si só não vai a lugar nenhum senão ao da perdição.

Os sacerdotes devem ser irrepreensíveis, retos, santos; mestres de si mesmos e de um personagem que não seja raivoso nem arrogante. Eles devem ser capazes de

³⁷⁸ FORTE, B. *Sobre o Sacerdócio Ministerial: duas meditações teológicas*. Lisboa: Paulistas, 1993, p.36.

³⁷⁹ Cf. CUÉLLAR, M. P. *Teologia del Sacerdocio ministerial: Llamados a servir*. Madrid: BAC, 2016, pp.60-61.

administrar sua própria casa e, especialmente, não serem amantes da riqueza³⁸⁰. Sejam compassivos e misericordiosos para com todos. reconduzam ao bom caminho os errantes, visitem todos os enfermos, sem descuidar da viúva, o órfão ou o pobre; procurem fazer sempre o bem diante de Deus e dos homens abstendo-se de toda a ira, da aceção de pessoas, do juízo injusto e de toda a espécie de avareza; não acreditem facilmente no mal que se diz contra alguém, não julguem com excessiva severidade, tendo sempre presente que todos somos pecadores³⁸¹. Não podem “destruir” nem “pisar” a vinha do Senhor (cf. Jr 12,10); nem dispersar as ovelhas, nem as afugentar, nem descuidar delas (cf. Jr 23,1-2). Devem colocá-las no centro das suas atenções.

Os sacerdotes convivem fraternalmente com os restantes homens. O seu próprio ministério exige que vivam neste mundo entre os homens e, como bons pastores, conheçam as suas ovelhas e procurem trazer aquelas que não pertencem a este redil, para que também elas oiçam a voz de Cristo e haja um só rebanho e um só pastor. Para o conseguirem, muito importam as virtudes que justamente se apreciam no convívio humano, como são a bondade, a sinceridade, a fortaleza de alma e a constância, o cuidado assíduo da justiça, a delicadeza, e outras que o Apóstolo Paulo recomenda em Fl 4,8, quando diz: «Tudo quanto é verdadeiro, tudo quanto é puro, tudo quanto é justo, tudo quanto é santo, tudo quanto é amável, tudo quanto é de bom nome, toda a virtude, todo o louvor da disciplina, tudo isso pensai» (PO 3).

Conduzindo e apascentando o Povo de Deus, são incitados pela caridade do Bom Pastor a dar a sua vida pelas ovelhas, prontos para o supremo sacrifício. Sendo educadores na fé, dão mostras duma esperança firme perante os fiéis, a fim de poderem consolar aqueles que se encontram na angústia, com aquela exortação com que eles são exortados por Deus; chefes da comunidade, cultivam a ascese própria dos pastores de almas, renunciando às próprias comodidades, buscando não aquilo que lhes é útil a si, mas a muitos, para que se salvem, aperfeiçoando-se sempre cada vez mais no desempenho do seu múnus pastoral, dispostos a tentar novas vias, onde for necessário, guiados pelo Espírito de amor, que sopra onde quer (cf. PO 13).

Na linha da Igreja “sacramento”, o sacerdote ministro deve ser “expressão”, transparência, “sinal claro” de Cristo Sacerdote, Bom Pastor. A santificação sacerdotal é um processo de configuração com Cristo Sacerdote, Bom Pastor. É uma dinâmica

³⁸⁰ Cf. BROWN, R. E. *Las Iglesias que los Apóstoles nos Dejaron*. 3ªed.; Bilbao: Desclée, 1998, p.45.

³⁸¹ Cf. POLICARPO DE ESMIRNA. “*Carta aos Filipenses 6,1*” em CORDEIRO, J. L. (Org.)..., p.138.

exigida pela própria natureza do sacerdócio. É uma pertença a Cristo que envolve conhecimento, intimidade, imitação, sintonia com os sentimentos do Senhor no exercício dos sinais ministeriais. É como uma resposta experiencial aos desejos explícitos de Cristo: «Eu te dei um exemplo para que faças como eu» (Jo 13,15)³⁸².

A participação no mesmo sacerdócio de Cristo exige o mesmo destino e a participação dos mesmos ideais. Assim, então, a sua vida está também consagrada ao serviço das missões. A disponibilidade missionária se manifesta na comunhão e na vida de fraternidade entre os ministros. Esta fraternidade é um sinal especial de evangelização. Daí a conveniência de que os ministros enviem-se uns aos outros, dois a dois, ou três a três, à maneira dos discípulos de Cristo, para se ajudarem³⁸³.

Em virtude da sagrada ordenação comum e da missão comum, todos os sacerdotes se unem em fraternidade íntima, espiritual e material, pastoral e pessoal, nos encontros, na comunhão de vida, trabalho e caridade. Esta responsabilidade mútua entre os sacerdotes tem um ponto de referência teológico: o Bispo, como fundamento visível da unidade nas suas Igrejas particulares. Sem este referencial eficaz e afetivo, a fraternidade sacerdotal é impossível, como concretização da comunhão eclesial e como sinal coletivo de Cristo Sacerdote. Para realizar esta fraternidade e responsabilidade entre os sacerdotes, não se pode esquecer um aspeto essencial do ministério episcopal: a falta de preocupação com a santificação e o aperfeiçoamento dos sacerdotes. Neste duplo aspeto, com os sacerdotes e com o Bispo, é quando se põe em prática a realidade de uma família sacerdotal. Esta responsabilidade mútua na vida sacerdotal refere-se a todos os sacerdotes, diocesanos e religiosos³⁸⁴.

Antes de mais, o Sacerdote é ministro da Palavra de Deus, é consagrado e enviado a anunciar a todos o Evangelho do Reino, chamando cada homem à obediência da fé e conduzindo os crentes (cf. PDV 26) para Deus. O sacerdote é ministro da palavra do Senhor, da santificação e do progresso espiritual do Povo de Deus. Deve ser santo, porque tem de servir a Igreja como mestre, santificador e guia. Deve também amar profunda e intensamente a Igreja (cf. PG 13). Por isso, antes de ser transmissor da Palavra, o sacerdote deve ser ouvinte da Palavra. Deve de certo modo estar dentro da Palavra, para deixar-se guardar e nutrir dela como de um ventre materno (cf. PG 15).

³⁸² ESQUERDA BIFET, J (Col.). *Teología de la Espiritualidad...*, p.222.

³⁸³ Cf. ESQUERDA BIFET, J (Col.). *Teología de la Espiritualidad...*, p.262.

³⁸⁴ Cf. ESQUERDA BIFET, J (Col.). *Teología de la Espiritualidad...*, p.275.

A vocação sacerdotal é um apelo à intimidade e à amizade com Cristo. Pregar a palavra de Deus supõe tê-la assimilado pela contemplação, Não é pregar uma teoria, mas anunciar uma pessoa e um facto salvador presente. O carisma sacerdotal exorta-nos a estar em sintonia com os sentimentos sacerdotais de Cristo e a prolongar a sua oração. Santificar-se no mesmo exercício do ministério significa ter o mesmo espírito de Cristo e viver em “unidade de vida” com ele. A caridade de um bom pastor se expressa no diálogo com o Pai sobre seus interesses e os problemas dos homens. Esta experiência de oração é a garantia de poder exercer o serviço de presidir a oração da comunidade ou de conduzir as pessoas no caminho do diálogo com Deus. A ação ministerial visa que cada pessoa e cada comunidade entre em intimidade e configuração com Cristo³⁸⁵.

A vida do sacerdote deve estar centrada na pessoa de Cristo. A espiritualidade do sacerdote deriva de sua relação com a pessoa de Cristo e, portanto, com sua missão redentora³⁸⁶. O sacerdote é, pois, sinal de Cristo para cada homem e para cada época³⁸⁷.

A perfeição sacerdotal consiste na caridade pastoral. A caridade pastoral torna o ministério uma fonte de santificação, não de desgaste. O ministério é santificador para o próprio ministro quando ele exerce de maneira sincera e incansável o seu ministério no espírito de Cristo³⁸⁸. A vida e o ministério estão centrados no anúncio, na celebração e na comunicação do mistério de Cristo morto e ressuscitado. O sacerdote serve a Igreja local com sua abertura à comunhão e à missão universal³⁸⁹.

O sacerdote deve viver seu ministério como homem de Deus. Isso requer uma experiência intensa, pessoal e constante de Deus. Não pode deixar de ser um “perito” na experiência de Deus, que vive essa experiência intensamente e a exerce numa vida interior densa, expressa, confessada e testemunhada. A configuração da espiritualidade sacerdotal tem que ser feita com o que a cultura atual favorece e com o que ela se conecta bem, onde a força não está tanto nos argumentos bombásticos como numa fé que se narra como experiência própria, inculturada, dialogante, humilde e pascal³⁹⁰.

A missão específica do ministério sacerdotal é anunciar, com poder escatológico, Cristo salvador do mundo, em ordem a reunir a fraternidade cristã, a uni-la

³⁸⁵ Cf. ESQUERDA BIFET, J (Col.). *Teología de la Espiritualidad...*, p.274-275.

³⁸⁶ Cf. SÁNCHEZ, F. V. *No Meio do Mundo: Espiritualidade Secular do Padre Diocesano*. Madrid: Sociedade de Educação de Atenas, 1997, p.37.

³⁸⁷ Cf. ESQUERDA BIFET, J (Col.). *Teología de la Espiritualidad...*, p.256.

³⁸⁸ Cf. ESQUERDA BIFET, J (Col.). *Teología de la Espiritualidad...*, p.261.

³⁸⁹ Cf. ESQUERDA BIFET, J (Col.). *Teología de la Espiritualidad...*, p 345.

³⁹⁰ Cf. SÁNCHEZ, F. V. *No Meio do Mundo...* p.40.

ao sacrifício de Cristo e a conduzi-la por Cristo no Espírito a Deus Pai. O ministro sacerdotal deve, como pastor, promover a unidade e a catolicidade do rebanho que lhe foi confiado, inspirando-lhe o espírito do Evangelho e mantendo-se no campo que lhe é próprio, o qual foi dado a conhecer pelo Espírito Santo em Cristo. O ministro sacerdotal deve assim manifestar em toda a sua vida o princípio da identidade e da unidade da Igreja, que é Cristo Salvador de todos os homens, como Servo de Deus e Pastor³⁹¹.

O ministério não consiste só em convocar pela Palavra e congregar pelos sacramentos, mas também conduzir a comunidade³⁹². O sacerdote vive imerso na Igreja local, onde se concretiza a relação com o mundo. Seu testemunho dá à comunidade o fundamento de sua unidade³⁹³. O sacerdote é um homem para o povo pelo seu serviço na Igreja particular e para o povo de Deus. Defende o direito de ser povo de Deus. Ele é o homem da unidade pastoral, ligando cada comunidade ao conjunto dos batizados³⁹⁴.

De facto, a espiritualidade sacerdotal é caracterizada por um profundo amor pela Igreja. Assim como Cristo amou a Igreja e se doou por ela, o sacerdote procura doar-se pela Igreja, para o bem de todos. Este amor pela Igreja leva-o até ao martírio³⁹⁵. O sacerdote é chamado a ser imagem viva de Jesus Cristo, Esposo da Igreja. Portanto, ele é chamado, na sua vida espiritual, a reviver o amor de Cristo Esposo na sua relação com a Igreja Esposa (cf. PDV 22), para edificar a comunidade cristã por meio do seu exemplo (cf. AM 111). O princípio interior, que orienta e anima a sua vida espiritual, enquanto configurado a Cristo Cabeça e Pastor, é a caridade pastoral, participação da própria caridade pastoral de Cristo Jesus. O conteúdo essencial desta caridade é o dom de si, o total dom de si mesmo à Igreja, à imagem e com o sentido de partilha do dom de Cristo. A caridade pastoral é aquela virtude pela qual nós imitamos Cristo na entrega de si mesmo e no seu serviço. Assim como Cristo amou a sua Igreja e se entregou por ela, assim deve ser o sacerdote. O dom de si mesmo não tem fronteiras, porque é marcado pelo mesmo dinamismo apostólico e missionário de Cristo, Bom Pastor (cf. PDV 23).

O Espírito Santo, infundido pelo sacramento da ordem, é fonte de santidade e apelo à santificação, não só porque configura o sacerdote a Cristo na sua missão

³⁹¹ Cf. *O Sacerdócio Ministerial: Esboço dos temas a discutir na segunda Assembleia Geral. Sínodo dos Bispos*. Lisboa: s. e., 1971, p.16-18.

³⁹² Cf. CORDEIRO, J. M. *O Padre: Do mistério ao ministério*. Lisboa: Pedra Angular, 2009, p.129.

³⁹³ Cf. SÁNCHEZ, F. V. *No Meio do Mundo...*, p.65.

³⁹⁴ Cf. SÁNCHEZ, F. V. *No Meio do Mundo...*, p.88.

³⁹⁵ Cf. KAROTEMPREL, S. (Dir.). *Seguir a Cristo en la Misión: Manual de misionología*. 3ªed.; Estella: Editorial Verbo Divino, 1998. p.127.

profética, sacerdotal e régia, mas também porque anima e vivifica a sua existência quotidiana, enriquecendo-a com dons e exigências, com virtudes e impulsos, que se compendiam na caridade pastoral (PDV 26). A vocação sacerdotal é essencialmente uma chamada à santidade na forma que nasce do sacramento da Ordem. A santidade é intimidade com Deus, é imitação de Cristo; é amor à Igreja (PDV 33).

Um sacerdote sê-lo-á efetivamente «quando caminhar na presença do Senhor» (PG 13), em santidade e justiça diante do rebanho que lhe foi confiado. «Caminho este vivido evidentemente em união com o seu povo» (PG 13). O facto de todos serem chamados a tornar-se santos, não pode senão estimular ainda mais aqueles que, pela própria opção de vida que fizeram, têm a missão de o recordar aos outros (cf. VC 39).

Enfim, o sacerdote é chamado a animar e guiar a comunidade eclesial para o Pai, pelo Filho, no Espírito Santo (cf. PDV 26). Os fiéis esperam contemplar, no rosto do sacerdote: o rosto da pobreza, da mansidão e da paixão pela justiça; o rosto misericordioso do Pai e do homem pacífico e pacificador; o rosto da pureza de quem constante e unicamente contempla a Deus. Os fiéis hão de poder ver, no seu sacerdote, o rosto também daquele que continua a compaixão de Cristo pelos atribulados e às vezes, como sucedeu na história e acontece ainda hoje, o rosto cheio de fortaleza e alegria interior de quem é perseguido por causa da verdade do Evangelho (cf. PG 18).

3.8. Espiritualidade matrimonial

Embora na parte final se referenciem outras fontes, a espiritualidade matrimonial que vai ser tratada, a seguir, basear-se-á na *Familiaris Consortio* e *Amoris Laetitia* respetivamente, sublinhando, depois, a (des)continuidade desta em relação com àquela.

Para começar, o nosso primeiro foco recai sobre a função da família, núcleo em torno do qual gira a *Familiaris Consortio*. São, de facto, diversas as funções da família, nomeadamente: anunciar o Evangelho aos filhos (cf. FC 2); ajudar-se a si e aos filhos a discernir a própria vocação e a assumi-la (cf. FC 2); viver o projeto de Deus que lhes diz respeito (cf. CF 4); permanecer fiéis um ao outro para sempre, e obedecer à santa vontade do Senhor (cf. FC 20). Como se pode notar, a FC identifica a espiritualidade da família cristã com a sua função. É, pois, no exercício desta sua função que ela se

santifica e santifica. Adiante, podemos ver não só estas como também tantas outras funções da família.

Com efeito, os cônjuges e pais cristãos doam-se a si e aos filhos de igual modo, com igual dignidade e responsabilidade (cf. FC 25); e devem manter viva a consciência de que o matrimónio deve ser vivido com seriedade (cf. FC 33); ambos são cooperadores do amor de Deus Criador (cf. FC 28); e deverão ter uma atenção, estima profunda e cuidado terno pelas crianças (cf. FC 26); ambos são procriadores e educadores dos filhos no amor com amor e por amor; e irão generosamente ao encontro dos filhos das outras famílias, sustentando-os e amando-os não como estranhos, mas como membros da única família dos filhos de Deus (cf. FC 28.36-38.40-41).

A família é a célula primeira e vital da sociedade e é chamada a participar no desenvolvimento da sociedade (cf. FC 42-47). Mas antes, ela é chamada a participar na vida e missão da Igreja, na edificação da Igreja, da qual é membro (cf. FC 49). De facto, a família cristã é uma comunidade ao serviço do homem; é chamada a viver o seu «serviço» de amor a Deus e aos irmãos (cf. FC 63), ao serviço do homem e do mundo (cf. FC 64); ela deve viver o seu serviço à Igreja e ao mundo, no seu dia-a-dia, nas suas realidades quotidianas, no seio das suas luzes e sombras. A família cristã, nascida de um matrimónio que é imagem e participação da aliança de amor entre Cristo e a Igreja, manifestará a todos a presença viva do Salvador no mundo e a autêntica natureza da Igreja, quer por meio do amor dos esposos, quer pela sua generosa fecundidade, unidade e fidelidade, quer pela amável cooperação de todos os seus membros (cf. FC 50). Assim, a família é: comunidade crente e evangelizadora (acolhendo e anunciando a Palavra de Deus), comunidade em diálogo com Deus, comunidade ao serviço do homem (cf. FC 50-51). De facto, a família, como a Igreja, deve ser um lugar onde se transmite o Evangelho e donde o Evangelho irradia (cf. FC 52).

Sendo uma Igreja doméstica, a família é chamada a ser um sinal luminoso da presença de Cristo e do seu amor mesmo para os «afastados», para as famílias que ainda não creem e para aquelas que já não vivem em coerência com a fé recebida. «Missionários» do amor e da vida, as famílias têm também a missão de ser testemunhas de Cristo até aos confins do mundo (cf. FC 54).

Chamada a participar progressivamente na Eucaristia e a prolongar em casa o culto celebrado na Igreja (cf. FC 61), a família permanece em oração, numa oração feita

em comum, marido e mulher juntos, pais e filhos juntos (cf. FC 59); os pais educam os filhos para a oração, introduzem-nos na descoberta progressiva do mistério de Deus e no colóquio pessoal com Ele. Com exemplo vivo, os pais deixam marcas nos filhos que os acontecimentos futuros da vida não conseguirão fazer desaparecer (cf. FC 60).

Os deveres da família estão enquadrados dentro da própria função da família, pois aquilo que é apresentado como um dever, é, com efeito, uma função que a família deve exercer. Assim, os deveres da família podem resumir-se numa só frase: torna-se aquilo que ela é. Pois, a família que se torna naquilo que é, cumpre todos os deveres que lhe dizem respeito. Com efeito, a família só se torna aquilo que é na medida que cumpre a sua missão, o que ela pode e deve fazer. Nesta sua vocação, a família encontra, por assim dizer, a sua dignidade e a sua responsabilidade (cf. FC 17).

À família, comunidade de vida e de amor, é confiada a missão de guardar, revelar e comunicar o amor, qual reflexo vivo e participação real do amor de Deus pela humanidade e do amor de Cristo pela Igreja, sua esposa. Cada dever particular da família é a expressão e a atuação concreta de tal missão fundamental (cf. FC 17). Assim, partindo do amor e em permanente referência a ele, a exortação evidencia quatro deveres gerais da família: a formação de uma comunidade de pessoas, mediante o amor, princípio e força de comunhão; o serviço à vida; a participação no desenvolvimento da sociedade; a participação na vida e na missão da Igreja. Portanto, se o amor é a fundamental e originária vocação do ser humano, esta vocação realiza-se também através do Matrimónio (cf. FC 11). Na verdade, a família, fundada e vivificada pelo amor, é uma comunidade de pessoas: dos esposos, homem e mulher, dos pais e dos filhos, dos parentes. Como, sem o amor, a família não é uma comunidade de pessoas, assim, sem o amor, a família não pode viver, crescer e aperfeiçoar-se como comunidade de pessoas (cf. FC 18). Em virtude do pacto de amor conjugal, o homem e a mulher são chamados a crescer continuamente nesta comunhão (cf. FC 19).

Com efeito, a comunhão conjugal caracteriza-se não só pela unidade, mas também pela sua indissolubilidade, e constitui o fundamento sobre o qual se edifica a mais ampla comunhão da família: dos pais e dos filhos, dos irmãos e das irmãs entre si, dos parentes e de outros familiares. Todos os membros da família, cada um segundo o dom que lhe é peculiar, possuem a graça e a responsabilidade de construir, dia após dia, a comunhão de pessoas (cf. FC 21).

Os esposos são para a Igreja o chamamento permanente daquilo que aconteceu sobre a Cruz; são um para o outro, e para os filhos, testemunhas da salvação da qual o sacramento os faz participar, vivem um amor que perdoa e que “redime”. Com efeito, o amor conjugal dirige-se a uma unidade profundamente pessoal, aquela que, para além da união numa só carne, não conduz senão a um só coração e a uma só alma; ele exige a indissolubilidade e a fidelidade da doação recíproca definitiva e abre-se à fecundidade (cf. FC 13). Efetivamente, o amor conjugal não se esgota no interior do próprio casal, mas leva-o a cooperar com Deus no dom da vida a uma nova pessoa humana. Deste modo os cônjuges, enquanto se doam entre si, doam para além de si mesmo a realidade do filho, reflexo vivo do seu amor, sinal permanente da unidade conjugal e síntese viva e indissociável do ser pai e mãe (cf. FC 14).

Todos os cônjuges são chamados, segundo o plano de Deus, à santidade no matrimónio e é para ela que devem caminhar (cf. FC 34). Assim, chamada a santificar-se e a santificar a comunidade cristã e o mundo, a família cristã é uma comunidade que entra em permanente diálogo com Deus, fonte de toda a santidade. Na verdade, o santuário doméstico da Igreja encontra-se antes de mais no diálogo com Deus (cf. FC 55). De facto, o sacramento do matrimónio é a fonte própria e o meio original de santificação para os cônjuges. Dele – como dos outros sacramentos – deriva para os cônjuges o dom e a obrigação de viver no quotidiano a santificação recebida (cf. FC 56). Assim, a própria existência quotidiana dos cônjuges e da família – pais e filhos – se torna agradável a Deus (cf. FC 59).

Depois da preparação do noivado e da celebração sacramental do matrimónio, o casal inicia o caminho quotidiano para a progressiva atuação dos valores e dos deveres do próprio matrimónio. À luz da fé e em virtude da esperança, também a família cristã participa, em comunhão com a Igreja e com ajuda desta, na experiência de peregrinação na terra para a plena revelação e realização do Reino de Deus (cf. FC 65).

Por seu lado, a *Amoris Laetitia* – como a FC (cf. 19.21.50) – reitera a unidade do matrimónio: O Criador, desde o princípio, fê-los homem e mulher; por isso, o homem deixará o pai e a mãe, para se unir à sua mulher; e os dois serão uma só carne (cf. AL 9).

Como a FC (cf. 50-54.59-60.61), a AL diz que a família é uma comunidade que reza, que se reúne em casa, que abriga no seu interior a presença de Deus, a oração comum e, por conseguinte, a bênção do Senhor. Assim, o espaço vital duma família

podia transformar-se em igreja doméstica, em local da Eucaristia, da presença de Cristo sentado à mesma mesa (cf. AL 15). Na verdade, a família é uma igreja doméstica. E, enraizada em Cristo (cf. AL 67), ela é chamada a compartilhar a oração diária, a leitura da Palavra de Deus e a comunhão eucarística, para fazer crescer o amor e tornar-se cada vez mais um templo onde habita o Espírito (cf. AL 29). Sendo igreja doméstica, a família é também fermento de vida nova para a sociedade (cf. AL 292).

A FC (cf. 11.13.14.25-26.28), a AL afirma que «o matrimónio é, em primeiro lugar, uma íntima comunidade da vida e do amor conjugal, que constitui um bem para os próprios esposos; e a sexualidade ordena-se para o amor conjugal do homem e da mulher» (AL 80). O fim unitivo do matrimónio é um apelo constante a crescer e aprofundar este amor (AL 88). De facto, o filho não é uma dívida, mas uma dádiva, fruto do ato específico do amor conjugal de seus pais (cf. AL 81). Assim, «se a família é o santuário da vida, o lugar onde a vida é gerada e cuidada, constitui uma contradição lancinante fazer dela o lugar onde a vida é negada e destruída» (AL 83).

Na linha da Fc (cf. 25.28.37-30.33. 36-38.40-41), a AL afirma que o amor conjugal requer nos esposos uma consciência da sua missão de paternidade responsável (cf. AL 68), com igual dignidade (cf. AL 156), ambos têm a missão de educar os filhos (cf. AL 16-17). Na verdade, a força da família reside essencialmente na sua capacidade de amar e ensinar a amar (cf. AL 53). Os filhos são chamados a receber e praticar o mandamento «honra o teu pai e a tua mãe» (cf. AL 17). Como a FC (cf. 42-47.49-51.63-64), a AL sublinha que a família é a primeira escola dos valores humanos (AL 274), é o âmbito da socialização primária (cf. AL 276).

Paralelamente à FC (cf. 18.25-26.28. 36-38.40-41), a AL afirma que «os pais são cooperadores do amor de Deus criador» (AL 172) e este amor não se esgota no interior do próprio casal (cf. AL 165). Se os pais são como que os alicerces da casa, os filhos constituem as “pedras vivas” da família (AL 14), são uma bênção do Senhor; o fruto das entranhas, uma verdadeira dádiva (cf. AL 14). E acrescenta um elemento novo, dizendo que «uma sociedade sem mães seria uma sociedade desumana, porque as mães sabem testemunhar sempre, mesmo nos piores momentos, a ternura, a dedicação, a força moral» (AL 174).

A *Familiaris Consortio* faz muita referência, não só à Jesus, mas também à vocação inicial, ao desígnio de Deus criador, que deve ser assumido pela família (cf.

4.11-13). A *Amoris Laetitia*, porém, foca-se mais em Jesus como modelo fundamental da vida familiar (cf. AL 58).

Na linha da FC (cf. 56), a AL afirma também que o sacramento é um dom para a santificação e a salvação dos esposos (cf. L 61). Os esposos são um para o outro, e para os filhos, testemunhas da salvação (cf. AL 72). Na linha da FC (cf. 33), a AL sublinha que o matrimônio seja honrado e vivido com seriedade por todos (cf. AL 61).

Paralelamente a FC (cf. 34.55-56.59) – que fala sobre a santificação dos cônjuges e da família – a AL fala sobre a espiritualidade familiar, e diz que ela é uma espiritualidade de comunhão com o sobrenatural (cf. AL 315) e com os membros da família entre si (cf. AL 319), do vínculo habitado pelo amor divino (cf. AL 315-316), da família unida em oração à luz da Páscoa (cf. AL 317), da família que reza em conjunto (cf. AL 318), do amor feito de milhares de gestos reais e concretos (cf. AL 316). Assim, «a comunhão familiar bem vivida é um verdadeiro caminho de santificação na vida ordinária e de crescimento místico, um meio para a união íntima com Deus» (AL 316).

Como novidade, e portanto, descontinuidade com a FC, a AL diz que o amor no matrimônio, no quotidiano da vida da família, para que seja verdadeiro, deve ter as características típicas do hino paulino da caridade, 1 Cor 13, 4-7: «O amor é paciente, o amor é prestável; não é invejoso, não é arrogante nem orgulhoso, nada faz de inconveniente, não procura o seu próprio interesse, não se irrita, nem guarda ressentimento, não se alegra com a injustiça, mas rejubila com a verdade. Tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta» (AL 90). De facto, o amor é paciente, suporta tudo, é lento para a ira (cf. AL 91-92); é um amor que supõe atitude de serviço, mostra a sua bondade nas ações, pratica o bem (cf. AL 93-95); é um amor que cura a inveja (cf. AL 95-96); não é arrogante nem orgulhoso, mas edifica, é humilde (cf. AL 97-98); é amável, as suas palavras, os seus gestos são agradáveis (cf. AL 99-100); é desprendido, doa-se, dá-se gratuitamente (cf. AL 101-102); não tem violência interior (cf. AL 103-104); perdoa (cf. AL 105-108); alegra-se com os outros (cf. AL 109-110); tudo desculpa, não condena; não fala mal dos outros (cf. AL 111-113); confia, deixa em liberdade, renuncia a controlar tudo, a possuir, a dominar (cf. AL 114-115); espera, alimenta a esperança (cf. AL 116-117); tudo suporta, incluindo as contrariedades (cf. AL 116-117). É nisso tudo que se manifesta a alegria do amor (cf. AL 125-129).

Como novidade e, portanto, descontinuidade com a FC, a AL diz que casar-se implica uma série de obrigações; mas estas brotam do próprio amor (cf. AL 131). O dom do amor divino que se derrama nos esposos é, ao mesmo tempo, um apelo a um constante desenvolvimento deste dom da graça (cf. AL 134). Neste progresso, o diálogo é uma modalidade privilegiada e indispensável para viver, exprimir e maturar o amor na vida matrimonial e familiar (cf. AL 136). Mas, para o diálogo ser profícuo, é preciso ter algo para se dizer; e isto requer uma riqueza interior que se alimenta com a leitura, a reflexão pessoal, a oração e a abertura à sociedade (cf. AL 141). É, também, preciso saber escutar o outro (cf. AL 137), dar real importância ou valor ao outro (cf. AL 138).

Como novidade e, portanto, descontinuidade com a FC, a AL diz que o matrimónio é um mundo das emoções. Pois, desejos, sentimentos, emoções ocupam um lugar importante no matrimónio. Na verdade, o ser humano é um vivente desta terra, e tudo o que faz e busca está carregado de paixões (cf. AL 143). Assim, o amor matrimonial leva a procurar que toda a vida emotiva se torne um bem para a família e esteja ao serviço da vida em comum (cf. AL 146).

Enfim, as famílias cristãs, pela coerência de toda a sua vida com o Evangelho e pelo exemplo que mostram do matrimónio cristão, oferecem ao mundo um preciosíssimo testemunho de Cristo, sempre e em toda a parte. Os esposos cristãos são cooperadores da graça e testemunhas da fé um para com o outro, para com os filhos e demais familiares. Eles são os primeiros que anunciam aos filhos a fé e os educam. Formam-nos, pela palavra e pelo exemplo, para a vida cristã e apostólica. Ajudam-nos com prudência a escolher a sua vocação e fomentam com todo o cuidado a vocação de consagração porventura neles descoberta (cf. AA 11). É na família cristã, ornada da graça e do dever do sacramento do Matrimónio, que devem ser ensinados os filhos desde os primeiros anos, segundo a fé recebida no Batismo, a conhecer e a adorar Deus e a amar o próximo (cf. GEd 3).

É dever dos esposos manifestar e demonstrar, pela sua vida, a indissolubilidade e a santidade do vínculo matrimonial (cf. AA 11). O Matrimónio cristão é, pois, um estado de vida, um caminho de santidade cristã (cf. EAf 83). O que nos permite estarmos juntos, falarmos-nos, compreendermo-nos, tocarmos-nos, consolarmos-nos,

confirmarmo-nos, não é “tu” nem “eu”, não é sequer só “nós-os-dois”, mas antes um “nós-os-dois” aberto em conjunto a essa presença que nos une³⁹⁶.

3.9. Espiritualidade laical

Todos os fiéis, em virtude da sua regeneração em Cristo, compartilham a mesma dignidade; todos são chamados à santidade; todos cooperam para a edificação do único Corpo de Cristo, cada qual segundo a própria vocação e o dom recebido do Espírito (cf. VC 38). Unidos a Cristo pelos sacramentos da iniciação cristã, os membros da Igreja formam o novo Povo de Deus, onde não haja mais distinção de pessoas; são enriquecidos por uma multiplicidade de dons, para cada um cumprir a sua vocação ao serviço da comunidade eclesial e da família humana³⁹⁷.

É, pois, claro a todos, que os cristãos são chamados à plenitude da vida cristã e à perfeição da caridade. Para alcançar esta perfeição, empreguem os fiéis as forças recebidas segundo a medida em que as dá Cristo, a fim de que, seguindo as Suas pisadas e conformados à Sua imagem, obedecendo em tudo à vontade de Deus, se consagrem com toda a alma à glória do Senhor e ao serviço do próximo (cf. LG 40). Conduzidos pelo Espírito de Deus e, obedientes à voz do Pai, seguem a Cristo pobre, humilde, levando a cruz, a fim de merecerem ser participantes da Sua glória (cf. LG 41). Todos os cristãos são chamados e obrigados a tender à santidade e perfeição do próprio estado. Procurem, pois, ordenar retamente os próprios afetos, para não serem impedidos de avançar na perfeição pelo uso das coisas terrenas e pelo apego às riquezas (cf. LG 42).

A espiritualidade cristã é a vida comum vivida em sintonia com a vida e os dinamismos de amor do Espírito Santo, o Qual, com a nossa colaboração, nos configura com Jesus Cristo e, com Este e em Igreja, nos orienta, de modo missionariamente messiânico, para a o Pai. A espiritualidade cristã trata-se da vida quotidiana de um batizado em todos os tempos de sua existência e em todas as suas dimensões, desde as mais públicas às mais privadas; das mais importantes às mais simples. Nada do que vivemos é alheio à nossa vida espiritual. Esta constrói-se também a partir dos filamentos mais delgados da nossa existência diária, sejam estes especificamente

³⁹⁶ Cf. HENNEZEL, M. e LELOUP, Jean-Yves. *A Arte de Morrer*. 3ªed; Lisboa: Editorial Notícias, 2001, p.140.

³⁹⁷ Cf. SÁNCHEZ, F. V. *No Meio do...*, p.58.

direcionados para a nossa relação com Deus, ou não. A vida espiritual, para um cristão, não é tudo. É, isso sim, a única coisa. E isto, em toda a sua vida e na sua vida toda³⁹⁸.

A espiritualidade cristã é o caminhar espiritual incessante até Deus num crescimento de amor que não terá fim. O essencial da espiritualidade cristã é que tudo o que se vive deve ser vivido em Deus. Esta espiritualidade é, pois, um caminhar espiritual incessante até Deus num crescimento de amor que não tem fim. A espiritualidade cristã é viver amando à medida, e segundo o modo do amor, do próprio Deus-Amor. Nada mais do que isto; nada menos do que isto³⁹⁹.

A espiritualidade cristã é o caminho pelo qual, bebendo das fontes do amor de Deus, da sua ternura, da sua misericórdia, elevamos o nosso olhar para Deus e estendemos as mãos ao próximo, companheiro de viagem. Todo o caminho espiritual nasce para o cristão na escuta daquela primeira e última voz: «Tu és meu filho amado». Nessa palavra somos continuamente recriados, nascemos e somos depositados na confiança. O leigo entra na dura luta da vida, enfrentando os medos, sem parar, com a confiança das crianças. Esta experiência fundamental nos lança, nos remete a quem está próximo de nós, em casa e fora de casa, no trabalho, na aula, na rua. Porque Deus olha para qualquer “outro” que cruze meu caminho. Cuidamos de lidar com quem está em casa, que é onde mais frequentemente perdemos educação e atenção, esquecemos de ouvir porque dizemos que nos conhecemos⁴⁰⁰.

A vida espiritual pode entender-se como o processo de nos “fazermos” cristãos. A vida espiritual é como um caminho que se percorre vivendo-o e não apenas conhecendo-o: «se faz caminho andando»⁴⁰¹. O cristão realiza a sua vocação à santidade sobretudo através do cumprimento fiel, generoso e alegre dos seus deveres quotidianos, animado pela fé e por aquele amor que procura o bem dos outros e não o seu interesse. Os cristãos são chamados a santificar-se no mundo, com o mundo e através das

³⁹⁸ Cf. DUARTE, A. F. “*A Espiritualidade Cristã: Ponderações dentro de Delimitações*”. em Revista de Espiritualidade. *Espiritualidade e Espiritualidades*. Actas do Congresso (19-21/10/2018), Número 108, Outubro-Dezembro 2019, p.271.

³⁹⁹ Cf. DUARTE, A. F. *A Espiritualidade Cristã...*, p.284.

⁴⁰⁰ Cf. MÁRQUEZ, M. “*¿Espiritualidad laical, secular, mundana?*” em Revista del Espiritualidad 234, 59 (2000). *La vida en el mundo: Una llamada a la Santidad*. Madrid: Carmelitas Descalzos, 2000, pp.21-22.

⁴⁰¹ LEAL, A. R. “*Os Itinerários Clássicos e Modernos da Vida Espiritual*” em Revista de Espiritualidade. *Itinerários Espirituais*. V Congresso de Espiritualidade. Actas do Congresso (27-29/10/2017), Número 106-107. Marco de Canaveses: Edições Carmelo, Abril-Setembro 2019, pp.122-123.

realidades do mundo⁴⁰². Os cristãos, peregrinos da cidade celestial, devem buscar e saborear as coisas do alto (cf. GS 57).

Por leigos entendem-se aqui todos os cristãos que não são membros da sagrada Ordem ou do estado religioso reconhecido pela Igreja, isto é, os fiéis que, incorporados em Cristo pelo Batismo, constituídos em Povo de Deus e tornados participantes, a seu modo, da função sacerdotal, profética e real de Cristo, exercem, pela parte que lhes toca, a missão de todo o Povo cristão na Igreja se no mundo (cf. LG 31).

Por vocação própria, compete aos leigos procurar o Reino de Deus tratando das realidades temporais e ordenando-as segundo Deus. São chamados por Deus para que, guiados pelo espírito evangélico, concorram para a santificação do mundo a partir de dentro, como o fermento, e deste modo manifestem Cristo aos outros, antes de mais pelo testemunho da própria vida, pela irradiação da sua fé, esperança e caridade (cf. LG 31). Unidos no Povo de Deus, e constituídos no corpo único de Cristo sob uma só cabeça, os leigos, sejam quais forem, todos são chamados a concorrer como membros vivos, com todas as forças que receberam da bondade do Criador e por graça do Redentor, para o crescimento da Igreja e sua contínua santificação (cf. LG 33).

O cristão é, no sentido mais pleno e fundamental, a pessoa que se deixa determinar por Cristo⁴⁰³. O leigo cristão impregnado desse espírito, que encontrou Jesus Cristo nas estradas do mundo, deve saber que esse encontro não pode ser desperdiçado⁴⁰⁴. O leigo é chamado, antes de mais, a «obedecer à vontade de Deus»⁴⁰⁵.

O cristão no mundo se santificará no exercício de suas atividades seculares⁴⁰⁶. O mais importante é buscar de novo a cada manhã a concordância com Deus e preservá-la a vida inteira⁴⁰⁷. O leigo, consciente da universalidade do chamamento de Deus à santidade, esforça-se por viver plenamente a sua existência à imagem de Cristo⁴⁰⁸.

Consagrados pelo Batismo e membros do povo de Deus, os leigos são e devem ser cristãos a tempo inteiro: «Há um Senhor único, uma fé única, um só batismo» (Ef

⁴⁰² Cf. MARTO, A. “*Santidade cristã na mensagem de Fátima*” em BORGES DE PINHO, J. E. (Coor). *Santificados em...*, p.15.

⁴⁰³ Cf. KASPER, W. *Fe...*, p.186.

⁴⁰⁴ Cf. ORLANDIS, J. *Una Espiritualidad laical e secular*. em Revista de Espiritualidad 24, Madrid; 1965, p.570.

⁴⁰⁵ MEEKS, W. A. *O Mundo Moral dos Primeiros Cristãos*. Bilbao: Desclée de Brouwer, 1992, p.124.

⁴⁰⁶ Cf. ORLANDIS, J. *La vocación cristiana...* p.47.

⁴⁰⁷ Cf. MOLTMANN, J. *A Fonte da Vida: O Espírito Santo e a teologia da vida*. São Paulo: Edições Loyola, 2002, p.55.

⁴⁰⁸ Cf. ORLANDIS, J. “*Una Espiritualidad laical...*”, p.564.

4,5). Não há na Igreja “super cristãos”. Não há diferença na dignidade de Cristo entre leigos e ministros. Cada um é chamado a responder ao seu apelo ao amor, todos são chamados à santidade. O leigo é convidado a testemunhar sua fé no mundo com estilo de sua vida a medida dos seus dons que o Espírito lhe concede. Eles são, por isso mesmo e no centro da sua vida, sacerdotes, profetas e réis. Esta dignidade cristã dos leigos é o fundamento de sua aptidão para servir a Igreja, naquilo que lhe for competente⁴⁰⁹. Aliás, a espiritualidade do leigo consiste em percorrer o terreno que ele pisa, vivendo animado, apaixonado, seduzido por Deus no seio deste mundo⁴¹⁰.

A vida segundo o Espírito, cujo fruto é a santificação, suscita e exige de todos e de cada um dos batizados o seguimento e imitação de Jesus Cristo, no acolhimento das Suas Bem-aventuranças, na escuta e meditação da Palavra de Deus, na consciente e ativa participação na vida litúrgica e sacramental da Igreja, na oração individual, familiar e comunitária, na fome e sede de justiça, na prática do mandamento do amor em todas as circunstâncias da vida e no serviço aos irmãos, sobretudo os pequeninos, os pobres e os doentes (cf. CL 16).

Todos somos chamados a ser santos, vivendo com amor e oferecendo o próprio testemunho nas ocupações de cada dia, onde cada um se encontra (cf. GE 14). Esta santidade, a que o Senhor te chama, irá crescendo com pequenos gestos (cf. GE 16). A vocação à santidade deverá ser compreendida e vivida pelos fiéis leigos, antes de mais, como sendo uma obrigação exigente a que não se pode renunciar, como um sinal luminoso do infinito amor do Pai que os regenerou para a Sua vida de santidade. Os fiéis leigos, homens e mulheres, na vida e nas ocupações do dia a dia, são obreiros incansáveis que trabalham na vinha do Senhor (cf. CL 17). Esta vocação e missão pessoal define a dignidade e a responsabilidade de cada fiel leigo e constitui o ponto forte de toda a (cf. CL 58) sua vida, «o elemento central» (EAf 86) da sua vida.

Os fiéis leigos, precisamente por serem membros da Igreja, têm por vocação e por missão anunciar o Evangelho: para essa obra foram habilitados e nela comprometidos pelos sacramentos da iniciação cristã e pelos dons do Espírito Santo. De facto, eles foram feitos participantes, a seu modo, da função sacerdotal, profética e real de Cristo. Por conseguinte, os fiéis leigos, devido à sua participação no *múnus* profético

⁴⁰⁹ Cf. SESBOUÉ, B. *Pensar e viver a fé no Terceiro Milénio: Tratar aos homens e mulheres do nosso tempo*. Coimbra: Gráfico de Coimbra, 1999, p.550.

⁴¹⁰ Cf. MÁRQUEZ, M. *¿Espiritualidad laical...* p.14.

de Cristo, estão plenamente comprometidos nesta tarefa da Igreja e, portanto, devem sentir-se chamados e enviados a proclamar a Boa Nova do Reino (cf. EAm 66).

Os fiéis leigos, com efeito, são chamados a ser fermento na massa, especialmente no referente à ordenação das coisas temporais segundo Deus e à luta pela promoção da dignidade humana, da justiça e da paz (cf. EAf 101). O dever do fiel leigo é ser sal e luz do mundo, particularmente, lá onde ele é o único a poder intervir (cf. EAf 108). A sua participação na vida e nas atividades internas da Igreja é a fonte espiritual permanente que lhes permite intervir no mundo, traduzindo em ações concretas o Evangelho, a doutrina e o ensinamento social da Igreja (cf. EMO 55).

Os fiéis leigos são chamados a cultivar uma autêntica espiritualidade laical, que lhes regenerem como homens e mulheres novos, imersos no mistério de Deus e inseridos na sociedade, santos e santificadores. Os fiéis leigos podem contribuir para a santificação do mundo, através da manifestação de Cristo aos outros antes de mais com o testemunho da vida (cf. CDSI 545). É por este caminho que os leigos devem avançar na santidade, esforçando-se por superar as dificuldades com paciência (cf. AA 4).

Os leigos, homens e mulheres, são chamados antes de mais à santidade, e a viver esta santidade no mundo (cf. AM 129). O testemunho do fiel leigo nasce de um dom de graça, reconhecido, cultivado e amadurecido. É esta a motivação que torna significativo o seu compromisso no mundo (cf. CDSI 544). Esta espiritualidade dos leigos deverá assumir características especiais, conforme o estado de matrimónio e familiar, de celibato ou viuvez, situação de enfermidade, atividade profissional e social. Não deixem, por isso, de cultivar assiduamente as qualidades e dotes condizentes a essas situações, e utilizar os dons por cada um recebidos do Espírito Santo (cf. AA 4).

Os leigos mostrar-se-ão filhos da promessa se, firmes na fé e na esperança, aproveitarem bem o tempo presente e com paciência esperarem a glória. Mas não devem esconder esta esperança no seu íntimo, antes, pela contínua conversão e pela luta contra os dominadores deste mundo tenebroso, contra os espíritos do mal, manifestem-na também nas estruturas da vida secular (cf. LG 35).

A identidade do cristão leigo nasce e se alimenta dos sacramentos: do Batismo, da Crisma e da Eucaristia. O Batismo conforma a Cristo, Filho do Pai, primogênito de toda a criatura, enviado como Mestre e Redentor a todos os homens. A Crisma ou Confirmação configura a Cristo, enviado para vivificar a criação e cada ser com a

efusão do Seu Espírito. A Eucaristia torna o fiel partícipe do único e perfeito sacrifício que Cristo ofereceu ao Pai, na própria carne, para a salvação do mundo (cf. CDSI 542).

É tarefa própria do fiel leigo anunciar o Evangelho com um exemplar testemunho de vida, radicada em Cristo e vivida nas realidades temporais: família; compromisso profissional no âmbito do trabalho, da cultura, da ciência e da pesquisa; exercício das responsabilidades sociais, económicas, políticas. Todas as realidades humanas seculares, pessoais e sociais, ambientes e situações históricas, estruturas e instituições, são o lugar próprio do viver e do agir dos cristãos leigos (cf. CDSI 543).

Todos os fiéis cristãos, onde quer que vivam, têm obrigação de manifestar, pelo exemplo da vida, o homem novo de que se revestiram pelo Batismo, e a virtude do Espírito Santo por quem na Confirmação foram robustecidos, de tal modo que os demais homens, ao verem as suas boas obras, glorifiquem o Pai e compreendam mais plenamente o sentido genuíno da vida humana e o vínculo universal da comunidade humana (cf. AG 11).

Por fim, devem os leigos abraçar prontamente, com obediência cristã, todas as coisas que os sagrados pastores, representantes de Cristo, determinarem na sua qualidade de mestres e guias na Igreja, a exemplo de Cristo, o qual com a Sua obediência, levada até à morte, abriu para todos o feliz caminho da liberdade dos filhos de Deus (cf. LG 37). Cada leigo deve ser, perante o mundo, uma testemunha da ressurreição e da vida do Senhor Jesus e um sinal do Deus vivo. Numa palavra, sejam os cristãos no mundo aquilo que a alma é no corpo (cf. LG 38). Não podem estar à margem, como meros espectadores, que assistem aos sacerdotes e demais consagrados, enquanto estes exercem o seu ministério. Devem, isto sim, envolver-se, segundo aquilo que lhes compete – como já foi dito – para a santificação de si, da Igreja e do mundo.

3.10. A Santa Unção na vida dos fiéis: notas de espiritualidade

A Igreja peregrina enfrenta muitos desafios ao longo da sua caminhada. E um dos maiores é certamente a doença física. Esta condiciona sempre a peregrinação do cristão, mais ou menos, dependendo da gravidade da sua situação.

Mas, a Igreja, chamada comunitariamente a saborear dos bens eternos, ajuda os membros que, caídos ou prostrados no árduo caminho da vida, necessitam de apoio de

Deus e da comunidade para se levantarem e continuarem a caminhar. Com esta solicitude que brota das exigências do Reino de Deus, a Igreja não quer que nenhum dos seus membros fique pelo caminho; antes, ajuda-o a reanimar-se para, com a graça de Cristo, prosseguir a árdua peregrinação. É de facto uma peregrinação árdua. Às vezes caímos no “buraco” da enfermidade e, então, sujamo-nos com a “lama”. Noutras situações, o caminho torna-se tão empoeirado que quase nos tornamos cegos e, sem a graça de Cristo e sem auxílio dos irmãos, companheiros de viagem, não conseguimos avançar. É por isso que a todos, especialmente aos sacerdotes, pastores do rebanho, cabe a responsabilidade e missão de estender as mãos aos enfermos para que, por meio de nós, Cristo opere a sua graça de cura e salvação aos enfermos.

Se a saúde é condição necessária ao desenvolvimento normal da vida humana, a doença é uma limitação essencial da existência humana que, ao afetar direta e globalmente a própria realidade da pessoa, também afeta o compromisso cristão. A ajuda que a graça de Cristo oferece aos enfermos dirige-se ao fundo do seu ser, quer ser uma resposta à profunda pobreza que o enfermo sente por dentro. Não se dirige diretamente à sua doença física ou diretamente à doença espiritual que o paciente pode sentir em sua própria alma, mas ao que está por trás de ambas as doenças e que pode ser afetado por elas, que é a estrutura íntima da pessoa, destinada à salvação na integridade de seu ser. A obra de salvação e da graça vê na doença corporal do cristão uma situação de fraqueza e sofrimento humano, que requer uma ajuda concreta e próxima. Para doenças do corpo, existem remédios que a medicina oferece; mas a saúde está, em última análise, nas mãos de Deus⁴¹¹.

A Unção dos Enfermos na fé cristã constitui um acontecimento salvífico realizado pelo Senhor em benefício dos batizados que se encontram numa situação de doença ou de perigo de morte⁴¹². A unção desdobra-se nos enfermos a mesma graça, numa renovada efusão do espírito que permite aos doentes santificar a sua condição e transformá-lo num acontecimento salvífico para si e para a Igreja. A santidade comunicada pela unção é a mesma santidade da Páscoa⁴¹³.

A ação de Cristo e da Igreja para com os enfermos situa-se fundamentalmente no nível da fé. Significa, em primeiro lugar, que a graça de Cristo quer vir em socorro dos

⁴¹¹ Cf. FLORÉZ, G. *Penitencia y Unción dos enfermos*. Madrid: BAC, 1993, pp.340-342.

⁴¹² Cf. COCEHETTA, C. *Los Sacramentos de la fe*. Salamanca: Sorenidade Trinitario, 2002, p.185.

⁴¹³ Cf. COCEHETTA, C. *Los Sacramentos...*, p.200.

enfermos, capta sua necessidade radical, responde ao pedido de quem se defronta com a fraqueza de sua natureza⁴¹⁴. O essencial na prática da unção dos enfermos é a ajuda de Cristo aos enfermos, ajuda instrumentalizada pela oração e pela ação de seus enviados. Ao fazê-lo, a Igreja segue o exemplo de Cristo e manifesta o seu amor e graça para com aqueles que são objeto da sua compaixão e da sua ação salvífica. A Igreja oferece ao paciente o que Cristo pode dar, que é a ajuda da sua força e graça para fazê-lo sentir-se acolhido e assistido, pronto para vencer a doença e sempre confiante de que a vitória de Cristo sobre o pecado e a morte é a vitória de todos os que o abraçam⁴¹⁵.

É Deus quem tem poder sobre a doença, o pecado e a morte. À luz da fé, este não é apenas um episódio humano, mas um fenômeno natural da existência que deve ser assumido sem medo e que, mesmo que possa levar à morte, não é a realidade última da vida do homem; não é apenas uma enfermidade corporal, mas também uma situação que convida o crente a superar a “tentação” de esquecer o sentido profundo de sua vida. A oração da Igreja, que é a oração de Cristo e dos membros do seu corpo, é um sinal de solidariedade e de caridade para com os enfermos que, devido ao seu estado, não podem chegar à comunidade e participar ativamente na sua oração⁴¹⁶.

Portanto, a Igreja não pode negligenciar que no âmago da sua espiritualidade está igualmente presente a solidariedade para com os enfermos. Estes são, com toda a dignidade, membros da Igreja e companheiros de viagem. A doença não pode levar-lhes ao desespero, mas a olhar para o alto de onde lhes vem o auxílio. Sãos ou enfermos, caminhamos todos para a nova Jerusalém, onde «não mais haverá morte, nem pranto, nem gritos, nem dor, porque as primeiras coisas passaram» (Ap 21,4).

⁴¹⁴ Cf. FLORÉZ, G. *Penitencia y Unción...*, p.341.

⁴¹⁵ Cf. FLORÉZ, G. *Penitencia y Unción...*, pp.339-340.

⁴¹⁶ Cf. FLORÉZ, G. *Penitencia y Unción...*, p.342.

CONCLUSÃO

Ao chegarmos ao final desta nossa dissertação sobre a Igreja peregrina, apaz-nos olhar para trás para salientarmos os aspetos mais marcantes da nossa caminhada. De facto, quando se pede a um turista para partilhar a experiência do turismo feito por ele a um local estrangeiro, certamente ele descreve-a, salientando aquilo que mais lhe marcou, aquilo que lhe ficou na memória. Quanto a nós, nesta etapa final, queremos igualmente concluir com os destaques mais marcantes desta nossa dissertação.

Em primeiro lugar, como vimos no primeiro capítulo, o autor da peregrinação é Deus que, tendo peregrinado ao encontro do homem, propõe-lhe um caminho em que deve andar para um destino a indicar, um destino por Si preparado. Assim, percebemos que a peregrinação da Igreja é, antes de mais, a própria peregrinação do Senhor. Aliás, vimos que o Deus que chamou o homem ao desafio de percorrer os seus caminhos, também caminha com o homem, estende-lhe a mão, dirige os seus passos, anima-o, ilumina-o. Deus chamou o homem para que este ande na sua presença e se torne perfeito, guarde o seu caminho e pratique a justiça e o juízo, para que seja santo.

Mas, os filhos de Israel não conseguiram andar nos caminhos do Senhor. Antes, desviaram-se e se prostituíram e multiplicaram as suas transgressões, até que o Senhor os rejeitou da sua presença. Mas, nem mesmo o exílio resolveu a questão, pois no exílio também profanaram o nome do Senhor. Mas, Deus reconduziu os transviados, isto é, foi preciso que, aquela Palavra que os Israelitas não ouviram desde a sua libertação do Egipto até ao regresso do Exílio, encarnasse para ser ao mesmo tempo o Caminho e o Pastor, mas, apesar disso, eles rejeitaram a Palavra que veio ao mundo... Contudo, a começar por aqueles que o ouviram, Ele salvou a todos, destruindo o mundo da inimizade que nos separavam, para nos mostrar como é que devemos viver, qual é a vida que verdadeiramente agrada a Deus Pai. E o Espírito Santo transformou-nos em verdadeiros templos, que adoram o Pai em espírito e verdade. Nos três primeiros séculos, bem como do Concílio Vaticano II à atualidade, temos o exemplo desta Igreja – instrumento de salvação para todos dos Homens – que peregrina na história.

Assim, no segundo capítulo, vimos que tudo parte do Pai, pelo Filho, no Espírito, isto é, a nossa peregrinação tem um Autor (o Pai), um Pastor (o Filho) e um Santificador (o Espírito Santo). Então, nós, membros desta construção, somos

cooperadores da graça divina, seguindo Cristo no caminho da santidade, testemunhando a sua Boa Nova da salvação, em comunidade de fé, esperança e amor, discernindo a vontade do Pai, sendo vigilantes e valentes para resistirmos a todos o mal e chegarmos ao final da peregrinação, em que atingimos a perfeição desejada. Toda a nossa vida deve, pois, manifestar o amor de Deus que tudo transforma, tudo une, tudo santifica.

Por isso, vimos que a Palavra dos Senhor nos alimenta. E, no silêncio da vida, o Senhor nos mostra o seu caminho, para seguirmos fielmente a Jesus, no caminho da vida, em comunhão uns aos outros, com testemunho autêntico, fé inabalável, ardente esperança e amor pleno, rumo à santidade. É por isso que, desde o início, procuramos apresentar a razão do tema desta dissertação. A vida é uma peregrinação e a peregrinação é a vida. Hoje, atraí-nos bastante esta temática de peregrinação. Falamos de peregrinação em quase todos os aspetos da vida. Desde as pessoas mais eruditas às menos eruditas, todos falamos da peregrinação da vida, de caminhar, de guiar ou orientar a vida, ou uma determinada situação da vida, etc. Podemos assim dizer que hoje é assim que entendemos a vida: uma viagem, uma peregrinação.

Como vimos, a vida cristã é dinâmica, ela move-se num dinamismo de amor, que no terceiro capítulo, leva-nos a cantar louvores ao Senhor, alimentando-nos da Eucaristia e a santificarmo-nos em todos nos demais Sacramentos. Assim, do primeiro até a este capítulo, tudo quanto foi apresentado diz respeito à Igreja. Nada lheé alheia. Então, ao chegarmos a conclusão, urge-nos impelir, estimular os cristãos a viverem em santidade e justiça, quer dentro da comunidade, quer fora dela, para que todos reconheçam o único Deus verdadeiro e glorifiquem-n'O. É que o amor toca, o amor contagia, o amor transforma. Não podemos estar parados, inertes; a nossa vida é liturgia, é um sacramento do amor vivo. Todos temos que partir, temos que testemunhar o amor de Deus que foi e é derramado sempre nos nossos corações. Aliás, a santidade não se alcança parado no mesmo lugar, é preciso buscá-la, persegui-la, lutar incansavelmente por ela, pois ela é como um trofeu que só será dado a quem justamente for digno. Caminhemos, pois, nela e para ela; caminhemos para o Céu, onde está o nosso eterno trofeu. Não desperdicemos este convite, não percamos a batalha. Avancemos sempre, mesmo que a caminhada seja árdua e dura. O Senhor está a nossa espera; Ele espera por cada um de nós para, da Família terrena, formamos a Família Celeste. Vamos... Vamos para a Casa do Senhor. Cantemos-Lhe louvores gloriosos, pois Ele é o nosso Senhor, o Deus da eterna glória, o Deus cujo Reino não terá fim.

BIBLIOGRAFIA

1. FONTES

ALVES, H. (Dir.). *Bíblia Sagrada para o Terceiro Milénio da Encarnação*. 3ª ed.; Lisboa, Fátima: Difusora Bíblica, 2001.

CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA. *Bíblia: Os Quatro Evangelhos e os Salmos*. Lisboa: Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, 2019.

NESTLE-ALAND. *Novum Testamentum Graece et Latine*. 28th ed.; Germany: Deutsche Bibelgesellschaft, 2018.

RAHLFS-HANHART. *Septuaginta*. S.l.: Editora artera, 2006.

SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL. *Antigo Testamento Interlinear: Hebraico – Português, Volume 1 - Pentateuco*. Barueri, SP: SBB, 2012.

_____. *Antigo Testamento Interlinear: Hebraico – Português, Volume 3 – Profetas Posteriores*. Barueri, SP: SBB, 2017.

_____. *Antigo Testamento Poliglota: Hebraico, Grego, Português, Inglês*. São Paulo: Vida Nova, 2003.

_____. *Novo Testamento Interlinear Grego-Português*. 2ª ed.; Barueri, SP: SBB, 2019.

2. INSTRUMENTOS

ALVES, H. (Rev.). *O Grande Atlas da Bíblia*. Trad.: Maria Margarida T. Ribeiros Barreiros e Fernando Gustavo Ventura. 2ª ed.; Coimbra: Gráfica de Coimbra, Difusora Bíblica, 2000.

BALZ, H. e SCHNEIDER, G. (Eds.). *Diccionario Exegético del Nuevo Testamento: α – κ, Volume I*. Salamanca: Ediciones Sigueme, 1996.

_____. *Diccionario Exegético del Nuevo Testamento: λ – ω, Volume II*. Salamanca: Ediciones Sigueme, 1998.

BOTTERWECK, G. J. and RINGGREN, H. (ed.). *Theological Dictionary of the Old Testament – Volume I*. Michigan, Cambridge: William B. Eerdmans Publishing Co, 1974.

_____. *Theological Dictionary of the Old Testament, Volume II*. Michigan, Cambridge: William B. Eerdmans Publishing Co, 1975.

_____. *Theological Dictionary of the Old Testament, Volume III*. Michigan, Cambridge: William B. Eerdmans Publishing Co, 1978.

_____. *Theological Dictionary of the Old Testament, Volume IV*. Michigan, Cambridge: William B. Eerdmans Publishing Co, 1980.

BOTTERWECK, G. J. e outros (ed.). *Theological Dictionary of the Old Testament, Volume V*. Michigan, Cambridge: William B. Eerdmans Publishing Co, 1986.

_____. *Theological Dictionary of the Old Testament, Volume VI*. Michigan, Cambridge: William B. Eerdmans Publishing Co, 1990.

_____. *Theological Dictionary of the Old Testament, Volume VII*. Michigan, Cambridge: William B. Eerdmans Publishing Co, 1995.

_____. *Theological Dictionary of the Old Testament, Volume VIII*. Michigan, Cambridge: William B. Eerdmans Publishing Co, 1997.

_____. *Theological Dictionary of the Old Testament, Volume IX*. Michigan, Cambridge: William B. Eerdmans Publishing Co, 1998.

_____. *Theological Dictionary of the Old Testament, Volume X*. Michigan, Cambridge: William B. Eerdmans Publishing Co, 1999.

_____. *Theological Dictionary of the Old Testament, Volume XI*. Michigan, Cambridge: William B. Eerdmans Publishing Co, 2001.

_____. *Theological Dictionary of the Old Testament, Volume XII*. Michigan, Cambridge: William B. Eerdmans Publishing Co, 2003.

_____. *Theological Dictionary of the Old Testament, Volume XIII*. Michigan, Cambridge: William B. Eerdmans Publishing Co, 2004.

_____. *Theological Dictionary of the Old Testament, Volume XIV*. Michigan, Cambridge: William B. Eerdmans Publishing Co, 2004.

_____. *Theological Dictionary of the Old Testament, Volume XV*. Michigan, Cambridge: William B. Eerdmans Publishing Co, 2006.

CLINES, D. J. A. *The Dictionary of Classical Hebrew, Volume VII*. Sheffield: Sheffield Phoenix Press Ltd, 2010.

COENEN, L. e BROWN, C. *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento, Volume 1*. São Paulo: Vida Nova, 2000.

_____. *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento, Volume 2*. São Paulo: Vida Nova, 2000.

COENEN, L. e outros. *Diccionario Teologico del Nuevo Testamento, Volume II*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1980.

GARCÍA SANTOS, A. Á. *Diccionario del Griego Bíblico: Setenta Y Nuevo Testamento*. 2ª ed.; Estella: Editorial Verbo Divino, 2016.

Grande Lessico del Nuovo Testamento, Volume V. Itália: Paideia, 1969.

KOEHLER, L. and BAUMGARTNER, W. *The Hebrew & Aramaic Lexicon of the Old Testament, Volume III*. Boston: Brill Academic Pub, 1996.

LEÓN-DUFOUR, X. *Diccionario del Nuevo Testamento*. Bilbao: Editorial Desclée de Brouwer, 2002.

_____. *Vocabulário de Teologia Bíblica*. 12ª Ed., Metrópolis: Editora Vozes, 2016.

PEREGO, G. *Atlas Ditático da Bíblia*. Paulus Editora, 2002.

RIENECKER, F. e ROGERS, C. *Chave Linguística do Novo Testamento Grego*. São Paulo: Vida Nova, 1995.

SCHOKEL, L. A. *Dicionário Bíblico Hebraico-Português*. São Paulo: Paulus, 1997.

SPADAFORA, F. (Dir.). *Diccionario Bíblico*. Barcelona: Editorial Litúrgica Española 1959.

TOSATTI, M. *Dicionário do Papa Ratzinger: Guia para o Pontificado*. 2ª ed.; Lisboa: Paulus Editora, 2010.

VON ALLMEN, Jean-Jacques (dir). *Vocabulario Biblico*. Madrid: Ediciones Marova, 1968.

3. ESTUDOS

ALDAZÁBAL, J. *Vocabulario básico de liturgia*. Barcelona: Centre de Pastoral Litúrgica, 1994.

ALFARO, J. *Esperanza Cristiana y Liberación del Hombre*. 2ª ed.; Barcelona: Editorial Herder, 1975.

ALMEIDA, B. C. “A Vida em abundância à luz do acontecimento de Jesus” em BORGES DE PINHO, J. E. (Coor). *Eu vim para que tenham vida, a vida que brota de Deus no acontecer da História*. Torres Novas: Gráfica Almondina, pp.29-45.

ALMEIDA, J. M. P. “Como pode a celebração da fé ter uma dimensão profética?” em BORGES DE PINHO, J. E. (Coor). *Santificados em Cristo: Dom de Deus, resposta humana, transformação do mundo*. Fátima: Santuário de Fátima, 2016, pp.217-221.

AMATO, A. *María y la Trinidad: Espiritualidad mariana y existencia cristiana*. Salamanca: Secretariado Trinitario, 1999.

ALVES, H. *50 Símbolos na Bíblia*. 3ª ed.; Fátima: Difusora Bíblica, 2017.

_____. *Sementes da Palavra: Evangelhos*. Fátima: Difusora Bíblica, Coimbra: Gráfica de Coimbra 2, 2009.

_____. *Sementes da Palavra: Novo Testamento*. Fátima: Difusora Bíblica, Coimbra: Gráfica de Coimbra 2, 2009.

ALVIM, M. “Adorar Deus na vida quotidiana” em COUTINHO, Vítor (Coor). *Adorar Deus em Espírito e Verdade*. Fátima: Santuário de Fátima, 2011, pp.135-148.

ARISTIDES DE ATENAS. “Apologia” em CORDEIRO, J. L. (Org.). *Antologia Litúrgica: Textos litúrgicos, patrísticos e canónicos do primeiro milénio*. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2003, p.124.

- AZEVEDO, C. A. M. e CRISTINO, L. (Coor). *Enciclopédia de Fátima*. Estoril: Príncípa, 2007.
- BARTON, J. *Uma História da Bíblia: O Livro e as suas Fé*s. Lisboa: Bertrand Editora, 2019.
- BATTAGLIA, V. “*A pedagogia da santidade na mensagem e na experiência de Fátima*” em BORGES DE PINHO, J. E. (Coor). *Santificados em Cristo: Dom de Deus, resposta humana, transformação do mundo*. Fátima: Santuário de Fátima, 2016, pp.263-288.
- BECKHÄUSER, A. *Os Fundamentos da Sagrada Liturgia*. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.
- BERARDINO, A. (dir). *Diccionario Patristico y de la Antigüidad Cristiana, I A-I*. Salamanca: Ediciones Sigueme, 1991.
- BIFET, J. E. *Teologia de la Evangelizacion - Curso de Misionología*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1995.
- BINGEMER, M. C L. “*Santidade e transformação humanizadora do mundo*” em BORGES DE PINHO, J. E. (Coor). *Santificados em Cristo: Dom de Deus, resposta humana, transformação do mundo*. Fátima: Santuário de Fátima, 2016, pp.141-166.
- BOROBIO, D. *Eucaristía*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2000.
- BROWN, R. E. *Las Iglesias que los Apóstoles nos Dejaron*. 3ª ed.; Bilbao: Descleé, 1998.
- BUENO DE LA FUENTE, E. *Eclesiología*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1998.
- CABECINHAS, C. “*«A Quem Iremos?»*». *A Peregrinação e a experiência da fé*” em BORGES DE PINHO, J. E. (Coor). *Santificados em Cristo: Dom de Deus, resposta humana, transformação do mundo*. Fátima: Santuário de Fátima, 2016, pp.181-202.
- CAPPELLETTO, G. *In Cammino com Israele: introduzione all’antigo testamento - I*. 2ª ed.; Padova: Edizioni Messaggero Padova, 1997.
- CAPPELLINI, E. (Org.). *Problemas e Perpectivas de Direito Canónico*. São Paulo: Edições Loyola, 1995.

CARREIRA DAS NEVES, J. “*Testemunhos neotestamentários sobre os ministérios na Igreja*” em *Igreja e ministérios. Semana de Estudos Teológicos da UCP*. Lisboa: Rei dos Livros, 1995, pp.47-78.

“*Carta a Diogneto*” em CORDEIRO, J. L. (Org.). *Antologia Litúrgica: Textos litúrgicos, patrísticos e canónicos do primeiro milénio*. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2003, pp.156-159.

CARVALHO, J. C. *Introdução às Cartas Autor(i)ais de Paulo*. Porto: Universidade Católica Editora, 2017.

CARVALHO, M. M. *A Consumação do Homem e do Mundo*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2002.

CARVALHO, J. O. *Caminho de morte e destino de vida: O projecto do Filho do Homem e dos seus discípulos à luz de Mc 8,27-9,1*. Lisboa: Edições Didaskalia, 1998.

CASTOLLO, J. M. *Espiritualidad para Comunidades*. 2ª ed; Madrid: San Pablo, 1995.

CHEVALIER, J. (Dir). *Diccionario de los Símbolos*. Barcelona: Editorial Herder, 1988.

CLEMENTE DE ROMA. “*Carta aos Coríntios*” em LAMELAS, I. P. *As Origens do Cristianismo: Padres Apostólicos*. Lisboa: Paulus, 2016, pp.11-72.

CLEMENTE ROMANO. “*Carta aos Coríntios!*”. em CORDEIRO, J. L. (Org.). *Antologia Litúrgica: Textos litúrgicos, patrísticos e canónicos do primeiro milénio*. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2003, pp.84-92.

COCEHETTA, C. *Los Sacramentos de la fé*. Salamanca: Sorenidade Trinitario, 2002.

COLHO, J. L. S. *A Tua voz no meu Silêncio: Tudo me fala de Ti*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2020.

COMBY, J. *Para ler a História da Igreja - Volume I, das origens ao século XI (1054)*. Porto: Editorial Perpétuo Socorro, s.d.

Comentario al Nuevo Testamento. 3ª ed.; Madrid: La casa de la Biblia, 1997.

CORDEIRO, J. M. *O Bispo, servidor da Esperança*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2011.

- _____. *O Padre: Do mistério ao ministério*. Lisboa: Pedra Angular, 2009.
- COURTOIS, G. *Aos Pés do Senhor*. 2ª ed.; Rio de Janeiro: Livraria AGIR Editora, 1956.
- COUTO, A. *Pentateuco: Caminho da Vida Agraciada*. 2ed.; Lisboa: Universidade Católica Editora, 2005.
- CUÉLLAR, M. P. *Teologia del Sacerdocio ministerial: Llamados a servir*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2016.
- DÍAZ, J. A. E. *A espiritualidade dos leigos: em uma eclesiologia de comunhão*. 2ed; Madrid: San Pablo, 1992, p.24.
- Dicionário de Figuras e Símbolos*. São Paulo: Paulus, 1993.
- “*Didaqué ou Doutrina dos Doze Apóstolos*” em CORDEIRO, J. L. (Org.). *Antologia Litúrgica: Textos litúrgicos, patrísticos e canónicos do primeiro milénio*. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2003, pp.93-99.
- DIZ, J. A. *A graça de Cristo*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1993.
- DROLET, G. *Compreender o Antigo Testamento: Um projeto que se tornou promessa*. São Paulo: Paulus, 2008.
- ESTRADA, J. A. “*Las Primeras Comunidades Cristianas*” em SOTOMAYOR, M. y UBIÑA, J. F. (Coor). *Historia del cristianismo: I. El mundo antiguo*. 3ª ed.; Granada: Editorial Trotta, 2006, pp.123-187.
- ESQUERDA BIFET, J. *Teologia de la Espiritualidad Sacerdotal*. 2ªed.; Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1991.
- FARMER, W. R. e outros. *Comentario Biblico Internacional*. Estella: Editorial Verbo Divino, 1999.
- FEINER, J. y LOHRER, M (dir.). *Misterium Salutis: Manual de Teologia como História de la Salvacion, Tomo IV/2, La Iglesia*. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1975.
- _____. *Misterium Salutis: Manual de Teologia como História de la Salvacio, Tomo V, El cristiano en el tiempo y la consumación escatológica*. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1975.

- FERLAY, P. *Manual de Vida Espiritual*. Lisboa: Edições Paulistas, 1990.
- FILORAMO, G. *Storia della Chiesa: I.L'età antica*. Bologna: Centro editoriale dehoniano, 2019.
- FLORES, S. “*Itinerário Espiritual*” em *Dicionário de Espiritualidade*. São Paulo: Edições Paulinas, 1989, pp.604-618.
- FLOREZ, G. *Penitencia y Unción dos enfermos*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1993.
- FORTE, B. *Sobre o Sacerdócio Ministerial: duas meditações teológicas*. Lisboa: Paulistas, 1993.
- GALILEA, S. *Fascinados por su fulgor: Para una espiritualidad de la belleza*. Narcea: S.A. de Ediciones, 1998.
- GAMARRA, S. *Teologia Espiritual*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1994.
- GANHÃO, J. “*Felizes os convidados para a Ceia do Senhor: A Eucaristia como fonte de comunhão*” em BORGES DE PINHO, J. E. (Coor). *Santificados em Cristo: Dom de Deus, resposta humana, transformação do mundo*. Fátima: Santuário de Fátima, 2016, pp.203-221.
- GARCÍA PAREDES, J. C. R. *Mariología*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1995.
- GNILKA, J. *Jesus de Nazaré*. Lisboa: Editorial Fresença, 1999.
- GÓMEZ, J. Á. *Historia de la Iglesia I. Edad Antiga*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2001.
- GUARDINI, R. *O Espírito da Liturgia*. 2ª ed.; Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2017.
- GUIJARRO, S. *El Cristianismo como forma de vida: Los primeros seguidores de Jesús en Ponto y Bitinia*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2018.
- HACKMANN, G. L. B. *A Amada Igreja de Jesus Cristo: Manual de Ecclesiologia como Comunhão Orgânica*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.
- HANI, J. *O Simbolismo do Templo Cristão*. Lisboa: Edições 70, s.d.

HENNEZEL, M, e LELOUP, Jean-Yves. *A Arte de Morrer*. 3ed; Lisboa: Editorial Notícias, 2001.

JEDIN, H. *Manual de Historia de la Iglesia I*. Barcelona: Editorial Herder, 1966.

JUSTINO. “Apologia II” em CORDEIRO, J. L. (Org.). *Antologia Litúrgica: Textos litúrgicos, patrísticos e canónicos do primeiro milénio*. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2003, p.141.

KAROTEMPREL, S (dir). *Seguir a Cristo la Misión: Manual de misionologia*. Estella: Editorial Verbo Divino, 2000.

KASPER, W. *Fe e Historia*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1974.

LADARIA, L. F. *El Dios Vivo y Verdadero: El misterio de la Trinidad*. 4ªed. Salamanca: Secretariado Trinitario, 2010.

LANGEVIN, G. “Fe” em LATOURELLE, R. e outros (dir). *Diccionario de Teologia Fundamental*. Madrid: Ediciones Paulinas, 1992, pp.472-479.

LIMA, J. S. *Teologia Prática Fundamental: Fazei vós, também*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2009.

_____. *A Peregrinação: Percursos e Palavra*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2007.

LLORCA, B. *Manual de História Eclesiástica, Volume I, Idade Antiga – Idade Média*. Porto: Edições Asa, 1960.

LÓPEZ MARTIN, J. *No Espírito e na Verdade I: Introdução antropológica à Liturgia*. Petrópolis: Editora Vozes, 1997.

LOURENÇO, J. D. *Hermenêuticas: da Palavra às Palavras – em busca do ‘sentido’ da Escritura*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2011.

LOZADA Jr, F. and THATCHER, T. *New Currents Through John: a global perspective*. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2006.

LUNA, F. y TENA, L. *Imagem de Cristo*. Madrid: Ediciones Palabra, 1999.

MARIN, A. R. *Espiritualidad de los Seglares*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1967.

_____. *Jesus Cristo e a vida cristã*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1961.

MARTO, A. “*Santidade cristã na mensagem de Fátima*” em BORGES DE PINHO, J. E. (Coor). *Santificados em Cristo: Dom de Deus, resposta humana, transformação do mundo*. Fátima: Santuário de Fátima, 2016, pp.11-15.

MATEOS, J. e BARRETO, J. *El Evangelio de Juan: Analisis linguistico y comentario exegetico*. 2ª ed.; Madrid: Ediciones Cristiandad, 1982.

MEEKS, W. A. *O Mundo Moral dos Primeiros Cristãos*. Bilbao: Desclée de Brouwer, 1992.

MELO, L. R. *O Vento sopra onde quer*. Braga: Editorial A.O, s.d.

MESTERS, C. e OROFINO, F. *Apocalipse de São João: A teimosia dos pequenos*. Metrópolis: Editora Vozes; 2003.

MINÚNCIO FÉLIX. “*Octávio*” em CORDEIRO, J. L. (Org.). *Antologia Litúrgica: Textos litúrgicos, patrísticos e canônicos do primeiro milênio*. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2003, pp.154-155.

MONDONI, D. *Teologia da Espiritualidade Cristã*. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

_____. *A Fonte da Vida: O Espírito Santo e a teologia da vida*. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

MOLTMANN, J. *Un nuovo estilo de vida sobre la libertad, la alegria y el juego*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1981.

MONDONI, D. *Teologia da Espiritualidade Cristã*. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

NEUNHEUSER, B. e outros. *A Liturgia: momento histórico da salvação*. São Paulo: Edições Paulinas, 1986.

NEYREY, J. H. *The Gospel of John*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

NOGUEZ, A. *Biblia, ética y apocalíptica: aportes para la resistencia cristiana*. México: Ediciones Dabar, 1999.

NOUWEN, H. e outros. *Formação Espiritual: Seguindo os movimentos do Espíritos*. Braga: Editorial A.O., 2017.

NOUWEN, H. J. M. *Não nos ardia o coração? - Uma meditação sobre a vida eucarística*. Prior Velho: Paulinas, 2005.

O'MALLEY, S. “A Igreja ao serviço da plenitude da vida” em BORGES DE PINHO, J. E. (Coor). *Eu vim para que tenham vida, a vida que brota de Deus no acontecer da História*. Torres Novas: Gráfica Almondina, 2017, pp.297-310.

ORLANDIS, J. *La vocación cristiana del hombre de hoy*. Patmos-Libros de Espiritualidad 91. Madrid: Ediciones Rialp, S. A., 1959.

PAGOLA, J. A. *O Caminho aberto por Jesus: Mateus*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2010.

PANAZZOLO, J. *Missão para todos: Introdução à missiologia*. São Paulo: Paulus, 2006.

PEDROSO, D. *Eucaristia pão de todos*. 3ª ed.; Braga: Editorial A. O., s.d.

PIÉ-NINOT, S. *Eclesiología: La sacramentalidad de la Comunidad Cristiana*. 3ª ed.; Salamanca: Ediciones Sígueme, 2015.

PIKAZA, X. e SILANES, N. (dir). *Dicionário Teológico: El Dios cristiano*. Salamanca: Secretariado Trinitário, 1992.

PIÑERO, A. (Ed.). *Orígenes del Cristianismo: Antecedentes y primeros pasos*. 2ª ed.; Córdoba: Ediciones el Almendro, 1995.

PLUS, R. *Deus em nós*. 5ªed.; Porto: Livraria Apostolado da Imprensa, 1952.

_____. *Meditações para a Ação Católica*. 2ª ed.; Lisboa: União Gráfica, 1952.

POLICARPO DE ESMIRNA. “Carta aos Filipenses” em CORDEIRO, J. L. (Org.). *Antologia Litúrgica: Textos litúrgicos, patrísticos e canónicos do primeiro milénio*. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2003, p.129-131.

_____. “Martírio de Policarpo” em LAMELAS, I. P. *As Origens do Cristianismo: Padres Apostólicos*. São Paulo: Paulus, pp.166-170.

RAMOS, F. F. *Espiritualidad Bíblica en «consideraciones» de Pedro Poveda*. Madrid: Narcea, S. A. de Ediciones, 1989.

RENÉ, L. *Teología de la Revelacion*. 9ª ed.; Salamanca: Ediciones Sígueme, 1995.

- RINCÓN-PÉREZ. *A liturgia e os sacramentos na lei da igreja*. Pamplona: Editions University of Navarra, 1998.
- ROCHA E MELO, L. *Se tu soubesses o dom de Deus: Ensaio sobre Oração*. 2ª ed.; Braga: Editorial A.O. 1999.
- ROCCHETTA, C. *Los sacramentos de la fé 2*. Salamanca: Secretariado trinitário, 2002
- ROSAS, R. L. e RICHARD, P. *Evangelio y Apocalipsis de san Juan*. Estella: Editorial Verbo Divino, 2006.
- SÁNCHEZ, F. V. *No Meio do Mundo: Espiritualidade Secular do Padre Diocesano*. Madrid: Sociedade de Educação de Atenas, 1997.
- SARAH, R. e DIAT, N. *A Força do Silêncio - contra a ditadura do barulho*. 2ed.; Lucerna: Princípia Editora, 2018.
- SCHÖKEL, L. A. *Hermeneutica de la Palabra: I Hermeneutica Biblica*. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1986.
- SESBOUÉ, B. *Pensar e viver a fé no Terceiro Milénio: Tratar aos homens e mulheres do nosso tempo*. Coimbra: Gráfico de Coimbra, 1999.
- SILANES, N. *El Don de Dios: La Trinidad en nuestra vida*. Salamanca: Secretariado Trinitario, 1999.
- SILVA, E. M. “«Vamos para o céu» – A santidade e a comunhão dos Santos” em PINHO, J. E. B. (Coor). *Santificados em Cristo: Dom de Deus, resposta humana, transformação do mundo*. Fátima: Santuário de Fátima, 2016, pp.289-314.
- SURIÑACH, J. M. *Dios em ti y tú en Dios*. Madrid: Cuadernos Palavra, 1999.
- TEIXEIRA, J. R. “A Criação como paradigma da Peregrinação” em DUARTE, M. D. (Coor). *Fátima, hoje: que caminhos?* Actas do Simpósio Teológico-Pastoral do Santuário de Fátima de 2019. Fátima: Santuário de Fátima, 2020, p.35-49.
- TEJA, R. “El Cristianismo y el Imperio Romano” em SOTOMAYOR, M. y UBIÑA, J. F. (Coor). *Historia del cristianismo: I. El mundo antiguo*. 3a ed.; Granada: Editorial Trotta, 2006, pp.293-328.

THEISSEN, G. *El Nuevo Testamento: Historia, literatura, religión*. Bilbao: Editorial Sal Terrae - Santander, 2003
TREVIJANO, R. *Estudios Paulinos*. Salamanca: Universidad Pontificia de Salamanca, 2002.

TRINDADE, I. *Escritos Espirituais*. Oeiras: Edições Carmelo, 1989.

UGALDE, T. M. *Escatología Cristiana: Esperanza en tempos de desesperanza*. Donostia: Elizbarrukito Argitaldaria, 2009, pp.36-37.

VALDÉS, A. A. *Enigmas da Bíblia Novo Testamento*. Fátima: Difusora Bíblica, 2005.

VAZ, A. S. *Palavra Viva Escritura Poderosa: A Bíblia e as suas Linguagens*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2017.

_____. “«O Senhor, nosso Deus, é Santo» (Sl 99,9): Um itinerário bíblico” em PINHO, J. E. B. (Coor). *Santificados em Cristo: Dom de Deus, resposta humana, transformação do mundo*. Fátima: Santuário de Fátima, 2016, pp.17-30.

YANES, E. *En el Espíritu y la Verdad: Espiritualidad trinitaria*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2000.

4. REVISTAS

BRÄNDLE, F. “Los caminos del inmenso desierto y de la mar” em Revista de Espiritualidad, 58 (1999). *Horizontes abiertos, caminos de libertad*. Madrid: Carmelitas Descalzos, 1999, pp.523-538.

DUARTE, A. F. “A Espiritualidade Cristã: Ponderações dentro de Delimitações” em “Revista de Espiritualidade. *Espiritualidade e Espiritualidades*. Actas do Congresso (19-21/10/2018), Número 108, Outubro-Dezembro 2019, pp.269-284.

FRONTELA, L. J. F. “Las peregrinaciones en la Edad Media” em Revista de Espiritualidad 232-233, 58 (1999). *Horizontes abiertos, caminos de libertad*. Madrid: Carmelitas Descalzos, 1999, pp.389-420.

LEAL, A. R. “Os Itinerários Clássicos e Modernos da Vida Espiritual” em Revista de Espiritualidade. *Itinerários Espirituais*. V Congresso de Espiritualidade. Actas do Congresso (27-29/10/2017), Número 106-107. Marco de Canaveses: Edições Carmelo, Abril-Setembro 2019, pp.121-138.

MÁRQUEZ, M. “¿Espiritualidad laical, secular, mundana?” em Revista del Espiritualidad 234, 59 (2000). *La vida en el mundo: Una llamada a la Santidad*. Madrid: Carmelitas Descalzos, 2000, pp.9-28.

ORLANDIS, J. “Una Espiritualidad laical e secular” em Revista de Espiritualidad 24, Madrid; 1965, pp.563-576.

PABLO MAROTO, D. “Los «camino» de Teresa de Jesús” em Revista de Espiritualidad 232-233, 58 (1999). *Horizontes abiertos, caminos de libertad*. Madrid: Carmelitas Descalzos, 1999, pp.489-522.

PORTUGAL, A. A. “«Itinerários espirituais»” em Revista de Espiritualidade. *Itinerários Espirituais. V Congresso de Espiritualidade*. Actas do Congresso (27-29/10/2017), Número 106-107. Marco de Canaveses: Edições Carmelo, Abril-Setembro 2019, pp. 83-84.

VAZ, A. S. “O Discernimento Espiritual e a Bíblia” em Revista de Espiritualidade, 97-98. *Congresso ou Discernimento Espiritual: acompanhe e seja acompanhado* Actas do Congresso (21-23 / 10/2026), Número 97-98, Janeiro-Junho 2017, p.23-42.

5. MAGISTÉRIO DA IGREJA (NETGRAFIA)

A Palavra de Deus na Vida e na Missão da Igreja, Instrumentum Laboris – Sínodo dos Bispos. XII Assembleia Geral Ordinária. Cidade do Vaticano, 2008.

Catecismo da Igreja Católica. Lisboa: Fundação Secretariado Nacional da Educação Cristã, 1999.

CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA. *Liturgia das Horas, edição abreviada*. 9ª ed.; Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2019.

CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA PARA OS TEXTOS LITÚRGICOS. *Missal Popular Dominical*. 7ªed., Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2002.

Constituição Dogmática *Dei Verbum* sobre a Revelação Divina. Acedido a 14 de Julho de 2020.

https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651118_dei-verbum_po.

Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* sobre a Igreja no Mundo Atual. Acedido a 14 de Julho de 2020.

https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.

Constituição Dogmática *Lumen Gentium* sobre a Igreja. Acedido a 14 de Julho de 2020.

https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_po.

Constituição Conciliar *Sacrosanctum Concilium* sobre a Sagrada Liturgia. Acedido a 14 de Julho de 2020.

https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19631204_sacrosanctum-concilium_po.

Decreto *Ad Gentes* sobre a Atividade Missionária da Igreja. Acedido a 15 de Abril de 2018. https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19651207_ad-gentes_po.

Decreto *Apostolicam Actuositatem* sobre o Apostolado dos Leigos. Acedido a 9 de Maio de 2018.

https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19651118_apostolicam-actuositatem_po.

Decreto *Unitatis Redintegratio* sobre o Ecumenismo. Acedido a 9 de Maio de 2018.

https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19641121_unitatis-redintegratio_po.

Declaração *Dignitatis Humanae* sobre a Liberdade Religiosa. Acedido a 14 de Julho de 2020. https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decl_19651207_dignitatis-humanae_po.

Declaração *Gravissimum Educationis* sobre a Educação Cristã. Acedido a 9 de Maio de 2018. https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decl_19651028_gravissimum-educationis_po.

Declaração *Nostra Aetate* sobre a Igreja e as Religiões Não-Cristãs. Acedido a 9 de Maio de 2018.

https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decl_19651028_nostra-aetate_po.

Decreto *Presbyterorum Ordinis* sobre o Ministério e a Vida Dos Sacerdotes. Acedido a 9 de Maio de 2018.

https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19651207_presbyterorum-ordinis_po.

O Sacerdócio Ministerial: Esboço dos temas a discutir na segunda Assembleia Geral. Sinodo dos Bispos. Lisboa: s. e., 1971.

Pontifício Conselho «Justiça e Paz» Compendio da Doutrina Social da Igreja. Acedido a 14 de Julho de 2020.

https://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/justpeace/documents/rc_pc_justpeace_doc_20060526_compendio-dott-soc_po.

PAPA BENTO XVI. *Carta Encíclica Caritas in Veritate*. Aos Bispos, aos Presbíteros e Diáconos, às Pessoas Consagradas, aos Fiéis Leigos e a todos os Homens de boa vontade sobre o Desenvolvimento Humano Integral na Caridade e na Verdade. Acedido a 10 de Maio de 2018.

https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20090629_caritas-in-veritate.

_____. *Carta Encíclica Deus Caritas Est*. Aos Bispos, aos Presbíteros e aos Diáconos, às Pessoas Consagradas e a todos os Fiéis Leigos sobre o Amor Cristão. Acedido a 10 de Maio de 2018. https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20051225_deus-caritas-est.

_____. *Carta Encíclica Spe Salvi*. Aos Bispos, aos Presbíteros e aos Diáconos, às Pessoas Consagradas e a todos os Fiéis Leigos sobre a Esperança Cristã. Acedido a 10 de Maio de 2018. https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20071130_spe-salvi.

_____. *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Africae Munus*. Ao Episcopado, ao Clero, às Pessoas Consagradas e aos Fiéis Leigos sobre a Igreja na África ao serviço da Reconciliação da Justiça e da Paz. Acedido a 10 de Maio de 2018. https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/apost_exhortations/documents/hf_ben-xvi_exh_20111119_africae-munus.

_____. *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Ecclesia in Medio Oriente*. Aos Patriarcas, aos Bispos, ao Clero, às Pessoas Consagradas e aos Fiéis Leigos sobre a

Igreja no Médio Oriente, comunhão e testemunho. Acedido a 10 de Maio de 2018.
https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/apost_exhortations/documents/hf_ben-xvi_exh_20120914_ecclesia-in-medio-oriente.

_____. *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Sacramentum Caritatis*. Ao Episcopado, ao Clero, às Pessoas Consagradas e aos Fiéis Leigos sobre a Eucaristia, fonte e ápice da vida e da missão da Igreja. Acedido a 10 de Maio de 2018.
https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/apost_exhortations/documents/hf_ben-xvi_exh_20070222_sacramentum-caritatis.

_____. *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Verbum Domini*. Ao Episcopado, ao Clero, às Pessoas Consagradas e aos Fiéis Leigos sobre a Palavra de Deus na Vida e na Missão da Igreja. Acedido a 27 de Junho de 2018.
https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/apost_exhortations/documents/hf_ben-xvi_exh_20100930_verbum-domini.

PAPA FRANCISCO. *Carta Apostólica às Pessoas Consagradas*. Para a Proclamação do Ano da Vida Consagrada. Acedido a 10 de Maio de 2018.
https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_letters/documents/papa-francesco_lettera-ap_20141121_lettera-consacrati.

_____. *Carta Apostólica Misericordia et Misera*. No termo do Jubileu Extraordinário da Misericórdia. Acedido a 10 de Maio de 2018.
https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_letters/documents/papa-francesco-lettera-ap_20161120_misericordia-et-misera.

_____. *Carta Encíclica Laudato Si'*. Sobre o cuidado da Casa Comum. Acedido a 10 de Maio de 2018.
https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.

Papa Francisco. *Carta Encíclica Lumen Fidei*. Aos Bispos, aos Presbíteros e aos Diáconos, às Pessoas Consagradas e a todos os Fiéis Leigos sobre a Fé. Acedido a 10 de Maio de 2018.
https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20130629_enciclica-lumen-fidei.

_____. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*. Ao Episcopado, ao Clero às Pessoas Consagradas e aos Fiéis Leigos sobre o Anúncio do Evangelho no Mundo atual. Acedido a 10 de Maio de 2018.

https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.

_____. *Exortação Apostólica Gaudete et Exsultate*. Sobre a Chamada à Santidade no Mundo atual. Acedido a 9 de Abril de 2018.

https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20180319_gaudete-et-exsultate.

PAPA S. JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica Centesimus Annus*. Aos Veneráveis Irmãos no Episcopado, ao Clero, às Famílias Religiosas, aos Fiéis da Igreja Católica e a todos os Homens de boa vontade no centenário da *Rerum Novarum*.

https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_01051991_centesimus-annus.

_____. *Carta Encíclica Dives in Misericordia*. Sobre a Misericórdia Divina.

https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_30111980_dives-in-misericordia.

_____. *Carta Encíclica Dominum et Vivificantem*. Sobre o Espírito Santo na Vida da Igreja e do Mundo. Acedido a 10 de Maio de 2018.

https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_18051986_dominum-et-vivificantem.

_____. *Carta Encíclica Ecclesia de Eucharistia*. Aos Bispos, aos Presbíteros e Diáconos, às Pessoas Consagradas e a todos os Fiéis Leigos sobre a Eucaristia na sua relação com a Igreja. Acedido a 10 de Maio de 2018.

https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_20030417_eccl-de-euch.

_____. *Carta Encíclica Evangelium Vitae*. Aos Bispos, aos Presbíteros e Diáconos, aos Religiosos e Religiosas, aos Fiéis Leigos e a todas as pessoas de boa vontade sobre o Valor e a Inviolabilidade da Vida Humana. Acedido a 10 de Maio de 2018.

https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_25031995_evangelium-vitae.

_____. *Carta Encíclica Fides et Ratio*. Aos Bispos da Igreja Católica sobre as Relações entre Fé e Razão. Acedido a 10 de Maio de 2018.

https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_14091998_fides-et-ratio.

_____. *Carta Encíclica Redemptor Hominis*. Aos Veneráveis Irmãos no Episcopado, aos Sacerdotes e às Famílias Religiosas, aos Filhos e Filhas da Igreja e a todos os Homens de boa vontade no início do seu Ministério Pontifical. Acedido a 10 de Maio de 2018.

https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_04031979_redemptor-hominis.

_____. *Carta Encíclica Redemptoris Mater*. Sobre a Bem-Aventurada Virgem Maria na Vida da Igreja que está a Caminho. Acedido a 10 de Maio de 2018.

https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_25031987_redemptoris-mater.

_____. *Carta Encíclica Redemptoris Missio*. Sobre a Validade Permanente do Mandato Missionário. Acedido a 10 de Maio de 2018.

https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_07121990_redemptoris-missio.

_____. *Carta Encíclica Slavorum Apostoli*. Aos Bispos, aos Sacerdotes, às Famílias Religiosas e a todos os Fiéis Cristãos, para comemorar a obra de evangelização dos Santos Cirilo e Metódio no undécimo centenário. Acedido a 10 de Maio de 2018.

https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_19850602_slavorum-apostoli.

_____. *Carta Encíclica Sollicitudo Rei Socialis*. Pelo vigésimo aniversário da Encíclica *Populorum Progressio*. Acedido a 10 de Maio de 2018.

https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_30121987_sollicitudo-rei-socialis.

_____. *Carta Encíclica Ut Unum Sint*. Sobre o Empenho Ecuménico. Acedido a 10 de Maio de 2018.

https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_25051995_ut-unum-sint.

_____. *Carta Encíclica Veritatis Splendor*. A todos os Bispos da Igreja Católica sobre Algumas Questões Fundamentais do Ensino Moral da Igreja. Acedido a 10 de Maio de 2018.

https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_06081993_veritatis-splendor.

_____. *Exortação Apostólica «Catechesi Tradendae»*. Ao Episcopado, ao Clero e aos Fiéis de toda a Igreja sobre a Catequese do nosso Tempo. Acedido a 10 de Maio de 2018.

https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_16101979_catechesi-tradendae.

_____. *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Christifideles Laici*. Sobre a Vocação e Missão dos Leigos na Igreja e no Mundo. Acedido a 10 de Maio de 2018.

https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_30121988_christifideles-laici.

_____. *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Ecclesia in Africa*. Aos Bispos, aos Presbíteros e Diáconos, aos Religiosos e Religiosas e a todos Fiéis Leigos sobre a Igreja em África e a sua Missão Evangelizadora rumo ao ano 2000. Acedido a 10 de Maio de 2018.

https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_14091995_ecclesia-in-africa.

_____. *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Ecclesia in America*. Aos Bispos, aos Presbíteros e aos Diáconos, aos Consagrados e às Consagradas e a todos os Fiéis Leigos sobre o encontro com Jesus Cristo vivo, caminho para a conversão, a comunhão e a solidariedade na América. Acedido a 10 de Maio de 2018.

https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_22011999_ecclesia-in-america.

_____. *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Ecclesia in Asia*. Aos Bispos, aos Presbíteros e Diáconos, aos Religiosos e Religiosas e a todos os Fiéis Leigos sobre Jesus Cristo Salvador e a sua Missão de amor e serviço na Ásia: «Para que tenham vida e a tenham em abundância» (Jo 10,10). Acedido a 10 de Maio de 2018.

https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_06111999_ecclesia-in-asia.

_____. *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Ecclesia in Europa*. Aos Bispos, aos Presbíteros e Diáconos, aos Consagrados e Consagradas e a todos os Fiéis Leigos sobre Jesus Cristo, vivo na sua Igreja, fonte de esperança para a Europa. Acedido a 10 de Maio de 2018.

https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_20030628_ecclesia-in-europa.

_____. *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Ecclesia in Oceania*. Aos Bispos, aos Presbíteros e Diáconos, aos Consagrados e Consagradas, e a todos os Fiéis Leigos sobre Jesus Cristo e os Povos da Oceânia, seguindo o seu caminho, proclamando a sua verdade e vivendo a sua Vida. Acedido a 10 de Maio de 2018.

https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_20011122_ecclesia-in-oceania.

_____. *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Pastores Dabo Vobis*. Ao Episcopado, ao Clero e aos Fiéis sobre a Formação dos Sacerdotes nas Circunstâncias Atuais. Acedido a 10 de Maio de 2018. https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_25031992_pastores-dabo-vobis.

Papa S. João Paulo II. *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Pastores Gregis*. Sobre o Bispo, servidor do Evangelho de Jesus Cristo para a esperança do Mundo. Acedido a 10 de Maio de 2018.

https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_20031016_pastores-gregis.

_____. *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Pastores Dabo Vobis*. Sobre a Formação dos Sacerdotes nas Circunstâncias actuais. Acedido a 10 de Maio de 2018. https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_25031992_pastores-dabo-vobis.html.

_____. *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Reconciliatio et Paenitentia*. Ao Episcopado, ao Clero e aos Fiéis sobre a Reconciliação e a Penitência na Missão da Igreja hoje. Acedido a 10 de Maio de 2018. https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_02121984_reconciliatio-et-paenitentia.

_____. *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Vita Consecrata*. Ao Episcopado e ao Clero, às Ordens e Congregações Religiosas, às Sociedades de Vida Apostólica, aos

Institutos Seculares e a todos os Fiéis sobre a Vida Consagrada e a sua missão na Igreja e no Mundo. Acedido a 10 de Maio de 2018. https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_25031996_vita-consecrata.

_____. *Exortação Apostólica Redemptionis Donum*. Aos Religiosos e às Religiosas sobre a sua Consagração à luz do Mistério da Redenção. Acedido a 10 de Maio de 2018.

https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_25031984_redemptionis-donum.

“*Preliminares Gerais da Iniciação Cristã, nº 1-2* em CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA PARA OS TEXTOS LITÚRGICOS. *Missal Popular Dominical*. 7ªed.; Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2002, pp.1426-1431.

ÍNDICE

DEDICATÓRIA	2
RESUMO	3
ABSTRACT	4
SIGLÁRIO	5
INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1 – CHAMADOS E CONDUZIDOS POR DEUS	12
1.1. A Conceção bíblica de “Igreja”	12
1.2. A Peregrinação Bíblica	16
1.2.1. <i>Nos caminhos do Senhor: Pentateuco</i>	17
1.2.2. <i>Nos caminhos do Senhor: Livros Históricos</i>	23
1.2.3. <i>Nos caminhos do Senhor: Livros Sapienciais</i>	24
1.2.4. <i>Nos caminhos do Senhor: Livros proféticos</i>	25
1.2.5. <i>Nos passos de Jesus: Evangelhos e Atos dos Apóstolos</i>	27
1.2.6. <i>A vida em Cristo: Cartas Paulinas</i>	32
1.2.7. <i>Nos passos de Jesus: Cartas Católicas e Apocalipse</i>	35
1.3. Espiritualidade da Igreja dos três primeiros séculos	39
1.4. A Eclesiologia magisterial desde o Concílio Vaticano II	46
CAPÍTULO 2 – UMA IGREJA EM PEREGRINAÇÃO NA TERRA	51
2.1. Imersos na vida trinitária	52
2.2. A vocação da Igreja: Santidade e perfeição	57
2.3. A Palavra de Deus na Vida da Igreja	59
2.4. O Silêncio interior: motor do caminho	61
2.5. O simbolismo do caminho/peregrinação	66
2.6. Espiritualidade do Seguimento de Jesus	71
2.7. Espiritualidade missionária	74
2.8. Espiritualidade comunitária	77
2.9. Caminhando na fé, esperança e amor	80

2.10. Os desafios da Igreja peregrina: ascese, vigilância e discernimento	86
CAPÍTULO 3 – ESPIRITUALIDADE LITÚRGICA	90
3.1. A Oração	90
3.2. Notas de Espiritualidade litúrgica	92
3.2.1. <i>Espiritualidade Mariana</i>	97
3.2.2. <i>O exemplo dos Santos na vida da Igreja</i>	98
3.3. Espiritualidade batismal	99
3.4. Espiritualidade da Confirmação ou Crisma	101
3.5. A Eucaristia na vida da Igreja: notas de espiritualidade	103
3.6. A Penitência na vida da Igreja: notas de espiritualidade	107
3.7. Espiritualidade sacerdotal	109
3.8. Espiritualidade matrimonial	115
3.9. Espiritualidade laical	122
3.10. A Santa Unção na vida dos fiéis: notas de espiritualidade	127
CONCLUSÃO	130
BIBLIOGRAFIA	132